

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE ARTES LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

**Kelly Fernanda Guasso da Silva**

**DISCURSOS QUE RESSONAM SENTIDOS:  
POR UMA HISTÓRIA DAS IDEIAS DISCURSIVAS A PARTIR DO  
AUTOR MICHEL PÊCHEUX**

Santa Maria, RS  
2021



**Kelly Fernanda Guasso da Silva**

**DISCURSOS QUE RESSONAM SENTIDOS:  
POR UMA HISTÓRIA DAS IDEIAS DISCURSIVAS A PARTIR DO AUTOR MICHEL  
PÊCHEUX**

Tese apresentada ao Curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Letras, Área de Concentração em Estudos Linguísticos, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Doutora em Letras.**

Orientador: Profa. Dra. Verli Fátima Petri da Silveira

Santa Maria, RS  
2021

Silva, Kelly Fernanda Guasso da  
DISCURSOS QUE RESSONAM SENTIDOS: POR UMA HISTÓRIA DAS  
IDEIAS DISCURSIVAS A PARTIR DO AUTOR MICHEL PÊCHEUX /  
Kelly Fernanda Guasso da Silva.- 2021.  
194 p.; 30 cm

Orientadora: Verli Fátima Petri da Silveira  
Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa  
Maria, Centro de Artes e Letras, Programa de Pós-Graduação  
em Letras, RS, 2021

1. História das Ideias Linguísticas 2. História das  
Ideias Discursivas 3. Análise de Discurso 4. Discurso 5.  
Michel Pêcheux I. Silveira, Verli Fátima Petri da II.  
Título.

Sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFSM. Dados fornecidos pelo autor(s). Sob supervisão da Direção da Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central. Bibliotecária responsável Paula Schoenfeldt Patta CRB 10/1728.

Declaro, KELLY FERNANDA GUASSO DA SILVA, para os devidos fins e sob as penas da lei, que a pesquisa constante neste trabalho de conclusão de curso (Tese) foi por mim elaborada e que as informações necessárias objeto de consulta em literatura e outras fontes estão devidamente referenciadas. Declaro, ainda, que este trabalho ou parte dele não foi apresentado anteriormente para obtenção de qualquer outro grau acadêmico, estando ciente de que a inveracidade da presente declaração poderá resultar na anulação da titulação pela Universidade, entre outras consequências legais.

**Kelly Fernanda Guasso da Silva**

**DISCURSOS QUE RESSONAM SENTIDOS:  
POR UMA HISTÓRIA DAS IDEIAS DISCURSIVAS A PARTIR DO AUTOR MICHEL  
PÊCHEUX**

Tese apresentada ao Curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Letras, Área de Concentração em Estudos Linguísticos, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Doutora em Letras**.

**Aprovado em 25 de fevereiro de 2021:**

---

**Verli Fátima Petri da Silveira, Dra. (UFSM) - Videoconferência**  
(Presidente/Orientadora)

---

**Ana Cláudia Fernandes Ferreira, Dra. (UNICAMP) - Videoconferência**

---

**Guilherme Adorno de Oliveira, Dr. (UNICAMP) - Videoconferência**

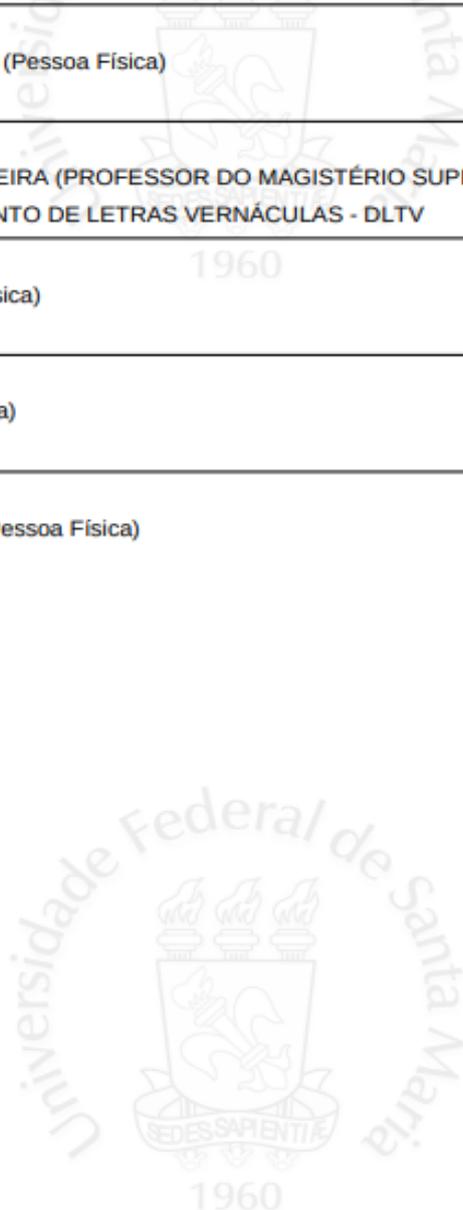
---

**Juliana da Silveira, Dra. (UNISUL) - Videoconferência**

---

**Mara Ruth Glozman, Dra. (UBA) - Videoconferência**

Santa Maria, RS  
2021

<b>NUP:</b> 23081.018052/2021-18	<b>Prioridade:</b> Normal	
<b>Homologação de ata de banca de defesa de pós-graduação</b> 134.332 - Bancas examinadoras: indicação e atuação		
COMPONENTE		
Ordem	Descrição	Nome do arquivo
2	Folha de aprovação	Folha de Aprovação.pdf
Assinaturas		
<b>04/03/2021 22:34:48</b> Ana Cláudia Fernandes Ferreira (Pessoa Física) Usuário Externo (168.***.***.**)		
<b>06/03/2021 20:10:34</b> VERLI FATIMA PETRI DA SILVEIRA (PROFESSOR DO MAGISTÉRIO SUPERIOR) 08.38.00.00.0.0 - DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS - DLTV		
<b>09/03/2021 16:07:31</b> Mara Ruth Glozman (Pessoa Física) Usuário Externo (AAA*****)		
<b>10/03/2021 20:07:34</b> Juliana da Siveira (Pessoa Física) Usuário Externo (025.***.***.**)		
<b>15/03/2021 15:58:45</b> Guilherme Adomo de Oliveira (Pessoa Física) Usuário Externo (047.***.***.**)		
		
<b>Código Verificador:</b> 553022 <b>Código CRC:</b> 4530e7c0 <b>Consulte em:</b> <a href="https://portal.ufsm.br/documentos/publico/autenticacao/assinaturas.html">https://portal.ufsm.br/documentos/publico/autenticacao/assinaturas.html</a>		

# AGRADECIMENTOS

Deixo registrada aqui toda a minha gratidão:

À Universidade pública, gratuita e de qualidade, pela oportunidade de trilhar o meu caminho de pesquisa.

Às Professoras do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria, pelo conhecimento compartilhado ao longo do período de doutoramento.

Às Profas. Dras. Amanda Eloína Scherer, da Universidade Federal de Santa Maria; Caciane Medeiros, da Universidade Federal de Santa Maria; Freda Indursky, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Mara Glozman, da Universidad de Buenos Aires; Ana Cláudia Fernandes Ferreira, da Universidade Estadual de Campinas; Maria Cleci Venturini, da Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná; Juliana da Silveira, da Universidade do Sul de Santa Catarina; e aos Profs. Drs. Guilherme Adorno de Oliveira, Dr. pela Universidade Estadual de Campinas, e Lucas Martins Flores, do Instituto Federal Farroupilha Campus Jaguari, por me auxiliarem a dar os passos na tese, desde o momento de qualificação até o de defesa, mesmo que de longe ou indiretamente.

À minha orientadora, Profa. Dra. Verli Petri, por ter me guiado pelos trajetos teóricos mais belos.

Aos Profs. Drs. Thais de Araújo da Costa e Maurício Beck, pela revisão técnica da bibliografia atualizada do autor Michel Pêcheux.

Aos colegas do Grupo de estudos Pallind (Palavra, Língua e Discurso) e do Laboratório de Fontes de Estudos da Linguagem – Corpus/PPGL/UFSM, pelas reflexões teóricas compartilhadas.

Ao Elivélton Assis Krümmel, pela revisão de texto.

Às amigas que a Prefeitura Municipal de Santa Maria me presenteou, Carolina Lisowsky, Evelise Bastos, Janaína Ferreira e Marney Lacerda, pelo incentivo de todos os dias.

À minha família e aos meus amigos, por entenderem as minhas ausências e por se fazerem sempre presentes na minha caminhada até aqui.

À minha mãe, Noemi Guasso, por ser o meu chão.

Ao Marcelo Coelho, por estar sempre ao meu lado e pelos nossos passeios sempre de mãos dadas!



O conhecimento do homem sobre a matéria é o conhecimento de suas formas de movimento, porque nada existe neste mundo exceto matéria em movimento, e esse movimento deve assumir certas formas. Considerando cada forma de movimento de matéria, devemos observar os pontos que ela tem em comum com outras formas de movimento. Mas sobretudo importante e necessário, constituindo, como o faz, o fundamento de nosso conhecimento de uma coisa, é observar o que é particular a essa forma de movimento da matéria, a saber, observar a diferença qualitativa entre essa forma de movimento e as outras. Somente quando fizermos isso poderemos diferenciar as coisas (TSÉ-TUNG, [1937] 2008, p. 94).



## RESUMO

### DISCURSOS QUE RESSONAM SENTIDOS: POR UMA HISTÓRIA DAS IDEIAS DISCURSIVAS A PARTIR DO AUTOR MICHEL PÊCHEUX

AUTORA: Kelly Fernanda Guasso da Silva  
ORIENTADORA: Verli Fátima Petri da Silveira

Neste estudo, baseando-me nas contribuições teóricas da História das Ideias Linguísticas para pensar sobre a História das Ideias Discursivas (ORLANDI, 2018), apresentei um gesto de leitura bem particular para refletir sobre a Produção do Conhecimento Discursivo, trabalhando nas margens e nas fronteiras da língua, a partir das publicações do autor Michel Pêcheux. Nesse viés, questionei-me: que autor é Michel Pêcheux? A metodologia desenvolvida para buscar possíveis respostas para tal questão propôs a elaboração de: A) um estudo sobre os conceitos de autor e coautor; B) uma bibliografia atualizada, organizada a partir de um levantamento dos trabalhos publicados pelo autor Michel Pêcheux em Língua Francesa; bem como das traduções para a Língua Portuguesa publicadas no Brasil; C) um *corpus* propriamente dito e a organização de quadros, a partir de recortes em que o “discurso”, conceito que constitui a teoria, é definido; D) uma análise das contribuições desse autor para o estudo do conceito “discurso”, destacando não só como se efetiva o processo de Produção do Conhecimento sobre a Análise de Discurso, mas também seus dispositivos de interpretação no período de sua constituição, a partir de repetições, reformulações e ressonâncias do/no dizer. O *corpus* analítico desta pesquisa constituiu-se de recortes de artigos científicos (em Língua Francesa) da área das Ciências da Linguagem/Linguística publicados pelo autor Michel Pêcheux nas revistas científicas *Langages* e *Linguistique Institut Nanterre Paris X – LINX*, nos anos 1975 e 1980, na França. Como alguns resultados, destaco que problematizar o “movimento de coautoria” na Análise de Discurso, a partir da circulação do discurso teórico, possibilitou olhar para o processo e ver a História das Ideias Discursivas se construindo heterogênea, ainda que sustentando o efeito de unidade necessário à interpretação. A organização da bibliografia atualizada do autor Michel Pêcheux demandou movimentar-me no espaço contraditório que vai da saturação à raridade, passando por espaços vazios, envolveu investigação, cotejamento com outras bibliografias e conferência das publicações disponíveis, o que me permitiu colocar à disposição dos pesquisadores interessados pelo assunto o maior número possível de títulos e de suas traduções para a Língua Portuguesa, viabilizando acompanhar um pouco do caminho teórico trilhado pelo autor. A partir da definição de “discurso”, foram considerados outros conceitos mobilizados na constituição da teoria veiculada naquele período histórico e as suas (possíveis) “ressonâncias discursivas” (SERRANI, 1991) que movimentam significações na atualidade brasileira. Em se considerando o processo que permeia a Produção do Conhecimento Discursivo, a repetição, a reformulação e a ressonância são artifícios identificados no discurso do autor Michel Pêcheux, levando-me à compreensão de que o princípio da repetição não se sustenta na história, mas as “ressonâncias discursivas” sim, já que elas sempre recuperam/ressoam um discurso outro.

**Palavras-chave:** História das Ideias Linguísticas. História das Ideias Discursivas. Análise de Discurso. Discurso. Michel Pêcheux.



## RÉSUMÉ

### DISCOURS QUI RESONNENT D'AUTRES SENS : POUR UNE HISTOIRE DES IDÉES DISCURSIVES D'APRES MICHEL PÊCHEUX

AUTEURE: Kelly Fernanda Guasso da Silva  
DIRECTRICE DE THÈSE: Verli Fátima Petri da Silveira

Dans cette étude, basée sur les apports théoriques de l'Histoire des Idées Linguistiques pour analyser l'Histoire des Idées Discursives (ORLANDI, 2018), j'ai proposé une lecture autour de la question de la Production de la Connaissance Discursive, en travaillant dans les marges et les frontières de la langue, à partir des publications de l'auteur Michel Pêcheux. En considérant ces éléments, je posais la question suivante : Qui est l'auteur Michel Pêcheux ? La méthodologie développée pour répondre à cette question a imposé l'élaboration de : A) une étude à propos des concepts d'auteur et de co-auteur B) une bibliographie mise à jour, réalisée à partir d'un relevé des ouvrages de Michel Pêcheux en Français ; ainsi que des traductions en Portugais publiées au Brésil ; C) un corpus proprement dit et l'organisation de tableaux contenant des exemples du concept de discours qui constitue la théorie ; D) une analyse des contributions de cet auteur à l'étude de la catégorie "discours", en mettant en évidence non seulement comment le processus de production de connaissances sur l'analyse du discours se concrétise, mais aussi ses dispositifs d'interprétation dans la période de sa constitution, à partir de répétitions, de reformulations et de résonances des dits. Le corpus analytique de cette thèse est constitué d'extraits d'articles scientifiques en français dans le domaine des Sciences du Langage et de la Linguistique, publiés par Michel Pêcheux dans les revues scientifiques *Langages* et *Linguistique Institut Nanterre Paris X - LINX*, dans les années 1975 et 1980, en France. Parmi les résultats, je souligne que la problématisation du mouvement de co-écriture dans l'Analyse du Discours, à partir de la circulation du discours théorique, a permis d'observer ce processus et de constater une l'Histoire des Idées Discursives qui se construit de manière hétérogène, tout en maintenant l'effet d'unité nécessaire à l'interprétation. L'organisation de la bibliographie actualisée de Michel Pêcheux a imposé un travail ouvrant espace aux absences, aux manquements, aux requêtes, tout en demandant la collation avec d'autres bibliographies, et la vérification des publications disponibles. Ce travail a permis de mettre à disposition des chercheurs intéressés par le sujet le plus grand nombre possible de titres et leurs traductions en Langue Portugaise, tout en traçant le chemin théorique suivi par l'auteur. A côté du concept de "discours", nous avons considéré d'autres concepts mobilisés pour la constitution de la théorie véhiculée durant cette période historique et ses (éventuelles) "résonances discursives" (SERRANI, 1991) qui répercutent dans l'actualité brésilienne. Concernant le processus qui imprègne la Production de la Connaissance Discursive, la répétition, la reformulation et la résonance sont des artifices identifiés dans le discours de Michel Pêcheux. Or le principe de répétition n'est pas soutenu dans l'histoire, mais les "résonances discursives" le sont, puisqu'elles récupèrent/résonnent un autre discours.

**Mots-clés:** Histoire des Idées Linguistiques. Histoire des Idées Discursives. Analyse du Discours. Discours. Michel Pêcheux.



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Nuvem de palavras elaborada a partir dos nomes dos autores que publicaram em coautoria com o autor Michel Pêcheux.....	14
Figura 2 – Página inicial do portal <i>Persée</i> .....	37
Figura 3 – Revista <i>Ethnies</i> , Nº 1, 1971.....	116
Figura 4 – Revista <i>Langages</i> , Nº 1, 1966.....	117
Figura 5 – Revista <i>L’homme et la Société</i> , Nº 1, 1966.....	118
Figura 6 – Revista <i>Linguistique Institut Nanterre Paris X – Linx</i> , Nº 1, 1979.....	119
Figura 7 – Revista <i>Mots</i> , Nº 1, 1980.....	120
Figura 8 – Primeira página de <i>Introduction: Langages</i> , Nº 37, <i>Analyse Du Discours, Langue Et Idéologies</i> (PÊCHEUX, 1975).....	148
Figura 9 – Primeira página de <i>La Linguistique Hors D'elle-Même : L'histoire Absolument</i> (GADET; PÊCHEUX, 1980).....	149



## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Repetições das palavras “discurso”, “ideologia” e “Língua/linguístico/discurso/discursivo” .....	152
Quadro 2 - “Ressonâncias discursivas” a partir da palavra “discurso” .....	158
Quadro 3 - “Ressonâncias discursivas” a partir das palavras “discurso” e “ideologia” .....	161
Quadro 4 - “Ressonâncias discursivas” a partir da palavra “discurso” .....	165
Quadro 5 - “Ressonâncias discursivas” a partir da palavra “ideologia” .....	168



## SUMÁRIO

<b>1. SOBRE CAMINHOS E COMEÇOS.....</b>	<b>13</b>
1.1. ALGUMAS PALAVRAS INICIAIS SOBRE O CAMINHO TEÓRICO A SER SEGUIDO.....	18
1.2. CURSO, PERCURSO E DISCURSO: TRAÇANDO ESTE CAMINHO.....	28
1.3. AS MARGENS E AS FRONTEIRAS DA LÍNGUA.....	33
1.4. ALGUNS PONTOS A RETER SOBRE A HISTÓRIA DAS IDEIAS LINGÜÍSTICAS E A HISTÓRIA DAS IDEIAS DISCURSIVAS.....	40
<b>2. EM BUSCA DE UMA METODOLOGIA DE LEITURA PARA AS PUBLICAÇÕES DO AUTOR MICHEL PÊCHEUX: OS CAMINHOS DA ANÁLISE DE DISCURSO..</b>	<b>53</b>
2.1. SOBRE AS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DOS DISCURSOS EM QUESTÃO.....	54
2.2. O CAMINHO PROPOSTO POR DENISE MALDIDIER.....	61
2.2.1. “O tempo das grandes construções 1969 – 1975”.....	62
2.2.2. “Tentativas 1976 – 1979”.....	65
2.2.3. “A desconstrução domesticada 1980 – 1983”.....	66
2.3. O CAMINHO TRILHADO PELO AUTOR MICHEL PÊCHEUX: A ANÁLISE DE DISCURSO EM TRÊS ÉPOCAS.....	68
2.3.1. “A primeira época da Análise de Discurso: AD- 1 como exploração metodológica da noção de maquinaria discursivo-estrutural”.....	69
2.3.2. “AD-2: da justaposição dos processos discursivos à tematização de seu entrelaçamento desigual”.....	72
2.3.3. “A emergência de novos procedimentos da AD, através da desconstrução das maquinarias discursivas: AD- 3”.....	73
<b>3. SOBRE ESTAR EM MOVIMENTO: UMA BUSCA POR SENTIDOS PARA A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO DISCURSIVO.....</b>	<b>76</b>
3.1. A AUTORIA E A COAUTORIA EM ANÁLISE DE DISCURSO.....	77
3.2. UMA BIBLIOGRAFIA ATUALIZADA DO AUTOR MICHEL PÊCHEUX.....	84
3.3. UM PERCURSO PARA O DISCURSO DO AUTOR MICHEL PÊCHEUX: A CIRCULAÇÃO DO CONHECIMENTO DISCURSIVO EM REVISTAS CIENTÍFICAS.....	108
3.4. <i>ETHNIES; LANGAGES; L’HOMME ET LA SOCIETE; LINGUISTIQUE INSTITUT NANTERRE PARIS X - LINX; MOTS.....</i>	110
<b>4. “RESSONÂNCIAS DISCURSIVAS”.....</b>	<b>131</b>
4.1. PERCORRENDO AS “RESSONÂNCIAS DISCURSIVAS” A PARTIR DOS TÍTULOS DOS ARTIGOS.....	132
4.1.1. Um primeiro movimento de análise: a repetição.....	135
4.1.2. Um primeiro movimento de análise: as “ressonâncias discursivas”.....	141
4.2. CAMINHANDO PELOS CONCEITOS TEÓRICOS DA ANÁLISE DE DISCURSO A PARTIR DE “RESSONÂNCIAS DISCURSIVAS”.....	146
4.2.1. Um segundo movimento de análise: a repetição em funcionamento.....	151
4.2.2. Um segundo movimento de análise: “ressonâncias discursivas” em funcionamento.....	157

<b>5. SOBRE CHEGADAS E SOBRE A BUSCA TEÓRICA QUE NÃO CESSA: UMA CONCLUSÃO.....</b>	<b>171</b>
<b>5.1. A (DES)CONSTRUÇÃO DA TEORIA.....</b>	<b>175</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>179</b>
<b>APÊNDICE I.....</b>	<b>191</b>
<b>APÊNDICE II.....</b>	<b>193</b>
<b>APÊNDICE III.....</b>	<b>194</b>

## 1. SOBRE CAMINHOS E COMEÇOS

Neste primeiro capítulo, minha proposta é situar teoricamente este estudo de tese, trazendo para discussão as questões que me inquietam e me atravessam, sempre em movimento – o movimento do materialismo dialético (ALTHUSSER, [1969] 1979), o movimento do processo discursivo (PÊCHEUX, [1969] 2014; [1969] 2019)<sup>1</sup>, o movimento do pêndulo (PETRI, 2013), o movimento que encaminha este estudo. Escrevo<sup>2</sup> em primeira pessoa do singular, sem deixar de considerar todos os já-ditos que fundamentam a mim e ao meu discurso.

A pesquisa me mostra que há percursos teóricos possíveis de serem percorridos por trajetos diversos, a depender da questão que o autor se propõe a responder. O caminho de estudos que culmina nesta tese delinea descobertas, aprendizados, organização e reorganização de ideias, de recortes, de bibliografias.

Percorrer esse caminho teórico me mostra um pouco mais sobre o autor Michel Pêcheux, que se construiu e se desconstruiu; que mudou de nome, já que seus primeiros artigos foram publicados sob o pseudônimo de Thomas Herbert; que mudou de ideia, quando viu explodir a máquina discursiva; que não só fez teoria sozinho, mas também – e sobretudo – construiu-se e construiu teoria do discurso a partir do outro, em coautoria. Tendo em vista o caminho de estudos que percorro, questiono(-me): que autor é Michel Pêcheux? A figura 1, a seguir, mostra um pouco desse nome que é um e que, ao mesmo tempo, são muitos.

---

<sup>1</sup> Faço referência aqui às duas traduções para a Língua Portuguesa de **Análise automática do discurso (AAD-69)**, obra resultado a tese de doutorado de Michel Pêcheux. Parte da tese, sob a tradução de Eni Puccinelli Orlandi, compõe a obra **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux** (PÊCHEUX, [1969] 2014). O texto integral foi traduzido por Eni Puccinelli Orlandi e Greciely Costa e publicado no ano de 2019 (PÊCHEUX, [1969] 2019).

<sup>2</sup> A escrita na primeira pessoa do singular não é desprezível, uma vez que ela própria mobiliza as ideias teóricas que discuto ao longo deste texto. Como desenvolvo nesta tese, tomar posição e dizer “eu” não significa que meu discurso não seja afetado pelas condições sócio-históricas nas quais ele é produzido. Retomo o que afirmo em minha dissertação de Mestrado: “estas minhas palavras representam não só o modo como significo no discurso, mas também o modo como o meu discurso me significa” (GUASSO, 2017, p. 7). Escrever na primeira pessoa do singular, dizer EU, não significa que outras vozes não atravessam o meu discurso, da mesma maneira que, se escrevo na primeira pessoa do plural, e digo NÓS, não significa que eu não estou tomando posição no meu discurso. Assim, evidencia-se que as marcas da subjetividade não estão apenas no pronome ou na desinência verbal: a ideologia funciona muito mais no interior do processo discursivo, na seleção das palavras e nos modos de dizer e/ou de não dizer.

Figura 1 – Nuvem de palavras elaborada a partir dos nomes dos autores que publicaram em coautoria com o autor Michel Pêcheux



Disponível em: WordArt.com. Acesso em: 15 dez. 2020.

Considero essa figura, que foi elaborada no *site WordArt.com*, a partir dos nomes dos autores que publicaram em coautoria com o autor Michel Pêcheux, e, assim, consigo dar um passo atrás e problematizar a questão da autoria<sup>3</sup>. Rapidamente posso explicitar que nos estudos linguísticos a questão da autoria é muito forte: por exemplo, quem é o autor da obra **Curso de Linguística Geral**? Ela é atribuída a Ferdinand de Saussure, porém se sabe que foi organizada por Charles Bally e Albert Sechehaye a partir das anotações dos alunos que participaram dos cursos promovidos pelo linguista. Da mesma forma, na Literatura, quem foi o autor Fernando Pessoa? Sabe-se que ele se construiu a partir dos seus heterônimos

<sup>3</sup> Agradeço à minha orientadora, Profa. Dra. Verli Petri, pela reflexão de que, há muito tempo, o conceito de autor vem se mostrando questão a ser problematizada. Destaco que as noções de “autor” e “autoria” têm suas especificidades. “Autor” é “uma das posições assumidas pelo sujeito [...] no discurso, sendo ela a mais afetada pela exterioridade (condições sócio-históricas e ideológicas) e pelas exigências de coerência, não-contradição e responsabilidade. [...] O autor é quem assume a função social de organizar e assinar uma determinada produção escrita, dando-lhe a aparência de unicidade (efeito ideológico elementar)” (LEANDRO-FERREIRA, 2001, p. 12). “Autoria” é “a possibilidade de deriva, de mudança, de ruptura. Só existe autor porque o sujeito se coloca numa condição de autoria, quando assume e ocupa um lugar em relação ao que diz” (LEANDRO-FERREIRA, 2001, p. 12).

(Alberto Caeiro, Álvaro de Campos, Ricardo Reis e Bernardo Soares), máscaras utilizadas pelo poeta para se esconder e/ou para se revelar. Indo para além das Letras, quem é (ou quem são) o(s) autor(es) da Bíblia? Sabe-se que esse é um dos livros mais difundidos de todos os tempos, entretanto, há toda uma possibilidade de problematização em se considerando suas versões, traduções e interpretações.

Entendo, devido ao meu caminho de pesquisa, que esse efeito de unidade conferido pela autoria é heterogêneo, é mesmo um efeito. E é um pouco disso que apresento nesta tese, questões que envolvem a autoria, a constituição do conceito de discurso e a pesquisa em Análise de Discurso, o que perfaz a História das Ideias Discursivas.

No primeiro capítulo, discorro *Sobre caminhos e começos*. Em *Algumas palavras iniciais sobre o caminho teórico a ser seguido*, busco situar este estudo de tese, falo também um pouco sobre mim e sobre o meu percurso acadêmico. Em *Curso, percurso e discurso: traçando este caminho*, adentro as especificidades da Produção do Conhecimento Discursivo. A partir do repositório *Persée*, apresento algumas das revistas científicas nas quais o autor Michel Pêcheux publicava, assim, começo a delinear a metodologia de análise. Em *As margens e as fronteiras da língua*, demonstro como o conceito de repetição foi ganhando espaço em minha pesquisa e depois deu lugar ao de “ressonâncias discursivas” (SERRANI, 1991). Em *Alguns pontos a reter sobre a História das Ideias Linguísticas e a História das Ideias Discursivas*, parto da História das Ideias Linguísticas para situar teoricamente a História das Ideias Discursivas, linha de pesquisas proposta por Orlandi (2016; 2017; 2018; 2019a) na qual esta tese se insere.

No segundo capítulo, *Em busca de uma metodologia de leitura para as publicações do autor Michel Pêcheux: os caminhos da Análise de Discurso*, retomo a ideia de que o trabalho do autor Michel Pêcheux sobre a ideologia introduziu um sujeito polêmico e crítico, que por muitos foi colocado à margem. Discuto, em *Sobre as condições de produção dos discursos em questão*, como esse lugar incômodo conferido ao autor (des)construiu evidências e a própria teoria. Recupero, em *O caminho proposto por Denise Maldidier*, um caminho possível para apreender um pouco mais sobre os desdobramentos da teoria proposta por Pêcheux. Em *O caminho trilhado pelo autor Michel Pêcheux: a Análise de Discurso em três épocas*, resgato, a partir do próprio autor, o desenvolvimento de

conceitos importantes até a desconstrução das maquinarias discursivas, temática importante que acabou desfazendo-se, sobretudo, a partir do estudo do conceito de Formações Discursivas.

No terceiro capítulo, *Sobre estar em movimento: uma busca por sentidos para a Produção do Conhecimento Discursivo*, desenvolvo questões que se apresentam como especificidades da Análise de Discurso. Em *A autoria e a coautoria em Análise de Discurso*, destaco que, para além da autoria, na coautoria se dá um processo complexo de entrelaçamentos de discursos e de sujeitos, movimento muito próprio à História das Ideias Discursivas tomada a partir do autor Michel Pêcheux. Em *Uma bibliografia atualizada do autor Michel Pêcheux*, retomo as publicações do autor em livros e em revistas acadêmicas, textos em coautoria, traduções para a Língua Portuguesa, entrevistas, comunicação em eventos – sempre buscando produzir um efeito de completude, de totalidade, o que é da ordem do inalcançável. Construo *Um percurso para o discurso do autor Michel Pêcheux: a circulação do conhecimento discursivo em revistas científicas*; por meio do qual apresento também algumas revistas acadêmicas nas quais o autor Michel Pêcheux publicou – *Ethnies*, *Langages*, *L’homme et la société*, *Linguistique Institut Nanterre Paris X - LINX* e *Mots*, e retomo características específicas, como as capas dos primeiros números e as suas apresentações.

No quarto capítulo, dedico-me ao conceito de “*Ressonâncias discursivas*”. Em *Percorrendo as “ressonâncias discursivas” a partir dos títulos dos artigos*, parto de títulos de artigos publicados pelo autor Michel Pêcheux para demonstrar as marcas linguísticas que me encaminham a identificar repetições e “ressonâncias discursivas”, na formulação e na reformulação, e a constante “ruminação” (FENOGLIO, 2013) que a Produção do Conhecimento Discursivo promove; compreendo, assim, que esse é um processo contínuo, com início e fim não delimitáveis. Tomando a identificação da repetição de palavras e conceitos, é possível identificar reformulações e “ressonâncias discursivas” e, então, mostrar um pouco do processo que engendra a produção do conhecimento sobre o discurso; esse é um processo que nunca é apreendido na íntegra ou em sua totalidade, mas que se tenta circunscrever. Em *Caminhando pelos conceitos teóricos da Análise de Discurso a partir de “ressonâncias discursivas”*, inicialmente, analiso dois textos de autoria de Michel Pêcheux, disponíveis no repositório do *Persée*, que ainda não

foram traduzidos para a Língua Portuguesa – *Introduction: Langages, n° 37, Analyse du discours, langue et idéologies* e *La linguistique hors d'elle-même: l'histoire absolument* – e destaco “sequências discursivas” nas quais o autor define o conceito de discurso. E, em um segundo momento, realizo recortes nas obras **Análise automática do discurso (AAD-69)** (PÊCHEUX, [1969] 2019) e **Semântica e discurso** (PÊCHEUX, [1975] 2009). A constituição dos quadros de análise permite demonstrar, a partir da repetição, alguns efeitos de sentido que retornam e, dessa forma, é por meio da reformulação que podem ser identificadas “ressonâncias discursivas”. Apreendo que o conceito de discurso e/ou ideologia ressona em outros conceitos importantes e, assim, verifico parte do processo que permeia a Produção do Conhecimento Discursivo na História das Ideias Discursivas.

No quinto capítulo, *Sobre chegadas e sobre a busca teórica que não cessa: uma conclusão*, a partir do que observo nas publicações sob autoria de Michel Pêcheux e também no “movimento de coautoria” que constitui a teoria do discurso, posso afirmar que a Análise de Discurso é um caminho teórico de busca por reflexões de modo incessante, mostrando-se como um campo profícuo à produção do conhecimento, sempre tomado como provisório. Desta perspectiva, o discurso é uma materialidade que produz sentidos no/pelo sujeito, não só a partir de suas condições de produção, mas também de leitura. Em *A (Des)Construção Da Teoria*, explicito o meu entendimento de que o lugar ocupado pelo autor Michel Pêcheux foi, algumas vezes, o lugar do outro em relação a si mesmo, tendo em vista as suas retomadas e autocorreções teóricas. Em se considerando o processo que permeia a Produção do Conhecimento Discursivo na História das Ideias Discursivas, a repetição, a reformulação e as “ressonâncias discursivas” são artifícios identificados no discurso do autor Michel Pêcheux, levando-me à compreensão de que o princípio da repetição, sozinho, não se sustenta na história, mas as “ressonâncias discursivas” sim, já que elas ressonam um discurso outro.

## 1.1. ALGUMAS PALAVRAS INICIAIS SOBRE O CAMINHO TEÓRICO A SER SEGUIDO

A vida são deveres que nós trouxemos para fazer em casa.  
Quando se vê, já são seis horas!  
Quando se vê, já é sexta-feira...  
Quando se vê, já terminou o ano...  
Quando se vê, passaram-se 50 anos!  
Agora, é tarde demais para ser reprovado...  
Se me fosse dado, um dia, outra oportunidade, eu nem olhava o relógio.  
Seguiria sempre em frente e iria jogando, pelo caminho, a casca dourada e inútil das horas...  
(QUINTANA, 1980, s.p.).

Neste primeiro capítulo, começo pela reflexão sobre o tempo das coisas e/ou a falta dele, questão que na Análise de Discurso francesa, materialista, linha teórica que sigo aqui, constitui as condições de produção de todo e qualquer discurso. Os trabalhos do autor Michel Pêcheux em relação ao discurso instigam-me teoricamente há bastante tempo; venho construindo o meu caminho na pesquisa a partir deles, por isso, também nestas palavras iniciais, falo um pouco sobre mim e o meu percurso acadêmico.

Em *Curso, percurso e discurso: traçando este caminho*, explico o movimento necessário à pesquisa. O estudo é solitário, mas não é imóvel, pois as análises requerem idas e vindas na/da teoria. É nesse subcapítulo que adentro as especificidades da Produção do Conhecimento Discursivo, a partir do autor Michel Pêcheux, interessada pela historicidade que permeia esse processo. Explico algumas das revistas científicas nas quais o autor publicava – a partir do repositório *Persée* – e, assim, começo a delinear a metodologia de análise. Em *As margens e as fronteiras da língua*, demonstro como o conceito de repetição ganha lugar em minha pesquisa. Desse modo, pensar sobre a língua em discurso, demanda uma abordagem das questões que envolvem o arquivo de análise e a construção do *corpus*.

Em *Alguns pontos a reter sobre a História das Ideias Linguísticas e a História das Ideias Discursivas*, parto da História das Ideias Linguísticas para situar teoricamente a História das Ideias Discursivas (ORLANDI, 2018), linha de

pesquisas<sup>4</sup> na qual entendo que esta tese se coloca. A História das Ideias Discursivas não se limita ao que é publicado pelo autor Michel Pêcheux e, por isso, a proposta desta tese é percorrer um caminho teórico, dentre tantos outros possíveis.

As reflexões acerca do tempo e, sobretudo, da falta dele apontam aqui, nestas palavras iniciais, o caminho teórico a ser seguido com uma dimensão diferente, que extrapola tudo o que eu imaginava sobre ter tempo ou não ter tempo para fazer qualquer coisa. A escritura desta tese teve início em meio a um turbilhão de atividades não só acadêmicas, mas também de outras ordens, momento em que eu busquei conciliar tudo o que me motivava e em que era difícil parar tudo e escrever, eu fiz o que pude para seguir em frente. O prazo para “finalização” do texto chegou em um momento de pandemia do coronavírus<sup>5</sup> (COVID-19) – e tudo que dela possa decorrer –, totalmente controverso. Vejo que, inicialmente, mesmo estando quase tudo “parado” e/ou com um ritmo diverso, devido ao necessário isolamento social, não significa que tenha sido fácil seguir o caminho solitário<sup>6</sup> que envolve a escritura de uma tese: a contradição se apresenta de modo incontornável. Resumindo de maneira muito breve, no ano de 2020, posso dizer que houve um coronavírus atacando a população mundial por um lado e um presidente brasileiro atacando a democracia deste país por outro lado, e buscar ficar “bem” em meio a tudo isso foi por si só um ato de resistência. Não pude estar alheia a tudo isso e certamente o meu discurso teve esses atravessamentos que perfazem as suas condições de produção.

Em pleno século XXI, antes da pandemia, eu quis trazer a questão do tempo<sup>7</sup>, da casca dourada e inútil das horas, como uma problematização para início de

---

<sup>4</sup> Orlandi (2019c) afirma que a História das Ideias Discursivas – HID – é uma linha de pesquisas filiada à História das Ideias Linguísticas – HIL.

<sup>5</sup> A COVID-19 é uma doença causada pelo coronavírus, denominado SARS-CoV-2, que apresenta um espectro clínico variando de infecções assintomáticas [oligossintomáticos – poucos sintomas: febre, tosse, dor de garganta etc.] a quadros graves [dificuldade respiratória, podendo necessitar de suporte ventilatório]. Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca>. Acesso em: 28 out. 2020.

<sup>6</sup> Agradeço à minha orientadora por sempre manter-se presente e por não permitir que eu me sentisse teoricamente só.

<sup>7</sup> Frente a essa questão, também se pode questionar: será que na conjuntura dos nos 1960/1970, momento de fundação da Análise de Discurso, havia mais “tempo” para produção do conhecimento (discursivo)? São tempos diferentes e condições de produção também diversas. O que se pode verificar é que Pêcheux publicou muito, como me proponho a mostrar nesta tese, sobretudo considerando a sua bibliografia.

discussão acerca dos processos de significação sobre o que é estar inserido em uma universidade, o que é ser aluno, o que é ser professor, o que é (re)produzir conhecimento sobre o discurso... sobre como pode significar a afirmação de que não se tem tempo para leitura de textos “longos” e/ou como pode significar a afirmação de que não se tem tempo para escrever textos “longos”. Enquanto acadêmica, entendo que há condições sociais e históricas que constituem o sujeito e o discurso, bem como há tomadas de posição que igualmente os determinam. Sigo em frente.

Meu percurso de pesquisa é delineado a partir da busca por dizeres sobre a Produção do Conhecimento Discursivo; para tanto, entendo que refletir sobre determinado objeto teórico e/ou prático envolve um processo permanentemente em construção: movimento que envolve investigação, tentativa, supor relações de ditos e de não-ditos. O discurso é sempre uma tomada de posição do sujeito frente à língua e à história, atravessado pela ideologia e pelo inconsciente. Enquanto processo, portanto, meu estudo é construído nessa relação com a linha teórica fundada pelo autor<sup>8</sup> Michel Pêcheux e seus interlocutores, na França, e desenvolvida pela autora Eni Puccinelli Orlandi, entre outros pesquisadores, no Brasil.

Mobilizo os trabalhos do autor Michel Pêcheux publicados em revistas científicas e investigo quais conceitos são por ele desenvolvidos – realizo, para tanto, um batimento entre as obras mais difundidas desse autor, das quais destaco **Análise automática do discurso (AAD-69)**<sup>9</sup> (PÊCHEUX, [1969] 2014; [1969] 2019) e **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio** (PÊCHEUX, [1975] 2009) –, bem como quais são as condições de produção desse(s) discurso(s), perpassando prioritariamente pelo conceito de “discurso” trabalhado pelo autor, a fim de propor algumas reflexões sobre a “Produção do Conhecimento Discursivo” formulada nesta tese, contemplando também as questões que surgiram em meu percurso de leitura.

A questão que norteia minha reflexão é: como o conceito de discurso é trabalhado nas publicações do autor Michel Pêcheux? Para respondê-la, é

---

<sup>8</sup> Para remeter aos teóricos aqui considerados utilizo o conceito de autor como uma função da noção de sujeito, ou seja, o autor é “responsável pela organização do sentido e pela unidade do texto, produzindo um efeito de continuidade do sujeito” (ORLANDI, 1996, p. 69).

<sup>9</sup> De acordo com Orlandi (2019d, p. 137), o início das reflexões do autor “pode ser posto em muitos de seus textos dispersos, mas costuma-se tomar este seu livro, AAD69 – resultado de sua tese – como o patamar fundador da Análise de Discurso, que ele propõe”.

necessário acompanhar o processo de elaboração do conceito, o que se dá em outro tempo e lugar. Para tanto, entendo que foi fundamental propor uma abordagem sobre a Produção do Conhecimento Discursivo, definir um caminho, um começo possível.

A partir de Orlandi (2018), balizo as considerações acerca da História das Ideias Discursivas e, apoiada na articulação entre a Análise de Discurso e a História das Ideias Linguísticas, busco delinear<sup>10</sup> um caminho pela Produção do Conhecimento Discursivo, mediante o trabalho do autor Michel Pêcheux, visando “não a reconstrução de uma história, mas o processo pelo qual ela se conta” (ORLANDI, 2002, p. 12). A ideia de trabalhar com uma História das Ideias Discursivas já foi formulada por Eni Puccinelli Orlandi há algum tempo, vem se construindo/elaborando no discurso. As publicações datam de 2018, mas já no ano 2016, a autora falou sobre a importância de considerar uma História das Ideias da Análise de Discurso – no simpósio “Bibliotecas, Arquivo e Centros de Documentação: Desafios do Mundo Contemporâneo”<sup>11</sup>, ocorrido na Unicamp, no Labeurb, em 22 de novembro de 2016.

Minha proposta, então, consiste em jogar luz a uma teoria fundada no passado a partir de uma teoria recente, em construção. O passado que pretendo observar é aquele que diz respeito ao momento de fundação da Análise de Discurso, mais especificamente, tendo em vista as publicações do autor francês Michel Pêcheux; já a teoria recente concerne à História das Ideias Discursivas, um caminho que começou a ser trilhado pela autora brasileira Eni Puccinelli Orlandi, ainda com pouca bibliografia, mas que entendo fundamental para esta tese, já que se mostra como um percurso fecundo para a retomada de um processo pelo qual se conta a história da Análise de Discurso.

---

<sup>10</sup> Tal delineamento deve-se ao fato de que acredito que “o analista que não vivenciou a história a ser contada, ao contá-la, o fará do interior de uma história e não fora dela. O analista que vivencia a história a ser contada também não a contará fora dela. Ou seja, o analista não conta, simplesmente, a história; ele faz uma história. Disso não decorre que não haja rigor teórico e metodológico para se fazer história. A teoria e a metodologia precisam produzir instrumentações para que se faça história, não saindo dela, o que não é possível, mas saindo de algumas evidências por ela produzidas. Não é possível sair de todas as evidências, mas é preciso poder desestabilizar as evidências históricas daquilo que se vai tomar como objeto de estudo” (FERREIRA, 2009, p. 41).

<sup>11</sup> Vídeo disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=1wRKS4Bof\\_k](https://www.youtube.com/watch?v=1wRKS4Bof_k). Acesso em: 22 jun. 2020. Agradeço à minha orientadora, sempre atenta ao trabalho de Eni Puccinelli Orlandi, por compartilhar o *link* comigo.

Ressalto que nesse caminho é percorrido o processo pelo qual se dá a “produção de um autor”<sup>12</sup>, ou seja, não só a produção apreendida a partir das publicações do autor, mas também como o autor foi produzido no Brasil, de maneira distinta e específica, já que ele não é trabalhado da mesma maneira na França, na Argentina e no Brasil, por exemplo. A teoria discursiva brasileira se constrói por meio de um enfoque diferenciado às publicações do autor Michel Pêcheux, sobretudo em se considerando o trabalho (ainda em processo) da autora Eni Puccinelli Orlandi com a coordenação de traduções de livros e artigos da Língua Francesa para a Língua Portuguesa, bem como o próprio desenvolvimento da teoria, tal como ganha força no Brasil.

Na França, por questões teóricas e ideológicas, conforme aponto nesta tese, em alguns momentos, o autor Michel Pêcheux ocupou um lugar marginal – o que não se pode generalizar, há tensões e contradições, já que ele publicava em revistas importantes como a *Langages*. Essa marginalidade é afirmada por Malidier (2003) e retomada tanto por Jacques Guilhaumou (2019) quanto por Paul Henry (2019) na obra **Encontros na Análise de Discurso: efeitos de sentidos entre continentes**. Na França, o autor Michel Pêcheux “sempre esteve na margem” (HENRY, 2019, p. 214), o seu lugar é de resistência. No Brasil, a Análise de Discurso também é um lugar de resistência em se considerando as condições sociais e de constituição do sujeito: a cada dia mais, ler Michel Pêcheux “‘é preciso’ [...] Trata-se de uma conjuntura social, histórica e discursiva que interpela [...] a conhecer os processos de produção de sentidos e a não se satisfazer com os produtos dados como prontos, supostamente evidentes [...]” (SCHERER; SOUSA; MEDEIROS; PETRI, 2014, p. 18-19, grifos das autoras). O lugar da resistência reconfigura-se, todavia, se mantém.

Neste caminho teórico, escolho destacar de antemão que o mo(vi)mento de fundação da Análise de Discurso na França foi apreendido a partir de condições de produção específicas, diferentes daquele que permitiu o desenvolvimento da Análise de Discurso no Brasil: questão que vem sendo problematizada nos trabalhos recentes de Eni Puccinelli Orlandi (2019a). Para a autora, Pêcheux propôs na França, desde o início, que se questionassem, a partir do discurso, as Ciências

---

<sup>12</sup> Esta reflexão sobre a “produção de um autor” foi proposta pela Profa. Dra. Mara Glzman em uma das reuniões de estudos ocorridas ao longo do mês de agosto do ano de 2019, período no qual estive sob sua tutela em Buenos Aires para participar de eventos promovidos pela Universidade de Buenos Aires.

Sociais, a Linguística e a Psicanálise, sendo a Análise de Discurso uma disciplina de entremeio. E a Análise de Discurso no Brasil – considerando o entremeio – contribui não só no que tange às análises de diversas materialidades, mas também no desenvolvimento de aspectos teóricos e metodológicos que tocam a dimensão epistemológica desse campo do saber.

De acordo com Orlandi (2005, p. 78), a Análise de Discurso “se constitui na conjuntura intelectual do estruturalismo do final dos anos 60, em que a grande questão é a relação da estrutura com a história, do indivíduo com o sujeito, da língua com a fala, assim como se interroga a interpretação”. São nessas condições de produção que conceitos são deslocados (da Linguística, da Psicanálise e do Materialismo Histórico) em torno de um objeto próprio, que é o discurso.

Quanto às denominações “Análise de Discurso francesa”, “Análise de Discurso pecheuxtiana” e “Análise de Discurso materialista”, Orlandi (2019b, p. 83) destacou que: “servem para distinguir tendências diversas, mas são, também, um modo de criar hierarquias, produzir equívocos e apagar o que é o mais próprio de uma autoria que é a fundadora, a de Pêcheux e seu grupo”. A autora afirmou que dizer Análise de Discurso materialista é retomar o domínio epistemológico, já privilegiar uma conexão geográfica ou personalizar uma relação com a teoria podem ser maneiras de afastar a Análise de Discurso do campo científico:

Penso que a determinação “materialista” tem um sentido preciso de colocar em um domínio epistemológico, definir um campo específico, o do materialismo, diante de outros, como o idealista etc. Chamar de análise de discurso francesa é uma forma de, ao formular pela geografia e não pelo valor epistemológico, dispersar a autoria de Pêcheux e sua posição diante do político e da ideologia; dizer pecheuxtiana é atribuir ao autor o que está na sua obra como um todo, enquanto fundador, e personalizar a atribuição, tirando do campo científico de certo modo (ORLANDI, 2019b, p. 83).

Nesta tese, considero a Análise de Discurso materialista a partir das publicações do autor Michel Pêcheux, as suas condições de produção na França e o seu desenvolvimento no Brasil, constituindo-se mesmo nesse lugar epistemológico. É o desenvolvimento da teoria que motiva este estudo, em um esforço pelo qual visio compreender um pouco mais o processo a partir do discurso do autor, no campo científico, e identifico como conceitos são definidos na construção da teoria.

Ademais, recorro a Medeiros, Vargas e Beck (2015, p. 55) para compreender um pouco mais sobre a perspectiva materialista:

Quando se concebe os discursos a partir de uma perspectiva materialista, salvo a redundância, é preciso tomá-los como produzidos materialmente, como objetos simbólicos oriundos de práticas de linguagem, tal como desenvolve Orlandi em vários de seus trabalhos. Isso nos permite postular que não cabem separações entre modalidades de discursos (verbal, não verbal, imagético, etc.), o que importa é considerarmos como esses diferentes registros discursivos funcionam em relação a sua constituição/formulação/circulação e em suas especificidades.

Assim, coloco-me no lugar de quem busca refletir acerca da constituição/formulação/circulação (ORLANDI, 2001a) do discurso. Antes de seguir em frente, proponho uma pequena parada – a primeira dentre outras que ocorrem nesse percurso – para retomar a minha caminhada (sem olhar no relógio, parafraseando Quintana), pois entendo que o percurso até chegar aqui, na tese, me constrói e acaba por fundamentar o meu trabalho em/no/sobre o discurso.

Os meus primeiros passos na vida acadêmica, que repercutem hoje no Doutorado em Estudos Linguísticos e no meu lugar na pesquisa linguística, foram dados no ano de 2011, momento no qual despertou em mim a vontade de conhecer um pouco mais sobre o que é fazer pesquisa, fazer ciência, participar de grupos de estudo, construir e desconstruir saberes estabilizados e que parecem transparentes/evidentes. Até aquele momento, estive adormecido em mim o espírito questionador, ainda repercutia em mim aquele saber incutido de que uma instituição de ensino (a escola e/ou a universidade, por exemplo) detém o conhecimento, como se ele estivesse fechado em um livro e poucos tivessem acesso a ele. Não acho que antes disso eu fosse totalmente ingênua, contudo, foi em 2011 que comecei a questionar(-me) de outra maneira, por meio da teoria.

Eu ingressei na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) em 2009, no curso de Bacharelado em Letras e Literaturas da Língua Portuguesa, encantada com todo o caminho que imaginei para mim e com toda a nova realidade que a universidade me apresentou. Desde o colégio, eu sempre fui apaixonada pela língua e pelas possibilidades de interpretação... de lá, já vinha a “consciência” do poder das

palavras e do que o dizer e o não dizer podem significar, entretanto a universidade me apresentou novas possibilidades, novos caminhos, novas inquietações.

Foi um convite da Profa. Dra. Verli Petri para que eu participasse de uma reunião de estudos no Laboratório Corpus que acendeu em mim a vontade de (re)pensar o meu lugar como estudante de Letras, onde eu queria estar e aonde eu queria chegar. Claro que não foi tudo tão certinho e tão definitivo naquele momento, mas aqueles foram os meus passos iniciais na pesquisa.

À época, tive oportunidade de realizar as primeiras leituras – o primeiro contato foi com a obra **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**, da autora Eni Puccinelli Orlandi ([1999] 2015) –, escrever as primeiras resenhas, discutir e ouvir as primeiras reflexões sobre a Análise de Discurso no grupo de Iniciação Científica liderado pela Profa. Dra. Verli Petri, junto aos acadêmicos do curso de Letras. De lá para cá, foram muitas experiências na direção de vivenciar a pesquisa: não só participei como ouvinte de palestras e de eventos da área, mas também tive a oportunidade de apresentar resultados de pesquisas tanto na UFSM quanto em outras instituições de ensino (no Brasil: Universidade Franciscana, em Santa Maria – RS; Universidade Católica de Pelotas e Universidade Federal de Pelotas, em Pelotas – RS; Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre – RS; Universidade Estadual de Campinas, em Campinas<sup>13</sup> – SP; Universidade Federal Fluminense, em Niterói – RJ; Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná, em Guarapuava – PR; e na Argentina: Universidade de Buenos Aires, em Buenos Aires). Destaco também a vivência no Laboratório Corpus – espaço que se propõe a agregar atividades de ensino, pesquisa e extensão, no qual tive/tenho diversas e importantes oportunidades de (des)construir<sup>14</sup> saberes e de refletir sobre a opacidade da língua.

Na Iniciação Científica, minhas indagações estiveram relacionadas ao sujeito gaúcho e ao discurso produzido sobre ele em dicionários do século XX. Como resultados de pesquisa, propus algumas reflexões por meio da publicação dos artigos *Imagens de gaúcho: modo de falar, arte de vestir* (GUASSO, 2013a) e o

---

<sup>13</sup> Momento no qual pude conhecer o Labeurb e o CEDU, na Unicamp, instituição onde fica o Fundo Michel Pêcheux. A oportunidade se deu no ano de 2015, a partir de uma viagem junto ao Programa de Ensino Tutorial – PET Letras, na época coordenado pela Profa. Dra. Verli Petri, a fim de participar do 63º Seminário do Grupo de Estudos Linguísticos – GEL.

<sup>14</sup> Noção trabalhada por Pêcheux ([1975] 2009).

*Gaúcho: como seus apetrechos são dicionarizados?* (GUASSO, 2013b). Com esses estudos, aproximei-me das teorias da Análise de Discurso e da História das Ideias Linguísticas, entendendo que o discurso sobre o sujeito gaúcho carrega em si algo de idealizado, também se relacionando com o mito do herói. Por meio do estudo contrastivo de um dicionário nacional e de outro regionalista, busquei demonstrar que o dicionário regionalista mantém a maioria das designações do dicionário nacional, mas apresenta peculiaridades que deslocam e tentam controlar o saber sobre o sujeito gaúcho. Esse fato, para mim, reforça a ideia de que a imagem do gaúcho não pode ser definida como una, pois ela dependerá da tomada de posição do sujeito e das condições de produção do discurso, em um dado momento sócio-histórico.

Ao término da minha graduação (como o tempo passa depressa!), no Trabalho de Conclusão de Curso, a minha questão de pesquisa esteve direcionada para as relações de aproximação e de distanciamento entre o sujeito do discurso e o sujeito da enunciação. Foi naquele momento que comecei a me interessar pelo trabalho teórico, foi naquele momento de retomada das teorias trabalhadas pelos autores Michel Pêcheux e Émile Benveniste, respectivamente, que entendi a importância de colocar uma teoria em discussão e/ou em contraste com outras – e foi a Análise de Discurso que me mostrou essa possibilidade. Posso destacar, daquela pesquisa, o entendimento de que o sujeito do discurso deixa de ser a origem de seu dizer e passa a ser apreendido em sua dimensão histórica, fato que permite ao sujeito e ao discurso produzido por ele construir sentidos a partir de atravessamentos da história, da memória, das condições de produção do discurso, das formações discursivas e ideológicas, entre outros.

Decidi, então, sob orientação da Profa. Dra. Verli Petri, que gostaria de ler os textos de autoria de Pêcheux em seu original e aceitei o desafio de estudar Francês. Foram doces fins de tarde de quinta-feira na companhia da Professora Marlene Torri. Entre as práticas de conversação e as atividades que eu quase não conseguia tempo para fazer, nós traduzíamos artigos. Ela me auxiliava a entender a língua e nós construíamos sentidos juntas, já que uma tradução não é a mera transposição de palavras de uma língua a outra, é necessário atentar ao(s) sentido(s).

No Mestrado (o tempo passa muito rápido mesmo!), percorri um desafiador caminho na busca por sentidos possíveis sobre a categoria de sujeito e, invadida pela variedade de questões que eu poderia perseguir, defini que o meu tema de pesquisa passaria a ser a produção de conhecimento e a reprodução de desconhecimento; para tanto, consideraria o sujeito da Ciência (na) Linguística sob o viés da Análise de Discurso. Os resultados encaminharam para o entendimento de que a produção de conhecimento depende também da reprodução de práticas, a fim de construir discurso(s) e sentido(s) sempre em movimento, interpelados pelos dizeres já-ditos que permeiam o interdiscurso. Fazendo parte do seu funcionamento uma desnaturalização dos modos de reprodução, tendo em vista que a reprodução (do discurso) é inevitável, mas os modos como ela se dá podem sempre ser outros, de acordo com as intervenções da exterioridade aos quais o sujeito não “escapa”. Assim é/está o sujeito, em uma relação singular com as formações ideológicas, produzindo discurso(s) de acordo com a formação discursiva que o domina em dadas condições de produção. Desse modo, a instância de um processo de desenvolvimento de saberes se dá a partir de um ir e vir da teoria, e o discurso possibilita a atualização do dizer – não partindo de mera repetição –, uma vez que esses são movimentos necessários à produção de conhecimento.

No projeto de pesquisa elaborado para a seleção do doutorado no PPGL da UFSM, junto de minha orientadora, eu quis revisitar o material do Fundo Pêcheux<sup>15</sup>. Instiga-me (sempre) saber mais sobre o percurso de Produção do Conhecimento Discursivo, sobretudo a partir do discurso do autor Michel Pêcheux, então lancei-me ao desafio de considerar as publicações desse autor em revistas, buscando marcas que me possibilitassem analisar um saber que se repete e/ou se distancia dos saberes sobre o discurso, o sujeito e a produção de conhecimento.

Nesse percurso, sempre estive ligada ao trabalho de revisão textual, caminho ao qual venho me dedicando desde a graduação. A preocupação com a escrita e a apresentação de texto(s), portanto, é uma atividade que venho aprimorando a cada leitura. Hoje vejo que cada trabalho é um novo desafio e sei que estou em constante aprendizado, pois a revisão demanda muita atenção aos detalhes da escrita:

---

<sup>15</sup> No ano de 2020, Mariana Garcia de Castro Alves defendeu a tese intitulada “Osso de borboleta: Leitura discursiva do Fundo Michel Pêcheux pela textometria”, na Unicamp, sob orientação da Profa. Dra. Cristiane Pereira Dias. Um trabalho importante àqueles que se interessam por saber um pouco mais sobre o Fundo Michel Pêcheux e sobre a leitura do arquivo.

enquanto revisora e analista de discurso, eu me vejo muito mais atenta às questões do sentido e das possibilidades da/na língua e, ao mesmo tempo, busco respeitar o estilo de escrita de cada autor. É um jogo de (efeitos de) equilíbrio entre as questões gramaticais e semânticas. Essa atividade, inconscientemente, acabou também guiando o desenvolvimento desta tese, como buscarei demonstrar, sobretudo quando verso sobre “ressonâncias discursivas”<sup>16</sup> (SERRANI, 1991) e repetições do/no discurso.

Todo esse caminho percorrido até aqui me faz entender um pouco mais sobre o que é fazer pesquisa, sobre o que é ser um pesquisador da área da linguagem e sobre o tempo necessário para tudo isso. Entendi um pouco mais sobre as possibilidades do discurso e sobre os atravessamentos a que todo o sujeito está assujeitado ao produzir um discurso. Hoje sei que ainda tenho muitos passos a dar nessa caminhada a qual me propus, justamente porque a Produção do Conhecimento Discursivo é um processo em permanente desenvolvimento.

Sigo sempre, sempre em frente, como diz o poeta. Sigo buscando refletir sobre o (dis)curso do autor Michel Pêcheux, sobre o seu lugar e sobre essa caminhada teórica incansável, repleta de (des)construções e (re)produções do/no discurso. A trajetória trilhada/construída pelo autor vem me instigando cada vez mais e, da mesma forma, vem me mostrando, na prática da pesquisa, que as (des)construções da teoria são não só uma maneira de desenvolvê-la, mas também um movimento de resistência frente ao que parece evidente.

## 1.2. CURSO, PERCURSO E DISCURSO: TRAÇANDO ESTE CAMINHO

Andar e pensar um pouco,  
que só sei pensar andando.  
Três passos, e minhas pernas  
já estão pensando.

Aonde vão dar esses passos?  
Acima, abaixo?  
Além? Ou acaso?  
Se desfazem ao mínimo vento  
sem deixar nenhum traço?  
(LEMINSKI, 2013, p. 262).

---

<sup>16</sup> Destaco que, ao longo deste estudo, quando tratar de “ressonâncias discursivas”, estarei sempre considerando o trabalho de tese de Serrani (1991).

As reflexões que aqui apresento (en)caminham para um mo(vi)mento de busca por sentidos mobilizados para o conceito de “discurso” a partir da publicação de artigos em revistas científicas da área das Ciências da Linguagem/Linguística, entre meados dos anos 1968 e 1983, na França, pelo autor Michel Pêcheux, a fim de formular o conceito de Produção do Conhecimento Discursivo, identificando as (possíveis) “ressonâncias discursivas” para pensar sobre a sua significação naquele período histórico e na atualidade. Para tanto, este estudo configura-se e passa a caracterizar-se como uma investigação teórica, sendo o seu arquivo formado, em um primeiro momento, por artigos científicos disponíveis no repositório *Persée*<sup>17</sup> e, em um segundo momento, pelas obras **Análise automática do discurso (AAD-69)**<sup>18</sup> (PÊCHEUX, [1969] 2014; [1969] 2019) e **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio** (PÊCHEUX, [1975] 2009). E o *corpus* formado por um conjunto de “sequências discursivas”<sup>19</sup> nas quais o autor define o conceito de discurso ou quando ele retorna na definição de outros conceitos. Os artigos (originalmente em Língua Francesa) e as obras mostram o que poderia e deveria ser dito naquele momento histórico; proponho-me, então, a identificar e a destacar como o sujeito se marca no discurso diante das prerrogativas históricas e das condições de produção que permeiam esse processo específico enquanto Produção do Conhecimento Discursivo.

Balizam minhas reflexões, sobretudo, aquelas noções teóricas difundidas no momento de fundação da Análise de Discurso, pelo autor Michel Pêcheux, na França, entre os anos 1968 e 1983, e que vêm sendo desenvolvidas por relevantes pesquisadores, no Brasil, nas últimas décadas; além do conceito de discurso, destaque, entre outros: sujeito, história, memória, ideologia, produção de conhecimento, formações ideológicas, formação discursiva e condições de produção. É, portanto, o viés discursivo que fornece o aporte teórico para as proposições que empreendo nesta tese.

Materializa-se aqui meu interesse pela historicidade que constitui a produção de conhecimento para buscar reflexões sobre Produção do Conhecimento

---

<sup>17</sup> Disponível em: <https://www.persee.fr>. Acesso em: 10 abr. 2018.

<sup>18</sup> De acordo com Orlandi (2019d, p. 137), o início das reflexões do autor “pode ser posto em muitos de seus textos dispersos, mas costuma-se tomar este seu livro, AAD69 – resultado de sua tese – como o patamar fundador da Análise de Discurso, que ele propõe”.

<sup>19</sup> Conforme são definidas por Courtine ([1981] 2009, p. 55): “sequências orais ou escritas de dimensão superior à frase”.

Discursivo. Meu objetivo é movimentar, como propõe minha orientadora, “o espaço das questões historicamente construídas” (PETRI, 2010, p. 26), de modo que seja destacado aquilo que é recorrente no(s) discurso(s) e que, por um efeito ilusório de neutralidade, conduz à produção de sentidos. Nessa esteira, algumas questões são recorrentes em minha caminhada, a saber: 1) Como o autor Michel Pêcheux constrói o seu lugar na Produção do Conhecimento Discursivo? 2) Como podem ser entendidos os processos de construção do conhecimento para o conceito de “discurso”, promovidos pelo autor Michel Pêcheux a partir de suas publicações em revistas científicas no período de constituição da Análise de Discurso na França? 3) Como é possível delimitar um percurso para essas publicações e para o desenvolvimento dos conceitos caros à teoria discursiva? Como identificar/determinar/delimitar “ressonâncias discursivas” nos textos em questão? 4) Como apreender um dizer que ora se repete e ora se distancia de outros discursos sobre o sujeito, a língua, o discurso e a própria Linguística, gerando a ruptura e o novo na produção de conhecimento em Análise de Discurso?

Meu objetivo geral é estabelecer aproximações e distanciamentos entre o(s) discurso(s) publicado(s) sob a assinatura de Michel Pêcheux<sup>20</sup> em revistas científicas. Para tanto, busco entender, a partir do conceito de “discurso”, a maneira pela qual se dá a Produção do Conhecimento Discursivo naquele momento histórico de formação da Análise de Discurso na França, bem como identificar elementos como a ideologia, a história e a memória atravessando o discurso do autor.

A metodologia que utilizo para a organização desta tese envolve alguns passos, os quais explicito: a realização de um levantamento dos textos/artigos publicados pelo autor Michel Pêcheux em revistas da área das Ciências da linguagem, a fim de apresentar uma bibliografia atualizada e identificar como se constrói a obra do autor; o desenvolvimento de uma pesquisa acerca do momento histórico, para buscar compreender um pouco mais sobre as condições de produção desses discursos em questão, bem como sobre o lugar dado ao autor; o estabelecimento de aproximações e de distanciamentos entre o(s) discurso(s) publicados(s) pelo autor Michel Pêcheux em revistas científicas e aquele(s) veiculado(s) em suas obras de maior reconhecimento, pelos quais tento identificar “ressonâncias discursivas”; a efetivação de um estudo teórico das contribuições do

---

<sup>20</sup> Tratarei de artigos publicados pelo autor também em coautoria.

autor acerca da categoria de discurso, bem como sobre as noções teóricas de sujeito, história, memória e ideologia – destaque, por isso, como se dá o discurso no momento de formação da teoria discursiva e dos seus dispositivos de interpretação.

Esse caminho que proponho, desde seu início, se mostra bastante provocador e passível de tropeços: ando e penso um pouco, ando e me pergunto aonde esses passos vão dar, admitindo que foram movimentados textos publicados há bastante tempo, muitos dos quais não tiveram grande repercussão em meio aos leitores (brasileiros e/ou franceses), uma vez que são textos escritos em Língua Francesa, considerados em seu original/não traduzidos; ademais, certas publicações poderiam responder – aos seus leitores – algumas questões mais do que outras, o que também poderia justificar a sua (não) tradução (para a Língua Portuguesa), bem como há que se considerar que são diferentes momentos sócio-históricos. Este trabalho demanda, portanto, uma tomada de posição frente à língua<sup>21</sup> no sentido de margear limites e fronteiras na busca pelo saber e pelo fazer ver.

Destaco, entretanto, que minha leitura não se propõe como a única/a correta/a verdadeira, e sim como uma possibilidade, dentre outras possíveis. Eu acredito que a produção de conhecimento sobre o discurso se dá mesmo nesse vaivém entre a prática e a teoria e entendo também que o movimento faz parte do processo.

A leitura das publicações sob autoria de Michel Pêcheux provoca reflexão acerca do conceito mesmo de “interpretação”, trabalhado por Eni Puccinelli Orlandi (1996) em **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Na referida obra, a autora destaca que “o sujeito só se faz autor se o que ele produz for interpretável” (ORLANDI, 1996, p. 70) e, com isso, apreendo ser fundamental para que se instaure a função-autor – a partir do discurso proposto – a produção de sentidos no sujeito leitor/interlocutor/outro. À vista disso, para que o sujeito seja considerado autor, é necessária a produção de um discurso que cause um efeito de reconhecimento em seu leitor, e este, por sua vez, deve ser capaz de interpretá-lo.

Tal efeito de (re)conhecimento do/no qual se constitui a “função-autor” se dá porque o discurso inscreve-se no interdiscurso. Orlandi (1996, p. 70) distinguiu a

---

<sup>21</sup> “A AD não trabalha com a língua enquanto sistema abstrato, mas com a língua em funcionamento, com ela no mundo, (re)significando a si e ao homem a todo momento” (FLORES, 2013, p. 32).

“repetição empírica” – exercício mnemônico –, a “repetição formal” – exercício gramatical de produzir frases – e a “repetição histórica” – memória constitutiva, saber discursivo – para defender que é a repetição histórica que pode produzir um “evento interpretativo”. Nas palavras da autora, “é porque a história se inscreve na língua que esta significa” (ORLANDI, 1996, p. 70). Sendo assim, é a partir desse movimento que se dá a significação. Tais definições ajudam a entender o processo mesmo de formulação dos saberes discursivos, dos quais aqui destaco os trabalhos publicados sob autoria de Michel Pêcheux, como venho buscando reforçar.

Nesse percurso, a noção de “repetição” acabou por chamar a minha atenção. Passei a observar o que se repete no discurso do autor e até mesmo como a própria repetição é definida: “é antes de tudo um efeito material que funda comutações e variações, e assegura – sobretudo ao nível da frase escrita – o espaço de estabilidade de uma vulgata parafrástica produzida por recorrência, quer dizer, por repetição literal dessa identidade material” (PÊCHEUX, [1983] 2010, p. 53). A repetição é então entendida pelo autor como um efeito de identidade, ao que é repetido são adicionados outros sentidos, há algo que permanece e há algo que muda. E esse processo é próprio do materialismo: está em incessante movimento, jamais podendo ser considerado como um complexo de coisas acabadas.

Para Orlandi (1996, p. 71), “a inscrição do dizer no repetível histórico (interdiscurso) é que traz para a questão do autor a relação com a interpretação, pois o sentido que não se historiciza é ininteligível, ininterpretável, incompreensível. [...] a constituição do autor supõe a repetição”. Entendo que da repetição decorrem as “ressonâncias discursivas”, tal como pensadas por Serrani (1991; 1996), noção fundante para a compreensão da Produção do Conhecimento Discursivo, visto que, para fazer sentido, é necessário que algo já tenha sido dito antes.

Ao considerar as modalidades de repetição – “empírica”, “formal” e “histórica”, propostas inicialmente por Orlandi (1996) – é que as confronto com o conceito de “ressonâncias discursivas”; entendo-as para além da repetição de palavra(s). Pretendo seguir essa caminhada teórica buscando compreender como o(s) discurso(s) do autor Michel Pêcheux acabam “ecoando”/“ressonando” em outros, por meio da “representação de um sentido predominante” (SERRANI, 2005, p. 90), de modo a construir e estabelecer o conhecimento discursivo.

Entendo que as publicações sob autoria de Pêcheux têm um papel fundamental para a elaboração do conhecimento discursivo. E venho tocando nesta tese questões que me parecem caras não só para construir esse conhecimento, mas também para desenvolvê-lo e, além disso, para a instrumentá-lo.

Nesse viés, o conceito de “posição-autor” – compreendido aqui conforme Orlandi (1996, p. 74) – é tomado para referir à “constituição de um lugar de interpretação”. Assim sendo, é a “posição-autor” assumida por Pêcheux, ou seja, é a tomada de posição do sujeito em seu texto/discurso, em busca de um efeito de unidade/homogeneidade, que será aqui trazida para discussão a partir da identificação de “ressonâncias discursivas”. É esse efeito de fechamento que o autor dá para delimitar o seu posicionamento que foi aqui considerado mais detalhadamente no terceiro capítulo desta tese.

### 1.3. AS MARGENS E AS FRONTEIRAS DA LÍNGUA

O que Pêcheux deixa como mote é que, no interior da repetição, algo sempre se move pronto a vir-a-ser outra coisa, a configurar-se diferente de outro modo, a derrapar e tomar via sempre inesperada. O rio do discurso, às margens do acontecimento, o rio e as margens, as margens do rio, o mar do acontecimento na língua e na história.

(SOUSA, 2014, p. 117).

Tomo a Análise de Discurso a partir do trabalho do autor Michel Pêcheux e considero aquilo que se repete no discurso. À vista disso, sou direcionada a refletir sobre as margens e as fronteiras da língua, uma vez que 1) meu objeto de estudo se constrói justamente de textos publicados em uma língua “outra” que não a minha língua materna e 2) o autor Michel Pêcheux pode ser também considerado um autor à “margem” (HENRY, 2019, p. 214), pois, enquanto vivia, foi pouco lido na França. Há uma fronteira linguística que se estabelece porque há uma distância não só temporal, mas também geográfica que me limita e que me separa desses textos: estou, então, em um esforço de “margear” esses discursos – encontro-me, ao mesmo tempo, dentro e fora, desconheço as margens e, a partir da perspectiva

teórica que rege minha caminhada, não acredito em limites imóveis, saberes estanques e/ou sujeitos estáticos.

As “sequências discursivas” (COURTINE, [1981] 2009, p. 55) recortadas de artigos publicados pelo autor Michel Pêcheux, que constroem o *corpus* analítico desta tese, são utilizadas como uma amostragem, um pontapé inicial. É também a partir desses textos que me proponho a trabalhar, buscando não deixar que a ilusão de completude, que mesmo inconscientemente retorna, atravesse o meu discurso por completo. A minha tomada de posição aqui, portanto, se dá muito mais no sentido de propor um gesto de leitura possível a partir de um *corpus* limitado.

Ao pensar sobre a língua, nesse viés, emerge uma discussão possível e leva-me a refletir, entre tantas outras questões pertinentes, acerca da dupla significante “acúmulo e redução” (COLOMBAT; FOURNIER; PUECH, 2017), não só porque 1) tratei de alguns textos – e não todos – publicados sob autoria de Pêcheux em revistas acadêmicas/científicas, mas também porque 2) tais textos demandam a transposição/tradução da Língua Francesa para a Língua Portuguesa. Eu não conto com um grande acúmulo de textos – no sentido de não possuir um *corpus* construído de uma quantidade excessiva de recortes –, mas isso não quer dizer que eu reduzi o trabalho do autor. Eu, sim, trabalhei com os textos aos quais tive acesso.

Nessa caminhada, o conceito de “arquivo”, entendido como “campo de documentos pertinentes e disponíveis sobre uma questão” (PÊCHEUX, [1982] 2014, p. 59), é aqui remetido porque auxilia a apreender que a pesquisa parte de uma “problematização” (GLOZMAN *et al.*, 2014) do analista/pesquisador a partir do material disponível a ser analisado. É mesmo um “gesto de leitura” da teoria, pois demanda, primeiro, a organização do arquivo e, depois, a transposição da “leitura literal” para a “leitura interpretativa”.

O movimento de dar lugar a um autor que – conforme Paul Henry (2019) – foi pouco lido na França envolve uma tomada de posição em busca de dar importância à fundação da teoria da Análise de Discurso por Michel Pêcheux. Recuperar as publicações do passado a partir do desenvolvimento da teoria no presente, no Brasil, foi também ser resistência quando se defende que o conceito de ideologia é fundamental para que se apreenda o discurso e os sentidos decorrentes dele.

O autor Michel Pêcheux teve publicações versando acerca do discurso, sobretudo em revistas acadêmicas/científicas, o que é considerado um movimento a favor da circulação do conhecimento sobre o discurso. Sendo o conceito mesmo de discurso que visou percorrer, a partir das publicações do autor em revistas científicas, então, é importante organizar esta caminhada. Considerar os critérios de conformação do arquivo que perfaz esta tese envolve: 1) admitir que há muito material em Língua Francesa publicado pelo autor Michel Pêcheux e que grande parte recebeu tradução para a Língua Portuguesa; 2) entender que, frente à grande quantidade de material produzido pelo mesmo autor, ainda é necessário estabelecer outros critérios que possibilitem orientar o caminho de leitura.

Sendo assim, há necessidade, após o primeiro passo, para considerar que o arquivo construiu-se de artigos publicados pelo autor Michel Pêcheux disponíveis no repositório *Persée*<sup>22</sup>, perseguir o conceito de discurso e aqueles outros que auxiliam na sua interpretação, de modo a formar o *corpus* analítico com “sequências discursivas”<sup>23</sup> nas quais o autor definiu o conceito de discurso ou quando ele retornou na definição de outros conceitos. O caminho seguido para conformação do arquivo envolve alguns passos: inicialmente, organizo uma bibliografia atualizada do autor, de modo a poder identificar as publicações, a ordem cronológica, os títulos dos trabalhos (livros/artigos) etc. Após isso, frente ao grande número de trabalhos, defino, em função da demanda, que o estudo dá enfoque às publicações do autor Michel Pêcheux em revistas científicas e, ainda, que são considerados somente dois artigos disponíveis no *Persée* – ou seja, disponíveis *on-line* – para os quais não é localizada tradução. Todo esse caminho é formado de uma busca por jogar luz a textos pouco trabalhados/difundidos no Brasil, o que apreendo a partir do fato de, entre outras questões, não terem sido traduzidos para a Língua Portuguesa.

Esse caminho sugere refletir também sobre o fazer do analista de discurso, considerado “como sujeito do conhecimento” (ORLANDI, 2012a, p. 54), que “chega a constituir um lugar que põe à disposição” outras maneiras de ler o arquivo. O analista disponibiliza o acesso ao arquivo, explicita como o texto funciona, interroga a interpretação e problematiza como o sentido faz sentido.

---

<sup>22</sup> Disponível em: <http://www.persee.fr>. Acesso em: 04 mar. 2018.

<sup>23</sup> Conforme são definidas por Courtine ([1981] 2009, p. 55).

O próprio conceito de leitura em Análise de Discurso merece destaque, pois é considerado como uma prática social que mobiliza o interdiscurso. Nesse processo, o sujeito-leitor<sup>24</sup>, enquanto sujeito histórico, constrói interpretações a partir do efeito-texto, movimenta os sentidos produzido pelo sujeito-autor. Nas palavras de Indursky (2001, p. 9-10), ler “é mergulhar em uma teia discursiva invisível construída de já-ditos”. O desafio a que me proponho nesta tese demanda movimento, inquietação frente aos já-ditos, desconstrução e reconstrução de sentidos frente à Produção do Conhecimento Discursivo.

O trajeto seguido pelo autor Michel Pêcheux para compartilhar saberes sobre o objeto discurso e dialogar com os seus pares perpassa também a publicação em revistas institucionais que promovem a circulação do conhecimento. Compreender isso possibilita a apreensão de uma parte da História das Ideias Discursivas. Buscar esses textos demanda a seleção de caminhos possíveis/necessários, uma vez que as publicações se deram em Língua Francesa, considerando-se, ainda, que os originais estão sob a tutoria da esposa de Michel, Angélique Pêcheux. Meu interesse parte, então, de uma inquietação frente ao que está disponível ao grande público – nesse caso, frente às fronteiras e às margens –, ao que está publicado na internet. Minhas pesquisas iniciais giraram em torno de *sites* reconhecidos, na França, por estarem compostos de arquivos científicos, informações bibliográficas, Literatura e/ou de atualidades. Destaco, de minhas investidas, os seguintes *sites*:

*Persée: Portail de revues en sciences humaines et sociales*<sup>25</sup>;  
*Archive Ouverte HAL*<sup>26</sup>;  
*Comunidade França - Brasil*<sup>27</sup>;  
*Archive Ouverte en Sciences de l'Information et de la Communication*<sup>28</sup>;  
*Fabula: La recherche en Littérature*<sup>29</sup>;  
*Bibliothèque nationale de France*<sup>30</sup>;  
*Institut Mémoires de l'édition contemporaine (IMEC)*<sup>31</sup>.

<sup>24</sup> “[...] ao pensarmos no sujeito leitor sob a ótica discursiva, ele não será um mero receptor [...], o leitor será participante ativo no processo de produção de sentidos” (FLORES, 2013, p. 33).

<sup>25</sup> Disponível em: <http://www.persee.fr/>. Acesso em: 04 mar. 2018.

<sup>26</sup> Disponível em: <https://hal.archives-ouvertes.fr/>. Acesso em: 04 mar. 2018.

<sup>27</sup> Disponível em: [http://www.comunidadefb.com.br/web/index\\_reconline.php](http://www.comunidadefb.com.br/web/index_reconline.php). Acesso em: 04 mar. 2018.

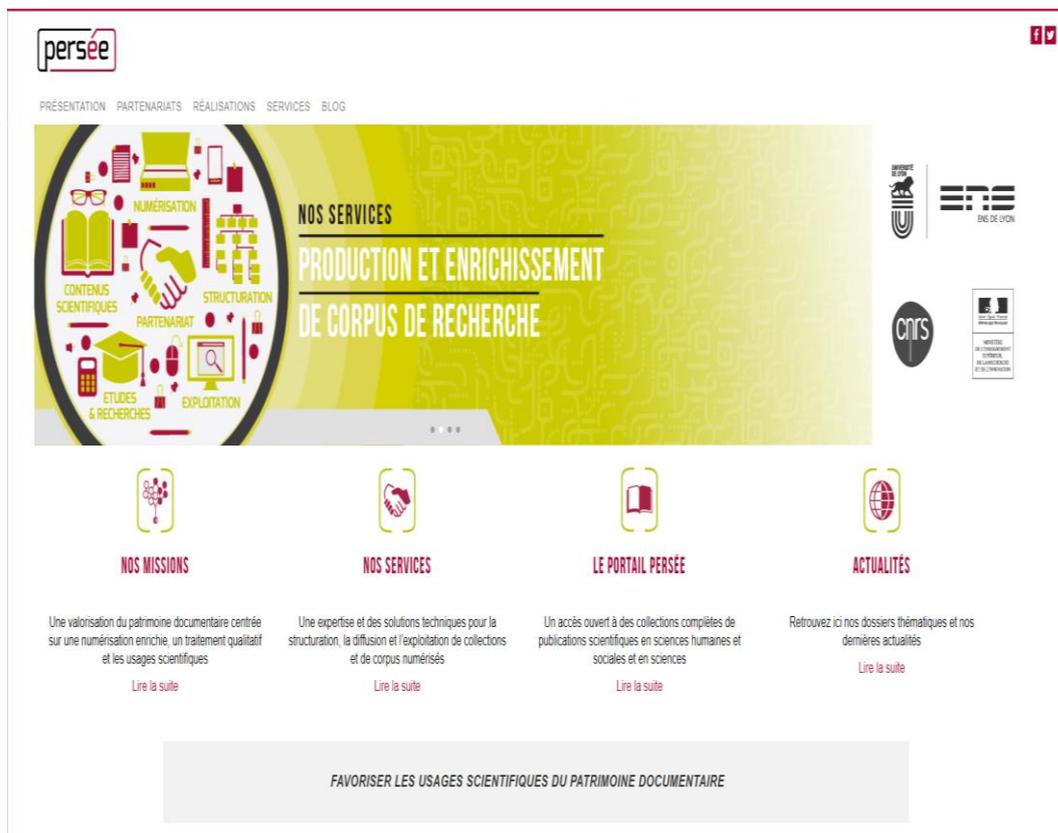
<sup>28</sup> Disponível em: <https://archivesic.ccsd.cnrs.fr/>. Acesso em: 04 mar. 2018.

<sup>29</sup> Disponível em: <http://www.fabula.org/>. Acesso em: 04 mar. 2018.

<sup>30</sup> Disponível em: <http://www.bnf.fr/fr/acc/x.accueil.html>. Acesso em: 04 mar. 2018.

De todas elas, aquele que contempla um pouco de minhas inquietações é o *site Persée*, justamente porque sua proposta é a de ser um portal de revistas de Ciências Humanas e Sociais que oferece acesso livre e gratuito a coleções completas de publicações científicas (revistas, livros, anais de colóquios e publicações em série, por exemplo). O *site* dispõe de ferramentas que facilitam a pesquisa dos seus leitores. É, pois, o *Persée* (Figura 2) que me possibilita o acesso aos textos publicados pelo autor Michel Pêcheux em revistas de Ciências Humanas e Sociais nas décadas de 1960 até 1980, na França.

Figura 2 – página inicial do Portal *Persée*



Disponível em: <http://info.persee.fr/>. Acesso em: 30 jun. 2020.

<sup>31</sup> Disponível em: <https://www.imec-archives.com/>. Acesso em: 04 mar. 2018. É no IMEC que está guardado o arquivo “oficial” de Michel Pêcheux.

O *Persée* é uma escolha minha<sup>32</sup>, um recorte necessário à pesquisa no sentido de englobar em um “lugar” o que se disponibiliza ao leitor sobre um assunto determinado. É, portanto, no repositório *Persée* que tenho acesso à bibliografia<sup>33</sup> do autor Michel Pêcheux e essa é uma questão preponderante para defini-lo como apoio para conformar o arquivo considerado. Observando a bibliografia, pode-se verificar que Pêcheux publicou muito: artigos, livros, concedeu entrevistas, participou de eventos; o que me levou a definir que o arquivo desta tese seria composto por dois artigos não traduzidos para a Língua Portuguesa, disponíveis no repositório *Persée – Introduction: Langages, n° 37, Analyse du discours, langue et idéologies e La linguistique hors d'elle-même: l'histoire absolument* – e também pelas obras **Análise automática do discurso (AAD-69)** (PÊCHEUX, [1969] 2014; [1969] 2019) e **Semântica e discurso** (PÊCHEUX, [1975] 2009). O arquivo desta tese é entendido mais do que como um amontoado de documentos organizados por uma instituição: é tomado em sua materialidade. E a materialidade do arquivo, nas suas relações com a história, “é aquilo que faz com que ele signifique de um modo e não de outro, que faz com que ao se deparar com ele, o sujeito o recorte de maneira x e não y. Um mesmo arquivo nunca é o mesmo, por causa da sua materialidade” (DIAS, 2015, p. 973).

Organizado o arquivo, o caminho da pesquisa demanda a seleção do *corpus* analítico, dos recortes daquelas “sequências discursivas” (COURTINE, [1981] 2009, p. 55) nas quais o autor definiu conceitos da teoria do discurso, são eles: discurso, sujeito, formação discursiva, formação ideológica, condições de produção, entre outros. No trajeto de leitura, após identificar os momentos em que o autor define/movimenta os conceitos, busco as repetições e os sentidos que ressonam. O passo seguinte é estabelecer as relações possíveis, analisar o que se destaca em minha leitura. Este é um caminho que se mostra difícil, pois, na teoria do discurso, os conceitos se dão uns em relação<sup>34</sup> aos outros, por isso “escolher” alguns conceitos em detrimento de outros é mesmo um desafio – necessário à pesquisa.

---

<sup>32</sup> Sempre acompanhada da leitura atenta de minha orientadora.

<sup>33</sup> PÊCHEUX, Angélique *et al.* Bibliographie des travaux de Michel Pêcheux. **Mots**, n. 13, out. 1986, p. 195-200. Disponível em: [https://www.persee.fr/doc/mots\\_0243-6450\\_1986\\_num\\_13\\_1\\_1314](https://www.persee.fr/doc/mots_0243-6450_1986_num_13_1_1314). Acesso em: 10 jan. 2018.

<sup>34</sup> De acordo com Indursky (2019, p. 164), “um discurso não tem início nele mesmo, mas se refere/dialoga/polemiza com discursos já produzidos”.

O meu trabalho é apresentado enquanto uma tentativa de fazer ver, sob a minha perspectiva, o que está em circulação sobre a caminhada teórica do autor Michel Pêcheux, ao considerar que “não existe linguagem que seja indiferente ao(s) sentido(s)” (MEDEIROS; ALVARES, 2019, p. 174). Diante disso, parto da questão inicial que envolve perseguir como o conceito de discurso é definido, mas algumas outras perguntas encaminham este estudo, das quais destaco: Quais textos estão disponíveis *on-line*?

Possivelmente tal questionamento não seja somente meu... provavelmente, outros pesquisadores inquietos pelo discurso assinado pelo autor Michel Pêcheux já se viram, uma vez sequer, curiosos por essa história que se atravessa também pelo digital. Sigo os próximos passos dessa minha busca por sentidos sobre a Produção do Conhecimento Discursivo.

Refletir sobre aqueles artigos que estão “disponíveis” já é uma questão a ser problematizada porque o que envolve o digital<sup>35</sup> demanda ter internet, ter uma “ferramenta” que possibilite a pesquisa (para citar algumas: *smartphone*, tablete, computador, *notebook* – as duas últimas requerem ter acesso à luz elétrica), acessar o *site*, digitar na barra de pesquisa o que se quer saber mais, neste caso, é pesquisado o nome do autor – Michel Pêcheux). São detalhes que até podem passar despercebidos, entretanto são fundamentais para se ter acesso ao que está disponível; o que leva a compreender que o disponível não está tão disponível assim. Como bem afirma o autor Michel Pêcheux ([1982] 2014, p. 60-61, grifos do autor), “a alguns, o direito de produzir leituras originais, logo ‘interpretações’, constituindo, ao mesmo tempo, atos políticos (sustentando ou afrontando o poder local); a outros, a tarefa subalterna de preparar e sustentar [...] as ditas ‘interpretações’”.

Destas questões específicas ao discurso digital/informatizado propriamente dito, considero, de acordo com Dias (2016, p. 9), que “o digital produziu uma mudança na discursividade do mundo”, transpondo “derivas para outros lugares de significação”, já que reconfigurou a relação do sujeito com o mundo, no sentido de que o tempo, a distância, o acesso e o conhecimento (entre tantas outras questões)

---

<sup>35</sup> No artigo intitulado “Discurso e tecnologia: uma proposta de análise contrastiva de dicionários online” (PETRI; GUASSO, 2020, p. 271-288), é discutido um pouco mais acerca da Produção do Conhecimento Discursivo na era das tecnologias da informação.

são diversos. A perspectiva do informatizado, a qual Michel Pêcheux se debruçou, foi remodelando-se e a problemática da máquina discursiva – que à época interessava e acabou se desconstruindo – reconfigurou-se e apresenta muitos desdobramentos na atualidade.

Nesse viés, os saberes que perfazem a “memória metálica” (ORLANDI, 1996, p. 15) são aqui recuperados, já que ela diz respeito ao funcionamento do discurso informatizado. O movimento de sentidos promovido por artigos situados/disponíveis na rede mundial de computadores aqui interessa porque encaminha a busca pela identificação da repetição e da reprodução de artigos que promovem a Produção do Conhecimento Discursivo.

#### 1.4. ALGUNS PONTOS A RETER SOBRE A HISTÓRIA DAS IDEIAS LINGUÍSTICAS E A HISTÓRIA DAS IDEIAS DISCURSIVAS

Tudo começa com um primeiro passo, já dizia o poeta; ainda que meu passo, aqui, não seja dado pelos pés, mas pelas mãos; ainda que transpor as linhas em branco seja o meu foco na busca por sentidos e que as palavras em curso sejam o refúgio mais imediato. É o curso do discurso que me move. É uma possível história do conhecimento linguístico que busco traçar e é sobre ela que me proponho a refletir.  
(GUASSO, 2017, p. 9).

Quando estudo a História das Ideias Linguísticas, de imediato, julgo importante realizar um recorte e pensar em uma História das Ideias Discursivas – a partir do que propõe Orlandi (2018) – e, nessa esteira, algumas retomadas parecem-me necessárias antes de seguir adiante. A primeira delas seria a necessidade de formular algumas reflexões sobre a Produção do Conhecimento Discursivo<sup>36</sup>, aqui apreendida considerando os trabalhos publicados pelo autor Michel Pêcheux, tendo

---

<sup>36</sup> Destaco que há diferenças em tratar da **Produção do Conhecimento Discursivo** (que abrange um campo amplo de estudos sobre a discursividade em processo), da **Produção do Conhecimento sobre o discurso** (que abrange especificidades do discurso tomado como objeto a ler) e da **Produção do Conhecimento sobre a Análise de Discurso** (que abrange especificidades da Análise de Discurso tal como se disciplinarizou). Nesta tese, minha proposta é considerar a Produção do Conhecimento Discursivo a partir do conceito de “discurso” formulado pelo autor Michel Pêcheux e que ressona em outros conceitos da/na Análise de Discurso.

em vista o conhecimento discursivo que circulou/circula por meio da publicação em revistas científicas.

Considero, tal como assevera Orlandi (2005, p. 75), que “a história da ciência não é linear e não se produz sustentada só no eixo do tempo. A relação tempo/espaço faz parte do método de observação dessa história”, e, por isso, proponho uma caminhada necessária para a reflexão, que passa por algumas considerações sobre História das Ideias Linguísticas, depois sobre a História das Ideias Discursivas. Por conseguinte, busco definir o que é entendido nesta tese como **Produção do Conhecimento Discursivo**<sup>37</sup>. Avalio também as especificidades que envolvem considerar a Produção de Conhecimento na Análise de Discurso, sendo seu objeto o discurso e o seu método definido pela tomada de posição do sujeito frente à questão.

Entendo que os primeiros passos no sentido de promover o desenvolvimento da História das Ideias Linguísticas foram dados a partir do trabalho de Sylvain Auroux, entre outros, na França, nos anos 1970. Foi então que essas ideias começaram a ser colocadas em discussão, tendo como marco a publicação da revista *Histoire Épistémologie Langage* (1979, em Paris). Daquela época, podem ser destacadas: a criação da revista *Historiographia Linguistica* (1974, em Amsterdã); a da atual *Language e History* (Boletim da Sociedade Inglesa *Henry Sweet Society for the History of de Linguistic Ideas*, fundado em 1984, que se tornou revista em 2010); e a da *Beiträge zur Geschichte der Sprachwissenschaft* (1987, na Alemanha). Essas revistas – não só, mas também – fazem parte das condições de produção sócio-históricas da fundação da História das Ideias Linguísticas. Além dessas revistas – que demonstram a importância que uma publicação acadêmica/científica pode ter para a produção e a circulação de conhecimento –, sublinho: a fundação do Departamento de Linguística da *Université Paris 7*; a formação de uma unidade de pesquisa associada ao *Centre National de la Recherche Scientifique* (CNRS); e a fundação do *Laboratoire d’Histoire des Théories Linguistiques* (Labo).

---

<sup>37</sup> No artigo intitulado *Algumas reflexões sobre a produção do conhecimento discursivo: leitura e escritura em Análise de Discurso* (GUASSO; PETRI; HARB, 2019), escrito por mim em coautoria com Verli Petri e Fidah Harb, publicado na revista *Interfaces*, são desenvolvidas algumas reflexões sobre a Produção do Conhecimento Discursivo a partir das publicações do autor Michel Pêcheux.

Seguindo o curso do discurso e, por isso, é pertinente realizar uma parada por meio da qual retomo e tento responder a dois questionamentos que se apresentam – a mim – como fundamentais: 1) O que a História das Ideias Linguísticas propõe?; e 2) Como ela é feita? Busco respostas.

A obra **Uma História das Ideias Linguísticas** (COLOMBAT; FOURNIER; PUECH, 2017) auxilia-me com possíveis respostas, uma vez que se propõe a apresentar e a responder a cinquenta perguntas sobre a História das Ideias Linguísticas. Dentre essas perguntas – e suas consequentes respostas –, destaco alguma delas, pois são interrogações que também me faço: “1. ‘História das ideias linguísticas’ ou ‘História das teorias linguísticas?’”; “2. O que se faz quando se faz a história das ideias linguísticas?”; “3. Como se faz a história das ideias linguísticas?”; “4. Que usos se pode fazer da história das ideias linguísticas?”<sup>38</sup>. As questões são diversas e suas respostas demandam reflexão.

Dos pontos a reter sobre tal domínio, destaco: “exploram-se os textos (às vezes esquecidos), e restaura-se ou repara-se o esquecimento do qual são objeto as teorias ou as ideias que eles expõem” (COLOMBAT; FOURNIER; PUECH, 2017, p. 17). Assim sendo, o que a História das Ideias Linguísticas faz é trabalhar e retrabalhar textos ao longo do tempo, trazendo-os para discussão e para “novas” relações com outros textos, outros autores, outras teorias; enfim, é o jogo entre o “mesmo” e o “outro”/o dito e o não-dito/o “velho” e o “novo” do discurso em um vai e vem constante. O discurso está sempre em movimento.

Os autores colocam ainda que há, na História das Ideias Linguísticas, um jogo permanente entre a acumulação e o esquecimento. O que isso quer dizer? Entendo que seja mesmo uma relação contraditória, uma vez que não se pode desconsiderar/esquecer tudo o que foi dito antes – enquanto produção de conhecimento –, mas, da mesma forma, o sujeito não pode acumular todos os dizeres já ditos, pois, se o fizesse, ele não diria mais nada, já que nada mais precisaria ser (re)dito/(des)dito/(res)significado/(re)produzido.

O sujeito precisa (res)significar(-se) a todo momento. Ele precisa dizer, redizer, desdizer para poder produzir conhecimentos. O acúmulo não garante o conhecimento, em se considerado que, por exemplo, o aluno que “decora”

---

<sup>38</sup> Cf. Colombat, Fournier e Puech (2017, p. 16-25).

informações para uma prova, em geral, mesmo que acumule grande número de dados importantes para a solução de questões, não consegue apreender o sentido do que está sendo “decorado” e, por isso, não aprende – e sim, pelo contrário, esquece.

Conforme definiu Aurox ([1992] 2014, p. 12): “seja a linguagem humana, tal como ela se realizou na diversidade das línguas; saberes se constituíram a seu respeito: este é o nosso objeto”. O objeto da História das Ideias Linguísticas, portanto, é a **linguagem**. Ademais, para refletir um pouco mais sobre essa questão, recorro também a Aurox ([1992] 2014), já que ele desenvolveu a noção de horizonte de retrospectão e, nesse mo(vi)mento, de horizonte de projeção, ou seja, linhas do tempo imaginárias que se organizam, respectivamente, do que já passou e do devir da história da linguagem.

Para Ferreira (2018, p. 25), “a história da língua, das línguas, dos instrumentos linguísticos, da linguística e das disciplinas a elas relacionadas se configura como uma história de sentidos”. Então, trabalhar com a linguagem demanda considerar que se está movimentando efeitos de sentido, e a História das Ideias Linguísticas se dá nesse processo.

As materialidades discursivas, nesse viés, servem de objeto ao historiador das Ideias Linguísticas. É preciso que haja um “curso” – no sentido de movimento/circulação – do “discurso”.

É apreendendo esses movimentos interpretativos que se pode pensar em uma História das Ideias Discursivas, a partir do que propõe Eni Puccinelli Orlandi (2017; 2018). De acordo com a autora, apreender a História das Ideias Discursivas envolve ter em mente os já-ditos, ou seja, todos os conhecimentos que ajudam a entender as especificidades do objeto de estudo da Análise de Discurso. Nesse âmbito, entendo que o objeto da História das Ideias Discursivas é a **discursividade**, ou seja, o discurso em funcionamento, constituído de historicidade, “em cuja materialidade está inscrita a relação com a exterioridade” (ORLANDI, [1999] 2015, p. 66).

Para Orlandi<sup>39</sup>, a História das Ideias Discursivas não se limita ao trabalho publicado pelo autor Michel Pêcheux, não começa/termina com o discurso pecheuxtiano, mas se amplia, ao remeter a todos que vieram antes e vêm até hoje produzindo conhecimentos do/no/sobre o discurso. A Produção do Conhecimento Discursivo, portanto, fundamenta/embase a teoria discursiva, que não prescinde ao linguístico e, por isso, é também filiada à Ciência Linguística. Ela não deve ser tomada como limitada e/ou limitante, e sim como possibilidade de produzir sentidos – diversos, mas não quaisquer uns (ORLANDI, [1999] 2015) – sobre o discurso.

Apreender o discurso, portanto, envolve problematizar como a língua – que é sempre possibilidade de discurso (PÊCHEUX, 1975) – funciona e, com isso, eu entendo que considerar uma História das Ideias Discursivas demanda tomar os conhecimentos produzidos sobre o discurso e colocá-los em relação uns aos outros. O percurso do discurso pode ser acompanhado por diversos caminhos, mediante a tomada de posição do pesquisador e a partir dos conhecimentos que ele vai colocar em relação. Um caminho possível, mas não o único, consiste em buscar a apreensão da História das Ideias Discursivas pelo viés dos saberes discursivos que o autor Michel Pêcheux movimentou.

Segundo Aurox (2008), para a apreensão da produção de conhecimento, é necessário passar do âmbito particular/individual para o âmbito geral/compartilhado, e isso se dá no movimento de “passar pelo estudo de uma construção progressiva, geração após geração, de objetos externos [...]. Tenho imediatamente contato com objetos históricos” (AUROUX, 2008, p. 125). A construção progressiva, que pode também ser referida como continuada, é aquela que permite acompanhar o percurso e que faz ver o discurso enquanto uma composição e/ou uma reunião de dizeres já-ditos:

Há um saber tácito, muito simplesmente ocultado nas nossas práticas, mas eminentemente transmissível (não há saber sem transmissão). Assim, as técnicas têm sido primeiro conhecimentos não representados, transmitidos por aprendizagem e imitação. Uma representação é reflexiva (AUROUX, 2008, p. 126).

---

<sup>39</sup> Em uma fala ao Laboratório de Estudos e Análise de Discurso (LEAD) na Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), no dia 17 de maio de 2019. Momento em que tive o prazer de poder conversar com Eni Puccinelli Orlandi, falar a ela sobre um pouco da minha tese, pedir autógrafos e fazer um registro fotográfico daquele momento, juntamente com as colegas Francine de Freitas, Thaís Costa e Fidah Harb.

Isso posto, tomo a noção de “representar” em relação de aproximação/exclusão, porque nem todo o saber é/pode ser representado e transmitido e, ainda que seja, essa não é uma garantia de que houve reflexão teórica sobre a representação. Em função disso, considero, então, a representação como o ato de representar sentidos construídos no discurso do sujeito (PÊCHEUX, [1975] 2009), nesse viés a ideologia é uma representação imaginária que subordina o sujeito e acaba por reinscrever-se em seu discurso.

Nessa linha de pensamento, por conseguinte, enquanto materialidade, o conhecimento – sobre a história, por exemplo – existe “independente do sujeito” (PÊCHEUX, [1975] 2009, p. 70), ou seja, embora o sujeito não conheça/retenha determinado conhecimento, mesmo assim, tal domínio já está lá. E, quando passa a conhecer, a ideologia trabalha para que esse conhecimento assuma no discurso o funcionamento de já-dito, já conhecido pelo sujeito, para que siga o fio do discurso e possa ser reproduzido.

Nessa esteira, é relevante destacar o entendimento de que a Produção do Conhecimento Discursivo não pode ser fechada em uma instituição ou em uma posição-sujeito<sup>40</sup>, ela é atravessada, feita em parcerias, no coletivo. Ao refletir sobre os movimentos sócio-históricos que envolvem a produção de sentidos sobre a língua sob a perspectiva científica e como se constrói historicamente a Produção do Conhecimento Discursivo, entendo que se faz necessário também conceber a ideia de que um saber, para ser científico, precisa ser legitimado institucionalmente. Essa legitimação é conferida pela posição que o sujeito assume em seu discurso, por meio da circulação, da aceitação pelos pares e do próprio momento histórico de produção desse saber. As reflexões promovidas pelo trabalho em conjunto e/ou compartilhado fazem parte da trajetória teórica do autor Michel Pêcheux, no sentido de que a teoria necessita mesmo ser discutida, desconstruída e tirada do seu lugar da evidência (SCHERER; DIAS; PETRI, 2018).

O autor Michel Pêcheux viveu a militância do Partido Comunista. De acordo com Mazière (2019, p. 130), “Pêcheux publicava no *l’Humanité*, o jornal do Partido Comunista; todo mundo estava engajado naquele momento”. Posto isso, a Produção

---

<sup>40</sup> “Tendo em vista que o sujeito é uma posição no discurso, torna-se importante considerar que as palavras possuirão sentidos diferentes, dependendo da posição ocupada pelo sujeito que as proferiu, tendo em vista as relações de força que estão presentes em seu discurso” (SOUZA; SILVEIRA; VENTURINI, 2019, p. 24).

do Conhecimento Discursivo – na Análise de Discurso – e a militância não estavam separadas, complementavam-se, produziam sentidos juntas. Pêcheux fazia parte de um coletivo<sup>41</sup> e eram essas as condições de produção da Análise de Discurso.

Esse coletivo, denominado *Recherche Coopérative Programée* (RCP), institucionalmente não tinha muita força – não só, mas também – porque não recebia o devido reconhecimento do *Centre National de la Recherche Scientifique* (CNRS). O coletivo reunia-se mensalmente, não necessariamente em um laboratório ou em uma sala de aula/reuniões, muito pelo contrário: “simplesmente, na rua da Sorbonne, a gente se reunia uma vez por mês e, depois, para coisas mais pontuais e coisas mais construídas, existiam os subgrupos [...]. Manuscritos circulavam” (MAZIÈRE, 2019, p. 134).

Os integrantes do RCP trabalhavam nas seguintes instituições: Denise Maldidier, Françoise Gadet e Régine Robin na Universidade de Paris X-Nanterre; Francine Mazière e Authier Revuz na Universidade de Paris III; Jean-Marie Marandin, Michel Pêcheux, Michel Plon e Paul Henry no CNRS. Sobre as reuniões do coletivo, afirma o autor Paul Henry (2019, p. 209): “tínhamos uma vida intelectual muito intensa. Passávamos muito tempo nos cafés, mas não para brincar, para discutir, de verdade”. A produção de conhecimento circulava, portanto, entre os autores, entre as instituições, e o engajamento político e sindical atravessavam também o trabalho com a pesquisa.

De acordo com Orlandi (2008, p. 4, grifo da autora), “[...] é no corpo a corpo com as ‘fontes’ (texto/autor), com as formulações, que a ciência faz seu caminho mais interessante e mais produtivo, movendo-se na rede de suas filiações”. Segundo a autora, então, é que apreendo a necessidade de conceber o discurso do linguista como aquele que mobiliza os já-ditos e atualiza o dizer, constituído de memória e de historicidade, produzindo conhecimentos.

Reflito sobre o funcionamento do discurso na (re)organização das ciências humanas muito influenciada pelas palavras de Orlandi (2001b), quando afirma que a Análise de Discurso, ao propor um novo objeto para o estudo linguístico – o discurso –, reorganiza o conjunto das ciências humanas. Entendo, por tais reflexões, que a

---

<sup>41</sup> Para Adorno (2019, p. 181), “uma característica que vai permanecer no empreendimento de Pêcheux: uma prática científica realizada coletivamente”.

língua passa a significar por meio do discurso, e essa nova noção teórica envolve algumas implicações como, por exemplo, considerar a história, o sujeito e as condições de produção movimentando sentidos no discurso em questão. A Análise de Discurso desfaz a ilusão de que a língua é neutra e transparente.

Tomo a língua em funcionamento e tal movimento possibilita afastá-la da sua noção de função, ou seja, de acordo com Petri e Cervo (2016, p. 12), “função seria aquilo que é naturalizado, o instrumento para; e funcionamento, o processo”. Tal procedimento teórico-metodológico configura a minha perspectiva, uma vez que vejo a gramática e o dicionário como instrumentos da língua; e a língua, por sua vez, como materialidade do discurso.

De acordo com Ferreira (2009, p. 39-40), “fazer história da constituição de saberes sobre a linguagem, dentro dessa perspectiva, implica considerar que a produção de conhecimento está determinada historicamente por condições materiais específicas”. Ademais, é necessário compreender que a história é feita por sujeitos e para sujeitos em discurso, portanto, enquanto materialidade significativa, o discurso não escapa de atravessamentos da memória, do inconsciente, das condições de produção, da ideologia.

Afirmo, ao compreender a dimensão histórica da/na Produção do Conhecimento Discursivo, que o sujeito mobiliza conhecimentos já produzidos antes e, desse modo, são fundamentais os dizeres já-ditos para que seja efetuada a produção de conhecimento. O sujeito do discurso precisa estabelecer relações com outros sujeitos, com outros discursos, bem como com as condições de produção de dada formação discursiva, atravessado pelas formações ideológicas, para poder significar.

Antes de seguir as discussões as quais me proponho sobre a língua e o discurso, vejo a necessidade de mais uma pausa, a fim de destacar alguns conceitos teóricos propostos no artigo *L'application des concepts de la linguistique à l'amélioration des techniques d'analyse de contenu* (PÊCHEUX, 1973). O autor problematizou no referido artigo questões que envolvem a teoria linguística, visando à proposição dos passos necessários para que desenvolva uma análise automática do discurso, e o sujeito, nesse viés, é tomado em relação à máquina discursiva.

Os conceitos de “análise automática do discurso” e “máquina discursiva” fazem parte da (des)construção da teoria e mostram que é preciso que o conhecimento – para se efetivar – precisa ser movimentado, discutido, construído e, se necessário, desconstruído. O percurso apreendido a partir das publicações do autor Michel Pêcheux mostra as condições de Produção do Conhecimento Discursivo e é trazido à baila para mostrar justamente esse processo.

Entendo a Produção do Conhecimento Discursivo como um percurso passível de pausas, retomadas e desconstruções, uma vez que a ideia da máquina discursiva, por exemplo, se desfez. A teoria do discurso constitui-se de um processo de vaivém<sup>42</sup> da prática à teoria, bem como de “ressonâncias discursivas” que movimentam sentidos possíveis para os já-ditos e para o que se busca dizer. À vista disso, retomo o conceito de discurso, a fim de refletir sobre os passos do autor e, da mesma forma, sobre os passos que sigo nesta tese:

*On appellera discours une séquence linguistique de dimension variable, généralement supérieure à la phrase, référé aux conditions qui déterminent la production de cette séquence par rapport à d'autres discours, ces conditions étant des propriétés liées à la place de celui qui parle et à celui qui vise le discours, autrement dit à celui à qui il s'adresse formellement ou informellement, et à ce qui est visé à travers le discours<sup>43</sup> (PÊCHEUX, 1973, p. 109, itálicos meus).*

O discurso, então, é apreendido como uma sequência linguística que, para ser analisada, necessita considerar as “condições de produção”, não só em que é produzido, mas também aquelas nos quais é lido/recebido pelo interlocutor. Na Análise de Discurso, as “condições de produção” são sempre já determinadas, uma vez que o sujeito é sempre já sujeito do/no discurso.

Mais especificamente, as condições de produção são assim definidas:

*On appellera ces conditions, des conditions de production du discours, l'ensemble de la description des propriétés concernant le destinataire, le destinataire et le réfèrent à condition de donner immédiatement un certain nombre de précisions. D'abord une précision sur le terme de production. Ce*

<sup>42</sup> Conforme Petri (2013).

<sup>43</sup> Tradução de Orlandi (2012b, p. 214): “Chamaremos discurso uma sequência linguística de dimensão variável, geralmente superior à frase, referida às condições que determinam a produção dessa sequência em relação a outros discursos, sendo essas condições propriedades ligadas ao lugar daquele que fala e àquele a quem o discurso visa, isto é, àquele a quem se dirige formal ou informalmente, e ao que é visado através do discurso”.

*terme a des vertus polémiques évidentes; la première est en liaison avec ce qui avait été dit hier concernant la circulation et l'échange dans les philosophies informationnelles dans lesquelles nous baignons. Le mot production s'oppose ici à circulation. D'un autre côté, cet usage du terme peut être très dangereux parce que justement, à partir d'une épistémologie, éclairée du point de vue marxiste, on peut s'interroger sur le sens de ce concept importé de l'économie. Je m'explique en trois mots: le terme «production» peut être utilisé par les linguistes ou par les psycholinguistes pour parler de la production d'une phrase ou d'une expression, c'est un des sens du mot. Le deuxième sens, c'est la définition économique du terme, la production d'un produit économique, instrument de production, rapport de production, mode de production, etc. On trouve enfin un troisième usage du terme qui a été, je pense, introduit en grande partie par le travail d'Althusser, mais pas seulement par lui: on parle reproduction des rapports de production au niveau politique ou idéologique, et susceptible d'être ensuite lui-même la cause d'un autre phénomène, d'une autre transformation dans la configuration, que ce soit au niveau économique ou au niveau des superstructures<sup>44</sup> (PÉCHEUX, 1973, p. 109, itálicos meus).*

Conforme o autor, portanto, o emprego do termo “condições de produção” se deu na teoria, pois sugere a amplitude de sentidos aos quais pode esse conceito remeter: linguístico, econômico e político e/ou ideológico, por exemplo. Dessa maneira, tais condições de produção, ao serem estabelecidas, já passam a ser reproduzidas e a compor um ciclo em que os discursos mutuamente se convocam e se atravessam.

O conceito de “condições de produção” tem um funcionamento plural, indicando, dessarte, que o discurso deve ser considerado como sempre determinado por um conjunto de propriedades. Disso apreendo, de imediato, que não é “só” a história, por exemplo, que afeta os sentidos de um discurso produzido por um sujeito; da mesma forma, não é “só” a luta de classes, e assim por diante. É, sim, um conjunto de propriedades relacionadas não só ao sujeito produtor do discurso, mas

---

<sup>44</sup> Tradução de Orlandi (2012b, p. 214-215): “Chamaremos essas condições, condições de produção do discurso, o conjunto da descrição das propriedades relativas ao destinador, ao destinatário e ao referente na condição de dar imediatamente um certo número de precisões. Primeiro uma precisão sobre o termo produção. Esse termo tem virtudes polêmicas evidentes; a primeira tem ligação com o que foi dito ontem a respeito da circulação e do intercâmbio nas filosofias informacionais nas quais estamos mergulhados. O termo produção se opõe aqui a circulação. De outro lado, esse uso do termo pode ser muito perigoso porque justamente, a partir de uma epistemologia esclarecida do ponto de vista marxista, podemos perguntarmos sobre o sentido desse conceito importado da economia. Eu explico em três palavras: o termo ‘produção’ pode ser utilizado pelos linguistas ou pelos psicolinguistas para falar da produção de uma frase ou de uma expressão, é um dos sentidos do termo. O segundo sentido é a definição econômica do termo, a produção de um produto econômico, instrumento de produção, relação de produção, modo de produção, etc. Encontramos, enfim, um terceiro uso do termo que foi, eu penso, introduzido em grande parte pelo trabalho de Althusser, mas não somente por ele: falamos da produção de um efeito. Entendemos por isso um elemento que intervém na reprodução das relações de produção no nível político ou ideológico, e suscetível de ser em seguida ele mesmo a causa de outro fenômeno, de outra transformação na configuração, seja no nível econômico ou no nível das superestruturas”.

também ao sujeito a quem se destina esse discurso e até mesmo ao referente. Viso a esse conjunto de propriedades porque pode sugerir uma análise/leitura possível para o discurso em questão.

Nesse sentido, a palavra “produção” contempla alguns significados, dentre eles posso destacar uma produção linguística: de uma frase ou de uma expressão. Existe também uma definição econômica: “produção” remeterá ao sentido de fabricar um objeto ou até mesmo a modos de produção. O funcionamento considerado para a teoria do discurso foi introduzido pelo trabalho de Althusser: remete à produção de um efeito de sentido, bem como à sua reprodução.

O conceito de “produção” é bastante importante para as reflexões que empreendo nesta tese, em se considerando, por exemplo, a formulação sobre a **Produção do Conhecimento Discursivo**. É fundamental ter em vista as definições trazidas pelo autor Michel Pêcheux (1973) para entender que também funcionará na Produção do Conhecimento Discursivo o sentido de produção de um efeito de sentido, neste caso sobre o discurso. Entendo que é a partir da Produção do Conhecimento Discursivo que se pode falar em uma História das Ideias Discursivas.

A reprodução das relações de produção é então definida:

*Pour parler très rapidement et donner l'indication principale, je dirai que c'est dans ce troisième sens essentiellement qu'il faut ici entendre le terme de production. (Production renvoyant à effet et conditions par lesquelles cet effet est produit ou pas produit.) Cela dit, bien entendu, il n'est pas question de nier les problèmes de la production psycholinguistique, de la réalisation linguistique et des conditions auxquelles cette réalisation renvoie, d'autre part, et c'est là un problème sur lequel je glisse parce que cela serait en soi-même matière à toute une discussion, les rapports entre la constitution d'une discipline scientifique (les conditions dans lesquelles elle peut produire des connaissances) et les conditions selon lesquelles ces connaissances peuvent trouver à s'appliquer à l'intérieur d'un système pédagogique ou d'un système industriel font que, à propos d'un discours particulier, qui est le discours scientifique, le terme de production, au sens où je l'emploie ici, renvoie également à la production économique. Je ne pense pas que ce soit le lieu d'en dire là-dessus beaucoup plus maintenant<sup>45</sup> (PÊCHEUX, 1973, p. 110, itálicos meus).*

---

<sup>45</sup> Tradução de Orlandi (2012b, p. 215): “Para falar muito rapidamente e dar a indicação principal, direi que é nesse terceiro sentido essencialmente que é preciso aqui entender o termo produção. (Produção remetendo a efeito e condições pelas quais esse efeito é produzido ou não produzido.) Dito isso, é claro, não se trata de negar os problemas da produção psicolinguística, da realização linguística e das condições às quais essa realização remete; de outro lado, e é esse um problema sobre o qual eu deslizo, porque isso seria em si mesmo matéria para toda uma discussão, as relações entre a constituição de uma disciplina científica (as condições nas quais ela pode produzir conhecimentos) e as condições segundo as quais esses conhecimentos podem ser aplicados no interior de um sistema pedagógico ou de um sistema industrial fazem com que, a propósito de um discurso particular, que é o discurso científico, o termo de produção, no sentido em que o emprego

Os sentidos remetidos pelo autor Michel Pêcheux para “produção” são o de efeito e o de condições. Assim sendo, “condições de produção” são aquelas pelas quais um efeito é produzido ou não produzido. O autor afirma que não se podem negar os problemas da produção psicolinguística ou da realização linguística, por exemplo, nem as condições às quais uma realização linguística remete. Entretanto, o autor destaca que essas seriam questões para toda uma outra discussão que demandaria considerar as relações entre a constituição de uma disciplina científica e as condições segundo as quais esses conhecimentos podem ser aplicados no interior de um sistema pedagógico ou de um sistema industrial.

Nesse viés, a produção, a não produção e/ou a reprodução de um discurso (não só o que produz conhecimento, mas também ele) é tomada como um efeito que não pode ser considerado alheio a fatores psicolinguísticos, linguísticos, econômicos, ideológicos, políticos etc. E, como efeito, se pode entender que esse processo depende – inconscientemente – da exterioridade que constitui o sujeito e o discurso.

Somado a isso, cabe considerar o lugar e a posição do sujeito no discurso:

*On peut comprendre à partir de ce qui précède la distinction entre place et position. Etant donné une formation sociale-économique résultant de la combinaison de plusieurs modes de production, avec un mode de production dominant (en l'occurrence, le mode de production capitaliste), on dira que le mode de production capitaliste répartit - distribue les agents humains à un certain nombre de places, dont en particulier celle de la reconstitution et de l'entretien de la force de travail. Par rapport à cette place, différentes positions peuvent être prises, en fonction de conjonctures institutionnelles dont je viens de fournir un exemple<sup>46</sup> (PÊCHEUX, 1973, p. 111, itálicos meus).*

É fundamental à teoria discursiva apreender o lugar e a posição do sujeito no discurso, pois é de acordo com o lugar que se pode entender a posição que o sujeito toma (e também é tomado/interpelado a ser sujeito) em seu discurso. Um mesmo sujeito, por exemplo, pode tomar a posição de pai/mãe em um lugar (frente a

---

aqui, remeta igualmente à produção econômica. Eu não penso que seja o lugar para dizer muito mais sobre isso agora”.

<sup>46</sup> Tradução de Orlandi (2012b, p. 217): “Podemos entender a partir do que precede, a distinção entre lugar e posição. Dada uma formação social-econômica resultante da combinação de vários modos de produção, com um modo de produção dominante (no caso, o modo de produção capitalista), diremos que o modo de produção capitalista reparte - distribui os agentes humanos em um número de lugares, entre os quais em particular aquele da reconstituição e da manutenção da força de trabalho. Em relação a esse lugar, diferentes posições podem ser tomadas, em função de conjunturas institucionais das quais acabo de fornecer um exemplo”.

determinados interlocutores) e, em outro lugar (frente a outros interlocutores), tomar a posição de filho(a). Nesse caso, tomar a posição de pai/mãe demanda construir um discurso de autoridade, ao passo que tomar a posição de filho(a), pelo contrário, demanda construir um discurso de respeito e/ou passividade.

Outro exemplo profícuo para apreender a tomada de posição em relação ao lugar em que se ocupa – que não se confunde com o espaço físico – é imaginar, por exemplo, uma empresa. Lugar que, em geral, é composto por patrão(ões) e empregado(s), ou seja, duas posições diferentes que demandam construir discursos (mais ou menos) específicos em relação a elas. Espera-se, por um lado, que patrões discursivizem de uma maneira – dando ordens – e, por outro lado, que empregados discursivizem de outra maneira – recebendo ordens – e, por exemplo, se o lugar – não físico, mas ideológico – do patrão ficar vago, outro sujeito ocupará esse lugar e para tanto terá que tomar a posição de patrão: tem-se aí, dadas posições-sujeito em funcionamento e produzindo dados efeitos de sentido.

Pensando a história como um conjunto descontínuo, e os historiadores como aqueles que têm a liberdade de recortar a história a seu modo, recupero o exemplo trazido por Veyne ([1982] 1998) sobre a batalha de Waterloo: um mesmo fato histórico não se repete e não vai ser interpretado da mesma maneira por sujeitos diferentes. Nesse aspecto, Ana Zandwais (em palestra apresentada ao Grupo de Estudos Pallind/Laboratório Corpus/UFSM, em 11 de junho de 2020) afirmou que as práticas sociais se reiteram, mas não se repetem. Em minha leitura, depreendo que o princípio da repetição não se sustenta na história, mas as “ressonâncias discursivas” sim, já que elas recuperam um discurso outro, como se defende, sobretudo, no quarto capítulo desta tese.

Tais retomadas teóricas são fundamentais para compreender que o sujeito e o discurso possuem dimensões de sentidos que são trabalhadas no intradiscurso e no interdiscurso, na medida em que o analista formula o discurso e movimenta os sentidos possíveis àquilo que está teoricamente trabalhando. São também os já ditos do/no discurso que perfazem a produção e a reprodução de saberes. As pausas que proponho, então, dizem respeito também ao movimento dessas ideias teóricas, no que pretendo considerar a seguir: os caminhos da Análise de Discurso.

## 2. EM BUSCA DE UMA METODOLOGIA DE LEITURA PARA AS PUBLICAÇÕES DO AUTOR MICHEL PÊCHEUX: OS CAMINHOS DA ANÁLISE DE DISCURSO

A Análise de Discurso, é bem verdade, não tem uma metodologia única e facilmente descritível, como as áreas mais formais da ciência linguística dizem ter; mas isso não significa não ter metodologia de análise, bem como não significa que qualquer um sob um pretexto qualquer possa desenvolver um dispositivo teórico-analítico em Análise de Discurso. É preciso, primeiro, respeitar a teoria e, depois, conhecer bem as noções teóricas e, com isso, poder mobilizar tais noções constituindo uma análise do discurso em questão. (PETRI, 2013, p. 41).

Considerar a Análise de Discurso como uma disciplina de entremeio, que toma emprestados os funcionamentos teórico-analíticos da Linguística, da Psicanálise e do Materialismo Histórico e julga-os fundamentais para compreender o discurso como atravessado pela exterioridade, ou seja, produzido por um sujeito sob determinadas condições de produção sócio-históricas; conceber essa disciplina, ainda, como aquela que se constrói a partir do “movimento pendular” (PETRI, 2013, p. 40) entre a teoria e a prática de análise, foram preceitos que encaminharam algumas reflexões sobre o processo próprio à construção da teoria. Mobilizar tais conceitos e colocá-los em movimento demandou uma entrega ao curso do discurso teórico.

Em *Sobre as condições de produção dos discursos em questão*, retomei a ideia de que todo o trabalho do autor Michel Pêcheux sobre a ideologia introduziu um pesquisador polêmico e crítico, que por muitos foi colocado à margem. Discuto, por isso, como esse lugar incômodo (des)construiu evidências e a própria teoria. Nesse viés, o conceito de problematização corrobora muito para o que pensei em relação à Produção do Conhecimento Discursivo. Em *O caminho proposto por Denise Maldidier*, recuperei, a partir de Denise Maldidier (2003), um caminho possível para apreender um pouco mais sobre os desdobramentos da teoria proposta pelo autor Michel Pêcheux. Em *O caminho trilhado pelo autor Michel Pêcheux: a Análise de Discurso em três épocas*, resgatei, a partir do próprio autor, o desenvolvimento de conceitos importantes até a desconstrução das maquinarias

discursivas, temática importante que acabou desfazendo-se, sobretudo, a partir do estudo do conceito de Formações Discursivas.

## 2.1. SOBRE AS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DOS DISCURSOS EM QUESTÃO

A pergunta que inquieta, que segue inquietando, refere-se à falta de diálogo, à exclusão que se impôs a essa tendência, e às causas que a produziram. Penso que uma das explicações possíveis é que as propostas pecheuxtianas introduzem duas dimensões fundamentais para a abordagem da produção e da reprodução do sentido: as materialidades do poder e da ideologia.

(HAIDAR, 2019, p. 110).

Os trabalhos que versam sobre o discurso, publicados sob a autoria de Pêcheux, indicam um filósofo inquieto<sup>47</sup> – e, acrescento, que travou discussões polêmicas<sup>48</sup>. A escrita foi a sua válvula de escape: o lugar à “margem” (HENRY, 2019, p. 214) dado a ele era o espaço no qual suas problematizações teóricas, políticas e ideológicas desenvolviam-se. O trabalho com a ideologia, um dos conceitos-chave da teoria pecheuxtiana, acabou por introduzir um pesquisador polêmico e crítico.

A esse respeito Scherer, Sousa, Medeiros e Petri (2014, p. 19) contribuíram com a reflexão de que:

Um pensamento forte é uma justificativa, mas isso levaria a não se deixar de lê-lo em outros lugares. Não somos ingênuos; sabemos que um pensamento teórico tem condições de produção para se fazer ouvir, para ecoar e vicejar. E tais condições têm ligação com o modo como (des)arrumar as relações de poder do que deve e pode ser pesquisado, do que deve e pode circular nos espaços de pesquisa e nas instituições universitárias. Para além de um pensamento forte, no Brasil, deparamo-nos com condições de produção favoráveis aos estudos do discurso.

---

<sup>47</sup> Esta reflexão se deu, também, a partir da fala da Profa. Dra. Freda Indursky ao canal do *Youtube* denominado *Pêcheux vive*, projeto desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa “Oficinas de AD: Conceitos em Movimento” da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=Vo\\_KQMRuQ-w&t=7s](https://www.youtube.com/watch?v=Vo_KQMRuQ-w&t=7s). Acesso em: 10 jun. 2018.

<sup>48</sup> Considerei, por exemplo, o artigo *Remontemonos de Foucault a Spinoza* (PÉCHEUX, 1980a), no qual o autor critica, a partir da categoria marxista da contradição, “os marxistas que pensam a análise de discurso na sociolinguística” (MALDIDIER, 2003, p. 63).

O discurso<sup>49</sup>, como busquei reforçar a partir do próprio trabalho do autor, é a materialidade da ideologia e, justamente por isso, a sua análise é a possibilidade de desconstruir evidências, levando em conta as condições de produção sociais, políticas e ideológicas. O pensamento teórico não escapa desse processo: produzido por um sujeito, é atravessado pelas condições mesmas que afetam o sujeito.

Quando o autor Michel Pêcheux afirmou que “*saber determinar aquilo que falar quer dizer*, sem que isso seja necessariamente questão de um sujeito fonte de um sentido: tal é, definitivamente, o legado que eles nos deixaram” (PÊCHEUX, [1977] 1990, p. 11, grifos do autor), ele mostrou a importância que confere à ideologia e aos vestígios deixados por Marx e Engels para o desenvolvimento de uma teoria das ideologias. Apreendi que a ideia por ele proposta foi justamente a de problematizar sempre a tomada de posição do sujeito frente à língua. Gesto esse que envolve a língua (como condição/possibilidade de discurso), o sujeito e a ideologia – para começo de conversa –, sendo o discurso o “efeito de sentido entre os pontos A e B” (PÊCHEUX, [1969] 2014, p. 81<sup>50</sup>), atravessados também pelas condições de produção. Dessa forma, considere, tal como afirmam Glozman *et al.* (2014), que o discurso envolve a “problematização” do sentido e de todas as suas variantes.

Refletir sobre as questões que envolvem o sentido e – mais do que isso – sobre a produção de sentidos sugere considerar-se que, porque um discurso é sempre o discurso de um sujeito, produzido sob determinadas condições de produção e atravessado pela história, pela memória e pelo inconsciente, faz-se necessária sempre uma tomada de posição do sujeito analista de discurso. Esse “assenhorar-se” (PÊCHEUX, [1977] 1990, p. 1) afirmado pelo autor, que leva o sujeito a adotar uma postura de especialista em um discurso, pôde ser entendido sob dois aspectos: a) é necessário que o pesquisador construa uma sua imagem de entendedor acerca daquilo que ele discursiviza, pois, se assim não fosse, ele não

---

<sup>49</sup> De acordo com Indursky (2019, p. 157, grifos da autora), em 1969, “Pêcheux produziu sua tese [...] a qual, posteriormente, foi publicada com o título de *Análise Automática do Discurso*, também conhecida como AAD-69, marco teórico que sinaliza o surgimento de um novo objeto de estudo - o discurso”.

<sup>50</sup> Pode-se conferir também em Pêcheux ([1969] 2019, p. 39).

discursivizaria – esse processo é/pode ser inconsciente; b) é necessário que o analista problematize e interrogue o que é dito ou escrito, pois é considerando a materialidade linguística que os sentidos podem ser (re)produzidos e/ou transformados.

Considerando a Análise de Discurso, faz-se pertinente apreender que ela própria passou por alguns mo(vi)mentos: houve momentos em que foi necessário retomar, redizer e até mesmo transformar noções teóricas. De acordo com o autor Michel Pêcheux e a teoria por ele desenvolvida, a produção de conhecimento precisa ser discutida, precisa fazer sentido e movimentar saberes. E, nesse viés, tomar a Produção do Conhecimento Discursivo enquanto um movimento realizado pelo sujeito por meio do discurso implica levar em conta que esse processo é permeado (não só, mas também) pelos atravessamentos da ideologia, do inconsciente, da história e da memória no discurso do sujeito. O discurso é o lugar de contato entre língua e ideologia, e é por esse fato que entendo a importância de “problematizar” (GLOZMAN *et al.*, 2014) a transparência e a evidência da/na língua.

Orlandi (2017, p. 118) auxiliou na compreensão da noção de condições de produção para apreensão do/no discurso quando desenvolveu a ideia de que, pelo trabalho da ideologia, há uma “projeção do lugar social para a posição-sujeito [...], imaginário que liga os sujeitos a suas condições materiais de existência”. Então, entendi que é condição para a significação da materialidade do discurso a consideração de um imaginário sobre a posição que o sujeito assume sócio-historicamente em relação não só ao seu discurso, mas também aos discursos de outros sujeitos – e esses, por sua vez, assumem dadas posições sobre os seus discursos e os discursos de outros sujeitos, e assim sucessivamente. Nessa linha de pensamento, as formações ideológicas, as formações discursivas, a história e a memória são tomadas como reguladoras desse processo de não-transparência do sentido.

Como busco demonstrar, o discurso publicado sob autoria de Michel Pêcheux foi a minha “fonte” teórica e o meu objeto de pesquisa. Recuperando os dizeres de Scherer (2006, p. 11), quando propõe que “a essência do sujeito é o seu objeto”, considero que a essência deste trabalho é a teoria proposta pelo autor Michel Pêcheux atravessada pelas inquietações que me provocam quando assumo a

posição de investigadora, buscando fazer ver a reprodução/transformação do(s) discurso(s).

Pensei sobre a formulação do discurso assinado pelo autor Michel Pêcheux e, mais do que isso, refleti acerca da formulação do discurso enquanto categoria, em se tratando da produção de conhecimento, o que envolve conceber que há uma práxis na ordem do dito, das ideias e da história (SCHERER, 2006). Isto é, há uma gama de escolhas (de certo modo inconscientes) que garantem que seja possível diferenciar e/ou aproximar, na grande área da Linguística (brasileira), por exemplo, a teoria enunciativa da teoria discursiva.

Nessa esteira, considerar que uma pesquisa exige a definição do objeto a ser analisado – recortado de um *corpus* “x” –, a partir da teoria adotada pelo pesquisador, bem como dos seus objetivos, sugeriu, a princípio, que objeto e teoria são discursos diferentes, de sujeitos diferentes, como se o primeiro sustentasse o segundo – e/ou vice-versa. Porém, não é necessariamente assim que acontece, uma vez que é possível ao mesmo discurso ser, também, objeto de análise.

Em trabalho que tratou sobre a construção de um *corpus* de pesquisa, Glzman *et al.* (2014) afirmaram que são as indagações do pesquisador que encaminham o trabalho de investigação e, por sua vez, a composição do arquivo resulta da organização dos discursos em questão. São as perguntas propostas que orientam os recortes necessários e permitem a produção de efeitos de sentido – que podem ser múltiplos, mas não quaisquer uns (ORLANDI, [1999] 2015).

Sendo este um trabalho de reflexão sobre o discurso publicado pelo autor Michel Pêcheux, recupero questões que ele mesmo sugere que se interrogue: 1) a tomada de posição do sujeito que se propõe especialista do discurso; e 2) o sujeito – interlocutor – que não problematiza, que aceita um discurso como “único”, “verdadeiro” e transparente. O que defendeu o autor é que os discursos são sempre uma tomada de posição do sujeito atravessada pela ideologia da luta de classes: o que é constitutivo do sujeito e do(s) discurso(s) enquanto produção de efeitos de sentidos.

Essas questões, a meu ver, engendraram uma das noções mais relevantes para a Análise de Discurso, a saber: da evidência ou, melhor dizendo, da não evidência do discurso e do(s) sentido(s). Considerar a língua enquanto materialidade

significante exigiu admitir que há uma superfície linguística que sugere certa evidência/transparência e que, por isso, precisa ser analisada/problematizada/interrogada não só no que diz respeito a quem diz e o que diz, mas também, sobretudo, de qual lugar – social, teórico, histórico – que diz.

Acerca da “problematização”, Glozman *et al.* (2014, p. 38) afirmaram:

*[...] trabajamos sobre la noción de problematización como modo en que la investigación social, en tanto practica teórica, puede hacer con aquello que se ofrece como natural, homogéneo y evidente; a partir de esta noción, se habilitan otros modos de encarar la puesta en serie de documentos en pos de producir unidades complejas (períodos, problemas, objetos).<sup>51</sup>*

Assim, a partir das autoras, considere a “problematização” (GLOZMAN *et al.*, 2014) como uma noção que precisa receber destaque, pois sugere a desconstrução daquilo que se apresenta como natural e/ou literal. O analista busca as falhas, as faltas e os equívocos da língua que é constitutivamente opaca e múltipla de sentidos. O analista não trabalha com verdades, mas com possibilidades de interpretação que são construídas a partir daquilo que é problematizado.

Problematizar é tirar do lugar comum, trazer problemas, propor perguntas a partir do que é materializado no discurso. É não aceitar o discurso que parece evidente e as escolhas que parecem transparentes. Analisar é problematizar, colocar perguntas sobre o processo de constituição do discurso e propor gestos de interpretação.

Segui considerando Glozman *et al.* (2014) quando propõem que o sentido é uma relação com as dimensões da vida social, com a teoria e com a política, ou seja, o lugar social também atravessa a tomada de posição do sujeito e, então, produz sentidos que não são evidentes. O discurso é heterogêneo, em se admitindo que é atravessado pela exterioridade e que o sujeito não é a origem de seu dizer.

“Tudo já foi dito antes”; Michel Pêcheux ([1975] 2009) partiu dessa formulação para trabalhar o conceito de interdiscurso. Mais do que isso, ele afirmou que o

---

<sup>51</sup> Tradução minha: “[...] trabajamos sobre a noção de problematização como modo em que a investigação social, tanto prática quanto teórica, pode fazer com que aquilo que se oferece como natural, homogêneo e evidente; a partir dessa noção, se habilitam outros modos de encarar documentos colocados em série para produzir unidades complexas (períodos, problemas, objetos)”.

interdiscurso somente pode ser observado a partir dos efeitos de sentido que produz (ORLANDI, [1999] 2015). Disso apreendo que o interdiscurso não é algo que pode ser apontado, não é localizável, não é material – ao contrário do discurso, que é tomado enquanto materialidade que pode ser analisada porque resulta da tomada de posição do sujeito frente à língua.

De acordo com Orlandi (2005, p. 77), “pensar a forma material é, assim, abrir espaço para pensar a relação estrutura/acontecimento (PÊCHEUX, 1981) no batimento metodológico entre descrição e interpretação”. Nesse sentido, todo discurso, por sua materialidade, exige a tomada de posição de um sujeito. É preciso que o sujeito – resultado da luta de classes e atravessado pela ideologia e pelo inconsciente – discursivize para que os efeitos de sentido por ele produzidos possam ser analisados.

Nesse viés, Michel Pêcheux ([1975] 2009, p. 146, grifos do autor) expôs que:

É a ideologia que fornece as evidências pelas quais “todo mundo sabe” o que é um soldado, um operário, um patrão, uma fábrica, uma greve etc., evidências que fazem com que uma palavra ou um enunciado “queiram dizer o que realmente dizem” e que mascaram, assim, sob a “transparência da linguagem”, aquilo que chamaremos o caráter material do sentido das palavras e dos enunciados.

Ora, produzem-se efeitos de sentido diferentes se um operário diz a palavra “operário” ou diz a palavra “patrão”, pois se sabe toda a relação política, social e econômica que engendra as diferenças entre operário e patrão. Como resultado da luta de classes, o sujeito ocupa sempre um lugar social, e o discurso por ele produzido será determinado pelas Formações Ideológicas, regidas pela luta de classes, bem como pelas Formações Discursivas que determinam o que pode/deve ser dito por ele.

Quando considerou a ideologia, o autor Michel Pêcheux ([1975] 2009) afirmou que ela não é feita de ideias, mas de práticas. Tal questão diz muito do fazer Análise de Discurso e do ser analista em se admitindo que há o trabalho com a materialidade linguística. É preciso que a língua esteja em movimento e é preciso que se discursivize para que um discurso seja analisado, pois, ainda que se

considere o inconsciente como constitutivo, o objeto da Análise de Discurso é ainda e sempre o discurso.

Retomando a questão da materialidade, Orlandi (2016, p. 12) afirmou que o que existe é matéria, sendo a matéria “substância suscetível de receber uma forma”. Nesta via, estando a matéria em movimento – em discurso –, é pelo caráter material do discurso que o sujeito produz e reproduz sentidos na história.

Essa questão encaminhou-me a buscar mais reflexões sobre a materialidade discursiva:

A própria designação de teoria materialista dos processos discursivos, empregada para se fazer referência à Análise de Discurso, já adianta o caráter basilar que a *forma material* possui na constituição do dispositivo teórico-analítico. Isso significa que sujeito e sentido se constituem a partir de uma forma de existência material, sendo a língua o principal lugar de materialização da ideologia (VINHAS, 2020, p. 203, grifo da autora).

O dispositivo teórico-analítico da teoria materialista dos processos discursivos se constitui da forma material, considerada, de acordo com Vinhas (2020), enquanto em movimento e passível de contradição. E a língua é, nesse viés, o principal lugar de materialização da ideologia.

Sendo a língua a materialidade da ideologia, portanto, não se pode reduzir a materialidade discursiva a um *corpus* específico. O pesquisador, por exemplo, não pode afirmar que está analisando uma materialidade discursiva, generalizando a noção – como propõe Orlandi (2016). Quando discursiviza, o sujeito dá forma a uma matéria, movimentando sentidos, (re)produzindo conhecimento.

Tomar para leitura um texto de autoria de Michel Pêcheux é sempre um desafio, é sempre uma nova possibilidade de compreensão, é sempre sair do lugar comum. Tal posição que assumi é resultado das relações que estabeleci com o discurso, uma vez que vim refletindo a partir da Análise de Discurso. É resultado também, diria eu, de um percurso de leitura que me permite estabelecer relações entre os ditos e os não-ditos do discurso pecheuxtiano, considerando-se que, enquanto afetado pela ideologia – e pelas questões da exterioridade como um todo

– o sujeito é afetado pela exterioridade e está permanentemente em construção. Fato que torna, em decorrência disso, o discurso atravessado.

Toda a discussão empreendida levou-me a refletir um pouco mais sobre a necessidade e a importância de tomar a noção de “problematização” (GLOZMAN *et al.*, 2014) como fundamental para o fazer do analista de discurso. É preciso colocar questões e desconstruir os efeitos de sentido que parecem evidentes na materialidade linguística.

A ideologia, constituída de práticas, ou seja, de tomadas de posição do sujeito frente à língua, trabalha para tornar os dizeres naturais e/ou transparentes. É trabalho do analista propor um outro ponto de vista possível.

São muitas as questões que poderiam ser elencadas e que certamente contribuiriam com a minha tese, de modo que esse foi um ponto de partida em busca de reflexões sobre a Produção do Conhecimento Discursivo. Estas questões encaminharam minhas buscas teóricas, uma vez que Pêcheux destacou a necessidade e a importância de pensar sobre o discurso.

## 2.2. O CAMINHO PROPOSTO POR DENISE MALDIDIER

Denise Maldidier conta, pois, a história de que ela mesma participa como autora fundamental. Para isso toma Pêcheux e sua produção. E nos faz passear pelos seus bastidores conhecendo não só o que fazia Michel Pêcheux, mas os grupos com quem convivia ou se confrontava, os autores que frequentava, as polêmicas que suscitava.

(ORLANDI, 2003, p. 10).

Que autor é Michel Pêcheux? Esta pergunta ressoou, voltou de diferentes formas em meu estudo. Não há só uma resposta possível para tal questão, pois a unidade que se busca em Pêcheux é heterogênea: ele é um e é muitos. A seguir, retomei o caminho teórico percorrido pelo autor Michel Pêcheux a partir de Denise Maldidier, sendo tal caminho considerado em três tempos não estanques, visto que um foi construindo/integrando o outro – o tempo das construções, o tempo das tentativas e o tempo da desconstrução. O movimento de retomar um pouco da trajetória do autor, buscando o que se pode dele saber, traz consigo a possibilidade

de compreender um pouco mais sobre a história da Análise de Discurso e, assim, sobre a História das Ideias Discursivas.

### 2.2.1. “O tempo das grandes construções 1969 – 1975”

Do período fundacional, compreendido por Maldidier (2003, p. 19) como “O tempo das grandes construções 1969 – 1975”, a autora destaca que a obra **Análise Automática do Discurso** (PÊCHEUX, [1969] 2014; [1969] 2019) inaugurou as reflexões sobre o discurso como objeto de estudo novo: “**Análise Automática do Discurso** é um livro original que chocou lançando, a sua maneira, questões fundamentais sobre os textos, a leitura, o sentido” (MALDIDIER, 2003, p. 19, grifo meu). A questão da maquinaria discursiva, que compôs esse primeiro momento da Análise de Discurso, foi tomada por Maldidier como momento necessário para o desenvolvimento da teoria; nas palavras da autora, “é só o primeiro momento de um itinerário” (MALDIDIER, 2003, p. 24).

A crítica formulada pelo autor Michel Pêcheux, naquele momento, girou em torno de considerar como ciência aquelas disciplinas que ignoraram a relação do sujeito com a política. O problema do método se destacou e clamou por reflexão, e é nessa esteira que avultou a questão do discurso e de uma possível teoria do discurso no trabalho do autor, bem como uma teoria da ideologia e do inconsciente – que estariam ainda por se desenvolver, mesmo que não tenham sido assim concebidas/nomeadas.

A relação entre a teoria e o dispositivo de análise da então máquina discursiva teve como hipótese a correspondência entre as condições de produção e o processo de produção do discurso, sendo, para tanto, o *corpus* de análise tomado como estável, de acordo com tais condições de produção. O dispositivo compreendeu duas fases: 1) o registro da superfície discursiva, que foi manual e consistiu na “alimentação das informações linguísticas” que compuseram a maquinaria; 2) a deslinearização dos enunciados, que foi a análise automática e consistiu na análise linguística das sequências do *corpus*, a fim de “desfazer os

encaixes de sintaxe reduzindo-os a enunciados elementares” (MALDIDIER, 2003, p. 23).

Malidier (2003, p. 24) afirmou que “a Análise Automática do Discurso, em sua estranheza mesmo, é o momento febril de uma construção”, isso porque, de acordo com o que propôs a autora, diversos conceitos – como de discurso, leitura, não-dito como constitutivo do discurso e, sobretudo, interdiscurso – ficaram nesse livro apenas delineados. Ainda que as conclusões tenham sido – e permaneceram – provisórias, foi com esse trabalho que o autor Michel Pêcheux inscreveu seu posicionamento e até mesmo suas angústias.

É a partir da investida na maquinaria discursiva que Michel Pêcheux determinou a necessidade de aprofundar seus conhecimentos, não só na área da Linguística, mas também na Informática, em grande parte, incentivado pelos cursos dos quais participou e pelos companheiros das discussões teóricas, tais como Françoise Gadet<sup>52</sup>, Antoine Culioli<sup>53</sup>, Catherine Fuchs<sup>54</sup>, Jacqueline Léon<sup>55</sup>, Alain Lecomte<sup>56</sup> e Jean-Jacques Courtine<sup>57</sup>. À época, pensava-se na construção de uma gramática de reconhecimento do francês que melhorasse o dispositivo de análise para uma análise automática do discurso. Com esse estudo, deu-se a publicação do “*Manuel pour l'utilisation de la méthode d'analyse automatique du discours*”, elaborado por Claudine Haroche e Michel Pêcheux (1972).

---

<sup>52</sup> Françoise Gadet: Linguista. Professora de Sociolinguística na Universidade Paris 10-Nanterre, vinculada ao Departamento de ciências da linguagem (em 2003). Fonte: Biblioteca Nacional da França. Disponível em: [https://data.bnf.fr/en/11903818/francoise\\_gadet/](https://data.bnf.fr/en/11903818/francoise_gadet/). Acesso em: 10 jan. 2021.

<sup>53</sup> Antoine Culioli: Linguista fundador do Laboratório de Linguística Formal, Universidade Paris 7. Co-fundador da Associação Internacional de Linguística Aplicada. Fonte: Biblioteca Nacional da França. Disponível em: [http://data.bnf.fr/en/11898280/antoine\\_culioli/](http://data.bnf.fr/en/11898280/antoine_culioli/). Acesso em: 10 jan. 2021.

<sup>54</sup> Catherine Fuchs: Linguista francesa responsável pelo Projeto TRANSIL « Transfert de Sens Intra-langue : polysémie et synonymie dans l'expression linguistique des phases de l'existence des phénomènes abstraits » (LATTICE-ENS, AOROC-ENS, Université de Chicago, Université de Fribourg). Também diretora de pesquisa na LATTICE, Laboratório de Idiomas, Textos, Tratamentos de Computação, Cognição (CNRS-ENS Ulm-Paris 7). Fonte: Biblioteca Nacional da França. Disponível em: [http://data.bnf.fr/en/11903702/catherine\\_fuchs/](http://data.bnf.fr/en/11903702/catherine_fuchs/). Acesso em: 10 jan. 2021.

<sup>55</sup> Jacqueline Léon: Linguista. Diretora de pesquisa emérita no Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS/Paris) e pesquisadora no Laboratoire d'Histoire des Théories Linguistiques (Sorbonne Paris). Fonte: Biblioteca Nacional da França. Disponível em: [http://data.bnf.fr/en/13543637/jacqueline\\_leon/](http://data.bnf.fr/en/13543637/jacqueline_leon/). Acesso em: 10 jan. 2021.

<sup>56</sup> Alain Lecomte: Professor de ciências da linguagem na Universidade Paris 8, membro da Unidade de Pesquisa Conjunta "Estruturas Formais da Linguagem". Fonte: Biblioteca Nacional da França. Disponível em: [http://data.bnf.fr/en/12288638/alain\\_lecomte/](http://data.bnf.fr/en/12288638/alain_lecomte/). Acesso em: 10 jan. 2021.

<sup>57</sup> Jean-Jacques Courtine: Professor de Antropologia, na Universidade da Nova Sorbonne, Paris 3. Professor Emérito da Universidade da Califórnia, Santa Bárbara.

Desse período das construções, destaca-se a importância que as proposições do autor Louis Althusser têm no trabalho assinado pelo autor Michel Pêcheux: a ideologia faz ver a questão da (não-)evidência do sentido e do sujeito e, por sua vez, estabelece o desenvolvimento de uma teoria materialista do discurso. Nesse âmbito, os conceitos – ainda embrionários, não formulados – de pré-construído e de interdiscurso, constitutivos da teoria do discurso, passaram a ser articulados.

Para Denise Maldidier (2003, p. 37, grifo meu), a obra “**Semântica e Discurso** é o grande livro de Michel Pêcheux”. Foi um trabalho que se pretendeu teórico e apresentou um pensamento “amadurecido”. E, mais do que isso, “uma obra forte de um filósofo inquieto com a Linguística” (MALDIDIER, 2003, p. 44).

Foi nesse livro que o autor Michel Pêcheux, de fato, reuniu e desenvolveu suas ideias teóricas sobre o discurso. Nesse viés, é a releitura que o autor fez acerca da Filosofia e da própria História que engrandeceu o seu estudo: “longe de um amável passeio filosófico, ele nos propõe de fato, como uma tenacidade insistente, uma rude marcha através das armadilhas da filosofia idealista”, afirmou Maldidier (2003, p. 45); ou seja, destacou-se aí um trabalho de pesquisa que se construiu também de percalços e de caminhos tortuosos.

Em **Semântica e Discurso** (PÊCHEUX, [1975] 2009), o autor ofereceu um outro olhar à Semântica, de acordo com Maldidier (2003), já que trabalhou a relação entre o objetivo e o subjetivo da/na língua, tendo como base, sobretudo, a obra intitulada **Ideologia e aparelhos ideológicos de estado** (ALTHUSSER, [1970] 1998). A noção de interpelação do indivíduo em sujeito do discurso adveio dessa leitura que o autor Michel Pêcheux realizou sobre a referida obra assinada por Althusser, assim como foi também por meio dela que avançaram as reflexões sobre o sujeito do discurso.

Foi decisivo, nesse mo(vi)mento teórico, o estabelecimento das noções de interdiscurso – que tomou como o espaço discursivo e ideológico no qual se desdobram as formações discursivas – e de intradiscurso – entendido como o funcionamento do discurso em relação a ele mesmo. A formação discursiva, por sua vez, foi definida como “‘o que pode e o que deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto [...] etc.)’ em uma formação ideológica

definida, isto é, a partir de uma posição de classe no seio de uma conjuntura dada” (MALDIDIER, 2003, p. 52, grifo da autora) .

### 2.2.2. “Tentativas 1976 – 1979”<sup>58</sup>

Do que foi entendido por Maldidier (2003, p. 55) como “Tentativas 1976 – 1979”, destaca-se um período no trabalho publicado pelo autor Michel Pêcheux no qual “tem início uma grande fratura”: é quando se deu, a partir de 1975, uma “reviravolta da conjuntura teórica que desemboca no estabelecimento de um paradigma novo” (MALDIDIER, 2003, p. 55). E isso ocorre porque, desse mo(vi)mento em diante, a máquina discursiva começou a ser problematizada, e as questões que se colocaram construíram impasses e fizeram ver os limites dessa máquina.

As questões da língua, da Psicanálise e da política tornaram-se foco das discussões travadas pelo autor Michel Pêcheux, sobretudo no seminário intitulado “Pesquisa sobre a teoria das ideologias”, também conhecido como seminário HPP, já que foi proposto, em 1976, por Paul Henry, Michel Pêcheux e Michel Plon. Tal seminário foi um importante “lugar de fala” (MALDIDIER, 2003, p. 56) para o grupo que refletia teoricamente sobre a luta de classes, os aparelhos ideológicos de estado e o inconsciente, e dele fizeram parte, entre outros, Elisabeth Roudinesco<sup>59</sup>, Françoise Gadet<sup>60</sup>, François Dachet<sup>61</sup>, Claudine Haroche<sup>62</sup>, Claudine Normand<sup>63</sup>, Jean Marc Gayman<sup>64</sup>, Denise Maldidier<sup>65</sup>.

---

<sup>58</sup> Cf. Maldidier (2003, p. 55).

<sup>59</sup> Elisabeth Roudinesco: Historiadora, escritora e psicanalista. Doutora em história e ciências humanas. Pesquisadora da Universidade de Paris 7-Denis Diderot. - Pesquisadora da Sociedade Internacional para a História da Psiquiatria e Psicanálise. Fonte: Biblioteca Nacional da França. Disponível em: [http://data.bnf.fr/en/11922773/elisabeth\\_roudinesco/](http://data.bnf.fr/en/11922773/elisabeth_roudinesco/). Acesso em: 10 jan. 2021.

<sup>60</sup> Françoise Gadet: cf. nota de rodapé 52.

<sup>61</sup> François Dachet: Psicanalista. - Diretor da revista "Superflux still psychoanalysis today" (em 2008). Fonte: Biblioteca Nacional da França. Disponível em: <http://data.bnf.fr/en/search?term=Fran%C3%A7ois+Dachet>. Acesso em: 10 jan. 2021.

<sup>62</sup> Claudine Haroche: Pesquisadora no Centro Nacional de Pesquisa Científica. Fonte: Biblioteca Nacional da França. Disponível em: <http://data.bnf.fr/en/search?term=Claudine+Haroche>. Acesso em: 10 jan. 2021.

<sup>63</sup> Claudine Normand: Professora de Linguística na Universidade Paris X-Nanterre. Especialista em Benveniste e Saussure, criou e anima o GRHIL (Grupo de Pesquisa em História da Linguística).

“Produzir conhecimento, para o grupo que discutia a teoria com Pêcheux, era levar em conta os efeitos do processo histórico no discurso, tomando-o em seu próprio movimento de constituição, sempre [...] podendo ser outro semelhante e diferente” (SCHERER, DIAS, PETRI, 2018, p. 3). Movimentar as reflexões promovidas nos/pelos seminários e pelo próprio trabalho em conjunto e/ou compartilhado foi um passo profícuo na busca por entender um pouco mais sobre a trajetória teórica do autor Michel Pêcheux, na direção de que a teoria necessitou/necessita mesmo ser discutida e “problematizada” (GLOZMAN *et al.*, 2014), colocada em questão. Esse lugar de fala foi/é importante para que a teoria seja colocada em funcionamento.

Ademais, destacou-se a inquietação teórica do autor Michel Pêcheux em torno da crise do marxismo. Dessa época, Malidier (2003) retomou os trabalhos *Remontemos...*, de 1977, e *Só há causa daquilo que falha*, de 1978 – discursos nos quais o autor escreveu sobre o materialismo histórico e aprofundou o que foi posto em **Semântica e discurso** (PÊCHEUX, [1975] 2009) sobre a ideologia. O autor Michel Pêcheux não só refletiu sobre as tendências da Análise de Discurso (em *Remontemos...*) no momento em que discutiu as contradições, mas também apresentou uma “retificação” (MALDIDIER, 2003, p. 62) do/no percurso teórico (em *Só há causa daquilo que falha*), quando considerou a história teórica e política.

### 2.2.3. “A desconstrução domesticada 1980 – 1983”<sup>66</sup>

Malidier (2003) identificou e propôs um terceiro – e último – mo(vi)mento no/do trabalho publicado por Michel Pêcheux, que se desenvolveu entre os anos 1980 e 1983, nomeado de “A desconstrução domesticada”. Daquele período,

---

Biblioteca Nacional da França. Disponível em: <http://data.bnf.fr/en/search?term=Claudine+Normand>. Acesso em: 10 jan. 2021.

<sup>64</sup> Jean Marc Gayman: Professor associado de história na Universidade de Evry-Val-d'Essonne. Especialista em história do esporte e história da URSS. Fonte: Biblioteca Nacional da França. Disponível em: [http://data.bnf.fr/en/12440185/jean-marc\\_gayman/](http://data.bnf.fr/en/12440185/jean-marc_gayman/). Acesso em: 10 jan. 2021.

<sup>65</sup> Denise Malidier: Linguista especializada em Análise de Discurso. Professora de Linguística da Universidade de Paris-X-Nanterre, membro do Centre de Recherches Linguistics Paris X e membro da URA (CNRS) sobre a história das teorias linguísticas. Fonte: Biblioteca Nacional da França. Disponível em: <http://data.bnf.fr/en/search?term=Denise+Malidier>. Acesso em: 10 jan. 2021.

<sup>66</sup> Cf. Malidier (2003, p. 71).

destaca-se o colóquio *Materialidades Discursivas* como um “novo ponto de partida” (MALDIDIER, 2003, p. 71), já que se direcionou aos interessados pelos campos da Linguística, da História e da Psicanálise. Sob este viés, então, que o discurso foi posto em questão/problematizado: como uma materialidade.

A questão da materialidade foi e é cara à teoria discursiva porque ela trouxe à baila – de modo mais ou menos consciente – o lugar epistemológico do autor Michel Pêcheux, a saber, a filiação ao materialismo histórico e ao materialismo dialético. A teoria deu um passo importante quando passou a conceber o discurso como materialidade significativa justamente porque demandou um outro olhar sobre o discurso. Essa caminhada teórica pôde ser acompanhada a partir das publicações assinadas por Michel Pêcheux, acompanhado não só por Françoise Gadet e Jean-Jacques Courtine, mas também por Bernard Conein e Jean-Marie Marandin, e, assim, o conceito ganhou fôlego a partir dessa perspectiva.

De acordo com Orlandi (2016, p. 12, grifos da autora), o materialismo dialético “tem como ideia central que o mundo não pode ser considerado um complexo de coisas acabadas, mas um *processo* em que as coisas e os reflexos delas na consciência (os conceitos) estão em *incessante movimento*”. Nas definições que foram propostas pela autora, ela seguiu apontando que o materialismo histórico “afirma que o modo de produção da vida material condiciona o conjunto de *processos da vida social, política etc.*” Dessarte, em suas proposições, colocar em questão a materialidade discursiva faz parte dos deslocamentos e desenvolvimentos da/na História das Ideias Discursivas.

Os conceitos de interdiscurso, fio do discurso e intradiscurso voltaram para discussão, muito por influência de Marandin, e, nessa esteira, a Análise de Discurso se desenvolveu mais um pouco. O próprio conceito de discursividade, de acordo com Maldidier (2003, p. 83), “apresentava um novo horizonte de trabalho”.

O colóquio *Materialidades Discursivas* ocorreu em Nanterre, nos dias 24, 25 e 26 de abril de 1980. Os temas em debate eram os seguintes: “Para onde vai a Análise de Discurso?”; “Discurso e História”; “Discurso e Lógica”; “Discurso e Linguística” e “Discurso e Psicanálise”. Nas palavras de Maldidier (2003, p. 74), esse evento constituiu-se de um “processo de desconstrução-reconstrução”.

### 2.3. O CAMINHO TRILHADO PELO AUTOR MICHEL PÊCHEUX: A ANÁLISE DE DISCURSO EM TRÊS ÉPOCAS

[...] seria inútil pretender descrever como um objeto este que se tenta hoje: apenas se pode procurar falar do interior dessa tentativa. Indicar algumas direções referíveis em um trabalho de interrogação-negação-desconstrução das noções postas em jogo.

(PÊCHEUX, [1983] 2014, p. 311).

Desde o início desta parte, faz-se relevante destacar que o texto “A Análise de Discurso: três épocas” (PÊCHEUX, [1983] 2014) foi dado como não acabado pelo autor, portanto, assim deve ser lido<sup>67</sup>.

O meu estudo sobre a teoria discursiva teve como princípio o respeito aos dizeres já ditos sobre o sujeito e a língua em discurso. Mobilizar as noções teóricas proporcionou, a cada oportunidade, uma nova tomada de posição, visto que o sujeito e o discurso – não são quaisquer uns (ORLANDI, [1999] 2015), mas – são sempre outros. As impermanências acabaram por compor o saber teórico da Análise de Discurso, mas isso não significou/significa que a disciplina permitiu/permita, desde então, quaisquer análises, realizadas por pesquisadores quaisquer. Houve/há noções próprias que formaram/formam o dispositivo teórico-analítico e requereram/requerem dedicação do analista.

Quando o autor Michel Pêcheux ([1983] 2014) propôs a apreensão da Análise de Discurso em três épocas, ele sugeriu um caminho: um possível curso (no sentido de andamento, movimento) para o discurso a partir da noção de formação discursiva e de tudo que dela decorreu. Isso não quer dizer que a teoria discursiva só pôde, desde então, ser apreendida a partir dessa categorização, mas, sobretudo, visou a destacar que a disciplina se desenvolveu da relação que o pesquisador estabelece

---

<sup>67</sup> Orlandi (2019d, p. 55, grifo da autora) afirma: “Quanto ao texto ‘Análise de Discurso: 3 épocas’, tenho ouvido as mais contraditórias interpretações. E tenho certa responsabilidade nisso. Mme. Pêcheux colocou esse texto à nossa disposição, minha e de Denise, dizendo que era um texto em construção e que Pêcheux não o havia dado como terminado. Eram anotações ainda a serem discutidas, repensadas etc. e acrescentou que deixava a nosso cargo decidir se devia, ou não, ser publicado. Nós demos um tempo e, finalmente, decidimos que sim. Que as pessoas veriam que era ainda um esboço. Publicamos. Claro que as pessoas leem o que elas próprias têm na cabeça. Isso sempre, mas no caso de um texto que é ainda não fixado em uma versão que o autor considera final, a fragilidade para leituras idiossincráticas é maior. E foi o que aconteceu”.

entre a teoria, o método e a análise. Entendi, à vista disso, que a ideia nunca foi restringir leituras, mas sim oferecer possibilidades de interpretação.

A divisão em épocas propõe uma reflexão e, nas palavras do autor Michel Pêcheux ([1983] 2014, p. 311), uma “interrogação-negação-desconstrução das noções postas em jogo”. As épocas atravessaram-se, elas também não foram estanques, e o que o autor fez mesmo foi tomar posição frente aos discursos teóricos e às suas proposições. (Re)pensar a formulação da disciplina demonstrou o cuidado em retomar os já-ditos e (des)construir saberes que pareceram estabilizados.

Para vias de esclarecimento das afirmações que propôs, o autor indicou textos que poderiam servir como base ao leitor que quis saber mais a respeito da Análise de Discurso. Tais indicações auxiliaram a minha leitura sobre a caminhada teórica analisada a partir das publicações do autor Michel Pêcheux. Nos subcapítulos que seguem, elas figuram com efeito de explicitação das referências que também foram utilizadas para o desenvolvimento de algumas reflexões/associações/disjunções.

### **2.3.1. “A primeira época da Análise de Discurso: AD- 1 como exploração metodológica da noção de maquinaria discursivo-estrutural”<sup>68</sup>**

Sobre AD-1<sup>69</sup>:  
*Langages* 11, 13 e 23

PÊCHEUX, M. **Analyse automatique du discours**. Paris: Dunod, 1969, 142 p.

Na chamada primeira época da Análise de Discurso, a exemplo – muito brevemente – do que afirmou o próprio autor Michel Pêcheux (1973), trabalhou-se com a hipótese de que fosse construída uma maquinaria capaz de analisar discursos automaticamente. Para tanto, presumiu-se a possibilidade de que um discurso pudesse ser tomado para análise sem receber nenhuma incidência de contato da exterioridade, ou seja, sem que as condições de produção desse

---

<sup>68</sup> (PÊCHEUX, [1983] 2014, p. 307).

<sup>69</sup> Estas referências foram indicadas pelo próprio autor (PÊCHEUX, [1983] 2014, p. 314-315).

discurso interferissem na análise. Funcionou, a princípio, como uma ferramenta capaz de retirar o discurso da superfície, analisando-o semanticamente a partir de outros discursos semelhantes.

Foi proposto um dispositivo para análise automática do discurso, nessa primeira época, considerando que um dado texto não poderia ser analisado em si mesmo, mas deveria ser posto em relação a textos semelhantes a ele, do ponto de vista das condições de produção dominantes. Assim, a maquinaria tecnológica seria capaz de reunir possibilidades de textos e estabeleceria equivalências entre discursos, com base na composição de um *corpus* coletado previamente. O *corpus* serviria, então, para alimentar a maquinaria, consistindo em um primeiro passo de análise.

Nesse viés, fez parte desse momento inicial – de preparação da maquinaria – a alimentação de informações prévias acerca das condições de produção sociológicas, psicológicas, etimológicas dos discursos, o que implicou um estudo não só do espaço a ser trabalhado, mas também dos lugares e das posições ocupadas pelos sujeitos do(s)/no(s) discursos em questão. O objetivo, portanto, não era analisar a totalidade de sentenças da língua, mas permitir a análise do que estava em funcionamento no cotidiano: “*Ce projet ne vise pas à analyser 100% des phrases de la langue, mais à permettre, dans un premier temps, l’analyse du langage courant*”<sup>70</sup> (PÊCHEUX, 1973, p. 114).

Já o segundo passo da análise, também de acordo com o que afirmou o autor Michel Pêcheux (1973), consistiu na dedução do efeito linguístico, isto é, no alcance da estrutura semântica da fala. Considerou-se que uma dada fala pertencia a um *corpus* definido e, dessa forma, a maquinaria encontraria as regras de transformações que, partindo da superfície desse discurso, levariam a um conjunto de elocuições elementares ou unidades mínimas de discurso. Todas essas informações integrariam gráficos e, a partir deles, as análises teriam prosseguimento.

O terceiro passo da análise, ainda conforme descreveu o autor, supôs a existência de gráficos correspondentes aos discursos pertencentes ao *corpus*.

---

<sup>70</sup> Tradução minha: “Esse projeto não visa a analisar 100% das frases da língua, mas a permitir, em um primeiro momento, a análise da linguagem corrente”.

Tratou de encontrar um método de comparação sistemática e, de preferência, automático, de tal forma que foi possível atribuir regiões de operação semanticamente equivalentes entre esses diferentes discursos.

Desde as primeiras tentativas de trabalhar e explicar a maquinaria necessária para uma análise automática do discurso, alguns problemas foram constatados, bem como foram identificadas dificuldades de diversas ordens a serem resolvidas. Os recursos faziam-se insuficientes, sobretudo, porque o discurso desliza e o sujeito falha.

O discurso esteve submetido à noção de maquinaria discursiva, e esta, por sua vez, demandou um procedimento com ordem fixa de passos que foram seguidos na análise. Teve-se, como resultado, a consideração tanto do discurso como do sujeito fechados em si mesmos. Além disso, importou que “a existência do *outro* está pois subordinada ao primado do *mesmo*” (PÊCHEUX, [1983] 2014, p. 309, grifo do autor).

No texto intitulado **Análise Automática do Discurso** (PÊCHEUX, [1969] 2014; [1969] 2019), o autor estabeleceu conceitos importantes, como o de processo discursivo<sup>71</sup>, por exemplo, e criticou a concepção estruturalista saussureana, em que a língua é tomada enquanto sistema/convenção – questão que é retomada, também, no artigo *La sémantique et la coupure saussurienne: langue, langage, discours* (publicado na *Langages*, em 1971). Com esse trabalho, o autor estabeleceu as articulações necessárias para que se trabalhe a Análise de Discurso como uma disciplina que apresenta certa autonomia em relação à Linguística.

Ademais, ressoou a importância que o autor Michel Pêcheux ofereceu às ideias teóricas promovidas pelos trabalhos sob autoria de Althusser. Em um movimento teórico importante para o desenvolvimento do pensamento pecheuxtiano, os conceitos de formações ideológicas e de interpelação dos indivíduos em sujeito, por exemplo, foram apreendidos e trabalhados, conforme inicialmente propostos por Althusser na ideia de “retorno” a Marx.

---

<sup>71</sup> Para Indursky (2019, p. 163), a “noção de processo explicita a especificidade do discurso: trata-se de um processo que não se caracteriza pela finitude, bem ao contrário”.

### 2.3.2. “AD-2: da justaposição dos processos discursivos à tematização de seu entrelaçamento desigual”<sup>72</sup>

Sobre AD-2<sup>73</sup>:

GUILHAUMOU, J.; MALDIDIER, D. Courte critique pour une longue histoire. *Dialectiques* 26.

HENRY, P. **Le mauvais outil**. Klincksieck, 1977.

*Langages* 35, 55 e 62.

PÊCHEUX, M. **Les vérités de la Palice**. Paris: Maspero, 1975, 278 p.

ROBIN, R. **Histoire et Linguistique**. Paris: A. Colin, 1973.

Na chamada segunda época da Análise de Discurso, identificou-se o sujeito como efeito, uma vez que foram consideradas as relações estabelecidas entre a máquina discursiva e a formação discursiva com a qual o sujeito se identifica. O discurso foi tomado enquanto processo estabelecido (inconscientemente) pelo sujeito que o constrói.

A Análise de Discurso configurou-se embasada nos conceitos do materialismo histórico, já que admitiu as transformações das formações sociais tendo em vista os atravessamentos da teoria das ideologias. Nessa esteira, a Linguística foi considerada pelo autor Michel Pêcheux enquanto teoria que trabalhou com processos sintáticos e de enunciação. Assim sendo, o objeto da Linguística foi tomado em seu funcionamento, ou seja, compreendido a fim de refletir sobre o sujeito que produz discurso e que, a partir do seu discurso materializado por meio da língua, produz sentidos.

Houve, nisso, o entendimento de que os aparelhos ideológicos de Estado (a família, a igreja e a escola, por exemplo) afetam os processos de reprodução e de transformação do discurso como um todo, de maneira que a luta de classes produz efeitos de sentidos no sujeito e, em consequência, no discurso por ele produzido.

A noção de formação discursiva, fundamental a esse período, foi tomada de Michel Foucault e acabou por “fazer explodir a noção de máquina estrutural fechada na medida em que o dispositivo da formação discursiva está em relação paradoxal com o seu ‘exterior” (PÊCHEUX, [1983] 2014, p. 310). Nesse viés, a compreensão de que a máquina de analisar discurso(s) não poderia ser vista como fechada em si mesma, acabou por instaurar um movimento de (des)construção da teoria. Esse foi

<sup>72</sup> (PÊCHEUX, [1983] 2014, p. 309).

<sup>73</sup> Estas referências foram indicadas pelo próprio autor (PÊCHEUX, [1983] 2014, p. 314-315).

um passo importante para um caminho sem volta que já vinha sendo instaurado: considerar a exterioridade como constitutiva do discurso do sujeito.

Além disso, foi introduzido o conceito de interdiscurso. Recuperou-se, desse modo, não só a exterioridade constitutiva, mas também a problematização da(s) evidência(s) do/no discurso, atravessado pela ideologia. O autor Michel Pêcheux explicitou também sua compreensão sobre a formação discursiva enquanto discurso, determinada a partir das formações ideológicas que regem o sujeito

### **2.3.3. “A emergência de novos procedimentos da AD, através da desconstrução das maquinarias discursivas: AD- 3”<sup>74</sup>**

Sobre AD-3<sup>75</sup>:  
**Matérialités discursives.** Pul, 1981.  
 PLANTE, P. **Le système de programmation Deredec.** No prelo.

O início dos anos 1980 foi marcado por um novo momento para a Análise de Discurso, a partir da realização do colóquio *Materialidades discursivas*, que ocorreu na Universidade Paris X – Nanterre. O evento – organizado por Bernard Conein, Jean-Jacques Coutine, Françoise Gadet e Michel Pêcheux – girou em torno da temática discurso-história-língua, bem como construção-reconstrução. Isso posto, o quadro teórico no qual se deu o colóquio demonstrou na prática um movimento coletivo de reflexão e, conseqüentemente, de reconfiguração das ideias teóricas que fundamentaram/fundamentam a Análise de Discurso.

Foi a partir do trabalho de Authier-Revuz com a noção de heterogeneidade que um importante campo de reflexões pertinentes ao discurso se ampliou. A heterogeneidade é constitutiva do discurso, podendo até mesmo diluir/dissolver o um e o outro, já que o sujeito não tem controle dos atravessamentos da exterioridade e do interdiscurso que o determinam. A autora também desenvolveu o conceito de heterogeneidade mostrada para fazer referência ao discurso, quando ocorre nele uma “alteração em relação a si próprio” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 30). Sendo que podem haver interferências na cadeia do discurso por outra língua, outro

<sup>74</sup> (PÊCHEUX, [1983] 2014, p. 311).

<sup>75</sup> Estas referências foram indicadas pelo próprio autor (PÊCHEUX, [1983] 2014, p. 314-315).

registro discursivo, outro discurso, outra modalidade de consideração de sentido, outra palavra, outro interlocutor; e esse outro requer uma negociação – de sujeitos, de discurso e de efeitos de sentidos.

Houve uma mudança de rumo da teoria quando o conceito de heterogeneidade foi movimentado, o que resultou na ampliação do conceito de formação discursiva:

[...] quando Pêcheux relaciona a FD não somente à constituição do sentido, mas também à interpelação dos indivíduos em sujeitos e à constituição do sujeito do discurso, a partir de uma articulação com o conceito althusseriano de Aparelhos ideológicos de Estado. A retificação e o refinamento, por sua vez, fazem-se simultaneamente, quando Pêcheux propõe que, na verdade, a FD não seria homogênea, mas heterogênea (NARZETTI, 2018, p. 653).

Na teoria e na prática teórica, a noção de heterogeneidade se mostrou mesmo como uma alavanca nesse processo de estabelecimento da Análise de Discurso enquanto disciplina, sobretudo para o seu desenvolvimento no Brasil. É a relação do sujeito e do sentido com o outro que estabeleceu um novo lugar para a própria teoria. Houve um movimento importante, nas palavras de Narzetti (2018), em que ocorreu uma retificação e um refinamento teórico, quando se considerou uma nova instância para o conceito de formação discursiva. Entretanto, não foi só na teoria que a heterogeneidade pôde ser identificada, mas também nos movimentos em torno dela: o colóquio *Materialidades discursivas* mostrou uma reunião de ideias, convocou discussões que possibilitaram desconstrução e construção de conceitos em conjunto. Assim o coletivo ganhou mais força.

Ademais, desta “última”<sup>76</sup> época – a chamada terceira –, na qual se deu a emergência de novos procedimentos de análise, de acordo com o que afirmou o autor Michel Pêcheux ([1983] 2014, p. 311), “seria inútil pretender descrever como um objeto este que se tenta hoje: apenas se pode procurar falar do interior dessa tentativa. Indicar algumas direções referíveis em um trabalho de interrogação-negação-desconstrução das noções postas em jogo”. Com isso, o colóquio

---

<sup>76</sup> Em fala intitulada “Michel Pêcheux e a AAD69 em perspectiva”, no dia 21 de janeiro de 2021, no evento *on-line* “Webinário Autores em Foco”, promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria, a Profa. Dra. Eni Puccinelli Orlandi destacou que não defende que existam três épocas, nem três Pêcheux, o que se tem é o desenvolvimento da Análise de Discurso conforme o que o autor desenvolveu e explorou teoricamente, “resolvendo algumas questões e suscitando outras”.

*Materialidades discursivas* pôde ser considerado um marco no percurso da Análise de Discurso porque promoveu não só a discussão das noções que a habitaram, mas também daquelas que passariam a repercutir na Análise de Discurso desde então.

Após esse evento, Michel Pêcheux e seu grupo dedicaram-se ao projeto da *Recherche Coopérative Programée* (RCP). Tal projeto foi estruturado junto ao *Centre National de la Recherche Scientifique* (CNRS) e objetivava desenvolver e problematizar trabalhos de Análise de Discurso, tendo em vista as condições sócio-históricas, a investigação linguística e o desenvolvimento da informática textual.

Quando foi considerada essa relação do sujeito com a exterioridade que o constitui e o atravessa, que afeta a sua relação com o discurso e a produção de conhecimento sobre o discurso como um todo, ainda que inconscientemente, o autor Michel Pêcheux fez alguns avanços teóricos. De acordo com Maldidier ([1993] 2011, p. 57), o trabalho do autor, “que se conjuga com um incessante retorno crítico sobre a teoria e a máquina discursiva que é seu laboratório, desemboca numa reproblemática do discurso”. A autora asseverou que a Análise de Discurso passou a “primar pelo outro, em detrimento do mesmo” e, assim “trabalhar a heterogeneidade” (MALDIDIER, [1993] 2011, p. 57).

No capítulo seguinte, apresentei uma bibliografia atualizada que permitiu visualizar esse processo. Foram recuperadas as publicações do autor e também aquelas em coautoria, indicando o que denominei neste trabalho como “movimento de coautoria”. Apreendi, desse modo, um pouco do caminho de construções e de desconstruções da/na Produção do Conhecimento Discursivo – na Análise de Discurso pecheuxtiana –, “socializando o conhecimento”<sup>77</sup>.

---

<sup>77</sup> Em entrevista concedida à Evandra Grigoletto e Bethania Mariani, publicada na *Revista da Abralin*, vol XIX, n. 3, 2020, Eni Puccinelli Orlandi comentou sobre seu trabalho de socialização do conhecimento, mostrando a importância de possibilitar/facilitar o acesso à ciência. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1778/192>. Acesso em: 10 jan. 2021.

### 3. SOBRE ESTAR EM MOVIMENTO: UMA BUSCA POR SENTIDOS PARA A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO DISCURSIVO

O homem procura dominar o mundo em que vive. Uma forma de ele ter esse domínio é o conhecimento. Esse é um dos motivos pelos quais ele procura explicar tudo o que existe. A linguagem é uma dessas coisas. Ao procurar explicar a linguagem, o homem está tentando explicar algo que lhe é próprio e que é parte necessária de seu mundo [...].

(ORLANDI, 1999, p. 7).

O vasto trabalho publicado pelo autor Michel Pêcheux compreendeu publicações desde o ano 1966 até após o ano de seu desaparecimento – 1983 –, já que há textos datados de 1984 e uma entrevista datada de 1991, de acordo com a bibliografia atualizada apresentada a seguir. Para propor tal atualização, considerei não só aquela já organizada por Angélique Pêcheux, Françoise Gadet, Jacqueline Léon, Peter Schöttler e Michel Plon, e publicada na revista *Mots*; mas também as retomadas sugeridas por Denise Maldidier<sup>78</sup>; os arquivos que compõem o Fundo Michel Pêcheux<sup>79</sup>; os trabalhos de tradução para a Língua Portuguesa desenvolvidos, sobretudo, por Eni Puccinelli Orlandi<sup>80</sup> ou sob sua coordenação, bem como o livro **Legados de Michel Pêcheux: inéditos em Análise de Discurso** (PIOVEZANI; SARGENTINI, 2011) – investidas essas que auxiliam na compreensão acerca de um pouco da vida e da obra do autor. A bibliografia dá conhecimento à obra produzida ao longo de uma vida de pesquisa e dedicação ao discurso.

A falta de conhecimento de uma bibliografia do autor Michel Pêcheux vinha me causando estranhamento e aquele incômodo necessário à pesquisa, era um espaço vazio, eu não tinha acesso a uma lista de textos publicados pelo autor, organizada cronologicamente, algo que ilusoriamente me garantiria o conhecimento

<sup>78</sup> Mais informações podem ser localizadas no *Persée* por meio dos *links*: [https://www.persee.fr/doc/AsPDF/Isoc\\_0181-4095\\_1989\\_num\\_50\\_1\\_2476.pdf](https://www.persee.fr/doc/AsPDF/Isoc_0181-4095_1989_num_50_1_2476.pdf); [https://www.persee.fr/doc/lgge\\_0458-726x\\_1986\\_num\\_21\\_81\\_2475](https://www.persee.fr/doc/lgge_0458-726x_1986_num_21_81_2475). Acesso em: 10 set. 2018.

<sup>79</sup> O Centro de Documentação Urbana (CEDU), do Labeurb/ Unicamp, disponibiliza os textos que compõem o Fundo para consulta física. Na página do CEDU, pode-se localizar a relação de textos disponíveis: [https://www.labeurb.unicamp.br/cedu/textosMP.php?fbclid=IwAR2Q5vNVk8qtjTzmPRIJK0wacVz1U-23p42n0sTCVHa2YM\\_VoSEQ8gYCCr8](https://www.labeurb.unicamp.br/cedu/textosMP.php?fbclid=IwAR2Q5vNVk8qtjTzmPRIJK0wacVz1U-23p42n0sTCVHa2YM_VoSEQ8gYCCr8). Acesso em: 10 jan. 2021.

<sup>80</sup> Dos quais destaco: a) ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso**: Michel Pêcheux. Textos selecionados. 3. ed. Campinas: Pontes, [1966] 2012. b) ORLANDI, Eni P. (Org). **Gestos de leitura**: da história no discurso. 4. ed. Campinas: Unicamp, [1982] 2014.

da totalidade. Foi somente no momento de pesquisas para compor o arquivo desta tese que tive acesso à bibliografia organizada por Angélique Pêcheux *et al.*, por meio do repositório *Persée*.

Em *A autoria e a coautoria em Análise de Discurso*, desenvolvi questões que se apresentam como especificidades da Análise de Discurso, já que para além da autoria, na coautoria se dá um processo complexo de mescla de discursos e sujeitos. Nesse caminho entre a desejada unidade do texto e as relações com o outro (sempre dotada de dispersão), também destaquei que apareceu nas publicações do autor a referência a outros teóricos, o que demonstrou o respeito à voz do outro.

Em *Uma bibliografia atualizada do autor Michel Pêcheux*, apresentei uma bibliografia atualizada do autor, contendo textos em coautoria, publicações em livros e em revistas acadêmicas. As traduções para a Língua Portuguesa publicadas no Brasil também foram retomadas. Em *Um percurso para o discurso do autor Michel Pêcheux: a circulação do conhecimento discursivo em revistas científicas*, destaquei algumas revistas acadêmicas nas quais o autor Michel Pêcheux publicou – *Ethnies*, *Langages*, *L’homme et la société*, *Linguistique Institut Nanterre Paris X - LINX* e *Mots*, e retomei características específicas, como as capas dos primeiros números e as suas apresentações. Em seguida, ressalvei recortes nos quais o autor define o conceito de discurso.

### 3.1. A AUTORIA E A COAUTORIA EM ANÁLISE DE DISCURSO

[...] pede-se que o autor preste contas da unidade de texto posta sob seu nome, pede-se-lhe que revele, ou ao menos sustente, o sentido oculto que os atravessa; pede-se-lhe que os articule com sua vida pessoal e suas experiências vividas, com a história real que os viu nascer. O autor é aquele que dá à inquietante linguagem da ficção suas unidades, seus nós de coerência, sua inserção no real.

(FOUCAULT, [1971] 2019, p. 15).

A reflexão acerca do estabelecimento da Análise de Discurso materialista, de linha francesa, convocou para o destaque em relação ao conceito de autor e para como, nesse processo, os conceitos de autoria/coautoria ganharam novo fôlego e trouxeram características específicas a este campo do saber. Para compreender um pouco mais sobre o caminho teórico trilhado pelo autor Michel Pêcheux e os seus desdobramentos, minha proposta inicial foi considerar como Michel Foucault ([1971] 2019) e Eni Orlandi (1996) definiram o conceito de autor em seus trabalhos e, então, a seguir, mostrei como isso foi efetivado no discurso do autor Michel Pêcheux.

Michel Foucault ([1971] 2019), quando tratou a questão do autor em **A ordem do discurso**, falou em agrupamento, controle dos discursos. Segundo ele, “o autor, não entendido, é claro, como o indivíduo falante que pronunciou ou escreveu um texto, mas o autor como princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações, como foco de sua coerência” (FOUCAULT, [1971] 2019, p. 14). Sendo assim, na organização mesma do discurso, o autor é quem controla aquilo que é dito, quem formula de modo a oferecer uma ordem específica. A questão da unidade – conferida ao texto pela figura do autor – ressona, retoma sentidos e destaca o que é importante para o entendimento do conceito. Nesse viés, também se considera a figura do leitor como aquela que recebe o conjunto de informações em unidade.

Orlandi (1996, p. 74) defendeu que o conceito de autor envolve um processo: “o fecho arbitrário, mas necessário, de um texto torna-se fim por um efeito da posição-autor, o efeito de sua unidade e de sua coerência. A textualidade, no discurso escrito, resulta desse processo”. Em se considerando esse processo de escritura, na escola – por exemplo –, se aprende que um texto deve ter início, meio e necessariamente um fim, ele precisa ter coesão entre seus parágrafos e coerência nas ideias apresentadas, para citar algumas características. Ao trazer tal aprendizado para a questão do discurso e, mais especificamente, para compreender o conceito de autor, entendi a necessidade de ter em vista que a formulação/organização do dizer é necessária, da mesma maneira que é preciso iniciar, é preciso finalizar um discurso.

Questão a se considerar é o espaço (não) dado à autoria na escola. Acerca disso, Anjos (2020) afirmou que, em alguns casos, as possibilidades de trabalho com a língua são reduzidas:

Trabalhar a autoria pode remeter ao espaço da sala de aula. Isso porque é também neste lugar que se espera que se criem condições para que o sujeito aluno seja convidado a interpretar e a exercer o papel de autor, por meio de uma prática discursiva. A escola, no entanto, em muitas circunstâncias, acaba barrando a passagem dos sentidos ao reduzir as possibilidades de trabalho com a língua, ao desenvolver um ensino baseado na metalinguagem (ANJOS, 2020, p. 43).

Em sala de aula, espera-se que os alunos tenham oportunidades de refletir sobre a língua em funcionamento, sobre as possibilidades de interpretação, sobre posicionar-se. A escola perfaz as condições de produção do discurso e até mesmo de produção do sujeito enquanto autor e/ou enquanto leitor, questionador, problematizador que ele pode/deve ser. Os saberes estão todos já ditos, no interdiscurso, em dispersão, cabe ao sujeito tomar uma posição<sup>81</sup> frente aos saberes e linearizá-los.

Nesse percurso, considere duas questões que se mostram fundamentais, sendo elas que possibilitaram os desdobramentos aqui discutidos: 1) o autor confere unidade ao texto e 2) o indivíduo não se confunde com o autor. Retomei, de modo a embasar essas duas afirmações, Orlandi (1996, p. 69, grifo meu) quando propôs que “a função-autor se realiza toda vez que o produtor da linguagem se representa na origem, produzindo um texto com **unidade**, coerência, progressão, não-contradição e fim”. Entendi que a unidade e a relação com o outro estabelecem uma relação imaginária do autor frente ao texto.

Nesses termos, apreendi que o conceito de autor está em consonância com o de imaginário, o que demandou retomar como o autor Michel Pêcheux ([1969] 2014, p. 83, grifos do autor<sup>82</sup>) define “formações imaginárias” no discurso: “se trata de um *objeto imaginário* (a saber, o ponto de vista do sujeito) e não da realidade física” e supõe “uma *antecipação das representações do receptor*, sobre o qual se funda a estratégia do discurso”. Sendo assim, compreendi que, para produzir sentidos, é necessário que o autor tome posição frente ao discurso (outro, o já-dito do interdiscurso) e ao sujeito (também outro, aquele que é seu interlocutor – imaginário).

---

<sup>81</sup> “[...] o autor não se constitui como um sujeito proprietário do que diz, mas aquele que ocupa uma posição no discurso e, com/por isso, resgata, recupera, e ressignifica sentidos, tornando-os um pouco ‘seus’ também, pela responsabilidade que assume em relação ao que diz e pela singularidade que imprime ao fazê-lo” (ANJOS, 2020, p. 42, grifo da autora).

<sup>82</sup> Pode-se conferir também em Pêcheux ([1969] 2019, p. 40-41).

Quando considerou as relações de sentido que constituem o discurso, o autor Michel Pêcheux ([1969] 2014, p. 76) afirmou que um discurso sempre remete a outros, podendo ser considerado uma resposta – direta e/ou indireta – aos já-ditos, “o processo discursivo não tem, de direito, início: o discurso se conjuga sempre sobre um discurso prévio”<sup>83</sup>. Nesse movimento, os efeitos de sentido integram o que o autor nomeia de “antecipação”, constitutiva de todo e qualquer discurso: “através de variações que são definidas ao mesmo tempo pelo campo dos possíveis da patologia mental aplicada ao comportamento verbal e pelos modos de resposta que o funcionamento da instituição autoriza ao ouvinte”<sup>84</sup> (PÊCHEUX, [1969] 2014, p. 77). O sujeito faz então um exercício de possibilidades frente ao comportamento verbal/gestual do seu ouvinte, diz e não diz o que (acredita que) o seu interlocutor quer ouvir.

Ao se debruçar sobre essa noção de “antecipação”, já posta em 1969, Orlandi ([1999] 2015) fez avançar a reflexão nomeando de “mecanismo de antecipação” a capacidade que o sujeito tem de colocar-se no lugar do outro/interlocutor, selecionar maneiras de dizer e antecipar sentidos possíveis. Para a autora, “esse mecanismo regula a argumentação, de tal forma que o sujeito dirá de um modo, ou de outro, segundo o efeito que pensa produzir em seu ouvinte” (ORLANDI, [1999] 2015, p. 37). Tal noção se mostrou fundamental para a compreensão do conceito de autor e mesmo do “movimento de coautoria” tomado nesta tese como aquele que parte de certa(s) estratégia(s) para conferir um efeito de unidade de sentido(s). Há que se destacar, entretanto, que são tomados sempre os efeitos de sentido e que a antecipação não garante os efeitos de sentido produzidos, os quais sempre podem ser outros.

Considerando essa relação de sentidos estabelecida com o outro (sentido/sujeito/discurso), Orlandi ([1999] 2015, p. 37) afirmou que “não há discurso que não se relacione com outros [...] um discurso aponta para outros que o sustentam, assim como para dizeres futuros [...] um dizer tem relação com outros dizeres realizados, imaginados ou possíveis”. Nesse viés, o sujeito, ao tomar posição em seu discurso, não prescinde dos já-ditos para poder produzir efeitos de sentido, pois os discursos se convocam e sentidos mutuamente se constroem e se desconstroem.

---

<sup>83</sup> Pode-se conferir também em Pêcheux ([1969] 2019, p. 33-34).

<sup>84</sup> Pode-se conferir também em Pêcheux ([1969] 2019, p. 34).

A relação com o outro se destaca quando se considera o conceito de autor<sup>85</sup>: torna-se lugar passível de reflexão. Para Orlandi (1996, p. 74), “a posição-autor se faz na relação com a constituição de um lugar de interpretação definido pela relação com o Outro (o interdiscurso) e o outro (interlocutor). O que, em análise de discurso, está subsumido pelo chamado efeito-leitor”. Assim, se dá uma tomada de posição do sujeito, para que então ele assumira a posição de autor e produza (efeitos de) sentido ao leitor.

Ainda considerando essa relação com o outro é que trouxe para discussão e mobilizei o conceito de coautoria. Autor e coautor são, pois, as “figuras” responsáveis pela unidade do texto. O prefixo “co-”, que pode indicar o sentido de “contiguidade”, “companhia”, em *Análise de Discurso*, sobretudo em se considerando as publicações do autor Michel Pêcheux, indica ao mesmo tempo a possibilidade de desenvolvimento da teoria e as suas condições de produção. Uma definição de Indursky (2001, p. 32, grifo da autora) corroborou com essa construção de que o autor – e eu entendo que também o coautor – produz um efeito de unidade, um efeito de homogeneidade: “impõe-se que as marcas de ‘costura’ dessas diferentes alteridades se tornem imperceptíveis”.

Nesse sentido, nomeio de “movimento de coautoria” esse processo de coautoria, de modo a não dar ênfase ao primeiro nome constante das publicações, nem mesmo ao nome de Michel Pêcheux, visto que o que se dá mesmo é um efeito de unidade, já conferido pela autoria, mas que ao mesmo tempo convoca uma heterogeneidade, uma mescla muito própria à *Análise de Discurso* materialista. Atravessou-se no discurso do autor Michel Pêcheux e, portanto, na *Produção do Conhecimento Discursivo*, aquilo que ele viveu no Partido Comunista, na militância, no coletivo. Em conjunto, compartilharam-se ideias, discutiram-se teorias, analisaram-se discursos não só nos laboratórios das universidades, mas também nos cafés da cidade<sup>86</sup>. Destaquei alguns trabalhos: *Considérations théoriques à propos du traitement formel du langage* (CULIOLI; FUCHS; PÊCHEUX, 1970); *Recherches sur le discours illuministe au 18e siècle : Louis- Claude de Saint*

---

<sup>85</sup> Adorno (2019, p. 178) propôs a noção de composição autoral “como a composição equívoca de posições-sujeito e/ou de diferentes materialidades funcionando sob um efeito imaginário de unidades concomitantes de texto e de autor”.

<sup>86</sup> Mais a respeito dessa história da produção do conhecimento sobre a linguagem nos anos 60, 70 e 80 foi trabalhado por Scherer, Dias e Petri (2018).

*Martin et les "circonstances"* (GAYOT; PÊCHEUX, 1971); *La psychologie sociale : une utopie en crise* (BRUNO; PÊCHEUX; PLON; POITOU, 1973d); **La langue introuvable** (GADET; PÊCHEUX, 1981); *Analyse syntaxique et paraphrase discursive* (LEON; PÊCHEUX, 1982).

Na atualidade, também se pode reconhecer essa força da escrita coletiva para a Análise de Discurso. O “movimento de coautoria” permanece forte e produtivo, como se pode verificar nas referências citadas ao longo desta tese, destaque alguns trabalhos de modo a ilustrar esse movimento: *¿Qué es un corpus?* (GLOZMAN *et al.*, 2014); *Algumas reflexões sobre a produção do conhecimento discursivo: leitura e escritura em Análise de Discurso* (GUASSO; PETRI; HARB, 2019); *Imagens da/na contemporaneidade: um convite à análise, uma convocação à teoria* (MEDEIROS; VARGAS; BECK, 2015); *O lugar dos estudos franceses na constituição de uma memória da Análise de Discurso no Brasil* (SCHERER; SOUSA; MEDEIROS; PETRI, 2014).

No “movimento de coautoria”, as tomadas de posição se mesclam, coautores formulam/reformulam, costumam juntos e são, juntos, responsáveis pela unidade do texto. Não se pode saber ao certo onde estão as formulações de um e/ou outro no discurso. O que se mostra como um processo complexo de escritura.

Em se considerando a produção bibliográfica de um autor, a organização de uma bibliografia evidencia uma ordem: primeiro é apresentado o nome autor e, a seguir, do(s) coautor(es), mas como isso se confirma? Será que aquele que aparece primeiro é por ordem formal ou teórica? Como isso se deu nas publicações de Michel Pêcheux em coautoria? Não obtive essa resposta, pois o “movimento de coautoria” mostra mesmo a conjunção de discursos heterogêneos e, justamente pensando nesse processo complexo de posições que se mesclam nas publicações do autor Michel Pêcheux, compreendi que tal questão deve ser problematizada<sup>87</sup>.

---

<sup>87</sup> Trazendo tal questão para a atualidade, no XXXV Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação em Letras e Linguística (ocorrido *on-line* em função da pandemia da COVID-19), na Mesa-Redonda II – Produção científica em Letras e Linguística: tendências contemporâneas da Bolsa Produtividade em Pesquisa do CNPq, ocorrida no dia 10 de dezembro de 2020, a Profa. Dra. Roberta Pires Oliveira, coordenadora do comitê de Linguística no CNPq no período de 2018 a 2020, referiu que foram feitas alterações que passam a valer para o próximo edital quanto aos critérios de avaliação dos pesquisadores, sendo retirada, entre outros elementos, a prioridade de autoria. Assim, pesquisadores de laboratório e da Psicolinguística, por exemplo, passaram a receber a mesma pontuação em um trabalho de coautoria (estando como primeiro autor ou qualquer outra posição). Tal alteração, na área do discurso, mostrou um deslocamento: diferentemente de um trabalho em

Uma (suposta) ordem pode não indicar sobreposição ou uma (suposta) hierarquia (qualquer).

Outra questão que considerei na produção do autor Michel Pêcheux, que também acabou por remeter a essa “voz do outro”, inscrevendo o outro na sequência do discurso, foram as referências a outros autores – a que Authier-Revuz (1990) definiu como “heterogeneidade mostrada”. Pêcheux deu lugar a quem ele leu e mostrou que o outro atravessou o discurso teórico da/na Produção do Conhecimento Discursivo. Destaquei, logo a seguir, duas citações (que fizeram parte do *corpus* de análise e, por comporem o Quadro 1, apareceram também no quarto capítulo desta tese com suas respectivas traduções para a Língua Portuguesa):

*Ces divers points sont en particulier développés dans l'étude de M. Pêcheux et C. Fuchs qui porte spécifiquement sur les problèmes théoriques et méthodologiques soulevés par la procédure dite d'Analyse Automatique du Discours (AAD). Cette procédure consiste, en son fond, à généraliser au rapport entre plusieurs séquences relevant de conditions de production homogènes les opérations que S. Z. Harris avait proposées à propos du texte Millions can't be wrong (« Discourse Analysis Reprints », 1952, trad. française in Langages, n° 13). La discussion et les mises au point théoriques portent d'abord sur le rapport entre conditions de production et théorie des idéologies, et nous exprimons ici nos remerciements à J. P. Poitou pour les remarques qu'il nous a communiquées, et dont certaines sont reprises littéralement (cf. note 1, p. 9). Sur la question de la répartition des responsabilités théoriques que suppose la procédure AADV (construction des corpus et interprétation des résultats d'une part, traitement linguistique-discursif d'autre part), plusieurs remarques critiques, dont celles de P. Le Goffic, que nous n'avons malheureusement pas pu intégrer dans le présent recueil, nous ont été d'une grande utilité (PÊCHEUX, 1975, p. 4, grifos meus).*

*A. Grésillon distingue à ce propos deux types de caractéristiques, à savoir premièrement les marques morphosyntaxiques combinées à l'antécédent et deuxièmement les phénomènes de co-référence inhérents à la séquence textuelle. L'application de ces critères de reconnaissance (définis en occurrence pour l'allemand) à une série de relatives relevées dans un texte de H. Heine permet de montrer dans quelle mesure s'exercent les déterminations purement linguistiques à l'égard des constructions relatives et par conséquent d'examiner sur ce point la nature de la frontière entre langue et discours, au sens où nous avons plus haut mis ces deux termes en rapport : les cas restés linguistiquement indécis ont été soumis à une*

---

laboratório, a pesquisa/ a escrita de coautores do discurso se dá em conjunto, não sendo possível separar as formulações, já que no texto elas constituem um efeito de unidade, necessário à interpretação e à produção de efeitos de sentido. É um pouco disso que vejo nas publicações em coautoria de Pêcheux e seus interlocutores: um efeito de autoria, a impossibilidade de identificar a suposta autoria de um enunciado ou outro. Agradeço à minha orientadora por compartilhar comigo o vídeo e a reflexão.

*procédure tentant de dissocier au niveau discursif les deux interprétations possibles à travers deux reformulations de la relative initiale* (PÊCHEUX, 1975, p. 5, grifos meus).

Desta maneira, destaquei uma característica importante para compreender um pouco mais sobre a Produção do Conhecimento Discursivo a partir do autor Michel Pêcheux: o “movimento de coautoria” em Análise de Discurso tem lugar de força, o coletivo é resistência e existência em relação ao(s) sujeito(s) e ao(s) discurso(s). A unidade é a mescla do eu (sujeito) e do outro (sujeito e/ou interdiscurso) no discurso teórico.

### 3.2. UMA BIBLIOGRAFIA ATUALIZADA DO AUTOR MICHEL PÊCHEUX

Quando (me) perguntei “que autor é Michel Pêcheux?” a questão de “ter acesso a” ressoou, foi e voltou, e ao mesmo tempo em que recuperou alguns sentidos, classificações, diferenças, considerações (mesmos), promoveu outros (diferentes). Assim, partindo da reflexão de que, “em se tratando de conhecimento, há relações de força e de poder que atravessam todas essas classificações, diferenças, considerações” (ORLANDI, 2005, p. 76), destaco que a produção de conhecimento discursivo se dá em meio a algumas faltas/alguns espaços vazios.

A bibliografia<sup>88</sup> que apresentei a seguir deu a conhecer um pouco do percurso teórico do autor Michel Pêcheux, teve um efeito de recobrimento do maior número possível de publicações. Tal empreendimento foi resultado de uma investigação acerca dos artigos e livros, bem como da relação atualizada (até o ano de 2020) das traduções dos textos do autor para a Língua Portuguesa – para facilitar a identificação, as minhas inserções de informação foram apresentadas entre colchetes [ ]:

---

<sup>88</sup> Para fins de organização, destaco que os artigos/livros citados na bibliografia apresentada a seguir só compõem novamente as referências finais se forem discutidos (direta ou indiretamente) ao longo da tese.

**1966** – (Sob o pseudônimo de Thomas Herbert) *Réflexions sur la situation théorique des sciences sociales et, spécialement, de la psychologie sociale. Cahiers pour l'analyse*, n. 2, p. 174-203, 1966.

Tradução para o Espanhol: “Reflexiones sobre la situación teórica de las ciencias sociales, especialmente de la psicología social”. In: MILLER, J. A.; HERBERT, T. **Ciencias sociales**: ideología y conocimiento, Buenos Aires, Siglo XXI, p. 41-75, 1971.

[Tradução para o Português 1<sup>89</sup>: Reflexões sobre a situação teórica das Ciências Sociais e, especialmente, da Psicologia Social. **Tempo brasileiro**, n. 30-31, p. 3-36, 1972.]

Tradução para o Português 2: Reflexões sobre a situação teórica das Ciências Sociais e, especialmente, da Psicologia Social. Tradução Mariza Vieira da Silva e Laura A. Perrella Parisi. In: ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso**: Michel Pêcheux. Textos selecionados. Campinas: Pontes, 2011<sup>90</sup>.]

**1967** – *Analyse de contenu et théorie du discours*<sup>91</sup>. **Bulletin du CERP**, v. 3, n. 16. Paris: CNRS, p. 211- 227, 1967.

**1968a** – *Vers une technique d'analyse du discours. Psychologie française*, v. 1, n. 13, p. 113- 117, 1968.

**1968b** – (Sob o pseudônimo de Thomas Herbert) *Remarques pour une théorie générale des idéologies. Cahiers pour l'analyse*, n. 9, p. 74-92, 1968. [Disponível em: <http://cahiers.kingston.ac.uk/vol09/cpa9.5.herbert.html>. Acesso em: 15 jan. 2021.]

Tradução para o Espanhol: “Notas para una teoría general de las ideologías”. In: MILLER, J. A.; HERBERT, T. **Ciencias sociales**: ideología y conocimiento, Buenos Aires, Siglo XXI, p. 77-105 1971.

<sup>89</sup> Cf. Orlandi ([2011] 2012, p. 21), a tradução é do texto original em Língua Francesa.

<sup>90</sup> A edição de que disponho é a terceira (2012), nela a paginação do artigo é a seguinte: p. 21-54.

<sup>91</sup> A parte inicial deste artigo também foi publicada na obra **Analyse automatique du discours** (PÊCHEUX, 1969) e em **L'Inquiétude du Discours** (MALDIDIÉ, 1990, p. 98-132), entretanto, os artigos e a obra não têm desdobramentos/desenvolvimentos iguais, sendo inclusive o total do número de páginas diferente. Um pouco mais sobre esse assunto foi publicado em Guasso (2017) e também em Petri, Guasso e Harb (2019).

Tradução para o Italiano: “Note per una teoria generale délle ideologie”. In: MILLER, J. A.; DUROUX, Y.; MILNER, J. C.; REGNAULT, F.; BADIOU, A.; HERBERT, T.; CULIOLI, A. *Scritti scelti di analisi e teoria délla scienza*, Turin, Boringhieri, p. 174-199, 1972.

Tradução para o Português: Observações para uma Teoria Geral das Ideologias. Tradução Carolina M. Zuccolilli, Eni P. Orlandi e José H. Nunes. **Rua**, 1. Campinas: Nudecri/Unicamp, p. 63-89, 1995. [Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8638926>. Acesso em: 15 jan. 2021.]

**1969a** – **Analyse automatique du discours**. Paris: Dunod, 1969, 142 p. (coleção “Sciences du comportement”).

Tradução para o Espanhol: Hacia el análisis automático del discurso. Madrid, Gredos, 1976.

Tradução para o Português 1: Análise automática do discurso (AAD-69). Tradução Eni Puccinelli Orlandi. In: GADET, F.; HAK, T. **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradução Bethania Mariani *et al.* Campinas: Unicamp, 1990<sup>92</sup>.

[Tradução para o Inglês: **Automatic Discourse Analysis**<sup>93</sup>. Tradução David Macey. In: HAK, T.; HELSLOOT, N. (Org.). Amsterdam: Atlanta, 1995, p. 63-122.

Tradução para o Português 2: **Análise automática do discurso**. Tradução Eni Puccinelli Orlandi e Greciely Costa. Campinas: Pontes, 2019, 181 p.]

**1969b** – For an automatic discourse analysis. In: JANOUSEK, J. (Ed.). **Papers and reports from the International conference on Social Psychology**. Praga, Institute of Psychology, Czechoslovak Academy of Sciences, 1969, p. 313-316.

**1969c** – Sur la conjoncture théorique de la psychologie sociale. **Bulletin de psychologie**, v. 4-5, n. 23, p. 290-297, 1969.

<sup>92</sup> A edição de que disponho é a quinta (2014), nela a paginação do texto é a seguinte: p. 59-158.

<sup>93</sup> Agradeço ao Prof. Dr. Maurício Beck pela sugestão de inserção deste título na bibliografia.

**1969d** – Idéologie et histoire des sciences. In: FICHANT, M.; PÊCHEUX, M. (Ed.). **Sur l'histoire des sciences**. Paris: Maspero, 1969, p. 13-47.

Tradução para o Sueco: Om vetenskapernas historia, Stockholm, Bo Cavefors Bokförlag, 1971.

Tradução para o Espanhol: Sobre la historia de las ciencias, Buenos Aires, Siglo XXI, 1971.

Tradução para o Italiano: Sulla storia delle scienze. Milan, Mazzotta, 1974.

Tradução para o Alemão: Ueberlegungen zur Wissenschaftsgeschichte. Frankfurt, Suhrkamp, 1977.

Tradução para o Inglês: “Ideology and history of sciences”, Working papers (Darlington, Austrálie), 3, 1977, p. 30-52.

Tradução para o Português: Ideologia e história das ciências. [Tradução Francisco Bairrão<sup>94</sup>.] In: PÊCHEUX, M.; FICHANT, M. **Sobre a História das Ciências**. Lisboa: Estampa, 1971, p. 17-55.

[**1969e** – Tradução para o Português: BALIBAR, E.; PÊCHEUX, M. Definições. Tradução Francisco Bairrão. In: PÊCHEUX, M.; FICHANT, M. **Sobre a História das Ciências**. Lisboa: Estampa, 1971, p. 11-16.]

**1969f** – Les sciences humaines et le “moment actuel”. **La Pensée**, n. 143, p. 62-79, Paris, 1969.

[Tradução para o Português: As ciências humanas e o “momento atual”. Tradução Bethania Mariani. In: ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso**: Michel Pêcheux. Textos selecionados. Campinas: Pontes, 2011<sup>95</sup>.]

**1970** – CULIOLI, A.; FUCHS, G.; PÊCHEUX, M. Considérations théoriques à propos du traitement formel du langage. **Documents de Linguistique Quantitative**. Paris: Dunod, n. 7, 49 p., 1970.

<sup>94</sup> Agradeço ao Prof. Dr. Maurício Beck pela sugestão de inserção do nome do tradutor na bibliografia.

<sup>95</sup> A edição de que disponho é a terceira (2012), nela a paginação do artigo é a seguinte: p. 175-202.

**1971a** – A method of discourse analysis applied to recall of utterances. In: CARSWELL, E. A.; ROMMETVEIT, R. (Ed.). **Social contexts of messages**. Londres: Academic Press, 1971, p. 67-75.

**1971b** – ROMMETVEIT, R.; COOK, M.; HAVELKA, N.; HENRY, P.; HERKNER, W.; PÊCHEUX, M.; PEETERS, G. Processing of utterances. In: context. In: CARSWELL, E. A., ROMMETVEIT R. (Ed.). **Social contexts of messages**. Londres: Academic Press, 1971, p. 29-56.

**1971c** – ROMMETVEIT, R.; COOK, M.; HAVELKA, N.; HENRY, P.; HERKNER, W.; PÊCHEUX, M.; PEETERS, G. Order effects in impression formation: a psycholinguistic approach. In: CARSWELL, E. A.; ROMMETVEIT, R. (Ed.). **Social contexts of messages**. Londres: Academic Press, 1971, p. 109-125.

**1971d** – Étude expérimentale de conditions déterminant la plausibilité d'une théorie psychologique. **Bulletin de psychologie**, v. 2-4, n. 25, 1971-1972, p. 102-119.

**1971e** – GAYOT, G.; PÊCHEUX, M. Recherches sur le discours illuministe au 18e siècle: Louis-Claude de Saint Martin et les "circonstances". **Annales. Économies, Sociétés, Civilisations**, n. 3-4, p. 681-704, 1971. [Disponível em: [https://www.persee.fr/doc/ahess\\_0395-2649\\_1971\\_num\\_26\\_3\\_422438](https://www.persee.fr/doc/ahess_0395-2649_1971_num_26_3_422438). Acesso em: 09 jan. 2021.]

**1971f** – HAROCHE, C.; HENRY, P.; PÊCHEUX, M. La sémantique et la coupure saussurienne: langue, langage, discours<sup>96</sup>. **Langages**, n. 24, p. 93-106, 1971. [Disponível em: [https://www.persee.fr/doc/lgge\\_0458-726x\\_1971\\_num\\_6\\_24\\_2608](https://www.persee.fr/doc/lgge_0458-726x_1971_num_6_24_2608). Acesso em: 09 jan. 2021.

HAROCHE, C.; HENRY, P.; PÊCHEUX, M. La sémantique et la coupure saussurienne: langue, langage, discours. In: MALDIDIÉ, D. **L'Inquietude**

---

<sup>96</sup> Também publicado em **L'Inquiétude du Discours** (MALDIDIÉ, 1990, p. 133-153). De acordo com Baronas (2020, p. 17), este texto foi publicado inicialmente no *Jornal Comunista L'Humanité*.

**du Discours**<sup>97</sup>: textes de Michel Pêcheux. Éditions du Cendres, 1990, p. 133-153.

Tradução para o Português 1: HAROCHE, C.; HENRY, P.; PÊCHEUX, M. A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso. Tradução Roberto Leiser Baronas e Fábio César Montanheiro. **Revista Linguasagem**, 2008, s.p. Disponível em: [http://www.ufscar.br/linguasagem/edicao03/traducao\\_hph.php](http://www.ufscar.br/linguasagem/edicao03/traducao_hph.php). Acesso em: 10 jan. 2018.

Tradução para o Português 2: HAROCHE, C.; HENRY, P.; PÊCHEUX, M. A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso. Tradução Roberto Leiser Baronas e Fábio César Montanheiro. In: BARONAS, R. L. (Org.). **Análise de discurso**: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva. Araraquara: Letraria, 2020, p. 17-39.]

**1971g** – HAROCHE, C.; PÊCHEUX, M. Etude expérimentale de l'effet des représentations sociales sur la résolution d'une épreuve logique à présentation variable. **Bulletin du CERP**, v. 2, n. 20, p. 115-129, 1971.

**1971h** – Langue, “langages”, discours. **L'Humanité**, “Spéciale Idées”, p. 8, 15 octobre 1971.

[Tradução para o Português 1: Língua, “linguagens”, discurso. Tradução Freda Indursky. In: ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso**: Michel Pêcheux. Textos selecionados. Campinas: Pontes, 2011<sup>98</sup>.

Tradução para o Português 2: Língua, linguagens, discurso. Tradução Carlos Piovezani e Vanice Sargentini. In: PIOVEZANI, C.; SARGENTINI, V. **Legados de Michel Pêcheux**: inéditos em Análise de Discurso. São Paulo: Contexto, 2011, p. 63-94.]

**1972a** – HAROCHE, C.; PÊCHEUX, M. Manuel pour l'utilisation de la méthode d'analyse automatique du discours. **TA Informations**, v. 1, n. 13, 1972, p. 13-55.

---

<sup>97</sup> Agradeço ao Prof. Dr. Maurício Beck pela sugestão de inserção deste título na bibliografia.

<sup>98</sup> A edição de que disponho é a terceira (2012), nela a paginação do artigo é a seguinte: p. 121-130.

**1972b** – HAROCHE, C.; PÊCHEUX, M. Facteurs socio-économiques et résolution de problèmes. **Bulletin du CERP**, v. 2-3, n. 21, 1972, p. 101-117.

**1973a** – SALZARULO, P.; CIPOLLI, C.; LAIRY, G. C.; PÊCHEUX, M. L'étude psychophysiological de l'activité mentale du sommeil: analyse critique des méthodes et théories. **Évolution Psychiatrique**, n. 1, p. 33-70, 1973.

**1973b** – PÊCHEUX, M.; WESSELIUS, J. À propos du mouvement étudiant et des luttes de la classe ouvrière: trois organisations étudiantes en 1968. In: ROBIN, R. (Ed.). **Histoire et linguistique**. Paris: A. Colin, 1973, p. 245-260.

[Tradução para o Português: A respeito do movimento estudantil e das lutas da classe operária: 3 organizações estudantis em 1968. Tradução Adélia Bolle. In: ROBIN, R. (Org.). **História e Linguística**. São Paulo: Cultrix, 1977, p. 265-282.]

**1973c** – PÊCHEUX, M.; WESSELIUS, J. Students and workers in May 1968 student tracts. A study of three french student organizations (FER, UEC, 22 mars). In: AITKEN, A. J.; BAILEY R. W.; HAMILTON-SMITH, N. (Ed.). **The computer and literary studies**. Edimbourg: University Press, 1973, p. 135-161.

**1973d** – BRUNO, P.; PÊCHEUX, M.; PLON M.; POITOU, J.-P. La psychologie sociale: une utopie en crise. **La Nouvelle Critique**, n. 62, 1973, p. 72-78; n. 63, p. 21-28, 1973.

**1973e** – L'application des concepts de la linguistique à l'amélioration des techniques d'analyse de contenu. **Ethnies**, n. 3, p. 101-118, Paris, 1973. [Disponível em: [https://www.persee.fr/doc/ethni\\_0336-8459\\_1973\\_num\\_3\\_1\\_880](https://www.persee.fr/doc/ethni_0336-8459_1973_num_3_1_880). Acesso em: 09 jan. 2021.

Tradução para o Português: A aplicação dos conceitos da Linguística para a melhoria das técnicas da análise de conteúdo. Tradução Carolina

Rodríguez-Alcalá. In: ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso: Michel Pêcheux**. Textos selecionados. Campinas: Pontes, 2011<sup>99</sup>.]

**1974a** – Une procédure d'analyse automatique du discours: fondements théoriques, méthode et résultats. In: **Actes de la table ronde sur V examen critique de l'apport du traitement par ordinateur pour l'étude des structures linguistiques**. Paris: Editions du CNRS, 1974, 5 p.

**1974b** – DELUY, H.; PÊCHEUX, M. Entretien. **Action poétique**, n. 59, p. 85-92, 1974.

Tradução para o Português: Entrevista com Michel Pêcheux. Tradução Carlos Piovezani e Vanice Sargentini. In: PIOVEZANI, C.; SARGENTINI, V. **Legados de Michel Pêcheux**: inéditos em Análise de Discurso. São Paulo: Contexto, 2011, p. 77-94.

**1975a** – Introduction: Analyse du discours, langue et idéologies. **Langages**, n. 37, p. 3-6, 1975. [Disponível em: [https://www.persee.fr/doc/lgge\\_0458-726x\\_1975\\_num\\_9\\_37\\_2611](https://www.persee.fr/doc/lgge_0458-726x_1975_num_9_37_2611). Acesso em: 09 jan. 2021.]

**1975b** – PÊCHEUX, M.; FUCHS, G. Mise au point et perspectives à propos de l'analyse automatique du discours<sup>100</sup>. **Langages**, n. 37, p. 7-80, 1975. [Disponível em: [https://www.persee.fr/doc/lgge\\_0458-726x\\_1975\\_num\\_9\\_37\\_2612](https://www.persee.fr/doc/lgge_0458-726x_1975_num_9_37_2612). Acesso em: 09 jan. 2021.]

Tradução para o Português: A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. Tradução Péricles Cunha. In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Tradução Bethania Mariani et al. Campinas: Unicamp, 1990<sup>101</sup>.

<sup>99</sup> A edição de que disponho é a terceira (2012), nela a paginação do artigo é a seguinte: p. 203-226.

<sup>100</sup> Também publicado em **L'Inquiétude du Discours** (MALDIDIÉ, 1990, p. 155-173).

<sup>101</sup> A edição de que disponho é a quinta (2014), nela a paginação do texto é a seguinte: p. 159-250.

**1975c** – **Les vérités de la Palice**. Paris: Maspero, 1975, 278 p. (coleção *Théorie*)<sup>102</sup>.

Tradução para o Inglês: **Language, semantics and ideology**: stating the obvious. Tradutor Harbans Nagpal. Londres, Macmillan, 1982, 244 p.

Tradução para o Português: **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução Eni Puccinelli Orlandi *et al.* Campinas: Unicamp, 1988<sup>103</sup>.

[Tradução para o Espanhol: **Las verdades evidentes**: Linguística, semântica, filosofia. Tradução Mara Glzman *et al.* Ciudad Autónoma de Buenos Aires: ediciones del Centro Cultural de la Cooperación Floreal Gorini, 2016, 246 p.]

**1975d** – PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. Das Subjekt und der Sinn – Zur Neuformulierung des Erkenntnisgegenstands Sprache. **Alternative**, Berlin, n. 104, p. 204-216, 1975.

**1976a** – Position syndicale et prise de parti dans les sciences humaines et sociales. **La Pensée**, n. 187, p. 53-66, Paris, 1976.

[Tradução para o Português: Posição sindical e tomada de partido nas ciências humanas e sociais. Tradução Lauro José Siqueira Baldini. In: ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso**: Michel Pêcheux. Textos selecionados. Campinas: Pontes, 2011<sup>104</sup>.]

**[1976b** – Formaciones ideológicas, aparatos ideológicos del Estado, formaciones discursivas<sup>105</sup>. In: SEMANA DO PENSAMENTO MARXISTA, 1976, México: Faculdade de Ciências Políticas da Universidade Autónoma do México, 1976.

Tradução para o Português: Formações Ideológicas, aparelhos ideológicos de Estado, formações discursivas. Tradução Rodrigo Oliveira Fonseca. In: ADORNO, G. *et al.* **Encontros na Análise de Discurso**

<sup>102</sup> Também publicado em **L'Inquiétude du Discours** (MALDIDIÉ, 1990, p. 175-244).

<sup>103</sup> A edição de que disponho é a quarta (2009), ela contém o número total de 287 páginas.

<sup>104</sup> A edição de que disponho é a terceira (2012), nela a paginação do artigo é a seguinte: p. 231-250.

<sup>105</sup> Agradeço à Profa. Dra. Thais de Araújo da Costa pela sugestão de inserção deste título na bibliografia.

efeitos de sentidos entre continentes. Campinas: Unicamp, 2019, p. 307-325.]

**1977a** – GADET, F.; PÊCHEUX, M. Y-a-t-il une voie pour la linguistique hors du logicisme et du sociologisme? **Equivalences**, n. 2-3, p. 133-146, 1977. [Disponível em: [https://www.persee.fr/doc/equiv\\_0751-9532\\_1977\\_num\\_8\\_2\\_1007](https://www.persee.fr/doc/equiv_0751-9532_1977_num_8_2_1007). Acesso em: 15 jan. 2021.]

Tradução para o Português 1: Há uma via para a Linguística fora do logicismo e do sociologismo?<sup>106</sup> Tradução Eni Puccinelli Orlandi. **Escritos**, n. 3, Labeurb/ Unicamp, p. 6-16, 1998. [Disponível em: <https://www.labeurb.unicamp.br/portal/pages/pdf/escritos/Escritos3.pdf>. Acesso em: 06 jan. 2021.]

Tradução para o Português 2: Há uma via para a Linguística fora do logicismo e do sociologismo? Tradução Eni Puccinelli Orlandi. In: ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso**: Michel Pêcheux. Textos selecionados. Campinas: Pontes, 2011<sup>107</sup>.]

**1977b** – Remontons de Foucault à Spinoza<sup>108</sup>. Comunicação no Simpósio **Le discours politique**: théories et analyses, México, nov. 1977.

Tradução para o Espanhol: Remontemonos de Foucault a Spinoza. In: TOLEDO, M. M. (Ed.). **El discurso político**. México: Nueva Imagen, 1980, p. 181-200.

[Tradução para o Português: Remontemos de Foucault a Spinoza. Tradução Maria do Rosário Valencise Gregolin. In: BARONAS, R. L. (Org.). **Análise de discurso**: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva<sup>109</sup>. Araraquara: Letraria, 2020, p. 40-57.]

**1978a** – Are the masses an inanimate object? In: SANKOFF, D. (Ed.). **Linguistic variation**. New York: Academic Press, 1978, p. 252-266.

<sup>106</sup> A tradução inicialmente publicada internamente é a mesma que consta do livro **Análise de Discurso**: Michel Pêcheux. Textos selecionados (ORLANDI, 2011).

<sup>107</sup> A edição de que disponho é a terceira (2012), nela a paginação do artigo é a seguinte: p. 295-310.

<sup>108</sup> Também publicado em **L’Inquiétude du Discours** (MALDIDIÉ, 1990, p. 245-260).

<sup>109</sup> Agradeço ao Prof. Dr. Maurício Beck pela sugestão de inserção desta publicação na bibliografia.

[Tradução para o Português<sup>110</sup>: As massas populares são um objeto inanimado? Tradução Suzy Lagazzi. In: ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso**: Michel Pêcheux. Textos selecionados. Campinas: Pontes, 2011<sup>111</sup>.]

**1978b** – Zum theoretischen Status der Sémiologie. **Alternative** (Berlin), n. 118, p. 24-27, 1978.

[**1978c** – Il n'y a de cause que de ce qui cloche<sup>112</sup>. In: LINHART, R. **L'établi**. Paris: Editions de Minuit, 1978, 14 p.

Tradução para o Inglês: The French political winter: beginning of a rectification<sup>113</sup>. Tradutor Harbans Nagpal. In: PÊCHEUX, M. **Language, semantics and ideology**: stating the obvious, Londres, Macmillan, 1982, 244 p.

Tradução para o Português: Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação. In: PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução Eni Puccinelli Orlandi *et al.* Campinas: Unicamp, 1988<sup>114</sup>.]

[**1978d** – Formación social, lengua, discurso<sup>115</sup>. **Arte, Sociedad, Ideología**, n. 5, México: Imprensa Azteca, p. 25-33, 1978.]

**1979a** – PÊCHEUX, M.; HAROCHE, C.; HENRY, P.; POITOU J.-P. Le rapport Mansholt: un cas d'ambiguïté idéologique. **Technologies, Idéologies, Pratiques**, n. 2, p. 1-83, 1979.

---

<sup>110</sup> Cf. Orlandi ([2011] 2012, p. 251), o texto publicado em Língua Inglesa tem como título *Are the masses an inanimate object?*, entretanto, na bibliografia publicada na revista *Mots*, o título em Língua Inglesa é *Are the masses an animate object?*. Em Língua Francesa, no original, o título é *Les masses populaires sont-elles un objet animé?*

<sup>111</sup> A edição de que disponho é a terceira (2012), nela a paginação do artigo é a seguinte: p. 251-274.

<sup>112</sup> O artigo também foi publicado em **L'Inquiétude du Discours** (MALDIDIÉ, 1990, p. 261-272).

<sup>113</sup> Este texto, escrito no ano 1978, passou a integrar a obra **Les vérités de la Palice**, como o seu Anexo III, a partir da publicação em Língua Inglesa.

<sup>114</sup> A edição de que disponho é a quarta (2009), nela a paginação do texto é a seguinte: p. 269-282.

<sup>115</sup> Agradeço à Profa. Dra. Thais de Araújo da Costa pela sugestão de inserção deste título na bibliografia.

**1979b** – Quelques réflexions sur la question politique dans le monde de la psychologie française. **Recherches de psychologie sociale**, v. 1, n. 1, p. 151-155, 1979.

**1979c** – Vous avez bien dit propagande? **Colloque “Texte et institution”**, Montreal, 1979, 20 p.

[Tradução para o Português: Foi “propaganda” mesmo que você disse? Tradução Eni Puccinelli Orlandi. In: ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso**: Michel Pêcheux. Textos selecionados. Campinas: Pontes, 2011<sup>116</sup>.]

**1980** – GADET, F.; PÊCHEUX, M. La linguistique hors d'elle-même: l'histoire absolument. In: **Actes du colloque “L'histoire des sciences humaines: pourquoi et comment?”**. Nanterre: Presses de l'Université, 1980, p. 360-369, multigr. [Disponível em: [https://www.persee.fr/doc/linx\\_0246-8743\\_1980\\_hos\\_1\\_2\\_1543](https://www.persee.fr/doc/linx_0246-8743_1980_hos_1_2_1543). Acesso em: 09 jan. 2021.]

**1981a** – Ouverture du colloque. In: CONEIN, B.; COURTINE, J.-J.; GADET, F.; MARANDIN, J.-M.; PÊCHEUX, M. (Ed.). **Colloque “Matérialités discursives”**, Lille, Presses universitaires de Lille, 1981, p. 6-10.

[Tradução para o Português: Abertura do colóquio. Tradução Débora Massmann. In: CONEIN, B. *et al.* (Org.). **Materialidades discursivas**. Campinas: Unicamp, 2016, p. 23-32.]

**1981b** – L'énoncé: enchâssement, articulation et déliaison. In: CONEIN, B.; COURTINE, J.-J.; GADET, F.; MARANDIN, J.-M.; PÊCHEUX, M. (Ed.). **Colloque “Matérialités discursives”**, Lille, Presses universitaires de Lille, 1981, p. 143-148.

---

<sup>116</sup> A edição de que disponho é a terceira (2012), nela a paginação do artigo é a seguinte: p. 73-92.

[Tradução para o Português: O enunciado: encaixe, articulação e (des)ligação. Tradução Eni Puccinelli Orlandi. In: CONEIN, B. *et al.* (Org.). **Materialidades discursivas**. Campinas: Unicamp, 2016, p. 227-236.]

**1981c** – GADET, F.; PÊCHEUX, M. **La langue introuvable**. Paris, Maspero, 1981, 248 p. (coleção “Théories”).

Tradução para o Espanhol (B. Job), La lengua de nunca acabar, México, Fondo de Cultura Económica, 1984, 246 p.

[Tradução para o Português: GADET, F.; PÊCHEUX, M. **A língua inatingível**: o discurso na história da Linguística. Tradução Bethania Mariani e Maria Elizabeth Chaves de Mello. Campinas: Pontes, 2004.]

**1981d** – L'étrange miroir de l'analyse de discours. **Langages**, n. 62, p. 5-8, 1981. [Disponível em: [https://www.persee.fr/doc/lgge\\_0458-726x\\_1981\\_num\\_15\\_62\\_1872](https://www.persee.fr/doc/lgge_0458-726x_1981_num_15_62_1872). Acesso em: 09 jan. 2021.

Tradução para o Espanhol: El raro espejo del análisis de discurso<sup>117</sup>. Tradução María del Carmen Saint-Pierre. **Langages**, 1981.

Tradução para o Português: O estranho espelho da análise do discurso. Tradução Cristina de Campos *et al.* In: COURTINE, J.-J. **Análise do discurso político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: EDUFScar, [1981] 2009, p. 21-26.]

**1981e** – Effets discursifs liés au fonctionnement des relatives en français<sup>118</sup>. **Recherches de psychologie sociale**, n. 3, p. 97-102, 1981.

[Tradução para o Português: Efeitos discursivos ligados ao funcionamento das relativas em francês. Tradução José Horta Nunes. In: ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso**: Michel Pêcheux. Textos selecionados. Campinas: Pontes, 2011<sup>119</sup>.]

<sup>117</sup> Agradeço ao Prof. Dr. Maurício Beck pela sugestão de inserção deste título na bibliografia.

<sup>118</sup> Também publicado em **L’Inquiétude du Discours** (MALDIDIER, 1990, p. 273-280).

<sup>119</sup> A edição de que disponho é a terceira (2012), nela a paginação do artigo é a seguinte: p. 131-140.

**1982a** – PÊCHEUX, M. *et al.* La place de l'informatique dans la recherche en sciences humaines et sociales. **Temps réel**, n. 27, p. 29-33, 4 jan. 1982.

**1982b** – Analyse de discours et informatique. In: **Actes du Congrès international: "Informatique et sciences humaines"**. Université de Liège, LASLA, 1981.

[Tradução para o Português: Análise de discurso e informática. Tradução Cristiane Dias. In: ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso**: Michel Pêcheux. Textos selecionados. Campinas: Pontes, 2011<sup>120</sup>.]

**1982c** – Délimitations, retournements, déplacements. **L'Homme et la société**, n. 63-64, p. 53-69, 1982. [Disponível em: [https://www.persee.fr/doc/homso\\_0018-4306\\_1982\\_num\\_63\\_1\\_2073](https://www.persee.fr/doc/homso_0018-4306_1982_num_63_1_2073).

Acesso em: 09 jan. 2021.

Tradução para o Português: Delimitações, inversões, deslocamentos. Tradução José Horta Nunes. **Cadernos de estudos linguísticos**, n. 19, p. 7-24, 1990. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636823/4544>. Acesso em: 10 jan. 2021.]

**1982d** – Sur la (dé-)construction des théories linguistiques. **DRLAV**, n. 27, p. 1-24, 1982. [Disponível em: [https://www.persee.fr/doc/drlav\\_0754-9296\\_1982\\_num\\_27\\_1\\_979](https://www.persee.fr/doc/drlav_0754-9296_1982_num_27_1_979). Acesso em: 09 jan. 2021.

Tradução para o Português 1: Sobre a (des)construção das teorias linguísticas. Tradução Celene M. Cruz e Clémence Jouët-Pastré. **Línguas e Instrumentos Linguísticos**, Campinas, n. 2, p. 7-32, 1998.

Tradução para o Português 2: Sobre a (des)construção das teorias linguísticas. Tradução Faustino Machado da Silva. **Cadernos de Tradução**, n. 04, 2. ed., Porto Alegre: Editora da UFRGS, p. 35-55, 1998.]

---

<sup>120</sup> A edição de que disponho é a terceira (2012), nela a paginação do artigo é a seguinte: p. 275-282.

**1982e** – GADET, F.; PÊCHEUX, M.; WOETZEL, H.; GEIER, M. Sprachtheorie und Diskursanalyse in Frankreich - Interview. **Das Argument** (Berlin), n. 133, p. 386-399, 1982.

**1982f** – PÊCHEUX, M.; LEON, J.; BONNAFOUS, S.; MARANDIN, J. -M. Présentation de l'analyse automatique du discours (AAD 69). Théories, procédures, résultats, perspectives. **Mots**, n. 4, p. 95-123, 1982. [Disponível em: [https://www.persee.fr/doc/mots\\_0243-6450\\_1982\\_num\\_4\\_1\\_1053](https://www.persee.fr/doc/mots_0243-6450_1982_num_4_1_1053). Acesso em: 15 jan. 2021.

Tradução para o Português: Apresentação da análise automática do discurso. Tradução Silvana Serrani e Suzy Lagazzi. In: GADET, F.; HAK, T. **Por uma análise automática do discurso:** uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradução Bethania Mariani *et al.* Campinas: Unicamp, 1990<sup>121</sup>.]

**1982g** – Lire l'archive aujourd'hui. **Archives et documents de la Société d'histoire et d'epistemologie des sciences du langage** (Saint-Goud), n. 2, p. 35-45, 1982. [Disponível em [https://www.persee.fr/doc/hel\\_0247-8897\\_1982\\_num\\_2\\_1\\_3328](https://www.persee.fr/doc/hel_0247-8897_1982_num_2_1_3328). Acesso em: 09 jan. 2021.

Tradução para o Português: Ler o arquivo hoje. Tradução Maria das Graças Lopes Morin do Amaral. In: ORLANDI, Eni P. (Org.). **Gestos de leitura:** da história no discurso. Campinas: Unicamp, 1994<sup>122</sup>.]

**1982h** – LEON, J.; PÊCHEUX, M. Analyse syntaxique et paraphrase discursive. In: **Actes du 2<sup>e</sup> colloque de lexicologie politique**, Saint Cloud, 1980, Paris, Klincksieck, 1982, vol. 3, p. 623-632.

Tradução para o Português: Análise sintática e paráfrase discursiva. Tradução Cláudia Pfeifer. In: ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso:** Michel Pêcheux. Textos selecionados. Campinas: Pontes, 2011<sup>123</sup>.]

<sup>121</sup> A edição de que disponho é a quinta (2014), nela a paginação do texto é a seguinte: p. 251-279.

<sup>122</sup> A edição de que disponho é a quarta (2014), nela a paginação do texto é a seguinte: p. 57-68.

<sup>123</sup> A edição de que disponho é a terceira (2012), nela a paginação do artigo é a seguinte: p. 163-174.

**1982i** – GADET, F.; HAROCHE, C.; HENRY, P.; PÊCHEUX, M. Note sur la question du langage et du symbolique en psychologie. **Fundamenta Scientiae**, v. 3, n. 2, p. 149-159, Paris, 1982.

[Tradução para o Português: Nota sobre a questão da linguagem e do simbólico em psicologia. Tradução Pedro de Souza. In: ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso**: Michel Pêcheux. Textos selecionados. Campinas: Pontes, 2011<sup>124</sup>.]

**[1982j** – O mecanismo do (des)conhecimento ideológico<sup>125</sup>. Tradução Vera Ribeiro. In: ZIZEK, S. (Org.). **Um mapa da ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996, p. 143-152.]

**[1982k** – PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. **Art and Ideology**<sup>126</sup>: Praxis. Los Angeles: Praxis, 1982, 182 p.]

**1983a** – Ideology: fortress or paradoxical space. In: HÄNNINEN, S.; PALDAN, L. (Ed.). **Re-thinking ideology**. Berlin, Das Argument, nº spécial 84, p. 31-35, 1983.

Tradução para o Alemão: Ideologie - Festung oder paradoxer Raum?. Tradução Haug, W. F. **Das Argument**, Berlin, n. 139, p. 379-387, 1983.

[Tradução para o Português<sup>127</sup>: Ideologia – aprisionamento ou campo paradoxal? Tradução Carmen Zink. In: ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso**: Michel Pêcheux. Textos selecionados. Campinas: Pontes, 2011<sup>128</sup>.]

<sup>124</sup> A edição de que disponho é a terceira (2012), nela a paginação do artigo é a seguinte: p. 55-72.

<sup>125</sup> Este mesmo texto compõe a terceira parte da obra **Les vérités de la Palice** (PÊCHEUX, 1975) e foi publicado com os subtítulos “Sur les conditions idéologiques de la reproduction/ transformation des rapports de production” e “Idéologie, interpellation, ‘effet Münchhausen’” (p. 127-142 da 1ª edição francesa e p. 129-144 da 4ª edição brasileira publicada em 2009). Agradeço à Profa. Dra. Thais de Araújo da Costa pela sugestão de inserção desta informação na bibliografia.

<sup>126</sup> Agradeço à Profa. Dra. Thais de Araújo da Costa pela sugestão de inserção deste título na bibliografia.

<sup>127</sup> Cf. Orlandi ([2011] 2012, p. 107), conferência pronunciada no encontro “Problemas das pesquisas em ideologia” do projeto Ideologia-Teoria, ocorrido em fevereiro de 1982. As comunicações estão em **Re-thinking ideology**, Argument-Sonderblatt, n. 84, Berlin, 1983. Tradução para o alemão de Haug, W. F., revisada pelo autor.

<sup>128</sup> A edição de que disponho é a terceira (2012), nela a paginação do artigo é a seguinte: p. 107-120.

**1983b** – Ideology and discursivity<sup>129</sup>. **Canadian Journal of Political And Social Theory**, p. 24-31, 1983 (número especial “Ideology/ power”).

**1983c** – Ueber die Rolle des Gedächtnisses als interdiskursives Material. In: GEIER, M.; WOETZEL, H. (Ed.). **Das Subjekt des Diskurs**, Berlin, Das Argument, número especial 95, 1983, p. 50-58.

**1983d** – Rôle de la mémoire. In: ACHARD, P.; GRUENAI, M.-P.; JAULIN, D. (Ed.). **Histoire et linguistique**. Paris: Editions du CNRS, 1983, p. 261-267.

[Tradução para o Português: Papel da memória. Tradução José Horta Nunes. In: PECHEUX, M.; DAVALLON, J.; DURAND, J. L. (Org.). **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 2007<sup>130</sup>.]

**[1983e** – Lecture et mémoire: projet de recherche<sup>131</sup>. In: MALDIDIER, D. **L'inquiétude du discours**. Textes de Michel Pêcheux choisis et présentes par Denise Maldidier. Paris: Editions des Cendres, 1990, 334 p. Tradução para o Português<sup>132</sup>: Leitura e memória: projeto de pesquisa. Tradução Tania C. Clemente de Souza. In: ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso**: Michel Pêcheux. Textos selecionados. Campinas: Pontes, 2011<sup>133</sup>.]

**1983f** – Le discours: structure ou événement<sup>134</sup>. Comunicação inédita na Conferência “**Marxism and the interpretation of culture: limits, frontiers, boundaries**”. Université de Illinois, Urbana-Champaign, 1983. Tradução para o Inglês: Discourse: Structure or Event? In: NELSON, C.;

<sup>129</sup> Esta mesma entrevista foi publicada com o título “La langue introuvable”, no *Canadian Journal of Political and Social Theory*, em 1991. Agradeço à Profa. Dra. Thais de Araújo da Costa pela sugestão de inserção desta informação na bibliografia.

<sup>130</sup> A edição de que disponho é a terceira (2010), nela a paginação do texto é a seguinte: p. 49-58.

<sup>131</sup> Também publicado em **L'inquiétude du Discours** (MALDIDIER, 1990, p. 285-293).

<sup>132</sup> Cf. Orlandi ([2011] 2012, p. 141), embora tenha sido escrito em 1983, o texto só foi publicado em 1990: à época, uma cláusula “restritiva” excluindo os trabalhos “sobre corpus” justificou a recusa desse projeto pela Comissão de Psicologia n. 26 do CNRS.

<sup>133</sup> A edição de que disponho é a terceira (2012), nela a paginação do artigo é a seguinte: p. 141-150.

<sup>134</sup> Também publicado em **L'inquiétude du Discours** (MALDIDIER, 1990, p. 303-323).

GROSSBERG, L. (Ed.) **Marxism and Interpretation of Culture**. Urbana et Chicago: University of Illinois Press, 1988, p. 633-650.

[Tradução para o Português: PÊCHEUX, M. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Tradução Eni Pucinelli Orlandi. Campinas: Pontes, 1988<sup>135</sup>.]

**1983g** – Rapport d'activité et perspectives de la RCP ADELA pour ses deux premières années d'existence, janvier 82-janvier 83, 1983.

[**1983h** – A análise de discurso: três épocas<sup>136</sup>. Tradução Jonas de A. Romualdo. In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradução Jonas de A. Romualdo. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1990<sup>137</sup>.]

**1984a** – Spécificité d'une discipline d'interprétation. **Buscila**, Paris, n. 1, p. 56-58, 1984 (Livre blanc pour la recherche en linguistique, comme 1984b).  
[Tradução para o Português 1: Especificidade de uma disciplina de interpretação. Tradução Solange Leda Gallo. In: ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso**: Michel Pêcheux. Textos selecionados. Campinas: Pontes, 2011<sup>138</sup>.

Tradução para o Português 2: Especificidade de uma disciplina de interpretação. Tradução Carlos Piovezani e Vanice Sargentini. In: PIOVEZANI, C.; SARGENTINI, V. **Legados de Michel Pêcheux**: inéditos em Análise de Discurso. São Paulo: Contexto, 2011, p. 99-103.]

**1984b** – PÊCHEUX, M.; MARANDIN, J.-M. Informatique et analyse de discours<sup>139</sup>. **Buscila** (Paris), n. 1, p. 64-65, 1984.

<sup>135</sup> Também publicado em **L'Inquiétude du Discours** (MALDIDIER, 1990, p. 295-302). A edição brasileira de que disponho da obra **O discurso: estrutura ou acontecimento** é a terceira (2002), ela contém um total de 68 páginas.

<sup>136</sup> Esta foi uma publicação não revisada pelo autor e não compõe a bibliografia organizada por Angélique Pêcheux *et al.*, nem a bibliografia organizada por Piovezani e Sargentini. Cf. nota de rodapé 67.

<sup>137</sup> A edição de que disponho é a quinta (2014), nela a paginação do artigo é a seguinte: p. 307-315.

<sup>138</sup> A edição de que disponho é a terceira (2012), nela a paginação do artigo é a seguinte: p. 227-230.

<sup>139</sup> Também publicado em **L'Inquiétude du Discours** (MALDIDIER, 1990, p. 281-283)

[Tradução para o Português: Informática e Análise de discurso. Tradução Carlos Piovezani e Vanice Sargentini. In: PIOVEZANI, C.; SARGENTINI, V. **Legados de Michel Pêcheux**: inéditos em Análise de Discurso. São Paulo: Contexto, 2011, p. 111-116.]

**1984c** – Metapher und interdiskurs. In: LINK, J.; WULFING, U. (Eds). **Bewegung und Stillstand in Metaphern und Mythen**, Stuttgart, Klett-Cotta, 1984, p. 93-99.

[Tradução para o Português<sup>140</sup>: Metáfora e interdiscurso. Tradução Eni Puccinelli Orlandi. In: ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso**: Michel Pêcheux. Textos selecionados. Campinas: Pontes, 2011<sup>141</sup>.]

**1984d** – Zu rebellieren und zu Denken wagen! Ideologien, Widerstände, Klassenkampf. Tradução Peter Schöttler. **KultuRRevolution**, n. 5, p. 61-65, 1984; n. 6, p. 63-66, 1984.

[Tradução para o Português: Ousar pensar e ousar se revoltar. Ideologia, marxismo, luta de classes<sup>142</sup>. Tradução Guilherme Adorno e Gracinda Ferreira. **Décalages**, vol. 1, p. 1-22, 2014. Disponível em: <https://scholar.oxy.edu/decalages/vol1/iss4/15>. Acesso em: 30 out. 2020.]

**1984e** – Sur les contextes épistémologiques de l'analyse de discours. **Mots**, n. 9, p. 7- 17, 1984. [Disponível em: [https://www.persee.fr/doc/mots\\_0243-6450\\_1984\\_num\\_9\\_1\\_1160](https://www.persee.fr/doc/mots_0243-6450_1984_num_9_1_1160). Acesso em: 09 jan. 2021.

Tradução para o Português 1: Sobre os contextos epistemológicos da análise de discurso. Tradução Ana Maria Dischinger e Heloisa Monteiro Rosário. **Cadernos de Tradução**, n. 01, 2. ed., Porto Alegre: Editora da UFRGS, p. 47-55, 1998.]

Tradução para o Português 2: Sobre os contextos epistemológicos da análise de discurso. Tradução Eni Puccinelli Orlandi. **Escritos**, n. 4, Labeurb/Unicamp, p. 7-16, 1999. Disponível em:

<sup>140</sup> Cf. Orlandi ([2011] 2012, p. 151), a tradução é do texto original em Língua Francesa do artigo apresentado em primeira versão em Língua Alemã.

<sup>141</sup> A edição de que disponho é a terceira (2012), nela a paginação do artigo é a seguinte: p. 151-162.

<sup>142</sup> Agradeço ao Prof. Dr. Maurício Beck pela sugestão de inserção desta tradução na bibliografia.

<https://www.labeurb.unicamp.br/portal/pages/pdf/escritos/Escritos4.pdf>.

Acesso em: 12 jan. 2021.

[Tradução para o Português 3: Sobre os contextos epistemológicos da análise de discurso<sup>143</sup>. Tradução Eni Puccinelli Orlandi. In: ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso**: Michel Pêcheux. Textos selecionados. Campinas: Pontes, 2011<sup>144</sup>.]

**1984f** – Matériel en vue de l'article - Complétives/Infinitifs/Infinitives. **LINX**, n. 10, p. 7-22, 1984. [Disponível em: [https://www.persee.fr/doc/linx\\_0246-8743\\_1984\\_num\\_10\\_1\\_989](https://www.persee.fr/doc/linx_0246-8743_1984_num_10_1_989). Acesso em : 09 jan. 2021.]

**1984g** – GADET, F.; LEON, J.; PÊCHEUX, M. Remarques sur la stabilité d'une construction linguistique: la complétive. **LINX**, n. 10, p. 23-50, 1984. [Disponível em: [https://www.persee.fr/doc/linx\\_0246-8743\\_1984\\_num\\_10\\_1\\_990](https://www.persee.fr/doc/linx_0246-8743_1984_num_10_1_990). Acesso em: 09 jan. 2021.

[Tradução para o Português: Observações sobre a estabilidade de uma construção linguística – a completiva. Tradução Rosana Paulillo. In: ORLANDI, Eni P. (Org.). **Gestos de leitura**: da história no discurso. Campinas: Unicamp, 1994<sup>145</sup>.]

**1984h** – L'analyse de discours en France. **Bulletin de l'Association des Sciences du langage** (BUSCILA), Ed. M.S.H, Paris, 1984.

**1991** – GADET, F. ; PÊCHEUX, M. La langue introuvable<sup>146</sup>. [entretien]. **Canadian Journal of Political and Social Theori**, vol. 15, n. 1, 2 e 3. Montreal: Concordia University, 1991.

[Tradução para o Português<sup>147</sup>: A língua inatingível. Tradução Sérgio Augusto Freire de Souza. In: ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso**: Michel Pêcheux. Textos selecionados. Campinas: Pontes, 2011<sup>148</sup>.]

<sup>143</sup> Trata-se da mesma tradução publicada no ano de 1999 na revista *Escritos*.

<sup>144</sup> A edição de que disponho é a terceira (2012), nela a paginação do artigo é a seguinte: p. 283-294.

<sup>145</sup> A edição de que disponho é a quarta (2014), nela a paginação do texto é a seguinte: p. 207-248.

<sup>146</sup> Esta mesma entrevista foi publicada com o título "Ideology and discursivity", no *Canadian Journal of Political and Social Theori*, em 1983. Agradeço à Profa. Dra. Thais de Araújo da Costa pela sugestão de inserção desta informação na bibliografia.

<sup>147</sup> Cf. Orlandi ([2011] 2012, p. 93), a entrevista foi traduzida da Língua Inglesa.

*Nota 1: Sobre a revisão técnica*

A organização da bibliografia atualizada do autor Michel Pêcheux, desde o seu início, foi um trabalho que demandou muito tempo e atenção, dezenas de releituras, oscilações entre a imprecisão e a ausência de algum elemento importante. A definição dos procedimentos metodológicos também exigiu muitas idas e vindas entre o material disponível, as questões teóricas e as possibilidades do momento (período de pandemia). De tudo isso, pode-se descrever os objetivos que delinearão a metodologia empreendida da seguinte forma: I) organizar a bibliografia, contrastando-a com as outras disponíveis, considerando as publicações do autor; II) realizar um levantamento das traduções das obras e/ou artigos para a Língua Portuguesa publicados no Brasil; III) realizar um levantamento das primeiras edições, dos tradutores, bem como da paginação de cada trabalho; IV) realizar um levantamento das publicações disponíveis *on-line*. Nesse processo complexo, movimenteimei-me em um espaço contraditório, entre a saturação e a raridade. À vista disso, ao considerar também a grande expectativa em relação aos resultados apresentados, surgiu a necessidade de buscar leitores críticos; de modo sistemático e qualitativo, houve a reunião do que se denominou de equipe de "revisão técnica"<sup>149</sup>. Tarefa realizada por pesquisadores especializados na área que puderam contribuir na revisão dessa bibliografia (em detalhes), conferindo maior segurança aos dados informados aos leitores. Assim, foram encaminhados, via e-mail, os convites aos Professores Doutores Thais de Araújo da Costa<sup>150</sup> e Maurício Beck<sup>151</sup>

---

<sup>148</sup> A edição de que disponho é a terceira (2012), nela a paginação do artigo é a seguinte: p. 93-106.

<sup>149</sup> Agradeço à minha orientadora, a Profa. Dra. Verli Petri, por formular esta possibilidade metodológica.

<sup>150</sup> Atualmente, é professora substituta de Língua Portuguesa na Universidade do Estado do Rio de Janeiro e pós-doutoranda em História das Ideias Linguísticas, sob a supervisão da Profa. Dra. Vanise Medeiros, no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal Fluminense (UFF), pesquisadora colaboradora, sob a supervisão da Profa. Dra. Claudia C. Pfeiffer, no Programa de Pós-Graduação em Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Desenvolve pesquisas em História das Ideias Linguísticas e Análise de Discurso com enfoque em história da produção do conhecimento linguístico-gramatical. É integrante do grupo de pesquisa Grupo de Estudos Arquivos de Língua (GAL), liderado por Vanise Medeiros (UFF), do Laboratório Arquivos do Sujeito (LAS/UFF), coordenado pelas professoras Vanise Medeiros, Bethânia Mariani e Silmara Dela-Silva, e do Grupo de Estudos em Sistêmica e Discurso (GESD), liderado por Vânia Dutra (UERJ) e Magda B. Schlee (UERJ).

<sup>151</sup> Professor e pesquisador no Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Membro do Coletivo Contradit (Coletivo de Trabalho - Discurso e Transformação). Graduado em Psicologia pela Unijuí, mestre e doutor em Letras (Estudos Linguísticos) pelo PPGL da UFSM, realizou pós-doutorado no PPG em

para participarem de tal “aventura pecheuxtiana” (como bem nomeou a minha orientadora, a Profa. Dra. Verli Petri), sendo o critério de seleção a formação e as pesquisas da Profa. Dra. Thais de Araújo da Costa em História das Ideias Linguísticas, bem como os estudos que o Prof. Dr. Maurício Beck desenvolve sobre as questões materialistas, ambos com vasta experiência de leitura em textos de Michel Pêcheux e seus interlocutores.

Foi explicitado aos professores que o trabalho com a bibliografia consistiu quase que em um jogo de "quebra-cabeça", muitas peças a combinar, conferir, contrastar, considerando as bibliografias já disponíveis de Angélique Pêcheux *et al.*, Denise Maldidier, Carlos Piovezani e Vanice Sargentini, bem como o que está disponível *on-line* (por exemplo, a página do CEDU/LABEURB/UNICAMP). Em meu imaginário, os detalhes/equívocos que poderiam passar despercebidos ao leitor comum, não poderiam ocorrer nesta tese, diante da expectativa de poder servir de consulta para outros pesquisadores da Análise de Discurso, da História das Ideias Linguísticas e de áreas afins. O desejo de completude também toma os pesquisadores em Análise de Discurso, o que, de certo modo, justifica a ideia de "validar" pelos pares<sup>152</sup> os resultados de pesquisa antes da publicação. Solicitei, então, aos professores, com vistas a este estudo em específico, que revisassem toda a bibliografia: assim, eles atentaram para os anos de cada primeira edição, as autorias e coautorias, os títulos dos trabalhos em Língua Francesa, os títulos das traduções (quando havia), os anos das traduções (quando havia), bem como a paginação de cada trabalho.

Todo o contato foi realizado via e-mail, então, em anexos, além da bibliografia propriamente dita, arquivo intitulado "Bibliografia Atualizada Michel Pêcheux - Kelly Guasso, Verli Petri", foi encaminhado o documento "Parecer Técnico Bibliografia Michel Pêcheux"<sup>153</sup>, elaborado de acordo com as informações solicitadas na

---

Estudos da Linguagem e no Laboratório Arquivos do Sujeito (LAS), da UFF, com bolsa FAPERJ. Membro do GT em Análise de Discurso da ANPOLL, desde 2013. Membro da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN) desde 2015. Membro da Associação de Linguística e Filologia da América Latina (ALFAL) desde 2008. Membro da Associação Latinoamericana de Estudos do Discurso (ALED), desde 2011. Membro do Grupo de Estudos Linguísticos de São Paulo (GEL), desde 2004. Membro do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste (GELNE) desde 2016. Desenvolve pesquisas na área da Análise de Discurso com foco em teoria do discurso e produção de conhecimento; subjetividade, corpo e ideologia; discurso ficcional e narrativas da cidade.

<sup>152</sup> O que ocorre de maneira similar na área da saúde, por exemplo.

<sup>153</sup> Conforme apresentei no Apêndice I desta tese.

plataforma do Lattes e com local para preenchimento e assinatura de cada professor, bem como para inserção de observações, se assim desejassem. Ademais, foi sugerida a consulta nas bibliografias organizadas por Angélique Pêcheux *et al.*, Denise Maldidier, Carlos Piovezani e Vanice Sargentini. Os professores/pesquisadores realizaram a revisão e devolveram seus pareceres técnicos<sup>154</sup>, compondo o resultado final apresentado<sup>155</sup>: a bibliografia atualizada do autor Michel Pêcheux.

*Nota 2: Reflexões sobre a bibliografia atualizada*

Considerando a bibliografia atualizada, do total de textos produzidos, merece destaque o fato de que, além da Língua Francesa, o autor Michel Pêcheux publicou em Língua Alemã, em Língua Italiana, em Língua Sueca, em Língua Inglesa e em Língua Espanhola<sup>156</sup>. Além disso, se pôde entender também a importância da escrita compartilhada e da construção das reflexões com o coletivo, já que houve grande número de artigos produzidos em coautoria. Em se tratando das totalidades, tomando apenas os textos originais<sup>157</sup>, destaco que os textos publicados em revistas completaram um total de 45, fato que justifica a atenção que ofereci a essas publicações nesta tese. O autor publicou 18 artigos seus em livros – sendo três as obras que contam apenas com seus textos: **Analyse automatique du discours** (PÊCHEUX, 1969), **Les vérités de la Palice** (PÊCHEUX, [1975] 2009) e **Le discours: structure ou événement**<sup>158</sup> (PÊCHEUX, 1983) – e, ainda, dedicou 8 trabalhos a anais de congressos (o colóquio intitulado **Matérialités discursives** resultou na organização de obra com o mesmo nome).

Toda essa relação de trabalhos evidenciou a dedicação do autor Michel Pêcheux ao discurso e demonstrou a sua importância para a Produção do

---

<sup>154</sup> Conforme apresentei nos Apêndice II e III desta tese.

<sup>155</sup> Como forma de reconhecimento pela contribuição dos professores, foi elaborado um certificado pela revisão técnica dos resultados da pesquisa.

<sup>156</sup> Para organização da bibliografia, quando localizados, foram apresentados os responsáveis pelas traduções para a Língua Portuguesa, bem como os *links* para acesso na internet.

<sup>157</sup> Para esta contagem não foram consideradas as traduções.

<sup>158</sup> Obra que resultou da comunicação inédita feita pelo autor no evento denominado “**Marxism and the interpretation of culture: limits, frontiers, boundaries**”, que se realizou na Université de l'Illinois no ano de 1983.

Conhecimento Discursivo. Conforme asseverou Indursky (2016, p. 35), a relação que o autor estabeleceu com a escrita encaminhou o desenvolvimento da teoria:

A escrita é um dos modos de que o sujeito lança mão para relacionar-se com a história, com seu tempo, com a sociedade, em suma, para inscrever-se no corpo social. E, é por meio desse fazer do sujeito que sua escrita inscreve-se também na memória social.

A incansável sequência de publicações demonstrou o amadurecimento das noções teóricas, os começos e as retomadas, as idas e as vindas do autor Michel Pêcheux. É pela escrita em discurso que se pôde compreender também um pouco mais sobre a inscrição do sujeito na história e na memória sobre a teoria, na História das Ideias Discursivas.

Faz-se importante destacar como é entendida a Produção do Conhecimento Discursivo nesta tese, não para tipificar o discurso do autor Michel Pêcheux, mas para situar que houve aí uma distinção relevante que auxiliou também no entendimento da teoria. A Produção do Conhecimento Discursivo compõe-se (não só, mas também) do caminho trilhado pelo autor Michel Pêcheux, situando teoricamente a Análise de Discurso, ou seja, compreende a totalidade de publicações do autor. Já a circulação do conhecimento discursivo é uma discussão proposta aos pares, que se deu por meio da publicação de artigos em revistas acadêmico-científicas e/ou em anais de eventos, por exemplo. A produção implicou o processo singular, a construção da autoria, o trabalho intelectual; enquanto a circulação demandou publicizar a produção, submeter tal trabalho intelectual ao crivo dos pares.

É preciso movimentar os dizeres e as reflexões. É fundamental fazer ver e disponibilizar os artigos aos pares. A leitura é um caminho necessário para a (des)construção da teoria e para “problematizar” (GLOZMAN *et al.*, 2014) as verdades que parecem evidentes e/ou transparentes. Nesse viés, entendi que as publicações em revistas científicas tiveram um papel importante na trajetória do autor Michel Pêcheux, na Produção do Conhecimento Discursivo.

Considerando inicialmente a bibliografia completa e dando atenção aos artigos publicados em revistas, compreendi que as “grandes” obras do autor –

**Análise automática do discurso (AAD-69)** (PÊCHEUX, [1969] 2014; [1969] 2019), **Semântica e discurso** (PÊCHEUX, [1975] 2009) e **Materialidades Discursivas** (PÊCHEUX *et al.*, [1981] 2016) – permearam um caminho de diversas discussões empreendidas, em um primeiro momento, nos artigos publicados em revistas científicas.

O meu interesse pela circulação do conhecimento discursivo a partir da publicação do autor Michel Pêcheux em revistas acadêmico-científicas aprofundou-se durante o meu Mestrado, no momento de estudos para a organização das reflexões de minha dissertação intitulada *Sobre a (re)produção de conhecimento: reflexões a partir do (dis)curso de Michel Pêcheux* (GUASSO, 2017). Naquele movimento de análise, identifiquei que o artigo *Analyse de contenu et théorie du discours* (PÊCHEUX, 1967), publicado no *Bulletin d'Études et Recherches Psychologiques*, é recuperado por Pêcheux em publicações posteriores, sobretudo em **Analyse Automatique du Discours** (PÊCHEUX, 1969), justamente por ser um trabalho em que o autor desenvolveu tais reflexões.

Ademais, foi possível identificar um caminho de ideias teóricas trilhado a partir de muitas problematizações, por meio de diversas publicações nas quais se deram muitas retomadas do/no discurso. O autor mostrou-se incansável na sua empreitada de produzir conhecimento(s) discursivo(s).

### 3.3. UM PERCURSO PARA O DISCURSO DO AUTOR MICHEL PÊCHEUX: A CIRCULAÇÃO DO CONHECIMENTO DISCURSIVO EM REVISTAS CIENTÍFICAS

alguém parado  
é sempre suspeito  
de trazer como eu trago  
um susto preso no peito,  
um prazo, um prazer, um estrago,  
um de qualquer jeito,  
sujeito ser tragado  
pelo primeiro que passar  
parar dá azar  
(LEMINSKI, 2013, p. 261).

Quando realizei o estudo sobre os artigos veiculados por Michel Pêcheux em revistas de grande relevância para o ocidente, nas áreas de Linguística, Ciências Humanas e Sociais, a fim de analisar a circulação do Conhecimento Discursivo enquanto possibilidade de percorrer um possível percurso (não o único) para o movimento de autoria que construiu autor e teoria, delimittei que o *corpus* deste trabalho construiu-se de “sequências discursivas” (COURTINE, [1981] 2009, p. 55) – previamente selecionadas em momento de leitura anterior e que, a meu ver, se fizerem relevantes para a apreensão e as possíveis discussões – acerca do discurso enquanto categoria teórica e analítica essencial para a Análise de Discurso. Fez-se primordial, da mesma forma, relacionar as outras noções teóricas que constituíram o processo de produção de sentidos sobre a teoria.

Parar dá azar... por isso o movimento aqui foi constante. Houve prazos, mas também houve prazer nesta busca por sentidos e nesta retomada de já-ditos. Tal discussão, que não se pretendeu exaustiva, definitiva e/ou totalizadora, demonstrou a minha busca por um percurso para a produção de conhecimento na Análise de Discurso a partir da circulação do conhecimento na Análise de Discurso, momento teórico caro aos estudos discursivos; isso mostrou o que se repete e o que se contrapõe, as aproximações e os distanciamentos, não só acerca do sujeito, mas também dos sentidos, da ideologia e das evidências que regem o discurso na produção de conhecimento sobre a língua. Para tanto, as perspectivas da Análise de Discurso de fundação francesa, bem como da História das Ideias Linguísticas, de amplo desenvolvimento no Brasil, permearam a discussão que apresentei como um todo, o que explicitou principalmente a teoria e a metodologia próprias à análise.

Meu percurso nesta parte do trabalho dividiu-se em dois movimentos principais. O primeiro deles considerou a circulação do conhecimento discursivo. Dediquei-me, então, ao estudo dos artigos publicados pelo autor Michel Pêcheux nas revistas já anteriormente denominadas – *Ethnies*, *Langages*, *L’homme et la société*, *Linguistique Institut Nanterre Paris X - LINX* e *Mots*. Nesse momento, também houve a organização do *corpus* – o discurso sobre o discurso, o sujeito, a língua, a ideologia etc.

No segundo momento da minha investigação, propus a análise das condições de produção de cada discurso, a fim de entender e refletir não somente sobre o momento histórico, mas também sobre os seus possíveis atravessamentos no

discurso do sujeito. A teoria pecheuxtiana – que se construiu de trabalhos como **Análise automática do discurso (AAD-69)** (PÊCHEUX, [1969] 2014; [1969] 2019), **Semântica e discurso** (PÊCHEUX, [1975] 2009) e **Materialidades Discursivas** (PÊCHEUX *et al.*, [1981] 2016) – auxiliou-me na compreensão de noções e conceitos recorrentes: a língua como materialidade do discurso, e o discurso como materialidade da ideologia – já que é por meio da língua que se apreende o discurso, e é através do discurso que se materializa a ideologia.

À vista disso, destaco o meu objetivo: refletir acerca da Produção do Conhecimento Discursivo, sobretudo no que diz respeito ao discurso do sujeito da/na produção/circulação de conhecimento. Por meio da análise contrastiva dos discursos assinados pelo autor Michel Pêcheux, busquei discutir, dentre outras, as noções de subjetividade, discursividade e historicidade, bem como a maneira com que elas são mobilizadas.

E o que significa dizer Produção do Conhecimento *Discursivo* nesta tese? O que o *discursivo* mobilizou em minhas reflexões? Com o objetivo de caracterizar, determinar, modificar, especificar ou restringir o substantivo (conhecimento), recuperei o fato de que trabalhar a produção de conhecimento na Linguística (na Gramática, na Filologia etc.), por exemplo, envolve considerar as possibilidades de entendimento sobre esse campo do saber, considerando, para tanto, os já-ditos sobre ele. São as teorias que propuseram conceitos fundamentais ao conhecimento linguístico, em condições de produção amplas. Dizer Produção do Conhecimento *Discursivo* é determinar a produção de conhecimento que eu quero perseguir; dizer circulação do conhecimento *discursivo* demandou situar que estou considerando artigos publicados em revistas científicas: é especificar que são tratadas de perto as questões que envolvem o discurso e a História das Ideias Discursivas.

#### 3.4. *ETHNIES; LANGAGES; L'HOMME ET LA SOCIETE; LINGUISTIQUE INSTITUT NANTERRE PARIS X - LINX; MOTS*

Entendi, a partir de Auroux ([1992] 2014) em articulação com outros autores que permeiam a historicidade no espaço brasileiro – Eni Orlandi (2002), Eduardo

Guimarães (2003) e José Horta Nunes (2005), por exemplo –, que o conhecimento é uma organização (inconsciente) da memória a partir daquilo que está em jogo no discurso e que se faz necessário mobilizar no momento da atualização do dizer. O conhecimento perpassa a questão de saber – sobre alguma coisa/alguém – e constrói uma significação sobre isso, sendo que “o saber (as instâncias que o fazem trabalhar) não destrói seu passado como se crê erroneamente com frequência; ele o organiza, o escolhe, o esquece, o imagina ou o idealiza, do mesmo modo que antecipa seu futuro sonhando-o enquanto o constrói” (AUROUX, [1992] 2014, p. 12). É necessário saber/ter conhecimento para ser possível produzir conhecimento, uma caminhada que envolve esforços teóricos, demandando um primeiro passo, um ponto de partida.

Diante disso, conhecer uma teoria em determinado momento sócio-histórico não garante que um conhecimento seja produzido e, da mesma forma, não obriga o sujeito a esquecer e negar tudo o que sabia antes, mas possibilita – ainda que de maneira inconsciente – organizar o saber de modo a estabelecer relações entre saberes, sujeitos e discursos. Envolve mesmo ter o discernimento de enxergar possibilidades de (res)significação, não só dizendo o mesmo de outra maneira, mas também repetindo os já-ditos, em se considerando que a produção de conhecimento necessita desse mo(vi)mento de vai e vem entre a teoria e a prática do discurso conferido pela circulação do conhecimento discursivo.

Delimitar um percurso para a Produção do Conhecimento Discursivo, nesta tese, demonstrou uma tomada de posição enquanto estudante das teorias linguísticas, mobilizando e atualizando os saberes. O conhecimento, por mim compreendido como a possibilidade de representar um objeto em análise, produz sentidos a partir daquilo que é ativado pela memória do pesquisador – que se constitui em um horizonte de retrospectção e em um horizonte de projeção (AUROUX, 2008). E isso se justifica, inicialmente, porque defendo que o conhecimento não se dá de modo separado/afastado/fechado, já que “o discurso não funciona de modo isolado” (HENRY, 2013), bem como porque entendo que “todo saber seja um produto histórico [...] que resulta a cada instante de uma interação das tradições e do contexto” (AUROUX, [1992] 2014, p. 14).

O conhecimento ativa lugares da memória, não quaisquer lugares, mas aqueles que se fazem possíveis ao sujeito no espaço-tempo de atualização do dizer.

Sendo assim, o sujeito atualiza o seu dizer – considerando sempre o que já foi dito antes e que faz parte do interdiscurso –, bem como enuncia a partir do que pode e do que deve ser dito por ele – dentro das condições sociais e ideológicas já determinadas pela formação discursiva na qual se inscreve prioritariamente.

A compreensão sobre os fatos na história e sobre os sentidos que eles engendram fez-se primordial para discutir as noções que envolvem a categoria de sujeito, bem como o seu gesto de interpretação a partir do recorte/aporte teórico. Por esse viés, adentrei a noção de historicidade e considerei que a história não serve apenas “como um pano de fundo, um exterior independente, mas como constitutiva da produção de sentidos” (NUNES, 2005, p. 1). Sendo, sobretudo, por meio do discurso em movimento que a historicidade toma forma, produz conhecimento e possibilita a produção de sentido(s).

O sujeito e o discurso são, em sua constituição, atravessados. De acordo com a teoria que mobilizei, entendeu-se que, por ser produzido por sujeitos e para sujeitos, o discurso é histórica e ideologicamente constituído, uma vez que o sujeito assume sempre uma posição sócio-histórica e, por isso, é ideológico.

A revista científica foi tomada como o meio material de circulação de ideias teóricas em formação e, também motivada por estudos sobre tal meio de propagação do conhecimento, destaquei o trabalho de Paim (2015, p. 88), por meio do qual compreendi que: “interessa-nos entender os efeitos de sentidos que singularizam a revista acadêmica como veículo de divulgação do conhecimento produzido por uma dada instituição em determinado momento de sua história”. Os efeitos de sentido acerca da veiculação de discursos em revistas foram de meu interesse porque esse foi o caminho que seguiu o autor Michel Pêcheux para a circulação de suas ideias: as revistas acadêmicas/científicas foram um meio material a partir do qual o autor promoveu e propagou as suas reflexões sobre o discurso e o sentido da/na língua.

De acordo com Scherer e Petri (2015), o lugar de publicação assumido pelo autor, neste caso a revista acadêmica/científica, diz respeito a uma tomada de posição frente à teoria e ao sujeito, empreende o movimento em um espaço político de discussão e de construção de saberes:

As revistas acadêmico-científicas constituem-se, para nós, como publicações periódicas produzidas em instituições, através de seus centros de pesquisa, universidades e órgãos de apoio, as quais, por sua vez, divulgam artigos resultantes de pesquisas levadas a cabo por uma dada comunidade. São publicadas a intervalos regulares, sob a responsabilidade de uma equipe editorial.

[...] O público alvo desse tipo de revista é a própria comunidade de pesquisadores e de estudantes em formação para a pesquisa, onde a revista se insere, e no conjunto de universidades do país e do exterior. As revistas científico-acadêmicas são um importante meio de divulgação e circulação do que se produz como ciência e no como esse científico é posto em funcionamento. Por meio dessas publicações, podemos entender todo um percurso histórico de produção do conhecimento e podemos, igualmente, identificar e descrever a tradição de pesquisa à qual o pesquisador e ou a instituição em que ele está filiado põe em prática o seu fazer (SCHERER; PETRI, 2015, p. 16-17).

Uma revista acadêmica/científica tem um lugar institucional. Tem um organizador, uma periodicidade, pode estar filiada a grupos de pesquisa, universidades ou outros órgãos. Ainda, caracteriza-se por divulgar resultados de pesquisa aos pares (pesquisadores da mesma área do conhecimento e/ou de áreas afins), bem como aos estudantes interessados pelo assunto e/ou por assuntos relacionados. Observando as publicações de um autor em revistas pode-se verificar tanto os meios nos quais ele circulou, quanto aqueles nos quais ele foi “aceito”, ou seja, que era permitido que ele circulasse. Pode-se também acompanhar datas de publicação, condições de produção e como o autor intitulou seus textos. É um pouco desse caminho que busquei percorrer sobre as publicações do autor Michel Pêcheux, considerando o seu lugar na História das Ideias Discursivas.

A revista acadêmica/científica, enquanto promotora da circulação do conhecimento discursivo, é considerada como instrumento do conhecimento:

Instrumento de documentação do conhecimento científico [que] possibilita a leitura, interpretação e citação dos artigos por outros pesquisadores e, também, a relação entre pesquisadores e comunidades científicas distintas, favorecendo dessa forma o desenvolvimento, atualização e avanço das pesquisas científicas e da ciência. Esses fatos possibilitam a formalização do conhecimento através da publicação de contribuições originais e significativas para a área de interesse da revista e sua circulação e disponibilização para leitura e interpretação (PAIM, 2015, p. 90).

O conhecimento discursivo materializado nas revistas acadêmicas/científicas possibilita, portanto, a movimentação do saber. O leitor/pesquisador, a partir da sua leitura e interpretação, pode fazer citações e pôr o conhecimento em relação a outros. A materialidade possibilita, entre outras questões, confrontar afirmações,

fazer questionamentos, reforçar um ponto de vista teórico, contribuindo para o desenvolvimento e a Produção do Conhecimento Discursivo.

Tendo em vista as publicações em revistas científicas, concordei com Costa (2020, p. 36), sobretudo quando afirmou que: “funcionam não só divulgando o conhecimento, mas também retratando a relação entre o conhecimento e a comunidade científica, a qual contribui para a legitimação do saber entre seus pares”. Sendo assim, quando publica, o autor disponibiliza à comunidade científica suas contribuições sobre o conhecimento, em se tratando especificamente das publicações do autor Michel Pêcheux, consideram-se as contribuições sobre o conhecimento discursivo.

A designação “revistas científicas” é utilizada concordando com Costa (2020, p. 36): “atentamos ao termo devido à discussão recorrente sobre tal definição, que pode ser aceita como periódico científico ou revista científica”. A autora afirma, citando Stumpf (1998), que tal designação é “comum” no meio acadêmico, entre pesquisadores, cientistas, professores e estudantes.

Apresentou-se então a importância de recuperar as publicações sob autoria de Michel Pêcheux no sentido mesmo de verificar as ferramentas das quais o autor se utilizou para promover e divulgar os saberes sobre o discurso e sobre a análise. Nesse caminho, entendi que a ciência linguística, enquanto produção de conhecimento, é feita de movimentos: idas e vindas da prática à teoria<sup>159</sup>. Colocar os saberes em funcionamento na comunidade de pesquisadores e de estudantes da área e/ou de áreas afins à Análise de Discurso demandou considerar que a teoria está em construção e que o saber não é estático e/ou permanente, mas está em funcionamento.

Neste momento de organização de ideias que foram mobilizadas, passo a uma breve descrição de cinco revistas<sup>160</sup> que perfizeram as condições de produção nas quais o autor Michel Pêcheux publicou seus textos, considerando, para tanto, que a circulação do discurso é um dos três momentos do processo de produção do

---

<sup>159</sup> De acordo com Petri (2013), quando reflete sobre o movimento pendular próprio à pesquisa da/na Análise de Discurso.

<sup>160</sup> O autor publicou em outras revistas acadêmicas/científicas, mas, como já explicitiei, para fins de pesquisa, foi necessário fazer um recorte. São artigos publicados nessas revistas que estão disponíveis no portal *Persée*.

discurso e é a instância na qual se pode observar a não neutralidade dos meios<sup>161</sup>. Apresentei também as imagens dos seus primeiros números, de modo a construir os discursos sobre as revistas:

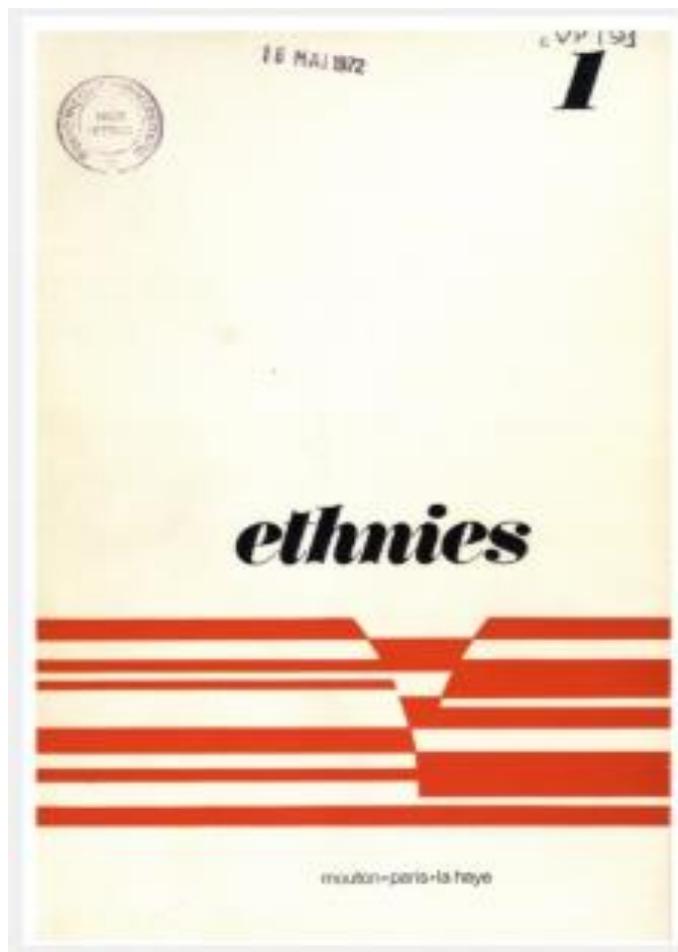
1) A revista *Ethnies* (Figura 3), fundada em 1971, investiga questões da Linguística e das relações interétnicas na França. Faz parte da coleção IDERIC, resultado de uma colaboração entre organizações internacionais que visam ao desenvolvimento, à cooperação e à assistência técnica, o que levou à criação de programas de pesquisa e ensino sobre relações étnicas e culturais.

A revista é promovida pelo Instituto de Estudos e Pesquisas Interculturais e propõe apresentar ao público estudos curtos (artigos, anais de eventos) com os resultados de diversas pesquisas, objetivando embasar discussões teóricas e possibilitar a continuação das pesquisas.

*Ethnies* é uma ferramenta de trabalho, de reflexão e de compartilhamento de pesquisas interétnicas e interculturais. Abrange relações conhecidas, como "raça", grupos étnicos, civilizações e culturas, ou seja, as relações de todos os tipos que se formam entre diferentes sociedades ou grupos humanos. Estende-se, portanto, a uma variedade de estudos heterogêneos que não podem ser tratados mais independentemente uns dos outros.

---

<sup>161</sup> Conforme Dias (2019, p. 44).

Figura 3 - Revista *Ethnies*, nº 1, 1971

Disponível em: [https://www.persee.fr/issue/ethni\\_0336-8459\\_1971\\_num\\_1\\_1](https://www.persee.fr/issue/ethni_0336-8459_1971_num_1_1). Acesso em: 30 jun. 2020.

2) A revista *Langages* (Figura 4) foi criada, em 1966, por R. Barthes, J. Dubois, A. J. Greimas, B. Pottier, B. Quemada, N. Ruwet. Ela conta com a publicação de estudos da língua em seu uso cotidiano, o que, em uma visão ideal, precisa de uma teorização. Com a proposta de trazer questões acerca das linguagens, a revista acolhe artigos que refletem as preocupações dos pesquisadores em relação à atualidade ou as mudanças disciplinares, bem como os balanços de suas áreas afins.

Atualmente, a revista publica 4 volumes por ano, cada um sob responsabilidade científica de um coordenador e seus colaboradores, franceses ou estrangeiros, especialistas no tema a ser trabalhado.

Figura 4 - Revista *Langages*, nº 1, 1966. *Recherches sémantiques*, organização de Tzvetan Todorov



Disponível em: [https://www.persee.fr/issue/lgge\\_0458-726x\\_1966\\_num\\_1\\_1](https://www.persee.fr/issue/lgge_0458-726x_1966_num_1_1). Acesso em: 30 jun. 2020.

3) *L'homme et la société* (Figura 5) foi uma revista de pesquisa e de síntese em ciências sociais, fundada, em 1966 – teve publicações até os anos 2000 no *site Persée* e de 2001 em diante no *site Cairn.info*<sup>162</sup>–, por Jean Pronteau e Serge Jonas. Organizando-se em torno de dossiês que visaram construir uma inteligência da sociedade contemporânea, a revista carregou a ambição de seu início: ajudar as ciências sociais a defenderem-se de concepções que tenderam a encaixar a atividade social em lugares pré-estabelecidos como, por exemplo, o “estruturalismo”, a “sociedade pós-industrial” etc.

<sup>162</sup> Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-l-homme-et-la-societe.htm#>. Acesso em: 30 jun. 2020.

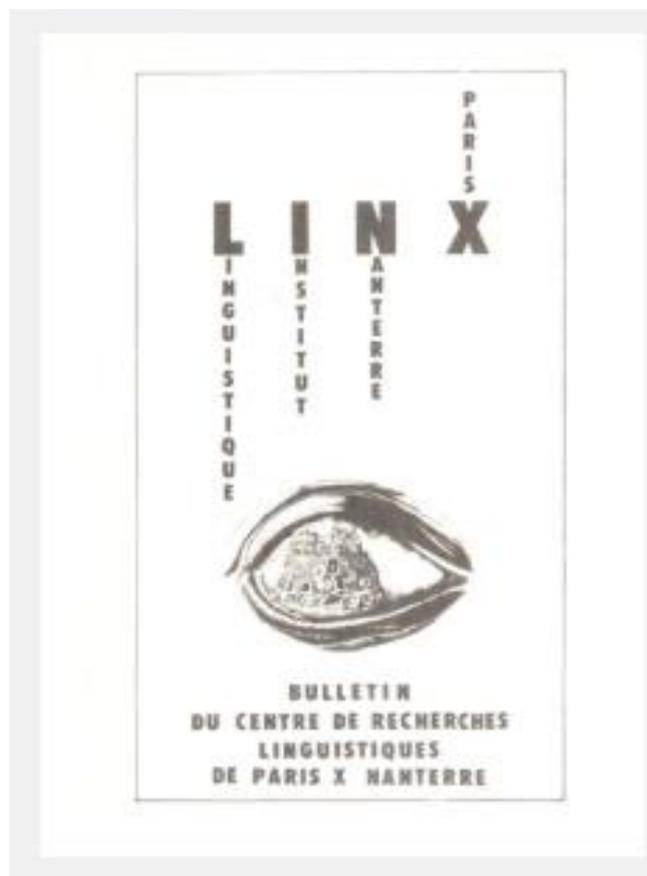
Figura 5 - Revista *L'homme et la société*, n° 1, 1966

Disponível em: [https://www.persee.fr/issue/homso\\_0018-4306\\_1966\\_num\\_1\\_1](https://www.persee.fr/issue/homso_0018-4306_1966_num_1_1). Acesso em: 30 jun. 2020.

4) A revista *Linguistique Institut Nanterre Paris X – LINX* (Figura 6), criada em 1978 – com publicações disponíveis até o ano 1997 no *site Persée* e de 1998 em diante no *site Open Edition Journals*<sup>163</sup> –, é dirigida por linguistas da Universidade de Paris X-Nanterre (ex-Paris X). Nela são abordados os mais variados temas de Ciências da Linguagem: Sintaxe, Semântica, Pragmática, Análise de Discurso, Lexicologia, História e Epistemologia da Linguística, linguagem e cognição, línguas orais, aquisição da linguagem escrita, ensino de línguas, processamento da linguagem e Linguística Computacional, linguagem diacrônica etc. São publicados 2 números da revista por ano.

<sup>163</sup> Disponível em: <https://journals.openedition.org/linx/>. Acesso em: 30 jun. 2020.

Figura 6 - Revista *Linguistique Institut Nanterre Paris X – LINX*, nº 1, 1979

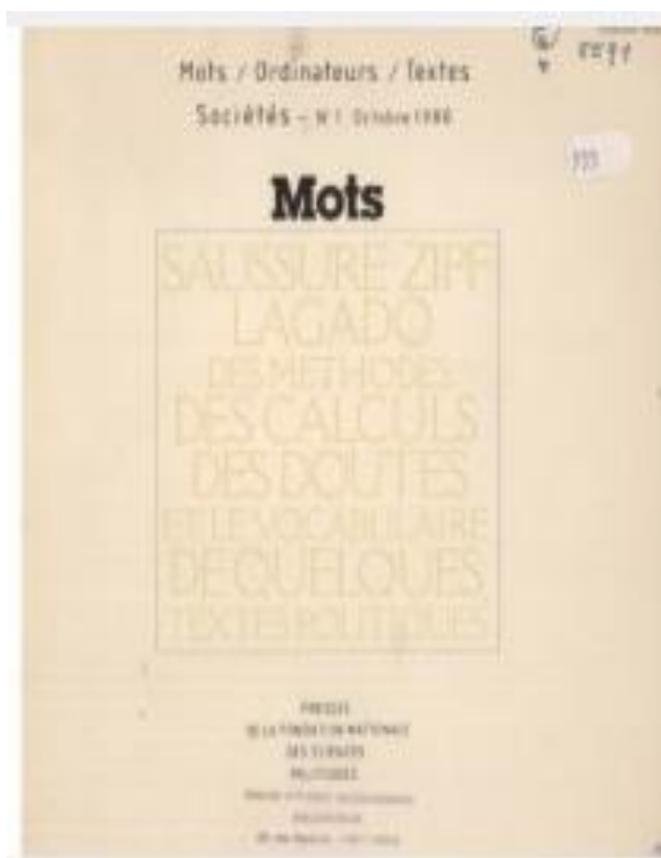


Disponível em: [https://www.persee.fr/issue/linx\\_0246-8743\\_1979\\_num\\_1\\_1](https://www.persee.fr/issue/linx_0246-8743_1979_num_1_1). Acesso em: 30 jun. 2020.

5) Já a revista *Mots* (Figura 7), fundada em 1980 – com publicações disponíveis até o ano 2009 no *site Persée*, sendo que, a partir do ano 2002, as edições da revista são distribuídas pelo *site Open Edition Journals*<sup>164</sup> –, tem como objeto de estudo as linguagens do político. Ela é destinada aos especialistas das diferentes ciências humanas e sociais, e a todos aqueles que conhecem o lugar das palavras e dos símbolos em política. São publicados 3 números da revista a cada ano.

<sup>164</sup> Disponível em: <https://journals.openedition.org/mots/>. Acesso em: 30 jun. 2020.

Figura 7 - Revista *Mots*, nº 1, 1980. *Saussure, Zipf, Lagado, des méthodes, des calculs, des doutes et le vocabulaire de quelques textes politiques.*



Disponível em: [https://www.persee.fr/issue/mots\\_0243-6450\\_1980\\_num\\_1\\_1](https://www.persee.fr/issue/mots_0243-6450_1980_num_1_1). Acesso em: 30 jun. 2020.

Ao longo deste estudo, propus reflexões sobre a circulação do conhecimento discursivo em revistas científicas entre meados dos anos 1960 e 1980, na França, a fim de compreender melhor esse processo de produção de conhecimento na prática teórico-discursiva. Nesse caminho, aprofundei-me na teoria apresentada ao longo do processo de investigação, e a fundamentação teórica acabou complementando-se com outros textos relevantes à área.

Dentre as maneiras pelas quais eu pude recuperar os textos do autor Michel Pêcheux publicados em revistas, escolhi fazer alguns recortes sobre quando o autor definiu discurso, no sentido de delinear este caminho. Fiz isso, sem, contudo, deixar de aceitar os possíveis tropeços – que inconscientemente puderam ser causados por mim – já que estive sujeita a atravessamentos sociais, políticos e ideológicos, e,

da mesma forma, diante da posição-sujeito que assumo frente à língua em funcionamento.

Caminhei em busca de sentidos, tendo em vista que a palavra em discurso realoca sentidos e desloca os saberes, de modo que a produção de conhecimento necessita de um deslocamento da teoria à prática e vice-versa. É o ir e vir<sup>165</sup> da teoria que promoveu a construção de redes de significação e, assim, encaminhou o processo de produção de sentidos.

A questão do sentido, fundamental ao trabalho de autoria de Michel Pêcheux e proposta por ele, sugeriu um passo possível para o caminho do discurso. A fronteira entre língua e discurso foi considerada pelo autor, que afirmou:

*[...] la frontière séparant le linguistique et le discursif est constamment remise en cause dans toute pratique discursive, en raison de ce que les « systématicités » évoquées à l'instant (et avant tout celle de la syntaxe) n'existent pas sous la forme d'un bloc homogène de règles organisé à la manière d'une machine logique (PÊCHEUX, 1975, p. 3)<sup>166</sup>.*

A tomada de posição do sujeito na língua tem uma série de implicações semânticas, em se considerando que é a ideologia que interpela o indivíduo em sujeito. Quem fala/para quem fala e como fala, utilizando-se, para tanto, de regras fonológicas, morfológicas e sintáticas da/na língua, mobiliza significações e produz sentidos. O desafio na prática discursiva dá-se justamente porque o sistema (linguístico) não garante “o” sentido, mas sempre uma possibilidade de significação. Considero como um exemplo desse movimento o emprego da palavra “manifestantes” em oposição à palavra “vândalos” em um dado momento histórico, sob dadas condições de produção, em um relato sobre uma manifestação civil; nesse viés, a seleção de um ou outro vocábulo pode denotar o lugar social-político-ideológico do sujeito que toma posição no seu discurso.

A forma-sujeito para a prática científica é realizada nas “condições produzidas pelo modo de produção capitalista e sob dominância geral do jurídico” (PÊCHEUX,

---

<sup>165</sup> Petri (2013) desenvolveu a reflexão sobre o movimento pendular próprio à teoria discursiva.

<sup>166</sup> Tradução minha: “[...] a fronteira que separa o linguístico e o discursivo é constantemente colocada em questão na prática discursiva, porque as ‘sistematicidades’ mencionadas há pouco (e, sobretudo, aquela da sintaxe) não existem sob a forma de um bloco homogêneo de regras organizado como uma máquina lógica”.

[1975] 2009, p. 171), apresentando como sistema de referência uma remissão perpétua entre os significantes do conhecimento. O que direcionou à compreensão de que a forma-sujeito do discurso da ciência produz conhecimento de acordo com as condições ideológicas de produção a que está assujeitada, bem como está sendo constantemente influenciada pela formação ideológica (FI), pela formação discursiva (FD) e pelo interdiscurso intrincados nesse processo e, por isso, só produz o seu discurso porque tudo já foi dito antes, em outro lugar. Faz-se necessário considerar que a FD determina o que pode e deve ser dito, ao passo que a FI estabelece uma posição social, uma conjuntura: “Chamaremos, então, formação discursiva aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito” (PÊCHEUX, [1975] 2009, p. 147). O interdiscurso, por sua vez, determina a FD, porque é constituído de todo o dizer já dito: “[...] o interdiscurso aparece como puro ‘já dito’ do intradiscurso, no qual ele [o sujeito] se articula por ‘correferência’” (PÊCHEUX, [1975] 2009, p. 154, grifos do autor).

A língua em funcionamento é muito rica e tem uma gama de possibilidades de sentido: é sobre isso que o autor Michel Pêcheux se debruçou, buscando fazer ver e tirar do lugar comum aquilo que parece estabilizado. A língua não é transparente, mas opaca em sua constituição em se considerando que o(s) sentido(s) do que é dito – e até mesmo do que não é dito – está(ão) sempre em relação às condições sócio-históricas de produção de um discurso.

Ensinou-se e, em consequência disso, aprendeu-se que a língua é uma, única e completa – no sentido de que tudo aquilo que é dito pode ser perfeitamente entendido. Entretanto, entendi, a partir do que afirmou o autor Michel Pêcheux (1975), que o sentido não é transparente no momento em que se reflete não somente sobre a função das palavras, mas, sobretudo, quando se remete ao seu funcionamento no discurso. O sujeito discursiviza atravessado pelas formações ideológicas, sob dada formação discursiva, a partir de determinadas condições de produção.

A materialidade linguística possibilita a reflexão acerca das tomadas de posição do sujeito na língua: não só sobre os dizeres já ditos, mas também sobre o que pode e o que deve ser dito. As formações discursivas, por exemplo, de um professor, de um pai e/ou de um patrão em contraposição às de um aluno, de um

filho e/ou de um empregado, quando assim pensadas, permitem minimamente entender as diferentes condições de produção que atravessam o sujeito no momento de tomar posição na/pela língua e dizer “x” e não “y”.

O sujeito é assujeitado à língua e pela língua porque ela se constitui como um sistema pré-existente do qual se faz uso(s) para significar(-se). É esse uso – entendido como funcionamento – que é apreendido como a tomada de posição do sujeito: é o funcionamento do discurso que possibilita a construção de sentidos outros, já que depende das relações que o sujeito estabelece entre a língua e a exterioridade.

E a fronteira que separa, ao mesmo tempo, une, constituindo os sujeitos e os sentidos. É por meio da língua que o sujeito se significa e significa o outro, em discurso, afastando e aproximando sentidos, ainda que dividido pelas relações já estabelecidas com a realidade que o cerca; disso ele não pode fugir, e é assim que a língua cumpre seu papel:

*[...] l'amour de la langue court comme une folie souterraine sous l'histoire officielle des grammaires et des philosophes. Une « logophilie » à double forme, s'appliquant tantôt à reconstituer une langue originaire adhérent à un corps maternel perdu (Ursprache, essaim de mots-semences se disloquant comme un corps morcelé), tantôt à construire une langue parfaite où les signifiants coïncident sans défaut avec les signifiés (comme en témoignent les multiples tentatives de langue logique de type leibnizien). La double figure de la Langue-mère et de la Langue Idéale apparaît ainsi comme le symptôme, spécifique au réel de la Langue, de ce qui s'inscrit dans l'histoire sous la forme de la dualité Vie/Droit (GADET; PÊCHEUX, 1980, p. 361, grifo dos autores)<sup>167</sup>.*

Existe a idealização de uma língua “perfeita”, em se considerando que muito se buscou – e há quem ainda busque – uma língua capaz de tudo dizer ou, ainda, aquela que transparentemente signifique de maneira igual para todo e qualquer sujeito. É o caso, por exemplo, do Esperanto, que foi elaborado a fim de servir de

---

<sup>167</sup> Tradução minha: “[...] o amor da língua corre como uma loucura subterrânea sob a história oficial das gramáticas e dos filósofos. Uma “logofilia” de dupla forma, aplicando-se tanto para reconstituir uma língua original aderindo à um corpo materno perdido (protolanguage, enxame de palavras-sementes se deslocando como um corpo espedaçado), tanto para construir uma língua perfeita em que os significantes coincidem sem defeito com os significados (como testemunham as múltiplas tentativas de língua lógica do tipo leibniziano). A dupla figura da Língua Materna e da Língua Ideal aparece assim como o sintoma, específico ao real da Língua, do que se inscreve na história sob a forma da dualidade Vida/Direito”.

idioma universal e promover a paz e a fraternidade entre as nações, já que o nome dessa língua tem o significado de “esperançoso”. De acordo com Urbim (2016), o seu idealizador foi L. L. Zamenhof, em 1887, tendo como inspiração os vocabulários das línguas latinas e a pronúncia das línguas eslavas. Atualmente, a língua conta com aproximadamente 200 mil falantes.

Considerando que a gramatização – entendida como o processo de descrever e instrumentar uma língua – promoveu a segunda revolução técnico-linguística (a primeira grande revolução foi o advento da escrita), ela deve ser tomada como um dos elementos que organiza a sociedade humana, visto que propôs uma rede homogênea de comunicação (AUROUX, [1992] 2014), sustentada pela escrita, pelo registro da língua, do espaço e do tempo, a partir de um modelo ocidental. Sendo a gramática aquela que trabalha com a categorização de unidades linguísticas, que apresenta exemplos dessa categorização e institui regras para construir enunciados, ela cumpre seu papel de instrumento linguístico, o qual auxilia não só na compreensão, mas também na reflexão sobre a língua em discurso e dos sentidos que ela constrói e desconstrói.

Os instrumentos linguísticos – gramáticas e dicionários, por exemplo – não podem assegurar e/ou garantir sentidos. Os autores Gadet e Pêcheux (1980) declararam ser uma loucura a busca de uma língua original ou de uma língua ideal, perfeita e sem falhas, pois, uma vez que a língua, constituída por e para sujeitos, é sempre múltipla e opaca: os sentidos sempre podem ser outros.

A crítica que é então tecida não versa sobre a gramática e/ou o seu uso, mas sobre o papel que ela assume no discurso em funcionamento, já que a Análise de Discurso pecheuxtiana propõe que a tomada de posição do sujeito, ao mobilizar sentidos sociais e históricos, encaminha para uma interpretação possível. Com base nisso, a história deve ser apreendida também significando e produzindo sentidos.

O sujeito do/no discurso não pode negar a história e, nesse viés, tampouco deixar de considerar os já-ditos que constituem o seu dizer. É necessário, para a constituição de sentidos, esse imaginário de que o sujeito é mestre e senhor de sua língua, ou seja, essa ideia que exerce no sujeito a ilusão de que o seu dito produz um sentido e não outro; da mesma forma, a ideia de que não há falhas ou faltas no

seu dizer; e, até mesmo, a ideia de que o sujeito e seu discurso não são afetados pela história, pelo inconsciente e pela ideologia.

Há esquecimentos necessários ao sujeito quando produz discurso(s); conforme declarou o autor Michel Pêcheux ([1975] 2009), dois esquecimentos atravessam o sujeito no momento de produção de um discurso: mais especificamente, o esquecimento nº 1, segundo o qual, o sujeito não pode estar fora da formação discursiva que o domina, e o esquecimento nº 2, mediante o qual o sujeito é regido quando organiza o seu dizer; assim, o esquecimento nº 1 mantém a ilusão de que o sujeito é a origem do seu dizer, e o esquecimento nº 2 mantém a ilusão da literalidade/realidade do seu dizer.

Para o autor, uma via para trabalhar o discurso é confrontá-lo com a memória sobre a história:

*[...] c'est sans doute, du point de vue qui nous cernent ici, commencer à se dépendre du penchant, encore presque exclusif, de l'analyse de discours pour les énoncés de porte-parole légitimés (textes imprimés, déclarations officielles etc.), et accepter de se confronter à cette « mémoire sous l'histoire » qui sillonne l'archive non-écrite des discours souterrains [...]* (PÉCHEUX, 1981, p. 7, grifo do autor)<sup>168</sup>.

Confrontar a memória sobre a história foi uma proposta do autor, que entendeu ser uma inclinação da Análise de Discurso desconstruir saberes já postos que parecem estabilizados, únicos e verdadeiros. Esse movimento promove um trabalho com o discurso em busca de dizeres outros, novas interpretações, outros sentidos. O arquivo, construído de discursos, é invariavelmente sulcado/marcado por posicionamentos e, ainda que pareça, não é transparente.

Em reflexão acerca do discurso e da exterioridade que lhe é constitutiva, Souza, Silveira e Venturini (2019) destacaram que o funcionamento do discurso se dá em relação às condições de sua produção. Sendo a língua possibilidade de discurso, os sentidos constroem-se tanto a partir do sistema linguístico quanto da

---

<sup>168</sup> Tradução de Birck *et al.* (COURTINE, [1981] 2009, p. 25): “[...] é certamente, do ponto de vista que nos interessa aqui, começar a se desprender da inclinação, ainda quase exclusiva, da análise de discurso pelos enunciados legitimados de porta-vozes (textos impressos, declarações oficiais, etc.), e aceitar o confronto com essa “memória sob a história” que percorre o arquivo não escrito de discursos subterrâneos [...]”.

exterioridade que lhe constitui. As autoras reforçaram: “a produção de sentidos não pode se restringir aos aspectos linguísticos internos ao sistema (embora tais elementos importem muito), ou seja, a produção de sentidos precisa ser apreendida na relação da língua com o social, o histórico e o ideológico” (SOUZA; SILVEIRA; VENTURINI, 2019, p. 22).

Apreender a exterioridade é ponto fundamental para tomar o discurso. Nesse caminho, considerar a história como constitutiva do discurso encaminhou-me a perceber deslocamentos. Não há só uma maneira de se fazer presente na/pela história, assim como não há só uma maneira de se fazer ausente:

*Ainsi la question historique des révolutions concerne-t-elle par divers biais le contact entre le visible et l'invisible, entre le l'existant et l'ailleurs, le non-réalisé ou l'impossible, entre le présent et les différents modalités de l'absence (PÊCHEUX, 1982, p. 54)<sup>169</sup>.*

Há sempre, em uma tomada de posição do sujeito frente à língua e aos acontecimentos por ela mobilizados, um jogo inconsciente entre ditos e não-ditos, ou seja, há sempre uma divisão, uma seleção e uma busca por produzir sentidos e interpretações. Está convocado no dizer um “não está”, um “não está mais”, um “ainda não está” e um “nunca estará”, que é trabalhado pela ideologia, no sentido de naturalizá-los no curso do discurso.

*A travers les structures qui lui sont propes, toute langue est nécessairement en rapport avec le « pas-là », le « plus-là », le « pas encore là » et le « jamais là » de la perception immédiate : en elle s'inscrit ainsi l'efficace omni-historique de l'idéologie comme incontournable tendance à représenter les origines et les fins dernières, l'ailleurs, l'au-delà et l'invisible (PÊCHEUX, 1982, p. 54, grifos do autor)<sup>170</sup>.*

<sup>169</sup> Tradução de Nunes (PÊCHEUX, 1990, p. 8): “Assim, a questão histórica das revoluções concerne por diversas vias no contato entre o visível e o invisível, entre o existente e o alhures, o não-realizado ou impossível, entre o presente e as diferentes modalidades da ausência”.

<sup>170</sup> Tradução de Nunes (PÊCHEUX, 1990, p. 8): “Através das estruturas que lhe são próprias, toda língua está necessariamente em relação com o ‘não está’, o ‘não está mais’, o ‘ainda não está’ e o ‘nunca estará’ da percepção imediata: nela se inscreve assim a eficácia omni-histórica da ideologia como uma tendência incontornável a representar as origens e os fins últimos, o alhures, o além e o invisível”.

O que a Análise de Discurso pecheuxtiana propôs foi, justamente, tirar a ideologia de um lugar comum e fazer ver que ela pode apagar ou evidenciar diferenças, neutralizar sentidos, de modo a acomodar e/ou desacomodar saberes. Há dominação nos mais diversos âmbitos da vida em sociedade, e o sujeito precisa estar atento a esse funcionamento no discurso.

*[...] le propre de la lutte idéologique sous la domination bourgeoise c'est de se dérouler dans un monde qui n'achève jamais de se diviser en deux (PÊCHEUX, 1982, p. 58)<sup>171</sup>.*

O sujeito que resiste desconstrói saberes estabilizados e busca novas maneiras de interpretar a realidade sócio-histórica. E desconstruir saberes envolve (re)pensar sobre o valor mesmo da palavra no discurso; requer não só a reflexão sobre o uso, mas também a exigência de um olhar atento ao funcionamento do conjunto, para além da superfície linguística.

Pensar sobre o que pode ser dito em uma situação determinada sobre um tema “qualquer” já auxilia o entendimento de que as palavras em discurso constroem redes de significação em relação aos dizeres já ditos. Há uma cadeia de significações que possibilitam determinadas substituições de palavras e não outras, constituindo os sentidos.

O ciclo sempre já instaurado, ao encontrar um sujeito resistente, precisa se reconfigurar; da mesma forma, o sujeito, sempre já assujeitado, precisa resistir.

*Les résistances : ne pas entendre ou entendre de travers ; ne pas « écouter » les ordres ; ne pas répéter les litanies ou les répéter de travers, parler quand on exige silence ; parler sa langue comme une langue étrangère mal connue ; changer, détourner, altérer le sens des mots et des phrases ; prendre les énoncés au pie de la lettre, déplacer des règles dans la syntaxe et déstructurer le lexique en jouant sur les mots...  
Et ainsi commencer à prendre congé du sens que reproduit le discours de la domination, en sorte que de l'irréalisé advienne en formant sens de l'intérieur du non-sens (PÊCHEUX, 1982, p. 64, grifo do autor)<sup>172</sup>.*

<sup>171</sup> Tradução de Nunes (PÊCHEUX, 1990, p. 12): [...] “o próprio da luta ideológica sob a dominação burguesa consiste em desenrolar-se em um mundo que não acaba nunca de se dividir em dois”.

<sup>172</sup> Tradução de Nunes (PÊCHEUX, 1990, p. 17): “As resistências: não entender ou entender errado; não ‘escutar’ as ordens; não repetir as litanias ou repeti-las de modo errôneo; falar quando se exige silêncio; falar sua língua como uma língua estrangeira que se domina mal; mudar, desviar, alterar o

Apreender sobre os conceitos de certo e errado, bem como sobre os rituais que ditam as regras – e, nesse viés, em posse delas, quem pode mandar e quem deve obedecer – são passos possíveis na caminhada que envolve tomar consciência de si, do lugar que se ocupa e do modo como se é tomado em relação ao outro. O discurso não se abstém dos rituais já instituídos ao sujeito. Há rituais, há falhas e há deslizos, não só possíveis, mas também necessários à produção de conhecimento.

A Análise de Discurso não prescinde às regras formais da língua, por exemplo, mas é admitindo a sua existência que se dá a possibilidade de construir e desconstruir os saberes já postos no discurso e, sobretudo, os sentidos que eles engendram.

*Nous ne ferons ainsi que tenir compte de ce qu'une langue, ça a une forme, ça a du sens, et c'est parlé. Notre point de départ est donc une option sur le travail grammatical : pour les phénomènes que nous étudions (au moins), systématique suppose de lui adjoindre une réflexion en termes de discours. Ceci nous conduit à aborder les régularités de langue par les possibilités de déstabilisation, de déplacement de constructions dans l'usage en discours, avec les éventualités d'équivoque (GADET; LEON; PÉCHEUX, 1984, p. 25)<sup>173</sup>.*

Quando fala, o sujeito toma uma posição na língua que envolve, entre outras instâncias, uma seleção lexical; uma organização sintática; questões políticas/religiosas/teóricas que atravessam o sujeito ainda que inconscientemente. Instaura-se aí, enfim, um jogo entre o estabilizado e o desestabilizado por meio da língua em funcionamento, em discurso. Há um sentido e uma interpretação que podem sempre ser outros, passíveis do equívoco que constitui essa prática.

O autor ainda propôs que a língua é possibilidade de equívoco:

---

sentido das palavras e das frases; tomar os enunciados ao pé da letra; deslocar as regras na sintaxe e desestruturar o léxico jogando com as palavras...

E assim começar a se despedir do sentido que reproduz o discurso da dominação, de modo que o irrealizado advenha formando sentido do interior do sem-sentido”.

<sup>173</sup> Tradução de Orlandi (2014, p. 210): “nada fazemos senão levar em conta que uma língua tem uma forma, tem sentido e é falada. Nosso ponto de partida é, portanto, o de opção sobre o trabalho gramatical: para os fenômenos que estudamos (pelo menos), não é possível haver solução unicamente do ponto de vista gramatical, e toda sistematização supõe a incorporação de uma reflexão em termos de discurso. Isto nos conduz a abordar as regularidades de língua a partir das possibilidades de desestabilização, de deslocamento de construções no uso discursivo, com as eventualidades do equívoco”.

*[...] l'équivoque est omniprésente dans la langue, parce qu'elle est susceptible de miroitement, de stabilisation, d'écart entre points de stabilisations et de déstabilisation. La pratique grammaticale rend compte de cette réalité au moyen de concepts grammaticaux discrets : elle force l'équivoque vers l'effacement de la différence (la paraphrase), ou vers la distinction stricte entre deux points stables (l'ambiguïté), elle s'oblige à distinguer, là où la langue n'offre que de l'indistinct (GADET; LEON; PÊCHEUX, 1984, p. 41)<sup>174</sup>.*

Com isso, entendi que essa presença do equívoco acaba por constituir o sujeito e os sentidos por ele mobilizados no discurso, de modo a garantir ainda e sempre a opacidade da/na língua. Ainda que a gramática tente explicar os equívocos por meio de conceitos, forçando sempre o apagamento da(s) diferença(s), eles teimam em (re)aparecer e desestabilizar o que parecia gramaticalmente estabilizado.

A Análise de Discurso, nesse viés, não forma especialistas da interpretação que dominam os sentidos, mas trabalha com procedimentos de análise:

*[...] ne prétend pas s'instituer en spécialiste de l'interprétation, maîtrisant « le » sens des textes, mais seulement construire des procédures exposant le regard-lecteur à des niveaux opaques à l'action stratégique d'un sujet (tels que le rapport discursif entre syntaxe et lexique dans le régime des énoncés, avec l'effet d'interdiscours induit dans ce régime, sous la forme du non-dit qui y émerge, comme discours autre, discours d'un autre ou discours de l'Autre) (PÊCHEUX, 1984, p. 16, grifo do autor)<sup>175</sup>.*

As possibilidades de interpretação e os sentidos possíveis são o que a Análise de Discurso propõe fazer ver nos discursos mais diversos, tomados para investigação. Os procedimentos adotados para isso são sempre uma estratégia metodológica do analista, sendo o objeto construído a partir de seu ponto de vista.

---

<sup>174</sup> Tradução de Orlandi (2014, p. 210): “[...] o equívoco é onipresente na língua, porque ela é suscetível de espelhamento, de estabilização, de distanciamentos entre pontos de estabilização e de desestabilização. A prática gramatical dá conta desta realidade por meio de conceitos gramaticais discretos: ela força o equívoco pela via do apagamento da diferença (a paráfrase), ou pela via da distinção estrita entre dois pontos estáveis (a ambiguidade); ela se obriga a fazer distinções onde a própria língua não oferece senão o indistinto”.

<sup>175</sup> Tradução de Orlandi (2012b, p. 291): “[...] não pretende se instituir em especialista da interpretação, dominando ‘o’ sentido dos textos, mas somente construir procedimentos expondo o olhar-leitor a níveis opacos à ação estratégica de um sujeito (tais como a relação discursiva entre sintaxe e léxico no regime dos enunciados, com o efeito do interdiscurso induzido nesse regime, na forma do não dito que aí emerge, como discurso outro, discurso de um outro ou discurso do Outro)”.

*L'analyse de discours n'a aucune vocation particulière à régler cette interminable série de conflits. Il lui suffit de mettre en oeuvre ses propres problématiques et procédures: l'enjeu crucial est de construire des interprétations, sans jamais les neutraliser, ni dans le « n'importe quoi » d'un discours sur le discours, ni dans un espace logique stabilisé à prétention universelle (PÊCHEUX, 1984, p. 17, grifo do autor)<sup>176</sup>.*

Os conflitos estão sempre já postos, antes mesmo do momento em que o pesquisador escolhe/seleciona um discurso para análise, seja via teoria pecheuxtiana, seja por qualquer outro campo do conhecimento. A Análise de Discurso, portanto, não tem o intuito nem a vocação para desfazer tais conflitos, conforme o autor Michel Pêcheux (1984) fez questão de afirmar. O que busca mesmo é “problematizar” (GLOZMAN *et al.*, 2014), tirar do lugar comum, desestabilizar, fazer ver de um modo diferente, por uma outra via, que os sentidos – não podem ser quaisquer uns (ORLANDI, [1999] 2015), mas – sempre podem ser outros.

---

<sup>176</sup> Traduzido por Orlandi (2012b, p. 294): “A análise do discurso não tem nenhuma vocação particular em dar fim a essa interminável série de conflitos. Para ela, é suficiente colocar suas próprias problemáticas e procedimentos: a questão crucial é construir interpretações sem jamais neutralizá-las nem no ‘não-importa-o-quê’ de um discurso sobre o discurso, nem em um espaço lógico estabilizado com pretensão universal”.

#### 4. “RESSONÂNCIAS DISCURSIVAS”

O processo discursivo de uma teoria é sempre um processo inacabado, daí o movimento que avança, que segue. Deslocamento. Por sobre obstáculos em que os próprios objetos que compõem o espaço teórico-analítico são percorridos e ressignificados.

(ORLANDI, [1999] 2015, p. 29).

Neste capítulo, apresentei os conceitos de repetição e de “ressonâncias discursivas”, e defendi que é possível identificá-las no discurso do autor Michel Pêcheux. Em *Percorrendo as “ressonâncias discursivas” a partir dos títulos dos artigos*, parti de títulos de artigos publicados pelo autor para explicitar as marcas linguísticas na formulação e na reformulação, a constante “ruminação” (FENOGLIO, 2013) que a produção do conhecimento promove; compreendi, assim, que esse é um processo contínuo, com início e fim não delimitáveis. Partindo da repetição, foi possível identificar reformulações e “ressonâncias discursivas” e, então, mostrar um pouco do processo que envolve a produção de conhecimento. Tal processo, que não é do sendo comum, envolve idas e vindas da/na teoria. Trata-se de um processo que nunca é apreendido na íntegra, mas que se tenta circunscrever.

Em *Caminhando pelos conceitos teóricos da Análise de Discurso a partir de “ressonâncias discursivas”*, inicialmente, analisei *Introduction: Langages, n° 37, Analyse du discours, langue et idéologies* e *La linguistique hors d'elle-même : l'histoire absolument*, dois textos de autoria de Michel Pêcheux disponíveis no repositório do *Persée* que ainda não foram traduzidos para a Língua Portuguesa e destaquei recortes nos quais o autor define o conceito de discurso. E, em um segundo momento, realizei recortes nas obras **Análise automática do discurso (AAD-69)** (PÊCHEUX, [1969] 2014; [1969] 2019) e **Semântica e discurso** (PÊCHEUX, [1975] 2009). A construção dos quadros de análise permitiu demonstrar, a partir da repetição, alguns efeitos de sentido que retornaram/ressonaram e, dessa forma, foi por meio da reformulação que puderam ser identificadas “ressonâncias discursivas”. Identifiquei que o conceito de discurso e/ou ideologia retornou/ressoou em outros conceitos importantes e, assim, verifiquei parte do processo que permeia a Produção do Conhecimento Discursivo.

#### 4.1. PERCORRENDO AS “RESSONÂNCIAS DISCURSIVAS” A PARTIR DOS TÍTULOS DOS ARTIGOS

Conforme delineei ao longo da escritura desta tese, o conhecimento discursivo foi considerado a partir da Produção do Conhecimento Discursivo, acompanhado da formação de práticas de conhecimento: parti disso para apreender um pouco mais sobre a História das Ideias Discursivas.

Com a apreensão da História das Ideias Discursivas, considerei a Produção do Conhecimento Discursivo a partir da Análise de Discurso fundada pelo autor Michel Pêcheux. Nesse quadro teórico, epistemologicamente, tomei a articulação entre o materialismo histórico, a Linguística e a teoria do discurso.

Dessa forma, pude destacar as teses fundamentais do materialismo que regem a produção de conhecimento para o autor Michel Pêcheux, tais quais:

- a) O mundo “exterior” material existe (objeto real, concreto-real);
- b) O conhecimento objetivo desse mundo é produzido no desenvolvimento histórico das disciplinas científicas (objeto de conhecimento, concreto de pensamento, conceito);
- c) O conhecimento objetivo é independente do sujeito.

(PÊCHEUX, ([1975] 2009, p. 71).

Conforme propôs o autor, essas teses foram/são indissociáveis. Quando tomadas em isolado, resultam, pois, no idealismo, o que ele criticou. Nesse viés, asseverou que o conhecimento se desenvolve na história, por meio de conceitos, e não depende do sujeito. O conhecimento pode ser “representado” pelo sujeito ou não. É no/pelo discurso que o sujeito produz efeitos de sentido.

O autor Michel Pêcheux ([1975] 2009, p. 73, grifos do autor) afirmou que há restrições para o sentido de “representação” porque: “a representação funciona *como se fosse um conceito e, simultaneamente, o conceito é reduzido ao estado de pura representação*”. Apreendi, por isso, que: na necessidade de discursivizar/dizer algo sobre alguma coisa/tomar posição, ao representar/ser representado, um conceito pode ser reduzido e/ou simplificado.

Em meu entendimento, na Análise de Discurso, quando a palavra “representação”/“representa”/“representar” é mobilizada, ela é relativizada, ela é posta em funcionamento, mas não está atrelada aos sentidos normalmente dados na área das Representações Sociais. As palavras têm história e não se pode desconsiderar isso. Ao fazer funcionar a palavra representação, se está imprimindo nela outra “cor”. Como afirmou o autor Michel Pêcheux ([1975] 2009), uma representação pode reduzir um conceito, ou seja, ao propor uma representação, o sujeito pode estar simplificando algo não simplificável.

Ainda discutindo essa questão, o autor afirmou que conceito e noção não podem recair nessa “problemática” de simular efeitos de sentido. Segundo ele, o conceito é o “efeito necessário do real no que Frege<sup>177</sup> chama de ‘pensamento’” (PÊCHEUX, [1975] 2009, p. 73, grifos do autor) e a noção é o “efeito necessário do real no imaginário, imagem que se impõe espontaneamente, ‘concreto-figurado’” (PÊCHEUX, [1975] 2009, p. 73, grifos do autor), ambos têm funcionamentos que podem ser simulados no discurso do sujeito.

Com isso, considere também, com vistas ao que afirmou Narzetti (2018, p. 649) que “um conceito não existe desde sempre nem permanece imutável; ao contrário, ele é produzido em determinado momento e, ao longo do tempo, passa por reformulações, que o corrigem, o refinam ou o ampliam”. Como bem se pôde verificar nas publicações do autor Michel Pêcheux que fundamentam a teoria do discurso, o que eu me propus a demonstrar – neste capítulo 4 – com a (re)formulação do conceito de discurso, já que o autor foi moldando certas definições em relação a outras, agregando questões, ressonando sentidos.

Por esse caminho, entendi que uma teoria se constitui de conceitos, ao mobilizar questões/problemas/perguntas e propor reflexões/outras perguntas/possíveis soluções/provisórias respostas. Para Orlandi ([1999] 2015, p. 26), a teoria é um “conjunto sistematizado de ideias sobre um assunto” e o que há de se reforçar é que a Análise de Discurso trabalha com a noção de *práxis*, ela não separa a teoria da prática. Ainda considerando a autora, na Análise de Discurso, a

---

<sup>177</sup> Amatucci (2014, p. 350) afirmou que, para Frege, o pensamento é “o sentido de uma frase completa”. [...] “A ideia de uma rosa vermelha é diferente do pensamento de que ‘a rosa é vermelha’. O primeiro é uma representação e não pode ser valorado; o segundo é um pensamento e pode ser portador de verdade”.

teoria pode ser tomada “como o estabelecimento de um processo discursivo que sustenta um campo de conceitos e definições que resultam em uma forma de conhecimento sobre o objeto” (ORLANDI, [1999] 2015, p. 27).

É na teorização que o autor se coloca no discurso. A teorização consiste, conforme destacou Orlandi ([1999] 2015, p. 29), na teoria em desenvolvimento, em formulação: “aí o sujeito deixa sua marca, sua impressão, impressão de seu gesto de autoria/corpo no corpo da teoria se inscrevendo como traçado narrativo que é ao mesmo tempo a reescrita de si”. Por meio da teorização o autor pode ser também apreendido, nessa busca por fazer-se entender e produzir efeitos de sentido, sempre trabalhando um efeito de unidade (mesmo em coautoria), o sujeito teoriza e teoriza-se por meio da teorização.

Também para pensar a relação do(s) sujeito(s) e do(s) sentido(s) sempre em movimento, em relação a (outros), se pôde recuperar a metáfora do *parkour* estabelecida por Orlandi ([1999] 2015). De acordo com a autora, o *parkour*, criado na França por David Belle, é uma forma de deslocamento no espaço, em que o homem supera e ressignifica obstáculos (galhos, pedras, grades, paredes e muros, por exemplo), individuando-se nessa prática. Por meio do *parkour*, um acontecimento significativo urbano, “o sujeito se reescreve, ressignificando-se enquanto corpo que se desloca” (ORLANDI, [1999] 2015, p. 24).

Assim se deu o movimento que promove a Produção do Conhecimento Discursivo, por meio de formulações, repetições, reformulações, tomadas de posição. Considerando o *corpus* analítico organizado para esta tese, ou seja, “a construção de um dispositivo de observação apto a revelar, a permitir apreender o objeto discurso” (MAZIÈRE, 2007, p. 15), propus, a seguir, um primeiro movimento de aproximação com o objetivo de indicar “repetições” e “ressonâncias” nos títulos das publicações do autor Michel Pêcheux. Essa foi uma direção possível no caminho de análises das “ressonâncias discursivas”.

Juciele Dias (2009) que, em seu estudo de dissertação, versou sobre o funcionamento do título na obra de Mattoso Câmara, afirmou que o título carrega em si o imaginário de que ele é o nome do texto, há relação literal/natural não afetada pela exterioridade entre esse nome e a interpretação do texto. Tal imaginário precisa

ser desconstruído, uma vez que a leitura em Análise de Discurso é sempre passível de equívocos e/ou contradições.

Partindo da diferenciação que propôs Guimarães (2003, p. 54) entre nomear e designar, tomei o nome como aquele que dá existência histórica a alguma coisa/alguém e a designação como aquela que “funciona como elemento das relações sociais que ajuda a construir e das quais passa a fazer parte”. Nesta tese, especificamente na análise dos títulos, o que interessou foi trabalhar as designações, ou seja, o efeito de sentidos que os nomes/palavras/expressões construíram – sem deixar de considerar o necessário distanciamento temporal, já que, décadas depois, os sentidos já não estão mais ligados aos nomes, e sim às práticas que se realizaram numa dada temporalidade e em diferentes espaços, funcionando para a formação do que se sabe hoje sobre o que é a Análise de Discurso, dita pecheuxtiana.

#### **4.1.1. Um primeiro movimento de análise: a repetição**

A linguagem é o limite mas é, ao mesmo tempo, a possibilidade de ultrapassar o limite, jogando com ele. Ela estanca, ela evoca. A repetição pode ser ruptura.

(ORLANDI, 1990, p. 80).

A partir do viés materialista, é no/pelo discurso que a produção/interpretação de sentidos se dá, podendo o discurso ser analisado no nível do intradiscurso, entendido como “o lugar onde se realiza a sequencialização dos elementos do saber, onde o desnivelamento interdiscursivo dos enunciados está linearizado, colocado em uma superfície única de formulações articuladas [...]” (COURTINE, [1981] 2009, p. 101-102); e/ou do interdiscurso, que remete à dimensão não linear/vertical do dizer e à formação discursiva a que o sujeito está filiado (PÊCHEUX, [1975] 2009).

Serrani (2000, p. 111) afirmou que para considerar o nível do interdiscurso, na “dimensão não linear do discurso”, há duas noções teóricas fundamentais: o “pré-construído”, o sempre-já-lá que constitui o sujeito e remete a uma construção

anterior a partir da qual se produzem os sentidos, que a autora toma a partir de Paul Henry ([1992] 2013); e o “discurso transverso”, apreendido a partir de Michel Pêcheux ([1975] 2009) como a memória que não tem uma organização frasal, como as possibilidades de substituição – simétricas ou orientadas – de palavras e/ou expressões de sentido correlato dentro de um enunciado, de acordo com as condições sócio-históricas de produção do discurso.

Nesse caminho, pensando no movimento necessário à produção de conhecimento a partir da repetição e da reformulação, recuperei o conceito de paráfrase. De acordo com Orlandi ([1999] 2015, p 34), os processos parafrásticos “são aqueles pelos quais em todo dizer há sempre algo que se mantém, isto é, o dizível, a memória. A paráfrase representa assim o retorno aos mesmos espaços do dizer. Produzem-se diferentes formulações do mesmo dizer sedimentado”. Ao produzir a paráfrase, tais movimentos funcionam por substituição a partir da mesma relação de sentidos.

Orlandi (2005, p. 77-78) advertiu que, na Análise de Discurso, a paráfrase é compreendida de maneira diversa da Linguística, uma vez que está na “base da noção de deriva que, por sua vez, se liga ao que é definido como efeito metafórico (PÊCHEUX, 1969): fenômeno semântico produzido por uma substituição contextual, produzindo um deslizamento de sentido”. A paráfrase, portanto, tem um efeito na língua em sua relação com a exterioridade, produzindo discurso.

Em se considerando o nível do intradiscurso, há repetições de palavras ou de expressões que por terem um efeito de série podem ser identificadas na dimensão linear do dizer e movimentam sentidos, ressaltando determinados sentidos em detrimento de outros. Compreendi que nesse caminho é possível tanto que sentidos se reforcem quanto que se dê uma ruptura do/no dizer, ultrapassando “limites”, construindo outros/novos sentidos.

Tomando especificamente os títulos dos artigos do autor Michel Pêcheux, destaco o que identifiquei como repetições que tocaram ao campo conceitual – **Linguística/linguísticas** –; bem como repetições que tocaram ao campo disciplinar – **Psicologia Social/Psicologia**. A seguir, apresentei algumas dessas repetições e o seu funcionamento enquanto título dos artigos. O critério para apresentar esta ordem e não outra compreendeu, inicialmente, a explicitação de como as

designações se repetem nos títulos dos artigos – e não necessariamente quantas vezes elas apareceram.

Salientei, a seguir, algumas repetições do campo conceitual:

### **Linguística/linguísticas**

(01) *Y-a-t-il une voie pour la **linguistique** hors du logicisme et du sociologisme ?*<sup>178</sup> (GADET; PÊCHEUX, 1977, grifos meus)

(02) *Sur la (dé-)construction des théories **linguistiques***<sup>179</sup> (PÊCHEUX, 1982, grifos meus)

(03) *Remarques sur la stabilité d'une construction **linguistique**: la complétive*<sup>180</sup> (GADET; LEON; PÊCHEUX, 1984, grifos meus)

O título pode ter um efeito metonímico, se considerado como uma parte do todo. Nas palavras de Dias (2009, p. 19) "é um lugar de leitura, pois se coloca frente ao leitor como um espaço que o traz de um movimento de fora, do suporte (obra, papel, programa de computador), para dentro (texto/discurso) por uma relação de representatividade com o saber linguístico". Nesse viés, entendi que é pela repetição de designações, já no título, que o leitor pode selecionar ou descartar a leitura de um artigo/livro, de acordo com a formação discursiva em que está vinculado, a partir de efeitos de reconhecimento que se constroem a partir do interdiscurso.

Partindo dos títulos para os conceitos desenvolvidos pelo teórico ao longo de seus trabalhos mais conhecidos, teve-se língua, ideologia e discurso como conceitos centrais que possibilitaram o entendimento e o desenvolvimento de todos os outros: sujeito, formação ideológica, formação discursiva, condições de produção – ao mesmo tempo em que se atravessaram. É a questão do sentido que incomodou o autor Michel Pêcheux. É desse incômodo que a teoria se desenvolveu, sendo possível verificar isso por meio das repetições presentes nos títulos, em um primeiro momento, como se pôde observar na repetição de "linguística(s)" em (01) *Y-a-t-il une*

<sup>178</sup> Tradução de Orlandi (2011, p. 295): "Há uma via para a **Linguística** fora do logicismo e do sociologismo?"

<sup>179</sup> Tradução de Celene M. Cruz e Clémence Jouët-Pastré publicada na revista *Línguas e Instrumentos Linguísticos* (1998, p. 7): "Sobre a (des)construção das teorias **linguísticas**".

<sup>180</sup> Tradução de Orlandi (1997, p. 207): "Observações sobre a estabilidade de uma construção **linguística** – a completiva".

voie pour la **linguistique** hors du logicisme et du sociologisme ? (GADET; PÊCHEUX, 1977) – título no qual a “Linguística” está no campo disciplinar; em (02) *Sur la (dé-)construction des théories linguistiques* (PÊCHEUX, 1982) – título no qual as teorias “linguísticas” estão no limiar entre o disciplinar e/ou o conceitual; e em (3) *Remarques sur la stabilité d'une construction linguistique: la complétive* (GADET; LEON; PÊCHEUX, 1984)<sup>181</sup> – título no qual a “linguística” está no campo conceitual. Essas repetições nos títulos indicaram possibilidades de leitura, em artigos que versam sobre Linguística, para uma mesma designação. O “movimento de coautoria” trouxe uma mesma designação – “linguística(s)” – para falar em desconstrução das teorias e de estabilidade de uma construção. Assim, a repetição não retomou os mesmos sentidos, mas remete o leitor ao processo de construção do conhecimento, posto que Gadet, Leon e Pêcheux explicitaram os diferentes momentos de “ruminação”<sup>182</sup> teórica.

De acordo com Orlandi (1990, p. 91), a repetição “serve à incompletude, à onipotência e ao sentimento de duração do sujeito. [...] não é retorno, mas descontinuidade contraditória. Pela repetição – pelo silêncio, pela ruptura – sujeito e sentido têm de transcender o tempo para se instalarem” no discurso. É quando o sujeito sai do lugar comum e o saber se desestabiliza que a produção de conhecimento se dá, conforme foi trabalhado no artigo *Apontamentos sobre produção do conhecimento e prática científica em escritos de Michel Pêcheux* (PETRI; GUASSO, 2016). Se efetiva um corte continuado na teoria, parte fundamental ao processo de produção de conhecimento.

Recuperando os conceitos materialistas, foi possível apreender que a contradição é condição também para o desenvolvimento da teoria do discurso. Para Mao Tsé-Tung ([1937] 2008, p. 86), “existe contradição interna em tudo, e isso determina seu movimento e desenvolvimento. O aspecto contraditório no interior de uma coisa é a causa fundamental de seu desenvolvimento”. Então, se em tudo existe contradição, ela também se dá na produção de conhecimento: é a possibilidade de o discurso sempre ser outro e, estando em

---

<sup>181</sup> No subcapítulo 2.2.1. “O tempo das grandes construções 1969 – 1975”, fiz referência às formações de alguns autores que publicaram em coautoria com Michel Pêcheux. Destaco que Pêcheux é filósofo, já Françoise Gadet e Jacqueline Léon são linguistas, o que produz um efeito – eles estão vivendo o debate entre o campo conceitual, o disciplinar e o político –, e assim estão vivendo justamente o que Pêcheux propôs: questionar a Linguística do interior dela mesma.

<sup>182</sup> Cf. Fenoglio (2013).

movimento/funcionamento, poder sempre ser dito de outra(s) maneira(s), ser problematizado/reformulado. A contradição poderia ser tomada, portanto, como característica produtiva, geradora de outros questionamentos, desestabilizadoras das verdades, provocadoras das “coisas a saber”.

Nesse caminho, continuei observando, nos títulos, algumas repetições que entendi situarem-se no campo disciplinar:

### Psicologia Social/Psicologia

(04) *Réflexions sur la situation théorique des sciences sociales et, spécialement, de la **psychologie sociale***<sup>183</sup> (Pêcheux sob o pseudônimo de Thomas Herbert, 1966, grifos meus)

(05) *Sur la conjoncture théorique de la **psychologie sociale***<sup>184</sup> (PÊCHEUX, 1969, grifos meus)

(06) *La **psychologie sociale**: une utopie en crise*<sup>185</sup> (BRUNO; PÊCHEUX; PLON; POITOU, 1973, grifos meus)

(07) *Quelques réflexions sur la question politique dans le monde de la **psychologie française***<sup>186</sup> (PÊCHEUX, 1979, grifos meus)

(08) *Note sur la question du langage et du symbolique en **psychologie***<sup>187</sup> (GADET; HAROCHE; HENRY; PÊCHEUX, 1982, grifos meus)

A partir dessas observações, as repetições nos títulos encaminharam para uma análise intradiscursiva e possibilitaram a identificação de “ressonâncias discursivas”, como ocorreu na relação que se estabeleceu entre os títulos (04) *Réflexions sur la situation théorique des sciences sociales et, spécialement, de la **psychologie sociale*** (PÊCHEUX – sob o pseudônimo de Thomas Herbert, 1966) e (05) *Sur la conjoncture théorique de la **psychologie sociale*** (PÊCHEUX, 1969). As ocorrências da designação “psicologia social” funcionaram diferente, foi mais do que

<sup>183</sup> Tradução de Orlandi (2011, p. 21): Reflexões sobre a situação teórica das Ciências Sociais e, especialmente, da **Psicologia Social**.

<sup>184</sup> Tradução minha: Sobre a conjuntura teórica da **psicologia social**.

<sup>185</sup> Tradução minha: A **psicologia social**: uma utopia em crise.

<sup>186</sup> Tradução minha: Algumas reflexões sobre a questão política no mundo da **psicologia** francesa.

<sup>187</sup> Tradução de Orlandi (2011, p. 55): Nota sobre a questão da linguagem e do simbólico em **psicologia**.

a repetição de itens lexicais, pois, observando o processo discursivo de um título para outro, se deu um movimento parafrástico:

(04) Reflexões sobre ▼	a situação teórica ▼	das ciências sociais e especialmente ▼	da <b>psicologia social</b> <sup>188</sup> ▼
(05) Sobre	a conjuntura teórica	--	da <b>psicologia social</b>

Houve, na repetição de “psicologia social”, em (04) e (05), um movimento de reformulação de sentidos, pois “situação teórica” e “conjuntura teórica” são sintagmas que não são apenas sinônimos. Uma situação envolve um estado das coisas, já uma conjuntura considera uma associação/conjunto de elementos; se pode considerar que dada conjuntura pode determinar uma situação, entretanto o inverso não é verdadeiro.

Assim sendo, ainda que se pôde identificar um retorno ao mesmo espaço do dizer, não se pôde tomar um enunciado pelo outro, pois a repetição não garante a simetria de sentidos. A observação da repetição possibilitou identificar a “ressonância discursiva” a partir de “psicologia social”, a partir do saber sobre “psicologia social” que retornou/ressonou, já a reformulação de “situação teórica” para “conjuntura teórica” foi a produção/problematização nova, o que o autor propôs desconstruir para produzir conhecimento. Ademais, em (04), se estabeleceu uma relação contrastiva entre ciências sociais e psicologia social, o que não ocorreu em (05), configurando um esvaziamento em um dos títulos.

Mostrando esse movimento de análise, que partiu das repetições, foi possível identificar “ressonâncias discursivas” (SERRANI, 1991), ecos no dizer, vibrações do/no sentido. No subcapítulo a seguir, analisei mais especificidades das “ressonâncias discursivas”.

<sup>188</sup> Nas propostas de análise, considerei as traduções dos títulos para a Língua Portuguesa.

#### 4.1.2. Um primeiro movimento de análise: as “ressonâncias discursivas”

Quando Serrani (2005, p. 90) definiu o conceito de “ressonâncias discursivas”, ela afirmou trabalhar com repetições de:

- a) Itens lexicais de uma mesma família de palavras ou de diferentes raízes lexicais, apresentados no discurso como semanticamente equivalentes;
- b) Construções que funcionam parafrasticamente;
- c) Modos de enunciar presentes no discurso (tais como o modo determinado e o modo indeterminado de enunciar; o modo de definir por negações ou por afirmações – categóricas ou modalizadas –; o modo de referir por incisas de tom casual etc.).

Como demonstrado com a repetição da designação **Psicologia Social**, no subcapítulo anterior, foi possível identificar o sentido de um disciplinar que retorna, indo para além da repetição. Assim, as “ressonâncias discursivas” (SERRANI, 2005, p. 90) não são meras repetições de palavras, da ordem do interdiscurso, localizáveis no intradiscurso, elas partem da repetição de itens lexicais, de mesmos modos de enunciar, para auxiliar na compreensão da produção de conhecimento, há um vibrar de sentidos.

Coube destacar imediatamente, de acordo com Serrani (2005, p. 18, grifo do autor), que o sujeito não consegue assegurar os sentidos em discurso:

O que se diz vai sempre além da intenção assumida ou negada. É dito sempre mais do que se sabe conscientemente ou, também, fala-se para “não dizer nada”, pois alguma coisa a mais, da ordem do discurso, do sócio-histórico com suas contradições e da subjetividade inconsciente se produz como sentido implícito, junto com toda formulação verbal efetivamente produzida.

Nesse viés, os sentidos que ressonam em um discurso a partir da repetição e/ou da reformulação no intradiscurso, por exemplo, não são dominados totalmente pelo sujeito. O sujeito não controla o discurso. Ele dá pistas, sugere reflexões e interpretações por meio de marcas linguístico-discursivas, mas não há garantias entre o dito e o compreendido, pois estão em jogo nesse complexo processo as

formações imaginárias, formações discursivas, condições de produção, história, memória, inconsciente e outros.

De acordo com Serrani (2005, p. 90), deve-se estudar as recorrências nos textos e nos conjuntos de textos “discursivamente relacionados, com o objetivo de estabelecer como ocorre por efeitos de vibração semântica mútua entre várias marcas específicas, a construção das representações de sentido predominantes em um discurso determinado”. Mais do que sintagmas, são os sentidos que ressonam e recuperam sentidos que podem ser os mesmos, múltiplos, opacos etc.

Tomei ainda os títulos dos artigos, na repetição da designação “psicologia”:

(07) Algumas reflexões	sobre a questão	política	no mundo da <b>psicologia</b> francesa
▼	▼	▼	▼
(08) Nota	sobre a questão	da linguagem e do simbólico	em <b>psicologia</b>

Sobretudo em (07) *Quelques réflexions sur la question politique dans le monde de la **psychologie** française* (PÊCHEUX, 1979) e em (08) *Note sur la question du langage et du symbolique en **psychologie*** (GADET; HAROCHE; HENRY; PÊCHEUX, 1982), destaquei que o movimento de reformulação recupera um saber já posto. Pela modalidade do pré-construído, que explicitou relações de distanciamento entre a “política”, a “linguagem” e o “simbólico” na Análise de Discurso e na Psicologia, ecoaram efeitos de unidade de sentidos entre posições que os coautores tomam frente à Psicologia Social – sendo que “psicologia” aqui remete ao campo disciplinar –, mas os saberes envolvidos são diversos. Deu-se, no título, a reformulação de “política” para “da linguagem e do simbólico”, bem como de “no mundo da psicologia francesa” para “em psicologia”.

Eis o que a trajetória discursiva, teórica e histórica do autor Michel Pêcheux pareceu promover tanto com a autoria quanto com a coautoria: a movimentação dos discursos de modo a não só reproduzir, repetindo, mas também a transformar/reformular, problematizando – e, entendi, interpretando – os ditos e os não-ditos da/na materialidade discursiva, produzindo conhecimento sobre o discurso. Segundo Igreja e Campos (2011), a paráfrase e a repetição serviriam a

uma estagnação do saber, ao passo que a reformulação garantiria a produção de conhecimento. Em *Análise de Discurso*, afirma-se que a paráfrase corresponde a uma estabilização semântica provisória, assim, partindo do pressuposto de que no discurso sempre há algo que se mantém e algo que se transforma, se pode entender que as ressonâncias discursivas se dão nesse limiar entre a repetição e a reformulação do dizer, possibilitando a produção de conhecimento.

O autor Michel Pêcheux criticou quando em um discurso não apareceram “as interrogações sobre o *sentido daquilo que é dito ou escrito*, subjacente às proposições de retificação, clarificação, simplificação etc., [...] assenhorando-se do espaço de uma discussão, os militantes adotam a postura de especialistas” (PÊCHEUX, [1977] 1990, p. 1, grifos do autor). A *Análise de Discurso*, enquanto disciplina de entremeio, reforçou a ideia de que o trabalho com a teoria não deve visar o acúmulo e/ou somente a quantidade de informações “guardadas”; a disciplina visa, sim, a movimentação dos saberes, das contradições e dos atravessamentos na *Produção do Conhecimento Discursivo*.

Retomei os conceitos de “discurso” como efeito de sentidos entre dois pontos (PÊCHEUX, [1969] 2014; [1969] 2019), de “interdiscurso” como todo o dizer já dito e de “intradiscurso” como o discurso linearizado, estando na ordem da formulação (PÊCHEUX, [1975] 2009). É a partir dessa relação que as “ressonâncias discursivas” podem ser apreendidas, pois é necessário a) que o sujeito tome posição por meio do discurso, b) estando o discurso inscrito no interdiscurso, de acordo com a formação discursiva na qual se inscreve prioritariamente, c) para que se concretize no intradiscurso um sentido que ecoa em outro(s).

Quando Michel Pêcheux trouxe a designação “Análise do discurso/Análise de discurso” nos títulos, ao propor falar de uma técnica e/ou dos contextos epistemológicos da *Análise de Discurso*, reforçou um lugar científico. Destaquei, por isso, que o percurso trilhado pelo autor, inicialmente partindo da análise do discurso político e depois ampliando para outras análises, pôde ser apreendido como um refinamento da teoria, o que resultou também em outra forma de designá-la: em seus trabalhos iniciais, o autor usou a designação *Analyse du discours* e depois

passou a utilizar *Analyse de discours*<sup>189</sup>. Em Língua Francesa, *du* é um partitivo, ou seja, é usado para especificar quantidades desconhecidas ou não exatas. Assim, a própria tradução de *Analyse du discours* para a Língua Portuguesa possibilitou os deslizamentos: “Análise do Discurso” e “Análise de Discurso” – a diferença no uso da preposição simples “de” e das suas formas contraídas (“do = de+o”/“da = de+a”) esteve relacionada com uma abordagem mais genérica (Análise de Discurso, pode ser de qualquer discurso) ou com uma abordagem mais específica (Análise do Discurso político). Devido à presença do artigo definido, houve uma particularização e individualização dos objetos e sujeitos envolvidos.

Segui observando as “ressonâncias discursivas”:

### Análise do Discurso/Análise de Discurso

(09) *Vers une technique d'analyse du discours*<sup>190</sup> (PÊCHEUX, 1968, grifos meus)

(10) *Introduction: Analyse du discours, langue et idéologies*<sup>191</sup> (PÊCHEUX, 1975, grifos meus)

(11) *L'étrange miroir de l'analyse de discours*<sup>192</sup> (PÊCHEUX, 1981, grifos meus)

(12) *Informatique et analyse de discours*<sup>193</sup> (PÊCHEUX; MARANDIN, 1984b, grifos meus)

(13) *Sur les contextes épistémologiques de l'analyse de discours*<sup>194</sup> (PÊCHEUX, 1984, grifos meus)

Em (09) *Vers une technique d'analyse du discours* (PÊCHEUX, 1968) e em (13) *Sur les contextes épistémologiques de l'analyse de discours* (PÊCHEUX, 1984), o movimento de reformulação também encaminhou à identificação de “ressonâncias discursivas”:

<sup>189</sup> De acordo com Mazière (2007, p. 25, grifos da autora), “o sintagma ‘análise do discurso’ rapidamente se transformou em ‘análise de discurso’, permitindo a análise ‘dos’ discursos, percebidos, por causa do plural, como tipo de discurso”.

<sup>190</sup> Tradução minha: Sobre uma técnica de **análise do discurso**

<sup>191</sup> Tradução minha: Introdução: **análise do discurso**, língua e ideologias

<sup>192</sup> Tradução de Birk *et al.* (COURTINE, [1981] 2009, p. 21): O estranho espelho da **análise de discurso**

<sup>193</sup> Tradução minha: Informática e **análise de discurso**

<sup>194</sup> Tradução de Orlandi (2011, 283): Sobre os contextos epistemológicos de **análise de discurso**

(09)Sobre	uma técnica	de <b>análise do discurso</b>
▼	▼	▼
(13)Sobre	os contextos epistemológicos	da <b>análise de discurso</b>

A partir da repetição, ressoou/retornou o sentido disciplinar de “Análise de Discurso”, aquilo que a teoria envolve, os seus conceitos. O que é e o que não é Análise de Discurso? Já a reformulação de sentidos entre os sintagmas “técnica” e “contextos epistemológicos” marcou a posição do autor: uma técnica envolve um conjunto de métodos e processos próprios, neste caso, de um campo do saber, enquanto dizer “contextos epistemológicos” é remeter às circunstâncias em que a teoria se construiu. São maneiras de delinear o processo de Produção de Conhecimento. Há que se destacar também a distância temporal entre as publicações, que resulta em um total de 16 anos de diferença, são outras condições de produção, momentos históricos diversos, o que demonstra esse caminho de elaboração da teoria, contornando “o que pode e o que deve ser dito” sobre a Análise de Discurso.

Efetivamente, não se pode dizer que todo e qualquer discurso ecoará em outro(s), dessa maneira, foi necessário estabelecer algumas considerações importantes, que nomeei de modalidades: 1) para que uma ressonância se concretize, é necessário que se estabeleça na memória discursiva uma relação de sentido(s) – portanto, se “X” não relaciona que “discurso” pode ser um conceito trabalhado pelo autor Michel Pêcheux em sua teoria do discurso, não se poderá falar em “ressonância discursiva”; 2) partir-se-á de um “gatilho”, que pode ser uma palavra ou um conjunto de palavras que, ao ser(em) discursivizada(s), convocará(ão) sentidos outros; 3) uma “ressonância discursiva” poderá ser localizada em um discurso do senso comum e convocar um discurso teórico; 4) uma “ressonância discursiva” poderá ser localizada em um discurso teórico de um campo do saber diverso – por exemplo, o mesmo termo “discurso” será trabalhado de uma maneira pelo autor Michel Pêcheux e de outra pelo autor Dominique Maingueneau; 5) a “ressonância discursiva” pode servir, de modos bens distintos, à circulação de conhecimento por meio da paráfrase, bem como à produção de conhecimento por meio da reformulação.

Para Serrani (2005, p. 90), “existe ressonância discursiva quando determinadas marcas linguístico-discursivas se repetem, a fim de construir a representação de um sentido predominante. Trata-se de um enfoque discursivo dos processos parafrásticos”. Há um mesmo saber que se mantém e que, ao repetir, reforça o pré-construído de que são noções importantes para os estudos da linguagem. A reformulação encaminha para a restauração do lugar teórico que está sendo estabelecido.

Uma repetição de palavras ou de sintagmas em um discurso – às vezes inconscientemente – acaba por reforçar aquilo que o autor quer dizer, na busca por “fazer-se entender”. Como busquei demonstrar, é possível partir das repetições e verificar que, mesmo sendo títulos diferentes, há sentidos que ressoam, há um saber que se retoma. Assim, uma “ressonância discursiva” convocará o mesmo e o outro discurso, podendo produzir outro(s) sentido(s), que não somente aqueles “esperados”.

#### 4.2. CAMINHANDO PELOS CONCEITOS TEÓRICOS DA ANÁLISE DE DISCURSO A PARTIR DE “RESSONÂNCIAS DISCURSIVAS”

A entrada nos textos de Michel Pêcheux passa pelo encontro com sua escrita. Ela é, em muitos lugares, generosamente pedagógica, pesadamente demonstrativa, de um acesso às vezes desagradável: uma escrita de empreiteiro. Mas ela é também atravessada de breves brilhos: a metáfora dá vida a expressões fixas; a brincadeira aflora sem cessar.

(MALDIDIER, 2003, p. 97).

Dentro do que me propus a estudar nesta tese, – os artigos de autoria de Michel Pêcheux que foram publicados em revistas científicas –, identifiquei no mínimo dois possíveis trajetos de leitura a serem seguidos quando decidi caminhar pelos conceitos. O primeiro consistiu em trabalhar com os artigos desse autor que ainda não foram traduzidos e o segundo compreendeu trabalhar com os textos disponíveis no repositório do *Persée*. Como fui organizando minha pesquisa a partir do que está disposto no *site* do *Persée*, pois ele serviu/serve de ferramenta de busca e de acesso, foi necessário unir essas possibilidades. Explico-me: defini

analisar dois textos disponíveis no *Persée* que ainda não foram traduzidos para a Língua Portuguesa.

Dessa relação de trabalhos, não identifiquei tradução para a Língua Portuguesa para os seguintes artigos:

1975 – Introduction: Analyse du discours, langue et idéologies. **Langages**, nº 37, p. 3-6, 1975.

1980 – GADET, F. ; PÊCHEUX, M. La linguistique hors d'elle-même: l'histoire absolument. In : **Actes du colloque « L'histoire des sciences humaines : pourquoi et comment ? »**. Nanterre: Presses de l'Université, 1980, p. 360-369, multigr.

Ao considerar algumas especificidades de cada revista, destaco que a revista *Langages* objetiva agregar conhecimento a todos os investigadores cujas pesquisas envolvem a ciência da linguagem: Sintaxe, vocabulário, Morfologia, Fonologia, Semântica, Pragmática, Retórica, Semiótica, Estilística, tipologia, aquisição, patologia, Sociolinguística, cognição e processamento automático. Nesse viés, o nº 37 versa sobre Análise do discurso, língua e ideologias.

A revista *Linguistique Institut Nanterre Paris X – LINX*, também publica variados temas que possam interessar às Ciências da Linguagem: Sintaxe, Semântica, Pragmática, Análise de Discurso, Lexicologia, História e Epistemologia da Linguística, Linguística Computacional, entre outros. Nas atas do colóquio “*L'histoire des sciences humaines : pourquoi et comment ?*” foram publicados os textos apresentados no simpósio “*Les Philosophes «devant» les sciences humaines*”, do qual Pêcheux participou.

A seguir, com as figuras 8 e 9, apresento as primeiras páginas de cada publicação, o que possibilita apreender os modos de textualização da linearização do dizer:

Figura 8 – primeira página de *Introduction: Langages*, n° 37, *Analyse du discours, langue et idéologies* (PÊCHEUX, 1975)

M. PÊCHEUX

CNRS, Laboratoire Associé n° 59, Paris VII.

## Introduction

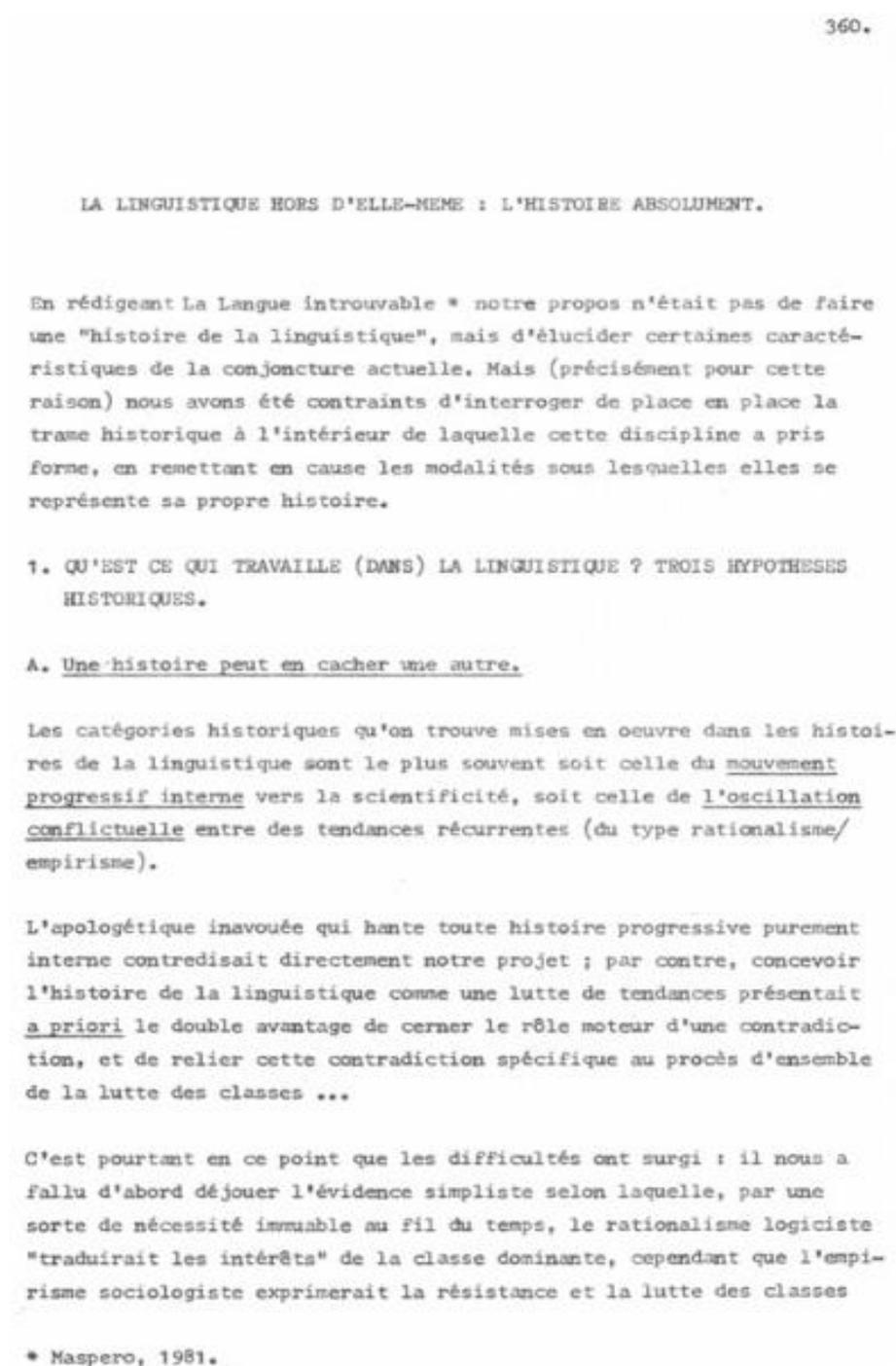
Le présent recueil ne prétend nullement recouvrir l'ensemble des recherches qui se reconnaissent aujourd'hui dans le terme de « discours ». En fait, celles qui sont regroupées ici se caractérisent avant tout par une *conception théorique commune* à l'égard des rapports entre *langue* et *discours*, conception qu'on pourrait résumer ainsi :

1. Le domaine de la sémantique ne saurait être *conçu* comme faisant purement et simplement partie de la linguistique en tant qu'étude scientifique de la langue : l'idée d'une sémantique intra-linguistique, reposant sur une logique universelle, anhistorique (objective ou subjective), n'est pas seulement théoriquement discutable, elle est aussi, on le verra, (en particulier dans le texte de P. HENRY) la source de difficultés linguistiques malaisément surmontables. D'où le tracé d'une séparation théorique entre *linguistique* et *sémantique discursive*, c'est-à-dire déterminée historiquement par les rapports idéologiques inhérents à une formation sociale donnée.

2. La linguistique en tant qu'étude scientifique de la langue est une discipline « relativement autonome » par rapport à la théorie et à l'analyse du discours : les systématiqués phonologiques, morphologiques et à certains égards syntaxiques sont les conditions matérielles de *base* sur lesquelles se développent les *processus discursifs* ; de ce point de vue, ce qu'on désigne sous le nom de « langue » constitue, en tant qu'invariant présumé par toutes les conditions de productions possibles à un moment historique donné, la *condition de possibilité* du « discours ». Cela dit, il faut immédiatement ajouter un fait essentiel, à savoir que la frontière séparant le linguistique et le discursif est constamment remise en cause dans toute pratique discursive, en raison de ce que les « systématiqués » évoquées à l'instant (et avant tout celle de la syntaxe) n'existent pas sous la forme d'un bloc homogène de règles organisé à la manière d'une machine logique. Il est de l'essence même du rapport langue/discours que les règles phonologiques, morphologiques et syntaxiques soient incessamment l'objet de surcharges, de recouvrements et d'effacements *partiels*, ce qui revient à dire que la sémantique n'est pas non plus purement et simplement extérieure à la théorie linguistique, et que celle-ci ne saurait être conçue comme la théorie d'une systématiqué logique homogène. Dans cette perspective, la présence

3

Figura 9 – primeira página de *La linguistique hors d'elle-même: l'histoire absolument* (GADET; PÊCHEUX, 1980)



O autor Michel Pêcheux foi o responsável por realizar a apresentação do número 37 da revista *Langages*, que conta com um artigo seu em coautoria com Catherine Fuchs, intitulado *Mise au point et perspectives à propos de l'analyse automatique du discours*, um artigo de Paul Henry, intitulado *Constructions relatives et articulations discursives*, e um artigo de Almuth Grésillon, intitulado *Les relatives dans l'analyse linguistique de la surface textuelle: un cas de région-frontière*. Esses trabalhos demonstraram uma concepção teórica comum da relação entre linguagem e discurso.

De acordo com o autor Michel Pêcheux, o linguístico e o discursivo são confrontados na prática de análise, posto que as regras linguísticas não podem ser organizadas em uma máquina, a linguagem não é lógica – mas opaca e por estar sempre em movimento/em relação aos já-ditos, passível de contradição. Motivo esse que reforçou a ideia de que o sujeito não é a origem do seu dizer, pois algo sempre fala antes.

O artigo intitulado *La linguistique hors d'elle-même: l'histoire absolument*, escrito por Michel Pêcheux em coautoria com Françoise Gadet, faz parte das atas do colóquio *L'histoire des sciences humaines: pourquoi et comment?* – realizado na universidade Paris X, Nanterre, no ano de 1980. O número conta com artigos de Daniel Delas, Annie Delaveau, Françoise Kerleroux, Yves Gentilhomme, Claudine Normand, José Médina, Pierre Caussat, Jean-Louis Chiss, Christian Puech, Pierre Osmo, A. Radzinski, Dan Savatovsky, Dana Bramel, Ronald Friend, Serge Collet e Patricia Neve.

Michel Pêcheux e Françoise Gadet participaram do simpósio *Les Philosophes «devant» les sciences humaines* mostrando características da situação atual (à época) da Linguística em sua relação com a história. As questões que envolvem a língua fizeram parte dos estudos de ambos os autores e compuseram também a obra **La langue introuvable** (GADET; PÊCHEUX, 1981), de modo que foi nesse movimento de discussões que a teoria se constituiu, se desenvolveu e se desconstruiu.

Todo esse caminho percorrido até aqui permitiu visualizar que o trabalho de análise demandou tomadas de posição frente ao material a ser analisado, pois o autor Michel Pêcheux teve ativa contribuição na Produção do Conhecimento

Discursivo. Da totalidade de publicações, conforme busquei demonstrar em meu percurso de leitura e de escolhas teóricas, foi possível delimitar a análise de dois artigos, nos quais persegui o conceito de discurso e aqueles outros que o atravessaram. Não realizei uma leitura linear dos artigos; no entanto, inicialmente, fiz um levantamento dos trechos nos quais percebi a repetição de palavras e/ou expressões e, por conseguinte, explicitarei os seus funcionamentos.

#### 4.2.1. Um segundo movimento de análise: a repetição em funcionamento

Setenta anos adiante de Saussure e tomando dele a noção de língua, Michel Pêcheux observa o movimento histórico da vitória de François Mitterrand na França dos anos 80. “*On a gagné*” era um enunciado cantado pelas torcidas de futebol ao deixarem os estádios quando da vitória de um time na final de campeonatos franceses; em coro, o grito de alegria se encorpava, um grito sem autor definido que fazia compartilhar uma estranha regularidade, **um grito de repetição**. Um enunciado, conhecido e esperado. A isso, o autor dá o nome de estrutura que sustenta a possibilidade de retomadas do discurso e, assim, de **repetição**. A isso, o acontecimento se opõe. Acontecimento que Pêcheux observa nas ruas quando milhares de pessoas cantam para comemorar a chegada da esquerda ao poder francês entoam, cantam, repetem, mas de outro modo, o mesmo grito antes circunscrito ao espaço futebolístico; daí deriva o acontecimento fazendo ferida na estrutura (SOUSA, 2014, p. 116, grifos meus).

A partir da proposta de Serrani (2005) de que sejam elaborados esquemas interdiscursivos para representar os efeitos de sentido produzidos na/pela língua, organizei, a seguir, recortes apresentados no quadro 1, para os quais parti do sentido de discurso e segui percorrendo as repetições nos artigos selecionados. Dessa forma, busquei demonstrar que o autor Michel Pêcheux, por meio de um “movimento de coautoria”, se utilizou de repetições, conferindo certa relevância ao que é dito – como na análise do *On a gagné*, enunciado até então cantado pelas torcidas de futebol que foi ressignificado ao ser repetido/cantado na vitória de François Mitterrand em eleição na França, nos anos 1980. No processo de Produção

do Conhecimento Discursivo, a repetição é o primeiro artifício que verifiquei – o qual tomei aqui a partir da circulação do conhecimento sobre o discurso – e que pôde ser percebido como maneira de destacar ao leitor aquilo que o autor sugeriu como apreensão necessária.

Quadro 1 - Repetições das palavras “discurso”, “ideologia” e “Língua/linguístico/discurso/discursivo”

(continua)

Conceito	Definição	Tradução <sup>195</sup>
Discurso	<i>L'écriture ironique, la distance matériellement inscrite dans les procédés littéraires du "discours simple" (skaz), le goût de la métaphore dèsidéalisante : tout cela constituait autant d'indices et de rappels, progressivement éprouvés comme insupportables par les dirigeants-organismes. La "malpropreté" de Zamiatine soulevait le coeur des Bogdanoviens et de leurs successeurs : elle touchait au vif leur idéal hygiénique, qui s'exerçait aussi sur le terrain de la langue (GADET; PÊCHEUX, 1980, p. 363, grifos do autor, negritos meus).</i>	A escrita irônica, a distância materialmente inscrita nos processos literários do " <b>discurso</b> simples" (skaz), o gosto pela metáfora desdenhosa: tudo isto constituía tantas pistas e lembretes, gradualmente vivenciados como insuportáveis pelos organizadores-líderes. A "impureza" de Zamiatine elevava os corações dos Bogdanovianos e dos seus sucessores: ela tocava o centro de seu ideal higiênico, que também se exercia no campo da linguagem.
	<i>Le réalisme (littéraire et politique) du stalinisme, où point le désir paranoïaque de faire coïncider réalité, <b>discours</b> et pensée, apparaît dès lors comme une sorte de revanche sinistre/du non-sens à l'intérieur de ce qui tend à le forclure (GADET; PÊCHEUX, 1980, p. 363, grifos meus).</i>	O realismo (literário e político) do estalinismo, no qual não há um desejo paranoico de fazer coincidir realidade, <b>discurso</b> e pensamento, aparece desde então como uma espécie de vingança sinistra/do não-sentido dentro daquilo que tende a excluí-lo.
	<i>Cette déformation intéressée de l'histoire de la grammaire</i>	Esta deformação interessada da história da gramática apresenta

<sup>195</sup> Agradeço à Profa. Dra. Rejane Arce pela revisão das traduções da Língua Francesa para a Língua Portuguesa.

Ideologia	<p><i>présente ainsi l'avantage <b>idéologique</b> de permettre à la fois la référence à l'universalisme classique et le sauvetage des évidences pratiques de <b>l'idéologie</b> dominante américaine (GADET; PÊCHEUX, 1980, p. 368, grifos meus).</i></p> <p><i>Ces divers points sont en particulier développés dans l'étude de M. Pêcheux et C. Fuchs qui porte spécifiquement sur les problèmes théoriques et méthodologiques soulevés par la procédure dite d'Analyse Automatique du Discours (AAD). Cette procédure consiste, en son fond, à généraliser au rapport entre plusieurs séquences relevant de conditions de production homogènes les opérations que S. Z. Harris avait proposées à propos du texte Millions can't be wrong (« Discourse Analysis Reprints », 1952, trad. française in Langages, n° 13). La discussion et les mises au point théoriques portent d'abord sur le rapport entre conditions de production et théorie des <b>idéologies</b>, et nous exprimons ici nos remerciements à J. P. Poitou pour les remarques qu'il nous a communiquées, et dont certaines sont reprises littéralement (cf. note 1, p. 9). Sur la question de la répartition des responsabilités théoriques que suppose la procédure AADV (construction des corpus et interprétation des résultats d'une part, traitement linguistique-discursif d'autre part), plusieurs remarques critiques, dont celles de P. Le Goffic, que nous n'avons malheureusement pas pu intégrer dans le présent recueil,</i></p>	<p>assim a vantagem <b>ideológica</b> de permitir tanto a referência ao universalismo clássico como o resgate da evidência prática da <b>ideologia</b> americana dominante.</p> <p>Esses vários pontos são particularmente desenvolvidos no estudo de M. Pêcheux e C. Fuchs, que trata especificamente dos problemas teóricos e metodológicos levantados pelo procedimento denominado Análise Automática do Discurso (AAD). Esse processo consiste, em essência, em generalizar a relação entre várias sequências pertencentes a condições de produção homogêneas; as operações que a S. Z. Harris propusera sobre o texto de Millions não podem estar erradas ("Discourse Analysis Reprints", 1952, trad. para o francês em <i>Langages</i>, n° 13). A discussão e os debates teóricos concentram-se primeiro na relação entre condições de produção e teoria das <b>ideologias</b>, e aqui expressamos nossos agradecimentos a J. P. Poitou pelas observações que ele nos deu, algumas das quais são tomadas literalmente (veja nota 1, página 9). Na questão da distribuição das responsabilidades teóricas que o procedimento AADV implica (construção de corpora e interpretação dos resultados, por um lado, tratamento linguístico-discursivo, por outro), várias observações críticas, incluindo as de P. Le Goffic, que infelizmente não conseguimos integrar essa coleção, tem-nos sido de grande utilidade.</p>
-----------	--	--

	<p><i>nous ont été d'une grande utilité (PÊCHEUX, 1975, p. 4, grifos do autor, negritos meus).</i></p>	
Língua/ linguístico/ discurso/ discursivo	<p><i>A. Grésillon distingue à ce propos deux types de caractéristiques, à savoir premièrement les marques morphosyntaxiques combinées à l'antécédent et deuxièmement les phénomènes de co-référence inhérents à la séquence textuelle. L'application de ces critères de reconnaissance (définis en occurrence pour l'allemand) à une série de relatives relevées dans un texte de H. Heine permet de montrer dans quelle mesure s'exercent les déterminations purement <b>linguistiques</b> à l'égard des constructions relatives et par conséquent d'examiner sur ce point la nature de la frontière entre <b>langue</b> et <b>discours</b>, au sens où nous avons plus haut mis ces deux termes en rapport : les cas restés linguistiquement indécis ont été soumis à une procédure tentant de dissocier au niveau <b>discursif</b> les deux interprétations possibles à travers deux reformulations de la relative initiale (PÊCHEUX, 1975, p. 5, grifos meus).</i></p>	<p>A. Grésillon distingue a esse respeito dois tipos de características, a saber, em primeiro lugar, as marcas morfossintáticas combinadas com os antecedentes e, em segundo lugar, os fenômenos de correferência inerentes à sequência textual. A aplicação desses critérios de reconhecimento (definidos neste caso para o alemão) a uma série de relativas encontradas num texto de H. Heine permite mostrar em que medida se exercem as determinações puramente <b>linguísticas</b> no que concerne as construções relativas e, portanto, permite examinar a esse respeito a natureza da fronteira entre <b>língua</b> e <b>discurso</b>, no sentido em que nós mais acima colocamos esses dois termos em relação : os casos que ficaram linguisticamente indecisos foram submetidos a um procedimento que tentou dissociar em nível <b>discursivo</b> as duas interpretações possíveis através de duas reformulações da relativa inicial.</p>
	<p><i>En retour, cette hypothèse historique nous a permis de saisir comment le procès d'ensemble se réfractait dans "la question de la <b>langue</b>", avant même l'apparition de la science linguistique : l'amour de la <b>langue</b> court comme une folie souterraine sous l'histoire officielle des grammaires et des philosophes. Une "logophilie" à double forme, s'appliquant tantôt à reconstituer une <b>langue</b> originarie adhérant à un corps maternel perdu</i></p>	<p>Em retorno, esta hipótese histórica permitiu-nos compreender como o processo global se refratava na "questão da <b>língua</b>", mesmo antes do aparecimento da ciência linguística: o amor pela língua corre como uma loucura subterrânea sob a história oficial dos gramáticos e dos filósofos. Uma "logofilia" com duas formas se aplicando tanto para reconstituir uma <b>língua</b> originária aderindo a um corpo materno perdido (Ursprache, um enxame de palavras-semente deslocando-se</p>

	<p><i>(Ursprache, essaim de mots-semences se disloquant comme un corps morcelé), tantôt à construire une langue parfaite où les signifiants coïncident sans défaut avec les signifiés (comme en témoignent les multiples tentatives de langue logique de type leibnizien). La double figure de la <b>Langue</b>-mère et de la <b>Langue</b> Idéale apparaît ainsi comme le symptôme, spécifique au réel de la <b>Langue</b>, de ce qui s'inscrit dans l'histoire sous la forme de la dualité Vie/Droit (GADET; PÊCHEUX, 1980, p. 361, grifos do autor, negritos meus).</i></p>	<p>como um corpo fragmentado), quanto para construir uma linguagem perfeita onde os significantes coincidem sem defeito com os significados (como mostram as múltiplas tentativas de linguagem lógica do tipo leibniziano). A dupla figura da <b>Língua</b> Materna e da <b>Língua</b> Ideal aparece assim como o sintoma, específico do real da <b>Língua</b>, do que se inscreve na história sob a forma da dualidade Vida/Direito.</p>
	<p><i>Cependant certains pays comme l'Angleterre constituent de ce point de vue une exception : dans la période moderne tout au moins, l'acquisition spontanée de la <b>langue</b> n'est pas relayée par la systématité d'un apprentissage grammatical scolarisé. Or, les anglais parlent autant et aussi bien leur <b>langue</b> que le français. A quoi sert donc la grammaire ? (GADET; PÊCHEUX, 1980, p. 366, grifos meus).</i></p>	<p>Contudo, alguns países como a Inglaterra constituem desse ponto de vista uma exceção: no período moderno pelo menos, a aquisição espontânea da <b>língua</b> não é retransmitida pela sistematicidade da aprendizagem gramatical escolarizada. Ora os ingleses falam bem tanto a sua <b>língua</b> como o francês. Qual é, então, o sentido da gramática?</p>

(conclusão)

Fonte: Elaborado pela autora.

O quadro 1 permitiu visualizar que as repetições das designações “discurso”/“discursivo”, “ideologia”/“ideológico”/“ideológica” e “Língua”/“linguístico” podem ter o efeito de reforçar sentidos. Dizer uma vez e dizer novamente movimentam saberes, adicionam sentidos, demanda que o sujeito recupere conceitos e atualize a Produção do Conhecimento Discursivo.

A análise de um discurso envolve considerar desconstruir a noção de leitura como aquela que diz “a verdade” sobre um assunto, ler é indagar(-se) “como” esse

discurso faz sentido, ou seja, “como” ele é construído (inclusive) gramaticalmente e apreender que as unidades lexicais podem mudar de categoria sintática. Para ilustrar, pode-se analisar em Língua Portuguesa, por exemplo, as construções “livro grande” e “grande livro” para entender que as escolhas para organizar um sintagma constroem/desconstroem/alteram sentidos. Dizer, em Língua Portuguesa, “livro grande”, apresentando inicialmente o substantivo e depois o artigo, se constrói sentidos sobre o tamanho do livro em questão; já dizer “grande livro”, usando o artigo e depois o substantivo, sugere-se que o livro em questão é “muito” bom.

Apreender que há diversas possibilidades de construir um discurso – retomando outros, dizendo e até mesmo não dizendo –, apesar de não poder garantir sentidos, encaminha a estabelecer relações entre a ordem das coisas, do pensamento e do discurso. Envolve um movimento de ir e vir e, portanto, um processo de possibilidades que dependem da tomada de posição do sujeito no discurso. Nesse âmbito, é fundamental entender que o sujeito é em si contraditório, pois as condições de produção do discurso que o afetam assim o são.

Acerca dos problemas teóricos e metodológicos levantados pelo procedimento denominado Análise Automática do Discurso, os autores Michel Pêcheux e Catherine Fuchs e/ou Catherine Fuchs e Michel Pêcheux, em “movimento de coautoria” (a ordem de apresentação dos nomes não pressupõe relevância teórica neste caso, é uma mera necessidade que se impõe à linearização do dizer), teceram algumas reflexões. Para os autores, foi fundamental destacar a relação entre as condições de produção de um discurso e a teoria das ideologias, o que implicou a construção de um *corpus* de análise e a interpretação dos resultados, bem como encaminhou a um tratamento linguístico-discursivo do discurso em questão. Tais procedimentos esboçaram uma possibilidade de adentrar o discurso e analisá-lo.

A fronteira entre língua e discurso e a utilidade da gramática foram questões que inquietaram os autores. Assim sendo, considerou-se que não existe língua perfeita, ou seja, não se pode conceber uma língua transparente, na qual significante e significado coincidem sem falhas, faltas e/ou equívocos. A língua, segundo os autores, é possibilidade de discurso, o que quer dizer que, para fazer sentido, ela precisa estar em movimento/em discurso.

É, pois, por meio do discurso que se pode entender a utilidade dos instrumentos linguísticos: eles “guardam” a língua, mas não têm em si todos os sentidos possíveis. O sentido vai depender da construção do sujeito: do que ele diz e/ou não diz.

#### 4.2.2. Um segundo movimento de análise: “ressonâncias discursivas” em funcionamento

A partir da análise de ressonâncias podem ser elaborados *esquemas interdiscursivos de repetibilidade*, visando a representar mais do que a forma do repetido, o efeito de sentido produzido pelas relações entre as formas linguísticas localizáveis na cadeia. O esquema é da ordem do interdiscurso porque sua elaboração é possível somente depois de analisar as sequências discursivas como integrantes de domínios de memória, de atualidade e de antecipação.

(SERRANI, 1997, p. 71-72, grifos da autora).

Dando os próximos passos dentro da minha proposta de retomar os artigos do autor publicados em revistas científicas (circulação de conhecimento) e disponíveis *on-line* no *Persée*, para mostrar repetições, “ressonâncias discursivas” e reformulações no processo de Produção do Conhecimento Discursivo, foi necessário ampliar as investigações e, além de considerar os dois textos não traduzidos publicados no *Persée – Introduction: Langages, nº 37, Analyse du discours, langue et idéologies* e *La linguistique hors d'elle-même: l'histoire absolument –*, foram recuperadas obras importantes do autor (produção de conhecimento). Essa foi uma busca por um suporte teórico e por estabelecer relações entre os recortes previamente selecionados nas revistas, a fim de propor uma análise da (des)construção das noções teóricas fundamentais ao desenvolvimento da teoria.

A ordem cronológica de publicação dos trabalhos definiu a organização que propus. Iniciei tomando o livro **Análise automática do discurso (AAD-69)** (PÊCHEUX, [1969] 2014; [1969] 2019), no qual o autor propõe diversas noções teóricas que foram (re)trabalhadas ao longo de suas publicações.

Considerando o que o autor expõe sobre **discurso/discursivo(a)/processo discursivo/formação discursiva/interdiscurso** e as possíveis “ressonâncias

discursivas” (SERRANI, 2005, p. 90) nesse processo – definidas como “marcas linguístico-discursivas [que] se repetem, a fim de construir a representação de um sentido predominante” –, no quadro 2, a seguir, destaquei algumas dessas noções teóricas que auxiliaram a refletir sobre o conceito de discurso. Neste caminho, o que persegui, para além das definições, foram os modos como se deu a elaboração do conceito do objeto teórico da Análise de Discurso:

Quadro 2 - “Ressonâncias discursivas” a partir da palavra “discurso”

(continua)

Conceito	Definição
Discurso	O que dissemos precedentemente nos faz preferir aqui o termo <b>discurso</b> , que implica que não se trata necessariamente de uma transmissão de informação entre <i>A</i> e <i>B</i> mas, de modo mais geral, de um “efeito de sentidos” entre os pontos <i>A</i> e <i>B</i> (PÊCHEUX, [1969] 2014, p. 81, grifos do autor, negritos meus) <sup>196</sup> .
Processo de produção, processos discursivos, condições de produção	Propomos designar por meio do termo processo de produção o conjunto de mecanismos formais que produzem um <b>discurso</b> de tipo dado em “circunstâncias” dadas. Resulta do que precede que o estudo dos <b>processos discursivos</b> supõe duas ordens de pesquisas: - o estudo das variações específicas (semânticas, retóricas e pragmáticas) ligadas aos processos de produção particulares considerados sobre o “fundo invariante” da língua (essencialmente: a sintaxe como fonte de coerções universais). Especificaremos mais adiante os conceitos e a metodologia utilizados; - o estudo da ligação entre as “circunstâncias” de um <b>discurso</b> – que chamaremos daqui em diante suas <i>condições de produção</i> – e seu processo de produção. Esta perspectiva está representada na teoria linguística atual pelo papel dado ao <i>contexto</i> ou à <i>situação</i> , como pano de fundo específico dos discursos, que torna possível sua formulação e sua compreensão [...] (PÊCHEUX, [1969] 2014, p. 73-74, grifos do autor, negritos meus) <sup>197</sup> .
Lugar e	Fica bem claro, já de início, que os elementos <i>A</i> e <i>B</i> designam algo diferente da presença física de organismos humanos individuais. Se o que dissemos antes faz sentido, resulta pois dele que <i>A</i> e <i>B</i> designam lugares determinados na estrutura de uma formação social, lugares dos quais a sociologia pode descrever o feixe de traços objetivos característicos: assim, por exemplo, no interior da esfera da produção econômica, os lugares do “patrão” (diretor, chefe de empresa etc.), do funcionário de repartição, do

<sup>196</sup> Pode-se conferir também em Pêcheux ([1969] 2019, p. 39, grifos do autor).

<sup>197</sup> Pode-se conferir também em Pêcheux ([1969] 2019, p. 31, grifos do autor).

posição do sujeito no discurso, formações imaginárias	<p>contramestre, do operário são marcados por propriedades diferenciais determináveis.</p> <p>Nossa hipótese é a de que esses lugares estão <i>representados</i> nos processos discursivos em que são colocados em jogo. Entretanto, seria ingênuo supor que o lugar como <i>feixe de traços objetivos</i> funciona como tal no interior do <b>processo discursivo</b>; ele se encontra aí representado, isto é, <i>presente, mas transformado</i>; em outros termos, o que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que <i>A</i> e <i>B</i> se atribuem cada um a <i>si</i> e ao <i>outro</i>, a imagem que eles fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro [...] (PÊCHEUX, [1969] 2014, p. 81-82, grifos do autor, negrito meu)<sup>198</sup>.</p>
---	--

(conclusão)

Fonte: Elaborado pela autora.

Tais recortes possibilitaram mostrar um segundo artifício discursivo do autor Michel Pêcheux: ele partiu do conceito de discurso e/ou ideologia para trabalhar outros conceitos importantes à Produção do Conhecimento Discursivo. Há um vibrar de sentidos que remete não só à palavra, mas aos saberes que com ela produzem determinados efeitos. Com isso, os conceitos de discurso e de ideologia acabam ressonando em outros, como posso demonstrar por meio da identificação de “ressonâncias discursivas”: discurso => discurso; Processo de produção, processos discursivos, condições de produção => discurso; Lugar e posição do sujeito no discurso, formações imaginárias => processo discursivo.

A cada conceito, por meio da reformulação, algo mudou e algo se manteve. O sintagma “discurso” retornou para definir outros conceitos, promovendo a Produção do Conhecimento Discursivo, o que foi reiterado em Igreja e Campos (2011, p. 73) que acreditam que a produção de conhecimento depende da “incorporação de discursos retomados”.

A autora Catherine Fuchs (1985, p. 134, grifo da autora) definiu a reformulação como a restauração do conteúdo de um texto-fonte para um texto-segundo. “[...] uma interpretação prévia do texto-fonte. Ora, o trabalho de interpretação é variável, segundo os sujeitos e as situações: cada um ‘percebe’ e, conseqüentemente, restaura o texto de modo diferente”. Assim, a partir da análise

<sup>198</sup> Pode-se conferir também em Pêcheux ([1969] 2019, p. 39, grifos do autor).

dos quadros que propus, se pôde acompanhar um pouco do processo de formulação e de reformulação do conceito de discurso.

Com vistas às diversas maneiras de abordagem das publicações pecheuxtianas e da apreensão da teoria, quando o autor definiu o conceito de discurso, precisei concentrar minha atenção aos outros conceitos que ressonaram e foram retomados de outras maneiras. O autor Michel Pêcheux versou acerca do conhecimento discursivo e, a partir disso, observei como esteve em funcionamento o processo de conceito-puxa-conceito – que explicito conforme asseverou Petri (2018), quando propôs o movimento “palavra-puxa-palavra”. Devido à compreensão de que foi por meio do desenvolvimento desse conceito que se pôde aprofundar as reflexões sobre o processo que envolveu/envolve a Produção do Conhecimento Discursivo, a partir das publicações do autor Michel Pêcheux, optei por recortar o conceito de discurso (bem como aqueles que o constituem). O conceito de discurso foi “puxado” por outros, como demonstrei no quadro anterior: processo de produção, processos discursivos, condições de produção, lugar e posição do sujeito no discurso, formações imaginárias e processo discursivo.

Em função das remissões ao vasto trabalho de autoria de Pêcheux, que apreendi aqui por meio das publicações, conforme bibliografia apresentada, cabe ressaltar que não falo do lugar do autor. O que apresentei foram tomadas de posição minhas frente à teoria que consistiram, pois, em maneiras de ler e articular a teoria/as ideias teóricas, atentando para quando o sentido faz sentido (ORLANDI, 2012a), a partir de “ressonâncias discursivas” e já ditos que perfazem o interdiscurso.

O desenvolvimento da Análise de Discurso, a partir dos anos 1960, se caracterizou por movimentar “tendências” (RAUS, 2019, p. 15) que partilharam os conceitos fundamentais de língua, sujeito e história, promovendo a articulação entre discurso e condições de produção. Nessa época, destacou-se a releitura que o autor Michel Pêcheux fez do trabalho assinado por Foucault e o seu interesse pelo interdiscurso. Ademais, o conceito metodológico de máquina discursiva foi explorado na superfície enunciativa, processo que constituiu o conceito de “materialidade discursiva”.

De acordo com Michel Pêcheux ([1969] 2014; [1969] 2019), língua e discurso possuem materialidades distintas e, sendo assim, enquanto a base linguística é tomada como a materialidade necessária para o discurso, inevitavelmente (e mesmo inconscientemente) atravessado pela exterioridade que o constitui, os processos discursivos remetem a circunstâncias dadas para a produção de discursos. Os efeitos de sentidos produzidos a partir do discurso estabelecido entre sujeitos (A e B) não seriam, nesse viés, uma mera transmissão, mas uma construção determinada historicamente.

Nesse momento importante para o desenvolvimento da teoria, o conceito de condições de produção – que, conforme afirmou Zandwais (2009), é “tomado do materialismo histórico, e que viria a criar as condições para inscrever, de modo concreto, a história na ordem do discurso e o discurso no campo da práxis” – promoveu um deslocamento importante. A partir de então, tal conceito passou a figurar fundamentalmente em suas injunções teóricas.

Já em **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio** (PÊCHEUX, [1975] 2009) o autor definiu conceitos fundamentais para a apreensão da teoria. A seguir, foram destacados alguns deles, a partir do que defini como “ressonâncias discursivas” dos conceitos de **discurso** e **ideologia** para formulação dos conceitos de processo discursivo, reprodução das relações de produção, formações ideológicas, forma-sujeito, sujeito, interdiscurso e formação discursiva:

Quadro 3 - “Ressonâncias discursivas” a partir das palavras “discurso” e “ideologia”

(continua)

Conceito	Definição
Processo discursivo	Ao opor <i>base linguística</i> e processo <b>discursivo</b> , inicialmente estamos pretendendo destacar que, como foi apontado recentemente por P. Henry, todo sistema linguístico, enquanto conjunto de estruturas fonológicas, morfológicas e sintáticas, é dotado de uma <i>autonomia relativa</i> que o submete a leis internas, as quais constituem, precisamente, o objeto da Linguística. É, pois, <i>sobre a base dessas leis internas que se desenvolvem os processos discursivos</i> , e não enquanto expressão de um puro pensamento, de uma pura atividade cognitiva, etc. que se utilizaria “acidentalmente” os sistemas linguísticos (PÊCHEUX, [1975] 2009, p. 81-82, grifos do autor, negritos meus).

Reprodução das relações de produção	Ao falar de “reprodução/transformação”, estamos designando o caráter intrinsecamente contraditório de <i>todo modo de produção que se baseia numa divisão em classes, isto é, cujo “princípio” é a luta de classes</i> . Isso significa, em particular, que consideramos errôneo localizar em pontos diferentes, de um lado, o que contribui para a reprodução das relações de produção e, de outro, o que contribui para sua transformação: a luta de classes atravessa o modo de produção em seu conjunto, o que, na área da <b>ideologia</b> , significa que a luta de classes “passa por” aquilo que L. Althusser chamou de aparelhos ideológicos de Estado (PÊCHEUX, [1975] 2009), p. 130, grifos do autor, negrito meu).
Formações ideológicas	[...] a instância <b>ideológica</b> existe sob a forma de <i>formações ideológicas</i> (referidas aos aparelhos ideológicos de Estado), que, ao mesmo tempo, possuem um caráter “regional” e comportam posições de classe: os “objetos” <b>ideológicos</b> são sempre fornecidos ao mesmo tempo que a “maneira de se servir deles” – seu “sentido”, isto é, sua orientação, ou seja, os interesses de classe aos quais eles servem –, o que se pode comentar dizendo que as <b>ideologias</b> práticas são práticas de classe (de luta de classes) na <b>Ideologia</b> . Isso equivale a dizer que não há na <b>luta ideológica</b> (bem como nas outras formas da luta de classes), “posições de classe” <i>que existam de modo abstrato e que sejam então aplicadas</i> aos diferentes “objetos” <b>ideológicos</b> regionais das situações concretas, na Escola, na Família, etc. (PÊCHEUX, [1975] 2009), p. 132, grifos do autor, negritos meus).
Forma-sujeito	[...] diremos que a <i>forma-sujeito do discurso</i> , na qual coexistem, indissociavelmente, interpelação, identificação e produção de sentido, realiza o <i>non-sens da produção do sujeito como causa de si sob a forma da evidência primeira</i> . Estamos lidando com uma determinação que se apaga no efeito necessário que ela produz sob a forma da relação entre sujeito, centro e sentido (PÊCHEUX, [1975] 2009), p. 243, grifos do autor, negrito meu).
Sujeito	Somos, assim, levados a examinar as propriedades <b>discursivas</b> da forma-sujeito, do “Ego-imaginário”, como “sujeito do discurso”. Já observamos que o sujeito se constitui pelo “esquecimento” daquilo que o determina. Podemos agora precisar que a interpelação do indivíduo em sujeito de seu <b>discurso</b> se efetua pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina (isto é, na qual ele é constituído como sujeito): essa identificação, fundadora da unidade (imaginária) do sujeito, apoia-se no fato de que os elementos do interdiscurso (sob sua dupla forma, descrita mais acima, enquanto “pré-construído” e “processo de sustentação”) que constituem, no <b>discurso</b> do sujeito, os <i>traços daquilo que o determina</i> , são re-inscritos no <b>discurso</b> do próprio sujeito (PÊCHEUX, [1975] 2009), p. 150, grifos do autor, negritos meus).
Interdiscurso	[...] propomos chamar interdiscurso a esse “todo complexo com dominante” das formações <b>discursivas</b> , esclarecendo que também ele é submetido à lei de desigualdade-contradição-subordinação que, como dissemos, caracteriza o complexo das

	formações <b>ideológicas</b> (PÊCHEUX, [1975] 2009), p. 149, grifos do autor, negritos meus).
Formação discursiva	[...] o próprio de toda <b>formação discursiva</b> é dissimular, na transparência do sentido que nela se forma, a objetividade material contraditória do <b>interdiscurso</b> , que determina essa <b>formação discursiva</b> como tal, objetividade material essa que reside no fato de que “algo fala” ( <i>ça parle</i> ) sempre “antes, em outro lugar e independentemente”, isto é, sob a dominação do complexo das formações <b>ideológicas</b> (PÊCHEUX, [1975] 2009), p. 149, grifos do autor, negritos meus).

(conclusão)

Fonte: Elaborado pela autora.

O quadro 3 permitiu visualizar as “ressonâncias discursivas” a partir das palavras “discurso” e “ideologia”: Processo discursivo => discurso; Reprodução das relações de produção => ideologia; Formações ideológicas => ideologia; forma-sujeito => discurso; Sujeito => discurso; Interdiscurso => discurso => ideologia; formação discursiva => discurso => ideologia. Ao reformular e incorporar sentidos, o autor produziu (e ampliou) conhecimento sobre o discurso.

Nos anos 1970, movimentaram-se teoricamente aquelas questões que tocaram o pré-construído, sendo nesse momento a Análise de Discurso muito influenciada pelos trabalhos de Althusser sobre a luta de classes. Nessa esteira, consideraram-se os sentidos construídos antes do enunciado propriamente dito, ou seja, a exterioridade mostrou-se como fundamental para a apreensão do(s) sentido(s) do(s) discurso(s). Somaram-se a isso – e desenvolveram-se –, dentre outras, as reflexões em torno dos conceitos de interdiscurso, formação discursiva e sujeito.

Tomando o discurso como a língua em funcionamento e possibilidade de discurso (PÊCHEUX, 1975), a partir da tomada de posição de um sujeito afetado ideologicamente por determinadas condições de produção, a Análise de Discurso concebeu como sendo seu objeto de estudo o discurso. Para tanto, prevaleceram aí as leis gramaticais internas que regem a apreensão da base linguística: não há como prescindir ao fonológico, ao morfológico e ao sintático.

Nesse caminho de interpretação, de acordo com Serrani (2005, p. 90), analisar “ressonâncias discursivas” envolve trabalhar com repetições de “itens

lexicais”, “construções que funcionam parafrasticamente” e “modos de enunciar”. É movimentando e colocando em funcionamento esses conhecimentos que é possível refletir sobre a estrutura do enunciado, por exemplo; bem como ponderar sobre os sentidos do/no intradiscurso. A análise da base gramatical linguística permite refletir sobre os ditos, os não ditos, os silêncios e/ou silenciamentos em discurso; enfim, entender um pouco mais sobre os artifícios discursivos dos quais o autor Michel Pêcheux se utilizou para produzir conhecimento discursivo.

Os saberes em discurso, nesse viés, reproduzem-se e, em alguns casos, transformam-se de acordo com a posição que o sujeito assume no discurso, considerando a exterioridade que constitui esse sujeito – a história, a memória, o inconsciente, a política, a luta de classes, entre outros fatores que possibilitam que se apreenda que o(s) discurso(s) produz(em) sentido(s) de acordo com as condições nas quais ele é colocado em funcionamento. Há aí “regras” de hierarquização em jogo, relações de poder que balizam as tomadas de posição do sujeito no discurso.

Os aparelhos ideológicos de Estado – a escola, a igreja e a família, por exemplo – estabelecem características discursivas específicas. Assim, sem grande dificuldade, pode-se inferir quando um professor ou um aluno discursivizam; há diferenças entre o discurso do padre/chefe espiritual e dos fiéis; destoam o discurso da mãe e do filho. Nesse sentido, professor, aluno, padre, fiel, mãe e filho são posições que a forma-sujeito (mais ou menos inconscientemente) pode assumir por meio de tomadas de posição em seu discurso para produzir/reproduzir e até mesmo transformar discursos e sentidos.

Estão em funcionamento, ou seja, também produzindo efeitos de sentido no discurso, o interdiscurso – “todo complexo com dominante” das formações discursivas” (PÊCHEUX, [1975] 2009), p. 149, grifos do autor) –, as formações discursivas e as formações ideológicas. As formações discursivas são entendidas a partir da noção de que “‘algo fala’ sempre ‘antes, em outro lugar e independentemente” (PÊCHEUX, [1975] 2009), p. 149, grifos do autor). Já as formações ideológicas são entendidas como produzindo efeitos de sentido no discurso do sujeito em relação a luta de classes.

Por meio de *Introduction* (PÊCHEUX, 1975), o autor realizou a apresentação do número 37 da revista *Langages*, introduzindo os principais debates propostos

nesse número. No quadro 4, a seguir, destaquei as reflexões que o autor propôs, demonstrando as “ressonâncias discursivas” do conceito de **discurso** nas formulações:

Quadro 4 - “Ressonâncias discursivas” a partir da palavra “discurso”

(continua)

Conceito	Definição	Tradução
A relação língua/discurso	<p><i>Il est de l'essence même du rapport langue/<b>discours</b> que les règles phonologiques, morphologiques et syntaxiques soient incessamment l'objet de surcharges, de recouvrements et d'effacements partiels, ce qui revient à dire que la sémantique n'est pas non plus purement et simplement extérieure à la théorie linguistique, et que celle-ci ne saurait être conçue comme la théorie d'une systématité logique homogène. Dans cette perspective, la présence du sujet-locuteur à soi-même dans le sens de ce qu'il énonce est un fait inexplicable du point de vue de la pure systématité (et en particulier dans une théorie strictement « syntaxique » de la paraphrase). Les théories idéalistes de la « parole » et de l'« énonciation » se sont, selon nous, emparées de cette difficulté pour en reproduire le mystère sous la forme d'une « théorie » qui répète inlassablement que le sujet est à l'origine du sens qu'il énonce, etc.. Ces considérations nous ont conduits à esquisser une théorie non-subjective de ce</i></p>	<p>É da essência mesma da relação língua/<b>discurso</b> que as regras fonológicas, morfológicas e sintáticas sejam incessantemente objeto de sobrecargas, sobreposições e de apagamentos <i>parciais</i>, o que equivale a dizer que a semântica não é pura e simplesmente externa à teoria linguística, e que essa teoria não pode ser concebida como a teoria de uma sistematicidade lógica homogênea. Nesta perspectiva, a presença do sujeito-falante por si mesmo no sentido de que ele afirma ser um fato inexplicável do ponto de vista da sistematicidade pura (e, em particular, em uma teoria estritamente "sintática" da paráfrase). As teorias idealistas de "fala" e de "enunciação" se têm, em nossa visão, amparado dessa dificuldade para reproduzir o sistema sob a forma de uma "teoria" que repete incansavelmente que o sujeito está na origem do sentido que enuncia, etc... Essas considerações nos levaram a esboçar uma teoria não subjetiva do que hoje nós chamamos de <i>enunciação</i>. As noções de reformulação, esquecimento e paráfrase</p>

	<p><i>qu'on appelle aujourd'hui l'énonciation. Les notions de reformulation, d'oubli et de paraphrase <b>discursive</b> y ont, on le verra, une fonction essentielle sans laquelle resterait incompréhensible l'illusion pour le sujet d'être à l'origine du sens qu'il énonce (PÊCHEUX, 1975, p. 3, grifos do autor, negritos meus).</i></p>	<p><b>discursiva</b> terão, como se verá, uma função essencial sem a qual a <i>ilusão</i> de o sujeito estar na origem do sentido que enuncia seria incompreensível.</p>
A Linguística	<p><i>La linguistique en tant qu'étude scientifique de la langue est une discipline « relativement autonome » par rapport à la théorie et à l'analyse du <b>discours</b> : les systématicités phonologiques, morphologiques et à certains égards syntaxiques sont les conditions matérielles de base sur lesquelles se développent les processus <b>discursifs</b> ; de ce point de vue, ce qu'on désigne sous le nom de « langue » constitue, en tant qu'invariant présumé par toutes les conditions de productions possibles à un moment historique donné, la condition de possibilité du « <b>discours</b> » (PÊCHEUX, 1975, p. 3, grifos do autor, negritos meus).</i></p>	<p>A Linguística enquanto estudo científico da língua é uma disciplina "relativamente autônoma" em relação à teoria e à análise do discurso: as sistematicidades fonológicas, morfológicas e, em alguns aspectos, sintáticas são as condições materiais <i>de bases</i> nas quais se desenvolvem os processos <b>discursivos</b>; desse ponto de vista, o que designamos pelo nome "língua" constitui, como um invariante pressuposto por todas as condições de produção possíveis em dado momento histórico, a <i>condição de possibilidade</i> do "<b>discurso</b>".</p>
A "ordem das coisas e do pensamento e a ordem do discurso"	<p><i>La notion d'autonomie référentielle est soumise à une discussion critique où P. Henry montre que s'effectue un continuel va-et-vient entre l'ordre des choses et de la pensée et l'ordre du <b>discours</b> (pour utiliser ici les termes des classiques), va-et-vient qui pose et efface tout à la fois un décalage incessant entre « pensée » et « forme grammaticale », marqué entre autres par le fait que les unités lexicales peuvent changer de catégorie syntaxique</i></p>	<p>A noção de autonomia referencial é submetida a uma discussão crítica, na qual P. Henry mostra que se efetua um contínuo vai-e-vem entre a <i>ordem das coisas e do pensamento</i> e a <i>ordem do <b>discurso</b></i> (para usar aqui os termos dos clássicos), vai-e-vem que ao mesmo tempo estabelece e apaga uma diferença incessante entre "pensamento" e "forma gramatical", marcada, entre outras coisas, pelo fato de que as unidades lexicais podem</p>

	(PÊCHEUX, 1975, p. 5, grifos do autor, negritos meus).	mudar de categoria sintática.
--	--	-------------------------------

(conclusão)

Fonte: Elaborado pela autora.

A Análise de Discurso apreendeu a língua como base gramatical, constituída por leis próprias, o que permitiu a apreensão do seu objeto de estudo: o discurso. A língua, enquanto sistema, é sempre possibilidade de discurso, dependendo somente da tomada de posição do sujeito. Nesse viés, o quadro 4 permitiu visualizar “ressonâncias discursivas” a partir das palavras “discurso” e “ideologia”: A relação língua/discurso => discurso; A Linguística => discurso; A “ordem das coisas e do pensamento e a ordem do discurso” => discurso. As palavras se convocam no discurso do autor, na definição dos conceitos. Ao tratar da relação língua/discurso, da Linguística, da ordem das coisas e do pensamento, a definição de discurso ressoou e “puxou” outros sentidos. O que mostra que o conceito de discurso foi fundamental para “localizar” teoricamente as noções postas em funcionamento pelo autor.

As condições de produção que regem o discurso abarcam uma série de atravessamentos históricos, sociais e ideológicos. Elas são apreendidas na análise não como sendo justificativa para que se diga “x” ou “y”: não é “o porquê” que a Análise de Discurso persegue e sim o “como”. Como o sujeito discursiviza? Quais palavras coloca em funcionamento? E, a partir dessas palavras, quais feitos de sentido promove? A teoria do discurso visa à “problematização” (GLOZMAN *et al.*, 2014). (Re)formula perguntas. Avulta questões. Utiliza-se do conhecimento das regras gramaticais para analisar a relação mesma entre língua, discurso e sujeito. A Fonologia, a Morfologia e a Sintaxe são postas em relação para pensar a Semântica: são os efeitos de sentido que interessam para a análise.

Sabe-se que há inúmeras diferenças em se considerar “pensamento” e “forma gramatical” (PÊCHEUX, 1975, p. 5), pois o sujeito não é uma máquina que foi alimentada para produzir enunciados sempre da mesma maneira. Muito pelo contrário, inclusive, são essas tomadas de posição (em grande parte inconscientes) que possibilitam apreender, por exemplo, que dois sujeitos não irão interpretar de maneira idêntica o mesmo discurso.

No artigo *La linguistique hors d'elle-même: l'histoire absolument* (GADET; PÊCHEUX, 1980), escrito em coautoria, verifico a construção de algumas considerações dos autores em torno da escritura de **La langue introuvable** (GADET; PÊCHEUX, 1981). No quadro 5, a seguir, destaquei as proposições sobre a relação estabelecida pelo sujeito com a história:

Quadro 5 - “Ressonâncias discursivas” a partir da palavra “ideologia”

(continua)

Conceito	Definição	Tradução
A história	<i>L'histoire de la centralisation étatique, de la réglementation juridique fondant la légitimité du nouveau pouvoir coexiste, tout au long des XVIII et XIX<sup>e</sup> siècles, avec une autre histoire, moins évidente, celle d'une absorption négociée appropriant dans la quotidienneté bourgeoise le tissu pluriel des <b>idéologies</b> dominées</i> (GADET; PÊCHEUX, 1980, p. 361, grifos meus).	A história da centralização do Estado, das normas jurídicas que estabeleceram a legitimidade do novo poder coexiste, ao longo dos séculos XVIII e XIX, com outra história, menos óbvia, aquela de uma absorção negociada que se apropriando na vida cotidiana burguesa o tecido plural das <b>ideologias</b> dominadas
O funcionamento ideológico	<i>Les Formalistes fonctionnèrent largement en réédité dans l'espace <b>idéologique</b> de la révolution comme un indice et un rappel : le rappel de l'existence de la paysannerie (à travers les contes, folklores, poésies-devinettes populaires qui constituaient leurs objets privilégiés), et l'indice que la "smytchka" (approximativement l'alliance) entre paysans et prolétariat urbain n'était pas réalisée</i> (GADET; PÊCHEUX, 1980, p. 363, grifos do autor, negritos meus).	Os formalistas funcionaram grandemente em reedição no espaço <b>ideológico</b> da revolução como um índice e um lembrete : um lembrete da existência do campesinato (através dos contos, folclore, poesias-adivinhações populares que constituíam seus objetos privilegiados), e um índice que a "smychka" (aproximadamente, aliança) entre os camponeses e o proletariado urbano não estava realizada.
A relação do	<i>La dénégation de l'histoire a cependant pour conséquence de recouvrir partiellement cette découverte dans l'imaginaire</i>	A negação da história tem porém como consequência o recobrimento parcial desta descoberta no imaginário de um

sujeito com a história e a negação da história	<i>d'un sujet plein maître de sa langue. Ce recouvrement s'atteste en particulier dans la méconnaissance des <b>conditions idéologiques</b> qui tout à la fois permettent sa pratique linguistique et lui fournissent des évidences sans en fixer l'origine (GADET; PÊCHEUX, 1980, p. 368, grifos meus).</i>	sujeito pleno mestre de sua língua. Este recobrimento é particularmente evidente no desconhecimento das <b>condições ideológicas</b> que tanto permitem a sua prática linguística como lhe fornecem provas sem determinar a sua origem.
--	--	---

(conclusão)

Fonte: Elaborado pela autora.

De acordo com Serrani (1997, p. 71-72, grifo da autora), há ressonância de significação quando itens lexicais, frases nominais, construções indeterminadoras, de tom casual, causativistas, “encontram-se ligados no discurso, para produzir um efeito de vibração semântica mútua, que, consideradas as condições de produção, tende a construir a realidade (imaginária) de um ‘mesmo’ sentido”. O quadro 5 possibilitou visualizar, a partir da reformulação – já que o “movimento de coautoria” adiciona novos conceitos aos já-ditos sobre ideologia –, “ressonâncias discursivas” decorrentes da palavra “ideologia”: A história => ideologia; O funcionamento ideológico => ideologia; A relação do sujeito com a história e a negação da história => ideologia.

Os anos 1980 perfizeram um momento fundamental na teoria pecheuxtiana, pois se desconstruíram alguns pensamentos teóricos importantes, sobretudo a partir da releitura de Foucault sobre o conceito de heterogeneidade, noção fundamental para as análises que foram realizadas nos anos seguintes (RAUS, 2019). Nesse viés, foram desenvolvidas ainda as noções de acontecimento discursivo e memória discursiva.

Ao refletir acerca do funcionamento do discurso em condições de produção dadas, como é o caso da sala de aula, lugar onde se ensina e se aprende a/por meio da língua, os autores Gadet e Pêcheux (1980) destacaram que a gramática não pode ser tomada como um discurso “neutro”/independente. Pelo contrário, deve ser tomada em sua dimensão linguística, enquanto produzida por um sistema educacional em determinado campo social. Não se pode negar que a gramática, enquanto produzida por um sujeito, é ideológica, política e historicamente

constituída. E, assim sendo, movimenta um imaginário de/sobre a língua e sobre o próprio sujeito que usa a língua para comunicar e comunicar-se. Todos esses movimentos de interpretação fizeram cair por terra o imaginário de um sujeito que domina completamente a sua língua.

Foi nesse movimento de análises, acompanhando um sentido – de discurso e/ou de ideologia – que ressoou em outros, que se pôde ter acesso ao processo de Produção do Conhecimento Discursivo na Análise de Discurso pecheuxtiana. Acessando o processo/parte do processo, meu objetivo foi demonstrar que a Análise de Discurso não compreende uma teoria “aplicável”, ela é construída em conjunto – de autores/coautores em um “movimento de coautoria” e também de conceitos –, repetindo ou reformulando já-ditos e fazendo ressonar/vibrar os conceitos.

## 5. SOBRE CHEGADAS E SOBRE A BUSCA TEÓRICA QUE NÃO CESSA: UMA CONCLUSÃO

Uma palavra resolveu sair para passear. Assim que pisou na calçada percebeu que o passeio não era livre nem desprezioso. No momento em que respirou o ar da rua, se deu conta de que estava presa a um começo e de que era, ela mesma, o começo de uma história. Teria que ser acompanhada de outras palavras, exercer uma função razoável dentro de um pensamento ou de uma frase e não demoraria a chegar o instante em que não poderia mais continuar o passeio e teria que aproximar-se do fim, para ceder espaço a outras palavras [...].

(JAFFE, 2016, s.p.).

Quando me perguntei e tentei responder “que autor é Michel Pêcheux?”, acabei percorrendo os caminhos da Análise de Discurso e, assim, um pouco do percurso da História das Ideias Discursivas, a partir da própria história do autor. Comecei este trabalho falando da minha caminhada em busca de conhecimentos e, depois, com os atravessamentos que a Análise de Discurso acabou por desencadear em minha vida acadêmica, busquei demonstrar que os passos pelo discurso constituíram também um trajeto de desconstruções. Grosso modo, a partir do que observei nas publicações sob autoria de Michel Pêcheux e também no “movimento de coautoria” que o constitui e também constitui a teoria do discurso, posso afirmar que a Análise de Discurso é um caminho teórico de busca por reflexões que podem não ser permanentes, visto que o discurso é uma materialidade que produz sentidos no/pelo sujeito, não só a partir de suas condições de produção, mas também de leitura. Também se destacou o lugar à “margem” (HENRY, 2019, p. 214) dado, por alguns, em alguns momentos, às publicações do autor na França e o seu funcionamento no Brasil; retomá-las foi também um ato de resistência.

Nessa esteira, considere que recuperar uma História das Ideias Linguísticas e desenvolver algumas questões sobre o que, mais recentemente, Orlandi (2018) vem tomando como História das Ideias Discursivas, foi um caminho importante de pesquisa que possibilitou chegar a alguns lugares de reflexão, tais chegadas que direcionam a seguir por outros caminhos. As conclusões aqui foram de que a caminhada é constante.

No momento inicial de elaboração do texto, eu quis construir um passeio, ou seja, algo que demonstrasse a minha satisfação em dar passos livres, despreziosos, por uma estrada que eu queria conhecer e desvendar, inspirada em Jaffe (2016). A própria estrada da tese demonstrou-me que esse não seria um passeio de inspiração, mas de transpiração, um caminho a ser construído, teoricamente embasado, com algumas pausas e alguns tropeços, comuns à caminhada.

No capítulo 2 – intitulado “Em busca de uma metodologia para leitura das publicações do autor Michel Pêcheux: os caminhos da Análise de Discurso” –, busquei considerar o caminho observado por Denise Maldidier, na tentativa de refletir sobre o caminho das (des)construções pecheuxtianas. Da mesma forma, busquei retomar o caminho percorrido pelo autor Michel Pêcheux, referido em seu texto intitulado “A análise de discurso: três épocas” (PÊCHEUX, [1983] 2014); tal trajeto demonstrou, a meu ver, a (des)construção da teoria porque algumas noções teóricas foram deixadas de lado em detrimento de outras que ganharam força para sustentação da teoria.

No capítulo 3 – intitulado “Sobre estar em movimento: uma busca por sentidos sobre a Produção do Conhecimento Discursivo” –, parti da ideia de que os conceitos de autor e coautor, por muito tempo, mereceram atenção tanto na Linguística quanto na Literatura. À vista disso, problematizei esses conceitos e tomei os seus efeitos de sentido na Análise de Discurso e na História das Ideias Discursivas. Em um segundo momento, em um esforço de pesquisa muito interessante, pois esse era um trabalho que há muito eu gostaria de ter feito, organizei toda a bibliografia do autor Michel Pêcheux. Eu conhecia as principais publicações do autor e tive acesso à grande parte dos seus trabalhos, tal caminho a pós-graduação me proporcionou. O ato de me debruçar sobre as bibliografias foi mais um passo, mais um mo(vi)mento de aproximação. A elaboração da bibliografia demandou movimentar-me no espaço contraditório que vai da saturação à raridade, passando por espaços vazios, envolveu investigação, cotejamento com outras bibliografias e conferência das publicações disponíveis, pois há bibliografias disponíveis de Angélique Pêcheux *et al.*, Denise Maldidier, Carlos Piovezani e Vanice Sargentini, além das traduções para a Língua Portuguesa publicadas no Brasil por Eni Puccinelli Orlandi e até mesmo o que está disponível *on-line* na página do Centro de Documentação Urbana (CEDU)

do Labeurb/Unicamp, entretanto nenhuma bibliografia contém todos os dados da outra. Assim, foram organizados todos os documentos em um só, buscando um efeito de completude, que acaba sempre se desconstruindo. Suponho que essa bibliografia seja um passo importante, podendo auxiliar outras pesquisas da/na Análise de Discurso, da/na História das Ideias Discursivas e de áreas afins. Deixo registrados o reconhecimento e o agradecimento aos Professores Doutores Thais de Araújo da Costa e Maurício Beck pela revisão técnica dos resultados desta parte da pesquisa.

Foi a caminhada de pesquisa que demonstrou que meu objetivo inicial – a saber, dar visibilidade a discursos pouco/menos discutidos – teve que ser reconstruído, uma vez que trabalhar com os artigos sob autoria de Pêcheux e os que compõem o “movimento de coautoria” da/na teoria do discurso, publicados em revistas e que não foram traduzidos para a Língua Portuguesa, acabou por ser barrado pela impossibilidade: eu não tive acesso a esses textos. O *site Persée*, nesse sentido, que desde o início foi uma opção minha de acesso e de conformação dos arquivos desta tese, serviu como possibilidade para identificar, então, quais textos estavam disponíveis *on-line* ao grande público. Essa tomada de posição foi necessária e permitiu observar a quais trabalhos se tem “livre” acesso atualmente.

Destacar o processo de desenvolvimento do conceito de discurso, de repetições, de reformulações e de “ressonâncias discursivas”, bem como da significação aí imbricada, proposta do capítulo 4 – intitulado “Caminhando pelos conceitos a partir de ‘ressonâncias discursivas’” –, foi um esforço meu em busca de refletir sobre o processo que permeia a circulação do conhecimento discursivo, reforçando que o princípio da repetição não se sustenta na história, já as “ressonâncias discursivas” sim, porque elas retomam outro(s) discurso(s). Os artifícios discursivos utilizados pelo autor Michel Pêcheux, por vezes em conjunto com os outros autores citados, encaminham a compreensão de que é o discurso em funcionamento que possibilita a apreensão da Produção do Conhecimento Discursivo, o que se deu em um movimento de conceito-puxa-conceito.

A construção do arquivo e, conseqüentemente, do *corpus* teórico desta tese foi um passo que demandou algumas tomadas de posição frente ao discurso, seja pelas leituras, seja pelas buscas que a própria escritura foi propondo. Com a

elaboração dos cinco quadros de análise, apresentei “sequências discursivas”<sup>199</sup> não só de artigos produzidos em diferentes condições de produção (anos 1969, 1975 e 1980), mas também dos livros **Análise automática do discurso (AAD-69)** (PÊCHEUX, [1969] 2014; [1969] 2019) e **Semântica e discurso** (PÊCHEUX, [1975] 2009). Com isso, objetivei demonstrar que o autor Michel Pêcheux partiu de repetições, de reformulações e de “ressonâncias discursivas” para desenvolver a Produção do Conhecimento Discursivo. Concluí, assim, que analisar repetições, reformulações e “ressonâncias discursivas” foi um caminho possível para compreender a Produção do Conhecimento Discursivo.

Partindo do efeito “palavra-puxa-palavra” (PETRI, 2019), pensei no efeito palavra-puxa-conceito e até mesmo no efeito conceito-puxa-conceito propriamente dito, entendendo que a palavra fundamental para esta tese foi “discurso”, que puxou o conceito de produção de conhecimento, que puxou os conceitos que constituem a teoria pecheuxtiana, a qual me filio. A Produção do Conhecimento Discursivo promovida pelo autor Michel Pêcheux ao trabalhar a Análise de Discurso – bem como a sua circulação em revistas científicas – a partir do discurso, do sujeito, da ideologia (entre outras noções) foi o que me direcionou a recuperar esse caminho.

O movimento de retomar o percurso do autor Michel Pêcheux na fundação da Análise de Discurso mostrou um caminho possível para se apreender a teoria materialista do discurso e o seu lugar na História das Ideias Discursivas. Considerar o momento de formação dos conceitos e, portanto, da teoria, possibilitou explicitar um pouco do trajeto teórico da Produção do Conhecimento Discursivo.

Foi possível compreender que, em diversos momentos, o autor – sujeito do discurso e assujeitado ao/pelo discurso – e o analista de discurso se atravessaram. O espírito problematizador do pesquisador conferiu à teoria também um tom questionador (ou o tom questionador da teoria conferiu ao pesquisador um espírito problematizador), assim, por exemplo, tem-se que a Análise de Discurso é considerada disciplina de entremeio porque **interroga** a Linguística, a História e a Psicanálise. Esse desacomodar/desestabilizar, por sua vez, sugere movimento, e movimento também sugere o processo próprio ao materialismo.

---

<sup>199</sup> De acordo com Courtine ([1981] 2009, p. 55).

Ademais, no paralelo que estabeleci entre a História das Ideias Linguísticas e a História das Ideias Discursivas, entendendo que o objeto da História das Ideias Discursivas é a discursividade – o discurso em funcionamento/em movimento –, organizei “sequências discursivas” (COURTINE, ([1981] 2009, p. 55) em cinco quadros, a fim de explicitar como o autor Michel Pêcheux definiu o conceito de discurso. Por meio dos quadros, foi possível mostrar que esse conceito se repetiu e, a partir da reformulação, ressonou em outros, em um movimento de conceito-puxa-conceito.

### 5.1. A (DES)CONSTRUÇÃO DA TEORIA

O percurso de Michel Pêcheux deslocou alguma coisa. De uma ponta à outra, o que ele teorizou sob o nome de ‘discurso’ é o apelo de algumas ideias tão simples quanto insuportáveis: o sujeito não é fonte do sentido, o sentido se forma na história através do trabalho da memória, a incessante retomada do já-dito; o sentido pode ser cercado, ele escapa sempre.

(MALDIDIER, 2003, p. 96, aspas da autora).

Pensar a construção da teoria pecheuxtiana sobre o discurso e a Análise de Discurso encaminhou-me a tomar como pressuposto também a sua desconstrução. Entendo, por isso, que todo o trabalho sob a autoria de Michel Pêcheux, em seu esforço inicial de construir uma maquinaria capaz de analisar discursos, acabou mostrando-se, por si só, como impossível. A noção de máquina explodiu, como afirma o próprio autor, quando a noção de formação discursiva passou a ser considerada.

O autor Michel Pêcheux não hesitou em discursivizar sobre as dificuldades e os entraves da análise, ele não se negou a demonstrar que a teoria era falha e precisava ser remodelada/reconstruída; ele mesmo propôs um trabalho de “interrogação-negação-desconstrução das noções postas em jogo” (PÊCHEUX, [1983] 2014, p. 311). Sendo assim, entendi que a tomada de posição de construir e de desconstruir pôde embasar também este estudo – e outros.

Além disso, compreendi, assim como afirmou Indursky (2016), um pouco mais sobre o processo de autoria. Michel Pêcheux desconstruiu/construiu a teoria também nesse movimento:

[...] o sujeito-autor tem de ocupar o lugar discursivo do outro, do leitor, retornando a seu próprio texto para sobre ele fazer uma leitura desestabilizadora de seu efeito de completude, seja para se autocorrigir, seja para trazer outros fios discursivos que, por diversos motivos, não puderam ser contemplados anteriormente e tramá-los àqueles que aí já se encontravam (INDURSKY, 2016, p. 31).

Dessa maneira, entendi que o lugar ocupado pelo autor Michel Pêcheux foi, algumas vezes, o lugar do outro, tendo em vista as suas retomadas e autocorreções. Um passo importante da/na Produção do Conhecimento Discursivo no qual é preciso suportar a contradição que o processo engendra.

Dessarte, o próprio nome do autor desconstruiu-se, em se considerando que, inicialmente, as primeiras publicações figuraram sob o pseudônimo de Thomas Herbert. Posto isso, o nome do autor construiu-se a partir do trabalho com o discurso e, nesse viés, os trabalhos em coautoria conferiram-lhe um outro lugar, já que encaminharam outras questões, ganharam força para sustentarem-se no caminho, nas margens, no curso do discurso. O “movimento de coautoria” intensifica os processos de produção de sentidos, são sujeitos do e no discurso produzindo juntos uma teoria. A interlocução é fundamental, ela aparece de forma “mostrada” nas coautorias, mas aparece também como “constitutiva” nos textos produzidos pelo autor Michel Pêcheux.

Como busquei demonstrar por meio da retomada dos conceitos teóricos de “análise automática do discurso” e “máquina discursiva”, trabalhados pelo autor Michel Pêcheux em suas publicações iniciais, o conhecimento – para se efetivar – passa por um processo até ser construído e, se necessário, é desconstruído. Esse caminho percorrido pelo autor mostrou também que o conceito de “discurso”, por exemplo, desde os seus primeiros artigos publicados, vem sendo apreendido como uma sequência linguística que, para ser analisada, demanda considerar as condições de produção em que é produzido, bem como aquelas nos quais é lido/recebido pelo interlocutor.

Viver uma situação de pandemia me direcionou a (re)ver algumas tomadas de posição. Em um primeiro momento, quando me instigou a pesquisar sobre quais textos do autor Michel Pêcheux estavam disponíveis *on-line*, a vontade era a de saber o que estaria ao alcance de “todos” – o que sei que efetivamente não ocorre, mas que é uma ideia em funcionamento no discurso do senso comum. De fato, a noção de leitura<sup>200</sup> se altera, estar disponível na rede mundial de computadores não significa estar ao alcance de todos: os textos estão em francês, versam acerca de temáticas muito específicas, etc. Passado aquele momento inicial, sobretudo considerando que a pandemia da COVID-19 perfez as condições de produção desta tese, entendo que ter conhecimento sobre os trabalhos do autor Michel Pêcheux que estão *on-line*, quais estão traduzidos para a Língua Portuguesa e quais não estão é um movimento que atinge outros possíveis caminhos teóricos daqui para frente. As “ressonâncias discursivas” foram um caminho que defendi aqui, contudo, compreendi que a máquina<sup>201</sup> sempre foi um elemento de fascínio para o autor Michel Pêcheux e talvez agora ela ressoe com outras funcionalidades, em outras pesquisas e promova outras questões de pesquisa.

A teoria do discurso, enquanto conhecimento construído por/para sujeitos, é passível de passos, pausas e tropeços. E o desenvolvimento da teoria e a sua (des)construção não significa compreender que o saber seja negado, mas que ele está em funcionamento. É para isso que ele serve: para estar em discurso, “problematizar” (GLOZMAN *et al.*, 2014) conhecimentos estabilizados e saberes que parecem verdades permanentes.

Considerando esse movimento que permeou o processo de Produção do Conhecimento Discursivo a partir do autor Michel Pêcheux, Orlandi (2013, p. 28) disse: “se levamos às últimas consequências a noção de entremeio e o modo como funciona o interdiscurso, podemos concluir que não estamos fixados em lugar algum, estando no entremeio. Estamos suspensos, no plural, no movimento”. Como pretendi demonstrar na minha caminhada, a Produção do Conhecimento Discursivo

---

<sup>200</sup> Este tema é mais explorado na tese de doutorado de Daiane da Silva Delevati, minha colega no doutorado em Letras no PPGL/UFSM e também integrante do Grupo de Estudos Pallind.

<sup>201</sup> No evento *on-line* “Webinário Autores em Foco”, promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria, ocorrido no dia 21 de janeiro de 2021, a Profa. Dra. Grciely Costa, na fala intitulada “Michel Pêcheux e a AAD69 em perspectiva”, recuperou uma carta de Minah Pêcheux, neta de Michel Pêcheux, escrita em comemoração aos 50 anos do AAD69, na França. Minah afirma acreditar que Michel Pêcheux teria visto, nas novas tecnologias, novos horizontes para explorar o que, muitos anos atrás, ele já discutia teoricamente.

se dá a partir de um vaivém entre a prática e a teoria, e também a partir da circulação do conhecimento discursivo em revistas científicas, ressonando sentidos, e que, portanto, é o movimento que constituiu o processo de Produção do Conhecimento Discursivo.

Para um efeito de fechamento, finalizo este estudo com as palavras de Francine Mazière (2011, p. 33): “há continuidades na AD que nos são frequentemente escondidas pelo efeito das mudanças, e há mudanças que fazem a AD continuar, enquanto teoria emancipadora”.

## REFERÊNCIAS

- ADORNO, Guilherme. Algoritmizar a língua? Automatização, informatização, materialismo discursivo. **Revista Línguas e instrumentos linguísticos**, n. 44. Campinas: Unicamp, p. 172-195, jul-dez 2019.
- ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos Ideológicos do Estado**. Rio de Janeiro: Graal, [1970] 1998.
- ALTHUSSER, Louis. Materialismo histórico e materialismo dialético. In: BADIOU, Alain; ALTHUSSER, Louis. **Materialismo histórico e materialismo dialético**. Tradução Elisabete A. Pereira dos Santos. São Paulo: Global Editora e Distribuidora Ltda, [1969] 1979, p. 33-56.
- ALVES, Mariana Garcia de Castro. **Oso de borboleta**: Leitura discursiva do Fundo Michel Pêcheux pela textometria. 219 p. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2020. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/355628>. Acesso em: 10 fev. 2021.
- AMATUCCI, Marcos. Frege: Verdade e Pensamento Na Lógica (1897) e em Der Gedanke. **Problemata**: Revista Internacional de Filosofia, v. 5, n. 2, p. 344-357, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/problemata/article/view/21487/12380>. Acesso em: 31 out. 2020.
- ANJOS, Camila Borges dos. Autor/Autoria. In: LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina (Org.). **Glossário de termos do discurso** – edição ampliada. 1. ed. Campinas: Pontes, 2020, p. 39-46.
- AUROUX, Sylvain. **A revolução tecnológica da gramatização**. Tradução Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Unicamp, [1992] 2014.
- AUROUX, Sylvain. **A questão da origem das línguas, seguido de A historicidade das ciências**. Campinas: RG, 2008.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). Tradução Celene M. Cruz e João Wanderley Geraldi. **Caderno de estudos linguísticos**, n. 19, p. 25,42, jul./dez. 1990. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636824/4545>. Acesso em: 31 out. 2020.
- BRUNO, P.; PÊCHEUX, Michel; PLON, Michel; POITOU, Jean-Pierre. La psychologie sociale: une utopie en crise. **La Nouvelle Critique**, n. 62, 1973, p. 72-78; n. 63, p. 21-28, 1973.
- COLOMBAT, Bernard; FOURNIER, Jean-Marie; PUECH, Christian. **Uma história das ideias linguísticas**. Tradução de Jacqueline Léon e Marli Quadros Leite. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2017.
- COSTA, Thaís. **Língua, sujeito e história**: um estudo discursivo sobre as posições-sujeito da pesquisadora Neusa Martins Carson. 122 f. Dissertação (Mestrado em

Estudos Linguísticos). Programa de Pós-Graduação em Letras/UFSM. Santa Maria, 2020.

COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do Discurso político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: EdUFSCar, [1981] 2009.

CULIOLI, Antoine; FUCHS, Catherine; PÊCHEUX, Michel. Considérations théoriques à propos du traitement formel du langage. **Documents de Linguistique Quantitative**. Paris: Dunod, n. 7, 49 p., 1970.

DIAS, Cristiane. A memória e o valor do tempo: um enlace pelo discurso. In: SCHERER, Amanda; SOUSA, Lucília; MEDEIROS, Vanise; PETRI, Verli (Org.). **Efeitos da língua em discurso**. São Carlos: Pedro & João editores, p. 37-50, 2019.

DIAS, Cristiane. A análise do discurso digital: um campo de questões. **Caderno de Estudos do Discurso e do Corpo**, v. 10, p. 8-20, 2016. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/236654535.pdf>. Acesso em: 31 out. 2020.

DIAS, Cristiane. Análise do discurso digital: sobre o arquivo e a constituição do corpus. **Revista Estudos Linguísticos**, n. 44, v. 3. São Paulo, p. 972-980, set.-dez. 2015. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/viewFile/1030/611>. Acesso em: 01 maio 2020.

DIAS, Juciele Pereira. **O lugar e o funcionamento do título pela obra de Mattoso Câmara**. 2009. 91 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2009.

FENOGLIO, Irène. **Manuscritos de linguistas e genética textual**: quais os desafios para as ciências da linguagem? Exemplos através dos "papiers" de Benveniste. Tradução Simone Oliveira, Verli Petri e Zélia Paim. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2013. 62 p. Série Cogitare.

FERREIRA, Ana Claudia Fernandes. A Análise de Discurso e a constituição de uma História das Ideias Linguísticas do Brasil. **Fragmentum**, n. Especial, Santa Maria: Editora Programa de Pós-Graduação em Letras, UFSM, jul./dez. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/fragmentum/article/view/36580/19833>. Acesso em: 10 jan. 2021.

FERREIRA, Ana Cláudia Fernandes. **A linguística entre os nomes da linguagem**: uma reflexão na história das ideias linguísticas no Brasil. 249 fls. 2009. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. Disponível em: [http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/270538/1/Ferreira\\_AnaClaudiaFernandes\\_D.pdf](http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/270538/1/Ferreira_AnaClaudiaFernandes_D.pdf). Acesso em: 10 jan. 2021.

FLORES, Lucas Martins. Leitura, Interpretação e Sentido: análise de uma propaganda do Boticário sob uma perspectiva discursiva. **Interfaces**, Guarapuava, vol. 4, n. 2, p. 30-38, 2013. Disponível em: [https://revistas.unicentro.br/index.php/revista\\_interfaces/article/viewFile/2752/100#page=30](https://revistas.unicentro.br/index.php/revista_interfaces/article/viewFile/2752/100#page=30). Acesso em: 10 jan. 2021.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 02 de dezembro de 1970. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, [1971] 2019.

FUCHS, Catherine. A paráfrase linguística: equivalência, sinonímia ou reformulação? Tradução João Wanderley Geraldi. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, n. 8, p. 129-134, [1983] 1985. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636744/4464> . Acesso em: 31 out. 2020.

GADET, François; LEON, Jacqueline; PÊCHEUX, M. Remarques sur la stabilité d'une construction linguistique: la complétive. **LINX**, n. 10, p. 23-50, 1984. Disponível em: [https://www.persee.fr/doc/linx\\_0246-8743\\_1984\\_num\\_10\\_1\\_990](https://www.persee.fr/doc/linx_0246-8743_1984_num_10_1_990). Acesso em: 09 jan. 2021.

GADET, François; HAROCHE, Claudine; HENRY, Paul; PÊCHEUX, Michel. Note sur la question du langage et du symbolique en psychologie. **Fundamenta Scientiae**, v. 3, n. 2, p. 149-159, Paris, 1982.

GADET, François; PÊCHEUX, Michel. **La langue introuvable**. Paris, Maspero, 1981, 248 p. (coleção "Théories").

GADET, François; PÊCHEUX, Michel. La linguistique hors d'elle-même: l'histoire absolument. In: **Actes du colloque « L'histoire des sciences humaines: pourquoi et comment ? »**, n. 2, p. 360-369, 1980. Nanterre: Presses de l'Université, 1980. Disponível em: [http://www.persee.fr/doc/linx\\_0246-8743\\_1980\\_hos\\_1\\_2\\_1543](http://www.persee.fr/doc/linx_0246-8743_1980_hos_1_2_1543). Acesso em: 1 jul. 2017.

GADET, François; PÊCHEUX, Michel. Y-a-t-il une voie pour la linguistique hors du logicisme et du sociologisme? **Equivalences**, n. 2-3, p. 133-146, 1977. Disponível em: [https://www.persee.fr/doc/equiv\\_0751-9532\\_1977\\_num\\_8\\_2\\_1007](https://www.persee.fr/doc/equiv_0751-9532_1977_num_8_2_1007). Acesso em: 15 jan. 2021.

GAYOT, Gérard; PÊCHEUX, Michel. Recherches sur le discours illuministe au 18e siècle: Louis-Claude de Saint Martin et les "circonstances". **Annales. Économies, Sociétés, Civilisations**, n. 3-4, p. 681-704, 1971. Disponível em: [https://www.persee.fr/doc/ahess\\_0395-2649\\_1971\\_num\\_26\\_3\\_422438](https://www.persee.fr/doc/ahess_0395-2649_1971_num_26_3_422438). Acesso em: 09 jan. 2021.

GLOZMAN, Mara *et al.* ¿Qué es un corpus? **Entramados y perspectivas**, v. 4, n. 4, p. 35-64, oct. 2013/ sep. 2014.

GUASSO, Kelly; PETRI, Verli; HARB, Fidah. Algumas reflexões sobre a produção do conhecimento discursivo: leitura e escritura em Análise de Discurso. **Interfaces**, v. 10, n. 3. Guarapuava: Unicentro, 2019.

GUASSO, Kelly. **Sobre a (re)produção de conhecimento**: reflexões a partir do (dis)curso de Michel Pêcheux. 2017. 96 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2017.

GUASSO, Kelly. Imagens de gaúcho: modo de falar, arte de vestir. **Revista Linguagem** – revista da Universidade Federal de São Carlos. 21. ed. São Paulo: Ufscar, 2013a. Disponível em: [www.lettras.ufscar.br/linguasagem](http://www.lettras.ufscar.br/linguasagem). Acesso em: 29 abr. 2016.

GUASSO, Kelly. Gaúcho: como seus apetrechos são dicionarizados? **Revista Querubim** – revista eletrônica de trabalhos científicos nas áreas de Letras, Ciências Humanas e Ciências Sociais, ano 09, n. 21. Rio de Janeiro: UFF, 2013b.

GUILHAUMOU, Jacques. Um trajeto em Análise de Discurso em torno da materialidade discursiva. In: ADORNO, Guilherme; SOBRINHO, Helson Flávio da Silva; SILVEIRA, Juliana da. *et al.* **Encontros na Análise de Discurso**: efeitos de sentidos entre continentes. Campinas: Unicamp, 2019, p. 161-204.

GUIMARÃES, Eduardo. Designação e espaço de enunciação: um encontro político no cotidiano. **Revista Letras**, n. 26, p. 53-62, 2003. Disponível em: <http://periodicos.ufsm.br/index.php/lettras/article/download/11880/7307>. Acesso em: 10 jul. 2020.

Haidar, Julieta. É o caráter polêmico e crítico de suas posições que gera exclusões e controvérsias. In: ADORNO, Guilherme; SOBRINHO, Helson Flávio da Silva; SILVEIRA, Juliana da. *et al.* **Encontros na Análise de Discurso**: efeitos de sentidos entre continentes. Campinas: Unicamp, 2019, p. 105-120.

HAROCHE, Claudine; PÊCHEUX, Michel. Manuel pour l'utilisation de la méthode d'analyse automatique du discours. **TA Informations**, v. 1, n. 13, 1972, p. 13-55.

HENRY, Paul. Nunca conseguimos encontrar nosso lugar nessas instituições. In: ADORNO, Guilherme; SOBRINHO, Helson Flávio da Silva; SILVEIRA, Juliana da. *et al.* **Encontros na Análise de Discurso**: efeitos de sentidos entre continentes. Campinas: Unicamp, 2019, p. 205-244.

HENRY, Paul. **A ferramenta imperfeita**: língua, sujeito, discurso. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, [1992] 2013.

HENRY, Paul. "O discurso não funciona de modo isolado". Entrevista concedida a José Horta Nunes. **Jornal da Unicamp**, n. 587. Campinas: Unicamp, p. 1, 2013. Disponível em: <http://www.unicamp.br/unicamp/ju/587/o-discurso-nao-funciona-demodo-isolado>. Acesso em: 03 jul. 2016.

HERBERT, Thomas. Reflexões sobre a situação teórica das Ciências Sociais e, especialmente, da Psicologia Social. In: ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso**: Michel Pêcheux. Textos selecionados. 3. ed. Campinas: Pontes, [1966] 2012.

HERBERT, Thomas. Réflexions sur la situation théorique des sciences sociales et, spécialement, de la psychologie sociale. **Cahiers pour l'analyse**, n. 2, p. 174-203, 1966.

IGREJA, Suelen Gregatti da; CAMPOS, Sulemi Fabiano. Lições da repetição: o texto despedaçado. In: RIOLFI, Claudia Rosa; BARZOTTO, Valdir Heitor (Org.). **O inferno da escrita**: produção escrita e psicanálise. Campinas: Mercado das Letras, 2011, p. 61-74.

INDURSKY, Freda. AAD-69 - O marco histórico de um discurso fundador. **Revista Línguas e instrumentos linguísticos**, n. 44. Campinas: Unicamp, p. 155-171, jul-dez 2019.

INDURSKY, Freda. Pêcheux Vive - Episódio 2 - Freda Indursky. Entrevista concedida ao grupo de pesquisa Pêcheux vive. **Grupo de pesquisa Pêcheux vive**: projeto desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa "Oficinas de AD: Conceitos em Movimento" da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=Vo\\_KQMRuQ-w&t=7s](https://www.youtube.com/watch?v=Vo_KQMRuQ-w&t=7s). Acesso em: 10 jun. 2018.

INDURSKY, Freda. As determinações da prática discursiva da escrita. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo**, v. 12, n. 1, p. 30-47 - jan./jun. 2016.

INDURSKY, Freda. Da heterogeneidade do discurso à heterogeneidade do texto e suas implicações no processo da leitura. In: ERNST-PEREIRA, Aracy; FUNCK, Susana Bornéo (Org.). **A leitura e a escrita como práticas discursivas**. Pelotas: Educat, 2001, p. 27-42.

JAFFE, Noemi. **Livro dos começos**. São Paulo: Cosac Naify, 2016.

LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina. **Glossário de termos do discurso**. Porto Alegre: Gráfica da UFRGS, 2001.

LEMINSKI, Paulo. **Toda poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

LEON, Jacqueline; PÊCHEUX, Michel. Analyse syntaxique et paraphrase discursive. In: **Actes du 2<sup>e</sup> colloque de lexicologie politique**, Saint Cloud, 1980, Paris, Klincksieck, 1982, vol. 3, p. 623-632.

MALDIDIER, Denise. A inquietude do discurso. Um trajeto na história da Análise do discurso: o trabalho de Michel Pêcheux. In: PIOVEZANI, Carlos; SARGENTINI, Vanice. **Legados de Michel Pêcheux**: inéditos em Análise de Discurso. São Paulo: Contexto, [1993] 2011, p. 39-62.

MALDIDIER, Denise. **A inquietação do discurso** – (Re)Ler Michel Pêcheux hoje. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Pontes, 2003.

MALDIDIER, Denise. **L'inquiétude du discours**. Textes de Michel Pêcheux choisis et présentés par Denise Maldidier. França: Éditions des Cendres, 1990.

MAZIÈRE, Francine. Pêcheux sempre trabalhou com andaimes. In: ADORNO, Guilherme; SOBRINHO, Helson Flávio da Silva; SILVEIRA, Juliana da. *et al.*

**Encontros na Análise de Discurso:** efeitos de sentidos entre continentes. Campinas: Unicamp, 2019, p. 121-138.

MAZIÈRE, Francine. A análise do discurso, o político e a língua. In: INDURSKY, Freda; MITTMANN, Solange; LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina (Org.). **Memória e história na/da análise do discurso**. Campinas, Mercado da Letras, 2011.

MAZIÈRE, Francine. **A análise do discurso:** história e práticas. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2007.

MEDEIROS, Caciane Souza de; ALVARES, Jennifer. A culpa é de que(m)? O invisível e o incógnito no discurso sobre o feminicídio. **Memorare**, Tubarão, v. 6, n. 1, p. 172-188, jan./jun. 2019.

MEDEIROS, Caciane Souza de; VARGAS, Rejane A., BECK, Maurício. Imagens da/na contemporaneidade: um convite à análise, uma convocação à teoria. **RUA**, n.17, v. 2, p. 43-63, 2015. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8638324>. Acesso em: 05 maio 2020.

NARZETTI, Claudiana. Para uma história epistemológica do conceito de formação discursiva. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, SC, v. 18, n. 3, p. 647-663, set./dez. 2018.

NUNES, José Horta. Leitura de arquivo: historicidade e compreensão. In: SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO, 2, 2005, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: UFRGS, 2005, p. 1-7.

ORLANDI, Eni Puccinelli; COSTA, Greiciely da. **Michel Pêcheux e a AAD69 em perspectiva**. WEBINARIO AUTORES EM FOCO, 2021, Santa Maria, Programa de Pós-Graduação em Letras- Universidade Federal de Santa Maria. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BdROLXtcWxY>. Acesso em: 20 jan. 2021.

ORLANDI, Eni Puccinelli. L'analyse du discours au Brésil. In: RAUS, Rachele (Org.). **Partage des savoirs et influence culturelle:** l'analyse du discours "à la française" hors de France. France: GERFLINT, 2019a, p. 75 - 94.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Penso que toda história intelectual começa muito antes de começar. In: ADORNO, Guilherme; SOBRINHO, Helson Flávio da Silva; SILVEIRA, Juliana da. *et al.* **Encontros na Análise de Discurso:** efeitos de sentidos entre continentes. Campinas: Unicamp, 2019b, p. 21-90.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Política e silêncio na América Latina: quando se fala pelo outro. In: GRIGOLETTO, Evandra; DE NARDI, Fabiele Stockmans; SOBRINHO, Helson Flávio da Silva (Org.). **Silêncio, memória, resistência:** a política e o político no discurso. Campinas: Pontes editores, 2019c, p. 19-39.

ORLANDI, Eni Puccinelli. A Análise de Discurso é possível? **Revista Línguas e instrumentos linguísticos**, n. 44. Campinas: Unicamp, p. 137-154, jul-dez, 2019d.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Ética, ciência, ideologia, interpretação. In: BARONAS, Roberto Leiser *et al.* (Org.). **As ciências da linguagem e a(s) voz(es) e o(s) silenciamentos(s) de vulneráveis**: reflexão e práxis – Homenagem ao Prof. Luiz Antônio Marcuschi. Campinas: Pontes, 2018.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Eu, Tu, Ele**. Discurso e real da história. 2. ed. Campinas: Pontes, 2017.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Nota introdutória à tradução brasileira. In: PÊCHEUX, Michel; CONEIN, Bernard; COURTINE, Jean-Jaques; GADET, Françoise; MARANDIN, Jean-Marie (Org.). **Materialidades discursivas**. Campinas, SP: Unicamp, 2016.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 12. ed. São Paulo: Pontes, [1999] 2015.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Na trilha: teoria, autoria, reescrita, In: INDURSKY, Freda; LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina; MITTMANN, Solange (Org.). **Análise do Discurso**: dos fundamentos aos desdobramentos (30 anos de Michel Pêcheux). Campinas: Mercado das Letras, 2013, p. 21-31.

ORLANDI, Eni P. **Discurso e Texto**: Formulação e Circulação de Sentidos. 4. ed. Campinas: Pontes, 2012a.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso em análise**: sujeito, sentido e ideologia. 2. ed. Campinas: Pontes, 2012b.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Silêncios: presença e ausência. **Com Ciência**: Revista eletrônica de Jornalismo científico. São Paulo, p. 1-5, 2008.

ORLANDI, Eni Puccinelli. A Análise de Discurso em suas diferentes tradições intelectuais: o Brasil. In: INDURSKY, Freda; LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina (Org.). **Michel Pêcheux e a análise do discurso**: uma relação de nunca acabar São Carlos: Claraluz, 2005, p. 75-90.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Língua e conhecimento linguístico**: para uma história das ideias no Brasil. São Paulo: Cortez, 2002.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **A linguagem e seu funcionamento**. 4. ed. Campinas: Pontes, 2001a.

ORLANDI, Eni Puccinelli. (Org.). **História das Ideias Linguísticas no Brasil**. Campinas, Unemat Editora; Pontes, 2001b.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **O que é linguística**. São Paulo: Braziliense, 1999.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Palavra de amor. **Caderno de Estudos Linguísticos**, Campinas, n. 19, p. 75-95, jul./ dez. 1990.

PAIM, Zélia Maria Viana. O texto de Apresentação nas revistas acadêmicas: da singularização a inscrição no lugar de uma falta. **Interfaces**, Guarapuava: Unicentro v. 6, n. 3, p. 88-100, 2015.

PÊCHEUX, Angélique *et al.* Bibliographie des travaux de Michel Pêcheux. **Mots**, n. 13, octobre 1986, p. 195-200. Disponível em: [https://www.persee.fr/doc/mots\\_0243-6450\\_1986\\_num\\_13\\_1\\_1314](https://www.persee.fr/doc/mots_0243-6450_1986_num_13_1_1314). Acesso em: 10 jan. 2018.

PÊCHEUX, Michel. Sur les contextes épistémologiques de l'analyse de discours. **Mots**, n. 9, p. 7-17, 1984, Mots dans l'histoire : individu, subsistances, patronat, honnêtes-gens. Disponível em: [http://www.persee.fr/doc/mots\\_0243-6450\\_1984\\_num\\_9\\_1\\_1160](http://www.persee.fr/doc/mots_0243-6450_1984_num_9_1_1160). Acesso em: 01 jun. 2017.

PÊCHEUX, Michel; MARANDIN, Jean-Marie. Informatique et analyse de discours. **Buscila**, Paris, n. 1, p. 64-65, 1984.

PÊCHEUX, Michel. A análise de discurso: três épocas. Tradução Jonas de A. Romualdo. In: GADET, Françoise; HAK, Tony. **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradução Bethania Mariani *et al.* 5. ed. Campinas: Unicamp, [1983] 2014, p. 307-315.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. Tradução José Horta Nunes. In: PÊCHEUX, M.; DAVALLON, J.; DURAND, J. L. (Org.). **Papel da memória**. Campinas: Pontes, [1983] 2010.

PÊCHEUX, Michel. Sur la (dé-)construction des théories linguistiques. **DRLAV**, n. 27, p. 1-24, 1982. Disponível em: [https://www.persee.fr/doc/drlav\\_0754-9296\\_1982\\_num\\_27\\_1\\_979](https://www.persee.fr/doc/drlav_0754-9296_1982_num_27_1_979). Acesso em: 09 jan. 2021.

PÊCHEUX, Michel. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, Eni P. (Org.). **Gestos de leitura**: da história no discurso. 4. ed. Campinas: Unicamp, [1982] 2014.

PÊCHEUX, Michel. Delimitações, inversões, deslocamentos. Tradução José Horta Nunes. **Caderno de Estudos Linguísticos**, n. 19, p. 7-24, [1982] 1990. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636823/4544>. Acesso em: 10 abr. 2018.

PÊCHEUX, Michel. O estranho espelho da análise do discurso. In: COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do discurso político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. Tradução de Birck *et al.* São Carlos: EDUFScar, [1981] 2009.

PÊCHEUX, Michel. L'étrange miroir de l'analyse de discours. **Langages**, n. 62, p. 5-8, 1981. Analyse du discours politique [Le discours communiste adressé aux chrétiens]. Disponível em: [http://www.persee.fr/doc/lgge\\_0458-726x\\_1981\\_num\\_15\\_62\\_1872](http://www.persee.fr/doc/lgge_0458-726x_1981_num_15_62_1872). Acesso em: 01 jun. 2017.

PÊCHEUX, Michel; CONEIN, Bernard; COURTINE, Jean-Jaques; GADET, Françoise; MARANDIN, Jean-Marie (Org.). **Materialidades discursivas**. Campinas, SP: Unicamp, [1981] 2016.

PÊCHEUX, Michel. Quelques réflexions sur la question politique dans le monde de la psychologie française. **Recherches de psychologie sociale**, v. 1, n. 1, p. 151-155, 1979.

PÊCHEUX, Michel. Remontons de Foucault a Spinoza. In: MALDIDIER, Denise. **L'inquiétude du discours**. Paris: Cendres, [1977] 1990, p. 245 -260.

PÊCHEUX, Michel. Introduction : Analyse du discours, langue et idéologies. **Langages**, n. 37, p. 3-6, 1975. Disponível em: [http://www.persee.fr/doc/lgge\\_0458-726x\\_1975\\_num\\_9\\_37\\_2611](http://www.persee.fr/doc/lgge_0458-726x_1975_num_9_37_2611). Acesso em: 01 jun. 2017.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução Eni Puccinelli Orlandi *et al.* 4. ed. Campinas: Unicamp, [1975] 2009.

PÊCHEUX, Michel. L'application des concepts de la linguistique à l'amélioration des techniques d'analyse de contenu. **Ethnies**, n. 3, p. 101-118, 1973.

PÊCHEUX, Michel. Ideologia e história das ciências: Os efeitos do corte galilaico na Física e na Biologia. In: PÊCHEUX, Michel; FICHANT, Michel. **Teoria sobre a História das Ciências**. Lisboa: Estampa, 1971, p. 17-57.

PÊCHEUX, Michel. Sur la conjoncture théorique de la psychologie sociale. **Bulletin de psychologie**, v. 4-5, n. 23, p. 290-297, 1969.

PÊCHEUX, Michel. **Análise automática do discurso**. Tradução Eni Puccinelli Orlandi e Greciely Costa. Campinas: Pontes, [1969] 2019, 181 p.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD-69). Tradução Eni Puccinelli Orlandi. In: GADET, Françoise; HAK, Tony. **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradução Bethania Mariani *et al.* 5. ed. Campinas: Unicamp, [1969] 2014, p. 59-158.

PÊCHEUX, Michel. Vers une technique d'Analyse du Discours. **Psychologie Française**, n. 15, p. 113-117, 1968.

PÊCHEUX, Michel. Analyse de contenu et théorie du discours. **Bulletin d'Études et Recherches Psychologiques**, v. 3, n. 16, p. 211-227, 1967.

PETRI, Verli; GUASSO, Kelly. Discurso e tecnologia: uma proposta de análise contrastiva de dicionários online. In: PFEIFFER, Claudia; DIAS, Juciele Pereira; NOGUEIRA, Luciana (Org.). **Língua, Ensino, Tecnologia**. Campinas: Pontes editores, 2020, p. 271-288.

PETRI, Verli. "História de palavras" na História das Ideias Linguísticas: para ensinar língua portuguesa e para desenvolver um projeto de pesquisa. **Conexão Letras**, v.

13, n. 19, p. 47-58, 2019. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/conexaoletras/article/view/85032>. Acesso em 10 out. 2019.

PETRI, Verli; CERVO, Larissa Montagner. A presença de Saussure na obra de Michel Pêcheux: reflexões sobre a noção de língua. In: NAGEM, Glaucia; BALDINI, Lauro J. S.; SOUSA, Lucília M. A. e. **A palavra de Saussure**. São Carlos: Pedro & João, 2016.

PETRI, Verli; GUASSO, Kelly. Apontamentos sobre produção do conhecimento e prática científica em escritos de Michel Pêcheux. **Línguas e instrumentos linguísticos**, n. 37. Campinas, São Paulo: RG Editora, p. 1-19, 2016.

PETRI, Verli. O funcionamento do movimento pendular próprio às análises discursivas na construção do “dispositivo experimental” da Análise de Discurso. In: PETRI, Verli; DIAS, Cristiane. **Análise de Discurso em perspectiva: teoria, método e análise**. Santa Maria: UFSM, 2013, p. 39-48.

PETRI, Verli. De “garganta do diabo” para “ponte sobre o vale do menino Deus”: Reflexões acerca das práticas sociais e dos modos de designar o espaço público. **RUA**: Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade da UNICAMP, Campinas, n. 16, vol. 1, p. 66-82, 2010. Disponível em: <http://corpus.ufsm.br/index.php/2015-04-09-12-42-08/pesquisadores/2-uncategorised/679-verli-petri-textos-publicados>. Acesso em: 10 ago. 2016.

PETRI, Verli. Georges Canguilhem na e pela História das Ideias Linguísticas. In: SCHERER, Amanda; PETRI, Verli. (Org.) **Memorial em terceira pessoa**. No prelo.

PIOVEZANI, Carlos; SARGENTINI, Vanice. **Legados de Michel Pêcheux**: inéditos em Análise de Discurso. São Paulo: Contexto, 2011.

QUINTANA, Mario. **Esconderijos do Tempo**. São Paulo: L&PM, 1980.

RAUS, Rachele (Org.). Introduction. In: RAUS, Rachele. **Partage des savoirs et influence culturelle**: l’analyse du discours “à la française” hors de France. France: GERFLINT, 2019, p. 13 - 27.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. Organizado por Charles Bally, Albert Sechehaye e colaboração de Albert Riedlinger. Prefácio da edição brasileira de Isaac Nicolau Salum. Tradução Antonio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 27. ed. São Paulo: Cultrix, [1916] 2006.

SCHERER, Amanda; DIAS, Cristiane; PETRI, Verli. Dialectiques: uma contribuição para a história da produção do conhecimento sobre a linguagem nos anos 60, 70 e 80. In: BALDINI, Lauro (Org.). **Análise de Discurso e Materialismo Histórico**: língua, sujeito e ideologia, 2018.

SCHERER, Amanda; PETRI, Verli. Organon: entre a história e a memória no institucional acadêmico-científico do sul do Brasil. **Organon**, Porto Alegre, v. 30, n. 59, p. 15-39, jul/dez. 2015.

SCHERER, Amanda; SOUSA, Lucilia; MEDEIROS, Vanise; PETRI, Verli. O lugar dos estudos franceses na constituição de uma memória da Análise de Discurso no Brasil. **Letras**, Santa Maria, v. 24, n. 48, p. 13-28, jan./jun. 2014.

SCHERER, Amanda. As inquietudes discursivas de um orientador. In: SCHERER, Amanda (Org.). **Discurso**: circulação, fragmentação e funcionamento. Santa Maria: UFSM; CAL; PPGL; Laboratório Corpus, 2006, p. 9-20.

SERRANI, Silvana. **Discurso e cultura na aula de língua**: currículo, leitura, escrita; exemplos em português, espanhol e inglês; língua materna e estrangeira. São Paulo: Pontes, 2005.

SERRANI, Silvana. Singularidade discursiva na enunciação em segundas línguas. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, n. 38, p. 109-120, jan./jun. 2000.

SERRANI, Silvana. Formações Discursivas e processos identificatórios na aquisição de línguas. **Delta**, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 63-81, fev. 1997. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-44501997000100004&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501997000100004&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 03 ago. 2020.

SERRANI, Silvana. **A linguagem na pesquisa sociocultural**: um estudo da repetição na discursividade. 2. ed. Campinas, SP: UNICAMP, 1996.

SERRANI, Silvana. **A paráfrase como ressonância interdiscursiva na construção do imaginário de língua**. 327 f. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1991. Disponível em: [http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/269422/1/Serrani\\_SilvanaMabel\\_D.pdf](http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/269422/1/Serrani_SilvanaMabel_D.pdf). Acesso em: 10 jun. 2018.

SOUSA, Lucília Maria Abrahão e. A arte de (não) repetir: é de singularidade que se trata. In: GARCIA, Dantielli Assumpção *et al.* (Org.). **Ressonâncias de Pêcheux em nós**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2014, p. 111-122.

SOUZA, Renata Adriana de; SILVEIRA, Juliana da; VENTURINI, Maria Cleci. A extrema-direita e a escola: condições de produção, embates e luta de classes. **Revista Interfaces**, v. 10, n. 3, p. 21-32, 2019.

STUMPF, Ida Chitto. Reflexões sobre as revistas brasileiras. **Intexto**, Porto Alegre, v. 3, n. 1, 1998. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/3369>. Acesso em: 11 mai. 2020.

TSÉ-TUNG, Mao. **Sobre a prática e a contradição**. Tradução José Mauro Gradel. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, [1937] 2008.

URBIM, Emiliano. Quais os idiomas artificiais mais falados do mundo? **Revista Superinteressante**. São Paulo: Abril, 2016. Disponível em: <https://super.abril.com.br/comportamento/quais-os-idiomas-artificiais-mais-falados-do-mundo/>. Acesso em: 30 jun. 2018.

VEYNE, Paul Marie. **Como se escreve a história**; Foucault revoluciona a história. Tradução Alda Baltar e Maria Auxiadora Kneipp. 4. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, [1982] 1998.

VINHAS, Luciana Iost. Materialidade discursiva. In: LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina. **Glossário de termos do discurso** – edição ampliada. 1. ed. Campinas: Pontes, 2020, p. 203-206.

ZANDWAIS, Ana. **O historiador e o analista de discurso**: uma desconstrução de pressupostos positivistas. Palestra proferida ao Grupo de Estudos Pallind/PPGL-UFSM, em 11 de junho de 2020.

ZANDWAIS, Ana. **Perspectivas da análise do discurso fundada por Michel Pêcheux na França**: uma retomada de percurso. Santa Maria: UFSM, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2009.

**APÊNDICE I**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA**  
**CENTRO DE ARTES LETRAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

**PARECER DE PRODUÇÃO TÉCNICA (TRABALHO TÉCNICO)**

**Informações ao Parecerista**

NATUREZA – parecer ou relatório técnico

TÍTULO – Bibliografia atualizada do autor Michel Pêcheux

ANO – 2020-2021

FINALIDADE – Revisão técnica dos resultados da pesquisa, mais especificamente, da Bibliografia atualizada do autor Michel Pêcheux para disponibilização aos pesquisadores da área, a partir da publicação da tese provisoriamente intitulada “Discursos que ressonam sentidos: por uma História das Ideias Discursivas a partir do autor Michel Pêcheux”

DURAÇÃO (EM MESES) – 1 mês (de 15 de dezembro de 2020 a 15 de janeiro de 2021)

NÚMERO DE PÁGINAS – 14 páginas

DISPONIBILIDADE – restrita até a publicação da tese

INSTITUIÇÃO FINANCIADORA – Universidade Federal de Santa Maria

PALAVRAS-CHAVE – Michel Pêcheux; Bibliografia, Análise de Discurso; História das Ideias Discursivas

ÁREA – Análise de Discurso; História das Ideias Linguísticas

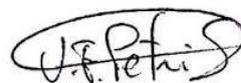
SETOR DE APLICAÇÃO – pesquisa e desenvolvimento científico

AUTORES – Ma. Kelly Guasso e Profa. Dra. Verli Petri (Orientadora)

Santa Maria, 15 de janeiro de 2021.



Kelly Guasso



Verli Petri

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA**  
**CENTRO DE ARTES LETRAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

PARECER DE PRODUÇÃO TÉCNICA (TRABALHO TÉCNICO)

Eu, \_\_\_\_\_, RG \_\_\_\_\_,  
CPF \_\_\_\_\_, Doutor(a) em Letras pela Universidade  
\_\_\_\_\_, no ano \_\_\_\_\_, confirmo minha participação na  
revisão técnica da Bibliografia atualizada do autor Michel Pêcheux. Foram  
verificados por mim os anos de cada primeira edição, as autorias e coautorias, os  
títulos dos trabalhos em Língua Francesa, os títulos das traduções (quando  
houveram), os anos das traduções (quando houveram), bem como a paginação de  
cada trabalho.

Observações adicionais:

---

---

---

---

---

---

---

Santa Maria, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_.

\_\_\_\_\_  
Parecerista

**APÊNDICE II**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA**  
**CENTRO DE ARTES LETRAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

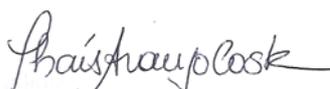
**PARECER DE PRODUÇÃO TÉCNICA (TRABALHO TÉCNICO)**

Eu, Thaís de Araujo da Costa, RG 12752426-2, CPF 101973237-74, Doutor(a) em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal Fluminense, no ano 2016, confirmo minha participação na revisão técnica da Bibliografia atualizada do autor Michel Pêcheux. Foram verificados por mim os anos de cada primeira edição, as autorias e coautorias, os títulos dos trabalhos em Língua Francesa, os títulos das traduções (quando havia), os anos das traduções (quando havia), bem como a paginação de cada trabalho.

Observações adicionais:

O trabalho de Kelly Guasso, sob a orientação da Profa. Dra. Verli Petri, apresenta grande consistência técnica e será uma fonte valiosa de pesquisa para estudos futuros em Análise de Discurso. Observações adicionais foram enviadas às autoras em arquivo à parte.

Santa Maria, 15 de janeiro de 2021.



---

Parecerista

**APÊNDICE III****UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE ARTES LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS****PARECER DE PRODUÇÃO TÉCNICA (TRABALHO TÉCNICO)**

Eu, Maurício Beck, RG 6056279208, CPF 946032430-49, Doutor(a) em Letras pela Universidade Federal de Santa Maria-RS, no ano 2010, confirmo minha participação na revisão técnica da Bibliografia atualizada do autor Michel Pêcheux. Foram verificados por mim os anos de cada primeira edição, as autorias e coautorias, os títulos dos trabalhos em Língua Francesa, os títulos das traduções (quando houveram), os anos das traduções (quando houveram), bem como a paginação de cada trabalho.

Observações adicionais:

Sugiro apenas a inclusão, quando for o caso e se for possível, dos nomes das tradutoras e dos tradutores.

Santa Maria, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_.



Parecerista